

LUIZ CARAMASCHI

O HOMEM O MUNDO E DEUS

A prece não se resolve no muito
falar, e sim no muito sentir.

O AUTOR

Sociedade Filosófica Luiz Caramaschi
Praça Arruda, 54 - Caixa Postal 44
Fone (14) 3351.1900
18800-000 – PIRAJU – SP

2004

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Contra-capa

O ser humano sempre procurou ser feliz. E nessa busca trilhou os mais variados caminhos para encontrar a tão sonhada felicidade. Contudo pouquíssimos lograram encontrá-la, porque a procura requer um trabalho persistente de investigação, estudo e muita reflexão.

Luiz Caramaschi desde muito cedo viu-se atormentado por uma série de dúvidas a respeito da vida e de sua finalidade. Assim, impelido por essa necessidade, lançou-se numa luta que durou toda a sua vida, estudando o Velho Testamento, os Evangelhos, outras religiões, as ciências, a filosofia, a história e com sua inteligência prodigiosa encontrou para si as respostas, as quais procurou transmitir aos outros através de sua vasta obra literária. Nos trabalhos aqui reunidos, onde se unem a investigação, a análise, a crítica e exames profundos da conduta do ser humano, o autor dá-nos uma idéia do caminho a ser seguido para se encontrar a paz interior.

Prefácio

Luiz Caramaschi durante toda sua vida não só escreveu para a imprensa de Piraju - SP, sua cidade natal onde sempre viveu, como também escreveu para a imprensa de outras localidades. Possuía um estilo peculiar caracterizado pelo vigor, clareza e elegância que emanam de seus trabalhos. Foi por muitos anos, orador da Loja Maçônica "Cavalheiros do Sul", de Piraju e, nessa condição, fez muitas palestras nas Lojas de todo o Estado de São Paulo. Como orador inato suas palestras eram como sermões e se destacavam pela riqueza de idéias e pela rara habilidade com que conduzia suas palavras para atingir o objetivo proposto. Infelizmente, como falava de improviso, não ficaram registros dessas palestras.

Neste livro estão reunidos diversos artigos que Luiz Caramaschi escreveu e que foram publicados pela imprensa local de 1950 a 1986. É pena que alguns trabalhos se perderam, pois foram enviados a órgãos de imprensa que não os publicaram por falta de espaço ou outros motivos. Tais trabalhos também não foram devolvidos ao autor que deles não conservou cópias em seus arquivos.

Isto posto, vamos à leitura dessas verdadeiras pérolas literárias de Luiz Caramaschi que ficaram esparsas e aqui foram reunidas em um precioso livro: suntuosa coletânea de pensamentos profundos e abrangentes.

São Paulo, 03 de maio de 2004.

Sergio de Mendonça Ramos dos Santos

O PROBLEMA MORAL

Durante todo o tempo passado, até os gregos, a moral foi os mandamentos de Deus. A religião, por conseguinte, fundamenta a moral. Todavia, na Grécia, a religião entrou em colapso, sobretudo por causa da obra demolidora dos cépticos e dos sofistas. Perdida a base teológica para a moral, Aristóteles fundou-a num Postulado filosófico que diz: *o homem é um animal social*. Isto é um postulado porque Aristóteles não o demonstrou.

Sendo o homem um animal social, possui ele, por natureza, tudo o que lhe é necessário para viver em sociedade. Os homens se acomodam entre si, por natureza, e esta acomodação de bem viver chama-se costume. Portanto, primeiro vêm os costumes, e depois a organização deles em códigos de conduta, ou códigos morais. Quando estes códigos se tornam imperiosos, de máxima força, então passam a chamar-se códigos de direito positivo.

Tanto isso é verdade, que ética vem de “ethos” que quer dizer costumes; e moral vem de “mores” que também quer dizer costumes. Primeiro os costumes se formam e se estabelecem; depois vêm os códigos. Por que? Porque sendo o homem um animal social, está aparelhado, por natureza, para viver em sociedade.

E DEUS? Quando Laplace apresentou a Napoleão sua teoria do mundo, perguntou este onde ficava DEUS no seu sistema, ao que lhe respondeu Laplace “Sire” essa hipótese tornou-se desnecessária. Tal qual, face ao postulado de Aristóteles, aquele DEUS dos antigos que ditava regras, mandamentos, tornou-se numa hipótese desnecessária. O postulado de Aristóteles ficou no lugar de DEUS, e todos concordaram com a substituição... Hoje, quando vemos o descalabro moral da tal *nova moral sexual* sem tabus... em que tudo é permitido, perguntamos aos defensores dessas práticas que base tem essa moral? A resposta é de que a base é a *realidade* que está aí. Quer dizer: qualquer indivíduo inventa uma extravagância que passa a ser imitada tornando-se na realidade que, depois, serve de base para se ir por diante na invenção de outras e mais outras. Tudo é permitido em sociedade, porque o homem é um animal social.

Aristóteles disse que o homem é um animal social. Mas na sua “Política” declarou que para “o homem viver isolado, ou há de ele ser um deus ou uma fera”. Como se vê, o homem já não é um animal assim tão social, porque admite haja individualistas que podem viver isolados. No lado inferior da escala humana estão os homens-feras que são, como o próprio nome indica, os marginais ou marginalizados, os fora da lei, os bandidos, os perversos. Todavia, existe outro tipo de marginalização que é o dos homens-deuses que são os gênios, os sábios, os santos. Estes, também, não achando a sua “sociedade” entre os homens comuns, ligam-se a estes, mas numa conexão de esforços e de trabalho, às vezes, sem reciprocidade, isto é, sem receber nada em troca. Deste modo, estes homens superiores fazem-se líderes do resto da humanidade.

Suponhamos que não existisse essa minoria criadora (deuses), e a humanidade fosse constituída somente da massa, isto é, da soma de homens-massas. Despojado de seus líderes como se arranjaria tal sociedade? Quem resolveria os problemas, quem enfrentaria os desafios? Se a humanidade está dividida em duas partes que são: minoria dominante e massa; se esta massa nada poderia sem os seus líderes, quem deveria ditar as regras morais? Acaso é o povoleu segundo os costumes que eles mesmos criam? Primeiro formam os costumes, uns imitando outros, e depois chamam a estes costumes criados por eles de realidade, e sobre esta baseiam a formação de outros costumes? Está certo isto? E, acaso, não é como se faz no presente?

Quem manda na massa são os líderes, é a elite dominante ou minoria criadora que Aristóteles chama de deuses; pois bem: estes devem dizer o que é e o que não é moral, e, quando o fazem, fazem-no em nome de DEUS.

Ninguém, pois, pode viver sem uma instância superior de apelação fora de si. Todavia, como nossa civilização está caindo, o homem fez-se a si mesmo a medida de todas as coisas, como o enunciara Protágoras. Tudo, agora, é de esperar-se desse homem sem interioridade e sem respeito por nada. Aumenta-se o efetivo policial e o número de prisões, cuidando que com a coerção extrínseca o problema se resolve. Vale isto como paliativo. O que é preciso é modificar o homem dando-lhe uma intimidade que ele não tem. A educação é o caminho, mas esta palavra não tem nada a ver com a instrução que é a só que as escolas dão. Para educar, o mestre há de fazer-se exemplo a

ser seguido, e os professores são como todo mundo. Os que falam da necessidade de educação pensam que só o falar basta. Os educadores, com raríssimas exceções, não possuem em si próprios aquilo que deveriam transmitir, sobretudo, no que diz respeito à moralidade. Não vale falar só o que trazem os livros: é preciso dar exemplo com a vida.

Sartre, descorçoado com o problema ético, não via perspectiva nenhuma para o esforço humano de alicerçar a moral num Bem Absoluto, porque, entre os homens, “não pode haver consciência infinita e perfeita para pensá-lo”. Por outro lado, nenhum homem se torna ético em conformidade com uma lei que ele mesmo, ou outros como ele, criou. O homem não pode, por si mesmo, criar a ética ou moral, por faltar-lhe autoridade; e não pode fundamentá-la no Bem Absoluto, por ser este humanamente impensável. Assim argumenta Sartre.

Ora, o Sumo Bem não se prende à questão de ser pensado por uma consciência infinita e perfeita, que nenhum homem tem. Ele se situa na esfera da *experiência radical*, que não na do pensamento abstrato. Esta experiência fê-la o primitivo fator de religião, e, porque irreduzível a termos de razão, permaneceu ao alcance de todos desde sempre e para todo o sempre.

Repita, logo, o homem moderno a experiência radical dos antigos: encare o Sol por um instante fugacíssimo, e aquela luz que o faz chorar, e lhe produziria escotoma e cegueira se persistisse em fitá-la por mais tempo, ainda não é plenitude de luz, dado que o Sol é apenas uma estrela de 5.^a grandeza, amarela, e não azul ou branca, que destas cores são as estrelas mais quentes e brilhantes. A estrela mais brilhante do céu é Sírius de 1.^a grandeza, da Constelação do Grande Cão, sendo ela o olho do Cão. Se essa estrela fosse posta no lugar do Sol, seus raios queimar-nos-iam com uma luz e calor quarenta vezes mais intensa que a do nosso Astro-Rei. Os 40 e poucos graus centígrados que suportamos multiplicados por 40 daria 1.600 graus. Pois a 1.510 graus funde-se o ferro...

Contudo, essa não é ainda a plenitude da luz. Se a própria luz solar é-nos boa só na proporção em que se acha dosada, nem mais, nem menos, por que haveríamos de pretender luz maior? Sem ser a plenitude da luz, veja-se quanto a luz do Sol cria e nutre, e esse *bem*, conquanto não *sumo*, já é exemplo para o sábio e santo imitar.

Eis, pois, que esta *experiência* de encarar o Rei da Claridade, por um átimo de tempo, válida só em seu *nível empírico*, irreduzível, portanto, a racionalidade, a princípio de razão, serve de base para se *intuir* o *Bem Sumo*, porque se a luz, como *ser*, é *bem*, e as trevas, como *não-ser*, é *mal*, a *plenitude da Luz* é a *plenitude do Bem*, sendo as *Trevas* a negação absoluta do *ser*, ou *mal*.

Este raciocínio está correto; por isso que Deus é derivação da palavra *Dia* ou *Claridade*. A primeira característica que se assinalou a *respeito de Deus*, foi que ele é Luz que se contrapõe às Trevas, sendo a Luz boa, e as Trevas, más. Da plenitude da Luz inferiu-se a plenitude do bem, e esta foi a segunda característica consignada a respeito de DEUS, pois que sendo ele a Luz Excelsa, Luz Plena, por isto mesmo é o Sumo Bem. Tudo o que existe é *lucigênito*, dado que a mesma matéria era luz antes, e é agora energia metamorfoseada; e todo o ser vivo é *lucífago*, pois que se nutre da luz condensada nos alimentos. Ora, se a Luz se dá a si mesma, na criação de tudo, como energia que é; e depois torna a dar-se a si mesma, como nutrição de tudo quanto vive, que outro Algo haveria para ser posto como sendo o Sumo Bem? Diz Vieira que “a etimologia deste nome DEUS deriva-se do verbo dar: chama-se DEUS porque dá”. (1) DEUS dá o que? Já o dissemos: DEUS dá tudo, porque dá a luz de que *tudo se forma* e de que *todo o vivo se sustenta*. Esta é a razão suficiente para que *Divindade* ou *Deidade* seja o mesmo que *Claridade*, porque a raiz “*dei*” do vocábulo *deidade*, é variação de “*div*” (de divindade) que, por sua vez, veio de “*di*” do sânscrito, e significa *que brilha*. (2)

Como já tivemos oportunidade de expor, DEUS não é *objeto de razão* guardando paralelismo com os postulados um e outro indemonstráveis. Nós acreditamos nas ciências que iniciam por postulados indemonstráveis, e o caso seria de dizer à moda de Sartre a respeito do bem absoluto, que o problema da ciência é insolúvel porque não há consciência infinita e perfeita capaz de pensar os postulados. Falando a respeito desse paralelismo entre os postulados e DEUS, uma pessoa argumentava que o postulado científico ou matemático era mais evidente. Ora, o grau de evidência depende do indivíduo que tenta intuir. A idéia de DEUS é tão evidente quanto a dum postulado; mas um postulado, por evidente que seja, não o será para um primitivo, para um aborígene. Os homens não são iguais quanto à intuição, e o que se acha claro para uns, oculta-se em

brumas para outros. Toynbee fala desta capacidade intuitiva do homem, mas não de qualquer homem; vejamos:

“A alma humana possui uma disposição inata para despojar-se da sua natureza humana, no intuito de revestir-se com a natureza dos anjos e de tornar-se realmente um anjo durante um único instante, – momento que chega e passa tão depressa como um abrir e fechar de olhos. Depois disto, a alma recupera a sua natureza humana, após ter recebido, no mundo dos anjos, uma mensagem que lhe cumpre transmitir ao gênero humano ao qual pertence”.(3)

É neste estado hiperconsciencial em que atua a intuição em lugar da razão, que o super-homem que Aristóteles chama “deus”, tem sua *alétheia*, nome antigo dado à filosofia, e que quer dizer desnudamento, patentização, revelação, apocalipse. De maneira que quando afirmamos que DEUS é uma intuição parelha ao postulado científico, os que dizem que a intuição de DEUS não é tão evidente quanto a do postulado, merecem esta pergunta: não é evidente para quem?

Ora, quem não é intuitivo e por isto não enxerga com clareza as coisas mínimas; que tem tardonha a inteligência e custa compreender, que não venha com essa de que o postulado que lhe é claro, é mais evidente que a idéia de DEUS. Aquilo que para ele parece claro, é obscuro e dificultoso para quem lhe esteja mais atrás em evolução. Quem, pois, não pode intuir ou sentir DEUS diretamente, ao menos não duvide de que haja os que podem fazê-lo.

Ninguém pois procure compreender DEUS por meio da razão, usando complicados e exaustivos pensamentos. A intuição de DEUS é um dado da hiperconsciência que, ou é muito simples, ou é impossível. O caso é semelhante à seguinte fábula:

Certo dia uma formiga começou a rodear uma bola dependurada por um fio, à procura do que fosse a esfera. Cansada de tanto andar, a formiga disse de si para consigo: – Qual o quê! a esfera não existe; o que há é só esta superfície infinita que, por mais que eu ande, não lhe acho os confins.

Nesse instante, pousou na bola uma abelha. Interrogada sobre se a esfera existe, respondeu: – Sim, existe, eu a vi quando estava voando para cá... A isto, resmungou a formiga: – Eis aí o mito da esfera inventado pela abelha...

Tal qual, os homens-formigas vivem a dizer: – DEUS não passa de um mito inventado pelos místicos...

É comum ouvir-se a expressão: *tudo é relativo*. Isso parece-nos tão evidente quanto um axioma matemático. Se, todavia dissermos, em oposição que *tudo é absoluto*, isso já exige uma demonstração. Na verdade, tudo é relativo para a visão racional que vai relacionando uma coisa à outra em direção a um todo cada vez maior. No entanto, quando se toma uma unidade qualquer para a análise, a visão deixa de ser *relacionadora*, passando a ser *decomponidora*. A análise não compõe e, antes, quebra a unidade em fragmentos. Por isso a visão analítica é dedutiva. Quando um mecânico examina um carro para achar o defeito, ele olha o carro como um todo unitário, e, dele abaixo, vê, intuitivamente, as peças todas em seus encaixes e funções, procurando intuir o defeito. O carro, neste caso, passa a ser um absoluto visto que não se relaciona a nada. O mesmo ocorre com um biólogo que vai estudar as bactérias e infusórios das águas de um lago. Com uma pipeta ele pega um pouco de água, pouco lhe importando tudo o que vai além do lago. Este, por conseguinte, dado que não se relaciona a nada, é um absoluto.

Assim, absoluto e relativo dependem da visão: a visão de síntese que reúne as partes ou visão indutiva, para essa tudo é relativo. A oposta visão analítica que decompõe o todo em partes cada vez menores, essa é a visão dedutiva, e a unidade que se tem sob as vistas é um absoluto.

No entanto, mesmo na visão indutiva ou sintética que relaciona as partes num todo cada vez maior, vem a hora em que se chega a um último termo além do qual não há mais subir. Esse último termo também é absoluto, dado que não se relaciona a nada mais além. Nesta visão relacionadora ascendente chega-se a um ponto último de referência não referível, não referendável, e este ponto é o absoluto. E o absoluto é o lugar de DEUS.

Não importa que o último termo, que é o absoluto ou DEUS tenha outro nome: o certo é que não havendo nada acima como referência, esse termo fica absoluto, e o absoluto é DEUS. Para Marx, o último termo de referência é o proletariado; então, o proletariado fica no lugar de DEUS. Para Sartre o último termo é a liberdade, para Fichte e Schopenhauer é a vontade, para os gregos e para os filósofos iluministas (século XVIII) DEUS é a razão.

E hoje, como é? como diz Ortega, o homem “habitou-se a não apelar de si mesmo a nenhuma instância fora dele”. (4) Portanto, o homem se faz a medida de todas as coisas, como afirmava Protágoras. Se o homem não apela de si para nada além de si, segue-se que também se fez absoluto, o que equivale a ter-se feito deus. Na hora das decisões o deusito pergunta-se a si mesmo, o que achar que é, isso é. Daí o homem e a mulher terem achado que são donos dos próprios corpos, podendo praticar toda sorte de aberrações sexuais com eles, inclusive defendem o direito de acabar com a vida em caso de sofrimento extremo, ou por causa da velhice da qual já se disse que é ridícula, na melhor das hipóteses.

(1) - Vieira, Sermões, 15, 371 - Ed . das Américas.

(2) - J. Mesquita de Carvalho, Dicionário Prático da Língua Nacional.

(3) - Ibn Khaldun citado por Arnold J. Toynbee, Um Estudo de História, Vol. 2, Cap.11,

414

(4) - Ortega Y Gasset, A Rebelião das Massas, 119

O HOMEM, SER ESPIRITUAL

Eu sempre considero o homem como um ser espiritual. Nunca o considero como um ser material. Em minhas meditações sempre situo o homem como um ser eterno, e vivendo numa vida espiritual, embora estando habitando num corpo. O corpo sempre o teremos e, mesmo depois de desencarnados, estaremos associados com um corpo. A idéia de que o homem possa viver fora de um corpo criou muitos efeitos negativos. Corpo e alma são duas partes de uma só unidade, a unidade do ser. Depois de mortos continuamos tendo um corpo semelhante ao que trazemos agora conosco. Continuamos engajados em atividades como as que temos enquanto encarnados. Continuamos tendo nossos problemas, e continuamos tendo nosso desenvolvimento, e aprendizado, e precisamos dar nossa quota de colaboração no mundo espiritual tendo um corpo, um corpo que é perispiritual constituído de uma matéria semelhante a esta matéria que possuímos aqui. Então quando nos referimos ao homem, temos sempre em vista o ser espiritual que ele é. Nunca o consideramos como sendo um ser só terreno possuidor de uma vida terrenal, efêmera. O HOMEM É ETERNO.

TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

Quando Cristo andou na Terra, o mundo se achava chafurdado na sujeira moral que brota diretamente do egoísmo sob todos os seus aspectos, donde vem que aquele *mundo era imundo* dado que chafurda é chiqueiro, lamaçal. Havia escravidão, violência, crimes, banditismo, exploração dos miseráveis pelos que podem mais; era como o nosso mundo moderno, só que sem a intelectualidade, a ciência e a tecnologia de hoje.

Já, naquele tempo, havia os reformadores sociais que sonhavam com um regime político de justiça distributiva da riqueza. Os próprios apóstolos de Cristo principiaram um “comunismozinho” (Atos 4, 32-37) em que todos levavam tudo para o comando apostólico, para uma posterior redistribuição equânime. Já não faltaram, aí, Ananias e Safira que esconderam uma parte do que deviam dar, em concordância com o aforismo de que “mais vale uma pomba na mão do que dez voando”. Disto resultou a morte de ambos pela hipnocussão; quer dizer: Pedro sugeriu (sugestão, hipnose) que Ananias e Safira iam cair mortos, e estes, porque creram, porque acolheram a sugestão, de fato, morreram; foram portanto, hipnocutados... (Atos, 5, 5 e 10).

Cristo viu a balbúrdia moral e social do mundo, mas não perdeu tempo em pensar em alguma reforma social ou regime político de justiça, porque isso é impossível... num mundo em que todos são Diabos, como era aquele do seu tempo, ou como é este nosso mundo da atualidade. É preciso, segundo Cristo, reformar o próprio homem, fazendo do demônio que ele é, um anjo. É preciso ensinar o homem a expandir o seu egoísmo pela escala de valores: a expansão que normalmente se dá só na esfera dos *valores úteis* (finanças, dinheiro, posses, riquezas), deve transferir-se para a esfera de outros valores, de modo que o egoísmo (ou desejo de posse) se dilate noutras esferas ou níveis cuja culminância está nos *valores religiosos*. Um é o caso do moço rico: “vai, vende tudo o que tens, dá aos pobres, e vem, e me segue, e terás um tesouro no céu” (Mat 19, 21). Outra vez se confirmou ser mais seguro uma pomba na mão;... o moço rico não quis desfazer-se dos bens materiais, trocando-os pelos espirituais...

Cristo estabeleceu a sua Igreja a partir dos doze apóstolos que passaram a pregar o Evangelho apolítico da reforma do homem, isto é, da desinversão do diabo que cada homem é, em santo, em anjo. Só isto interessa. Todo o Evangelho não passa disto. Tem-se de construir o bom tijolo humano para, depois, pensar-se na edificação do social. Os edificios sociais e políticos, não importa os nomes que tenham, só serão funcionais, exequíveis, viáveis, quando construídos com bons tijolos humanos. Por isto, o Evangelho de Cristo está na raiz dos sistemas políticos, sendo a pedra de esquina do mundo *renovado*, mundo que não cansamos de pedir no Pai Nosso (por enquanto, só com palavras): “venha o teu Reino”,... venha ele para este nosso mundo que, todo, se acha “sob o maligno” (I Jo 5, 19). Esta doutrina parece-nos a nós clara como a luz...

No entanto, a começar pelos próprios apóstolos, o que se pensava e esperava era uma reforma política em que o Messias derrubaria o Império Romano por seu gênio militar aliado à força das armas, estabelecendo um Estado Universal no qual os judeus mandariam no mundo para todo o sempre. O desencanto veio quando Cristo disse que o seu Reino não é deste mundo (Jo 18, 36), que o Reino deste mundo pertence ao príncipe dele, que é Satanás (Jo 14, 30), mas que cumpre aos homens, em se melhorando a si mesmos, transformarem o mundo, nunca se esquecendo da ajuda de Deus, e, por isto, pedindo-lhe sempre, com atos, mais que com palavras: “Venha o teu Reino” (Mat 6, 10).

Como, pois, deve proceder a Igreja de Cristo para ser a *Igreja de Cristo*? Deve fazer o que Cristo recomendou, que é ocupar-se em recriar o *homem*, tirando-o da animalidade mais grosseira e egoísta, para o estado de civilização que é o da convivência fraterna entre todos os homens. A Igreja de Cristo foi, no passado, por sua doutrina (não tanto pelo exemplo de seus sacerdotes) a Grande Oleira que se ocupou em fazer bons tijolos de bárbaros. Formados os bons tijolos, o resto é fácil, e, sem eles, nada poder-se-á construir.

Daí que qualquer regime político seria bom se os homens fossem bons; pela recíproca, não há regime político que preste, quando os homens são ruins. É isto que não entendem os tolos que vivem sonhando com reformas exteriores, com fazer leis para isto e para aquilo. Já dizia Sócrates: “Realmente, é provável que se houvesse uma cidade constituída só de bons, haveria competição para fugir ao poder, precisamente como agora existe para o obter” (1).

O frei Leonardo Boff quer defender os pobres. E em que redundaria esta defesa? Ela seria igual a que existe na Polônia onde o Sindicato Solidariedade teve de organizar-se contra o Estado que se diz o protetor dos operários. Seria igual à proteção que os pobres estão recebendo, na Nicarágua, dos sandinistas. E na Rússia? Lá também há ricos e pobres. A vodca, para não falar em tudo o mais, é “privilégio dos que têm mais recursos” (O Estado de S. Paulo, 4-6-85). Os pobres bebem *samogonka*, semelhante àquela “maria louca” que os detentos destilam de batatas nos presídios do Brasil. Os russos bebem em demasia? A bebida vodca para quem pode, e samogonka para quem não pode, é “uma espécie de fuga dos problemas do cotidiano, como a monotonia do trabalho e a falta de perspectivas e diversões, principalmente nas áreas rurais” (O Estado de S. Paulo, 4-6-85).

O caso é de perguntar, como o fez José Carlos Graça Wagner em seu belo e fecundo artigo “A descoberta do pobre”. “Quem libertará os pobres de seus libertadores?!” (O Estado de S. Paulo, 10-05-85).

(1) Platão, A República, 42 - Atena Editora.

VADE RETRO!

As armas de Bruxelas (Bélgica) consistem em um anjo espetando sua lança no ventre de Satanás. O anjo traz, no escudo, o emblema de uma cruz. O diabo e o anjo estão dentro de cada um de nós, e é aí que se deve travar a batalha... na qual nem sempre vence o anjo. O símbolo, pois, expressa a luta de todo homem justo.

Mas, “o tempora, o mores!...” Em Antuérpia (Bélgica) o Papa “ouviu o discurso de Aurilien Thijs, da Organização dos Trabalhadores Leigos Flamengos, criticando a posição do Vaticano com relação aos padres casados, ao divórcio e ao papel das mulheres na Igreja” (O Estado de S. Paulo de 18-05-85). E prossegue o mesmo jornal:

“Thijs disse ao pontífice que as mulheres e os jovens deveriam ter um papel mais destacado no trabalho da Igreja que, por sua vez, deveria ser organizada mais DEMOCRATICAMENTE. Ele afirmou que o *movimento de mulheres* ACABARÁ POR TORNAR-SE CONTRA A IGREJA, a não ser que sejam feitos esforços sérios no sentido de lhes dar um papel IGUAL aos dos homens. Ele pediu ao Papa que considere formas matrimoniais para o sacerdócio e meios de ajuda aos divorciados”. Os grifos e os versais são nossos.

De nada vale o rótulo de católicos, de protestantes, de espíritas, de seja lá o que for, se estes pseudocristãos agem como o Diabo, querendo adaptar o Evangelho de Cristo às sujeiras (quem for sujo, suje-se ainda – Apoc 22, 11) do nosso tempo, e isto, com afirmarem que a Igreja deve “adaptar-se aos tempos modernos”, deve “entrar na realidade”, deve “democratizar-se”, deve atender às reivindicações das massas, de sorte, que, ao invés de o rebanho seguir o pastor, é este que há de seguir as ovelhas..., no rumo do precipício. Os temas, em Bruxelas, são os mesmos encontrados pelo pontífice na Holanda: acomodação da Igreja à sociedade moderna, discussão democrática sobre o celibato dos padres, sacerdócio de mulheres, aborto, controle de natalidade, sexo fora do casamento, homossexualidade.

A Igreja, segundo Thijs, “deveria ser organizada mais DEMOCRATICAMENTE”, e se o pontífice não ceder, o *“movimento das mulheres ACABARÁ POR TORNAR-SE CONTRA A IGREJA”*.

Fale S. Paulo... sobre os falsos doutores dos últimos tempos: “Sabe, porém, que nos últimos dias sobrevirão tempos perigosos, porque haverá homens egoístas, avarentos, altivos, soberbos, blasfemos, desobedientes a seus pais, ingratos, malvados, sem afeição, sem paz, caluniadores, incontinentes, desumanos, sem benignidade, traidores, protervos, orgulhosos e mais amigos dos prazeres do que de Deus, etc.” (II Tim 3, 1 - 4).

Que as mulheres se tornem contra a Igreja, que formem uma Igreja sua, só de mulheres, como há uma, protestante, nos Estados Unidos, só de homossexuais, e aí iremos ver como serão essas filósofas e teólogas engolfadas em pensamentos grandes, vinte e quatro horas por dia, dado que até enquanto dormem, no subconsciente, os filósofos trabalham. Vamos ver essas façanhudas mulheres platônicas, socráticas, agostinianas, tomistas, que mais? Que outra alternativa terão elas, além da de que, seus mestres, serão homens? Terão de construir a hierarquia interna da sua Igreja, havendo “padras” (termo que não existe ainda), bispas, cardinalas e até papisas, tudo, servilmente, espelhado dos homens, ou em referência a eles! A Igreja havida por machista (machismo religioso) do Cristo homem, viraria a Igreja do Cristo mulher... do qual já existe uma estátua nos EUA onde, também, se admite que Deus seja mulher, em razão do que, em vez de “Pai Nosso”, já se reza “Mãe Nossa”. Acaso não é isto ter chifres de carneiro e voz de dragão? (Apoc 13, 11).

A Igreja “deveria ser organizada mais DEMOCRATICAMENTE”? Pois a Igreja de Cristo não tem que ser democrática, nem tem nada a ver com a democracia em que as nulidades dão palpites em assunto de alta monta, para os quais se mostram absolutamente incompetentes. É “a invasão vertical das massas” de que fala Hegel.

A democracia é o melhor regime deste mundo, mas só deste mundo, porque cheio de demônios, nenhum dos quais pode ou deve ter poder absoluto; e a democracia não dá **poder absoluto** para ninguém; só por isto ela é o melhor regime político deste mundo. Mas fora deste mundo, alto lá! “O meu Reino não é deste mundo” (Jo 18, 36). O governo do Universo não é democrático, nem Deus ocupa seu posto de comando por eleição das massas, ainda que estas fossem constituídas de serafins. Em nenhum lugar dos níveis espirituais superiores (“Na casa de meu Pai há muitas moradas” – Jo 14, 2), nos quais os Espíritos já venceram a animalidade grosseira e desenvolveram o amor, há governo democrático, feito por eleições populares como as nossas, com intensa propaganda, discursos demagógicos e salafria política, e tudo. A investidura dos governadores vem sempre do mais alto, e os “monarcas benevolentes” são sempre uns sábios-santos, porém, jamais, nunca, um demagogo como os que vivem, por toda parte, a iludir nossas massas democráticas. Contudo, esse governo teocrático deve ser erradicado da face da Terra, porque é certo, certíssimo, que, se instalado, aqui, um demonázio exerceria o mando, em nome de Deus. Por isso é que, para este mundo, VIVA A DEMOCRACIA!

Nosso regime democrático é o de **máximo esforço** e **mínimo rendimento**, por causa do enorme desgaste de energia e perda de tempo em “vencer as oposições”, e em “obter o beneplácito das massas”. Contudo, é o regime que convém a homens que são “potestades do ar” (Ef 2, 2 - 3) encarnadas, e voltarão a esta mesma condição, na sua imensa maioria, após a morte física. Esses homens-potestades querem o que sempre quiseram: que a Igreja se ajoelhe frente a eles sob a mesma promessa que fez o Demo a Cristo: “Dar-te-ei todas estas riquezas, e maravilhas, e reinos do mundo, que são meus, bem o sabes, “se prostrado me adorares” (Luc 4, 7). A resposta da Igreja de Cristo para todas as reivindicações anticristãs, é a mesma que deu Cristo ao Espírito do Mal - Vade retro, Satana!

FIRME NO TIMÃO, PAPA JOÃO PAULO II

Uma das pessoas mais ilustres e mais simpáticas do nosso século é o pontífice João Paulo II. Durante sua estada no Brasil, tivemos a grata satisfação e oportunidade de, pela televisão, examiná-lo o porte, o semblante, ambos a irradiarem aquela energia de caráter, firmeza de ânimo e resolução inconcussa, própria do grande ministro, que é, de Cristo, nos tempos modernos,... tempos que se podem lamentar como o fez Cícero, em sua época, ao exclamar: “O tempora, o mores!”. Cumprisse, hoje, em nosso mundo, a sentença do Apocalipse, como outrora, na Roma dos Césares, pouco antes de ela cair: “Quem for sujo, suje-se ainda” (Apoc 22, 11).

Não é só que os sujos continuam a sujar-se, como ainda querem o beneplácito do papa para as suas sujeiras. Na Holanda, os “bárbaros modernos”, no dizer de Ortega, saíram às ruas a fazer palhaçadas com a pessoa do papa, trazendo cartazes e fotomontagens achincalhantes, além de proferirem impropérios e contarem anedotas obscenas; até um rock se armou para satirizar as viagens do papa.

A edição de “O Estado de S. Paulo”, do dia 17 de maio de 85, trouxe um artigo escrito por Ruy Nunes do qual transcrevemos um trecho:

“Parece que tal acolhida (a do papa), com rasgos agressivos e ultrajantes, se deveu aos pseudocatólicos que gostariam de modelar a Igreja de Cristo aos seus vícios e abominações. Se assim é, pode dizer-se que a visita do papa à Holanda foi um triunfo, já que o mundo católico pôde certificar-se da segurança e da fidelidade do santo padre na conservação do sagrado depósito da fé cristã, atacado e corroído pelos comediantes que arvoram o rótulo de católicos, mas desempenham o papel de pagãos, não apenas descorteses para com um visitante ilustre e raro, mas atrevidos e mal-educados”. E prossegue Ruy mais adiante:

“Mas quem diz que erudição é cultura? Os comediantes podem ostentar em réguas de infólios a sua pesada erudição, o seu espírito de geometria, mas são absolutamente inferiores em gentileza, classe e bom gosto, aos índios do Brasil, aos selvagens da Oceania, aos povos de tradição religiosa e diferente, que o papa João Paulo II tem visitado nas suas peregrinações pelo mundo. A recepção ao papa na Holanda foi um sinal tonitruante de subdesenvolvimento. Etc”.

Subscreveríamos, sem nenhuma hesitação, o belo, culto, vigoroso e oportuno artigo de Ruy Nunes.

Além de “pôsteres nas ruas oferecendo 4 mil dólares de recompensa” pela morte do papa, havia faixas em que se lia: “Deus, dê-nos um papa com grandes ouvidos” (O Estado de S. Paulo, 12-03-85). Ouvidos para escutar, desses pseudocristãos, suas reivindicações luciferinas (porque tais subversivos do Evangelho são todos “potestades do ar” encarnadas) quais a do consentimento para a prática do aborto, para o divórcio, a autorização expressa para a libertinagem das uniões fora do casamento, para a dessacralização da família, pondo-a em pé de igualdade com a barregania. Os homossexuais, ao invés de serem considerados como pessoas desviadas da normalidade, comparáveis aos coxos e aleijados, querem o beneplácito da Igreja para se sentirem justificados. Duzentos templos há, nos E.U.A. da “Igreja Homossexual”, com sede em Hollywood, com 25 mil membros 85% dos quais são gays e lésbicas confessos, e todos pleitearam no Conselho da Igreja dos E.U.A. (sem o conseguir) o reconhecimento de sua seita.

Na Inglaterra, a Igreja (protestante) da Escócia concordou com o que as feministas chamam de “machismo religioso”, podendo elas substituir no texto de Cristo a expressão “Pai Nosso” por “Mãe Nossa”, dado que os “teólogos” (!) alegam haver, na Bíblia, fundamento para concluir-se “que Deus possa ser mulher” (O Estado de S. Paulo de 26-04-84). Esse mesmo jornal traz, a seguir, outra nota, agora, de Nova York, tratando das reivindicações feministas a respeito de Cristo. Trata-

se de uma estátua do novo Cristo feminino que, segundo o deão da Igreja St. John the Divine, “está tendo uma recepção «extremamente positiva»”.

Em Bruxelas, uma estudante da Universidade Católica de Lovaina, Else Gryson, fazendo-se a si a medida de todas as coisas (Protágoras), deu para criticar a posição do Vaticano, ao afirmar que é “a Igreja que deve voltar-se para o mundo, e não este para a Igreja”. Quer dizer: a Igreja deve mundanizar-se, chafurdar-se, em vez de o mundo ser compelido a sair da chafurda, e a pôr-se nos rígidos moldes do Evangelho. Esta posição irreduzível do papa em manter a cruciante dificuldade que é levar o Evangelho a sério, mereceu a crítica da estudante que disse que “a hierarquia católica se está distanciando da realidade”. Poder-se-ia dizer, em contrário, que é a **realidade presente** que se está afastando, mais do que nunca, do Evangelho que Cristo pregou contra a sujidade do mundo do seu tempo. Também, como outrora, sua Igreja deve afastar-se do lamaçal em que se constituiu boa parte do mundo de hoje. “Quem for sujo, suje-se ainda, e quem for limpo, limpe-se ainda” (Apoc 22, 11). Que, pois, a Igreja se limpe ainda, não se imiscuindo com a **tal de realidade** que consiste em o mundo sujar-se cada vez mais. Jamais, nunca, se viu como agora, tão exuberante o joio, a sufocar o trigo!

O papa João Paulo II, resoluto timoneiro da nau da Igreja, não abre mão do depósito sagrado que Cristo lhe confiou, e vai confirmando a necessidade de o mundo voltar-se para Deus. Cumprilhe a ele fazer o que recomendou Cristo a Pedro, e não uma, senão três vezes: “Apascenta as minhas ovelhas” (Jo 21, 15 - 17).

A pena que grafa estas palavras cheias da indignação sagrada dos profetas, não é a de um católico, e sirva isto para saber-se que o papa João Paulo II, com sua elevação, sinceridade e firmeza contra a rebeldia do mundo e, o que é mais, contra a rebeldia de uma ala da própria Igreja católica, enche de admiração, e de entusiasmo, e de respeito... aquelas outras ovelhas que lhe cumpre a ele também apascentar, das quais disse Cristo: “Ainda tenho outras ovelhas que não são deste aprisco. Também me convém pregar a estas, e elas ouvirão a minha voz, e haverá um rebanho e um pastor” (Jo 10, 16).

Firme no timão, papa João Paulo II ! Firme ficai! Mantei-vos intrépido em vossa apostólica função de apascentador de ovelhas, não vos causando mocha se em vosso rebanho aparecerem alguns com voz de dragão (Apoc 13, 11), embora tendo forma e chifres de carneiro! A tormenta do mundo não abalará a Igreja que se fizer a verdadeira de Cristo, isto é, aquela que levar a sério o Evangelho, como é vosso intento fazer!

A FILOSOFIA DO FUTURO

Horácio, na “Arte Poética”, já dizia: “Esforço-me por breve, torno-me obscuro”. Isto mesmo é o que acontece para quem se propõe fazer o resumo duma filosofia que é NOVA para o mundo, em meia página de um jornal como a nossa “Folha de Piraju”.

O problema (desafio, repto – Toynbee) que se põe para o mundo, é o de fazer a síntese entre CRIACIONISMO e EVOLUCIONISMO. O Jornal “O Estado de S. Paulo”, de 27 de abril de 85 traz uma nota com o título: “PARA ALIAR A EVOLUÇÃO E FÉ”. Ei-lo, em parte:

“Ao falar ontem durante o simpósio que discute o tema “A Fé Cristã e a Teoria da Evolução”, o Papa João Paulo II disse que a Igreja não proíbe a teoria, mas também não abre mão da certeza de que “as almas foram criadas por Deus”. E prossegue a nota: “Falando em alemão, o Papa citou Pio XII e sua encíclica Humani Generis (1950), explicando: “A Teoria da Evolução não é discordante da Fé, sempre que a discussão se mantenha no marco do método próprio das Ciências Naturais e de suas possibilidades”. E mais adiante:

“João Paulo II afirmou ainda que se pode admitir a partir de provas científicas, a DESCENDÊNCIA FÍSICA DO HOMEM AO MACACO, mas acentuou: “O ponto discriminador é a CRIAÇÃO DA ALMA, que distingue a pessoa humana”. Os versais são nossos.

Pois aí está: a NOVA FILOSOFIA satisfaz essas exigências: o corpo físico veio, por evolução, do macaco, e a alma foi criada por Deus.

Demonstremos isto:

Todo homem é egoísta, e o é porque a própria Vida é egoísta desde os seus fundamentos mais remotos. Este é o PECADO ORIGINAL, por excelência, o primeiro praticado, já no empíreo, pelos Espíritos Celestes, um dos quais, após a queda, se mostrou ao lendário Adão no jardim paradisíaco. O pecado da desobediência de Adão não é original, mas plagiado do precedente, portanto, secundário e derivado do anterior, do pecado de Lusbel e seus consórcios, que consistiu em inverter o *impulso amoroso* no seu contrário *impulso egoístico*. E lhes foi a eles possível fazer isso porque ERAM LIVRES e porque LIVRES, ocorreu-lhes a idéia de se considerarem AUTÔNOMOS (*auto* é si próprio, e *nomos*, lei); fizeram-se a si mesmos, por conseguinte, lei. “Eu via Satanás, como raio, cair do céu”. (Luc 10, 18)

Desse erro de perspectiva moral... que consistiu em supor que ser LIVRE é ser AUTÔNOMO, erro que recrudesce em nossos dias ao se defender a tese de que LIBERDADE é o mesmo que LIBERTARISMO, PERMISSIVIDADE, LIBERDADES, donde vem a *proibição de proibir*,... desse erro resultou a QUEDA dos celículas pelos planos e níveis do universo os quais se foram constituindo de puras energias, na proporção em que o mundo de tais Espíritos e parte deles próprios se desintegravam, “*não se achando mais o seu lugar no céu*” (Apoc 12, 8).

No entanto, nem todos os Espíritos se dissociaram no atro abismo. Os níveis do universo ficaram povoados desses Espíritos aos quais S. Paulo dá o nome de “potestades do ar”(Ef 2, 2 e 3), e essas “potestades” foram as que se encarnaram nos pré-homens macacóides que, posteriormente, se tornaram homens. Os corpos, como se vê, vieram, por evolução, de um ancestral comum ao macaco e o homem; porém, as almas são aqueles Espíritos celestes desviados do amor, PORQUE SEDUZIDOS E ENGANADOS por outros maiores, em hierarquia, cuja CULPA, porque maior, os levou a desintegrarem-se no medonho abismo. Assim, os Espíritos celestes que se desviaram do amor PORQUE ENGANADOS, caíram, também, mas não tanto ao ponto de se desfazerem em puras energias, como ocorreu com os SEUS SEDUTORES que, por isto, tinham MAIOR CULPA.

Este é o motivo por que não há nenhuma diferença entre tais “potestades” (espíritos errantes)

e os homens. Provenho isto com S. Paulo, e pelo diálogo entre *Deus e o Diabo*, no livro de Jó:

– Donde é que vens, para te apresentares perante mim, entre os meus filhos? – disse o Senhor. – “Venho de rodear a terra, e passear por ela” responde o Demo (Jó 1, 6 e 7). Agora S. Paulo:

– “E vós estáveis mortos pelos vossos delitos e pecados, nos quais andastes outrora, segundo o costume deste mundo, segundo o príncipe que exerce o poder sobre este ar, espírito que agora domina sobre os filhos da incredulidade, ENTRE OS QUAIS TAMBÉM TODOS NÓS VIVEMOS OUTRORA, segundo os desejos da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos apetites, e éramos por NATUREZA FILHOS DA IRA, COMO TODOS OS OUTROS” (Ef 2, 1 a 3 – Bíblia das Ed. Paulinas). Os versais são nossos, e os pusemos para mostrar que não havia nenhuma diferença entre as “potestades do ar”, e os homens, não só primitivos, como também, ainda, a maioria dos modernos.

Afora alguns santos da Humanidade que compreenderam como funciona o Universo Moral, o Universo do Amor, no mais, no grosso, ainda somos todos Diabos, ainda todos egoístas, apenas uns, intelectualmente, mais evoluídos que outros, o que, apenas, nos torna mais aptos, não, porém melhores, não importando nada estarmos na carne, ou fora dela como aquelas “potestades do ar”, ou como o Diabrete errático que disse ao Senhor: “Venho de rodear a terra, e passear por ela” (Jó 1, 7). Lembra-nos haver lido que as casas dos chineses têm seus beirais levantados para cima, a fim de jogarem, de volta, para o espaço, os demônios malévolos que, por ventura, hajam caído sobre o telhado, e deslizado por ele.

Primeiro, no empíreo, tudo era a Energia-Substância-Amor da qual foram criados os Espíritos celestes, e isto, porque o próprio “Deus é Amor” (I Jo 4, 7 a 8). Uma vez que o oposto do Amor é o Egoísmo, depois da inversão do *impulso amoroso* no seu contrário *impulso egoístico*, principiou a QUEDA dos Espíritos, da periferia da grande esfera empírea para o seu centro, onde se situou, o medonho CAOS. Primeiro, o *Caos dinâmico*, referto de energias; depois, também o *Caos material*. Todo o Universo, nesse tempo, se concentrava no grande globo, o Colosso Primitivo, de dez mil anos luz de diâmetro, e isto, antes da arquiformidolosa e tonitruante primeira explosão... de que nos dá notícia a ciência.

S. João diz que “Deus é Amor”; e diz também que “NO PRINCÍPIO era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus” (Jo 1, 1). Logo, se Deus era o Verbo, e é o Amor, segue-se que o *Verbo é o Amor*. Então, podemos construir a sentença de S. João deste modo:

“NO PRINCÍPIO era o Amor, e o Amor estava com Deus, e o Amor era Deus. (...) Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez”.

A *Energia-Substância* primacial, fundamental, primária, portanto, na ordem das coisas é o Amor do qual tudo se fez... por transformação, dado que, segundo o princípio científico da *indestrutibilidade* da *ENERGIA* e da *MATÉRIA*, “na Natureza nada se cria e nada se perde, mas tudo se transforma. (Lavoisier)

Nosso universo (como a matéria) veio da energia, conforme a ciência. E essa energia procedeu do que? Pois ela veio da *Energia-Substância* de que os Espíritos celestes e seu mundo foram criados, parte dos quais, tanto dos Espíritos quanto de seu mundo, CAÍRAM e se DESINTEGRARAM. Aquela *Energia-Substância-Amor* de que eram feitos os Espíritos e seu mundo, desceu pelos níveis dinâmicos, por transformação de umas energias em outras, rumo às ondas curtas as quais, em se enrodilhando sobre si mesmas, produziram as partículas sub-nucleares de que se formaram os núcleos dos átomos, e, destes, as moléculas, as rochas, os amontoados galácticos, o universo material.

Como se vê, depois da QUEDA até o centro da grande esfera empírea, onde se situou o CAOS, principiou a fase oposta, chamada EVOLUÇÃO. Agora, num processo inverso ao da INVOLUÇÃO ou QUEDA, as energias de ondas curtas se vão transformando em energias de ondas cada vez mais longas, menos penetrantes, menos potentes do ponto de vista dinâmico, o que vale dizer, DEGRADADAS, porém, mais EVOLUÍDAS.

Antes, não havia VIDA, no Universo; depois, ela surgiu: DO QUÊ?, se tudo o que existe, sem nenhuma exceção, é o seu ESTADO ANTERIOR MODIFICADO? A Vida surgiu das energias dinamicamente DEGRADADAS que lhe ficam abaixo. Essa energia vital organizou a matéria bruta em arranjos cada vez mais complexos, que são os organismos biológicos; primeiro os vegetais, e,

logo, os animais. A escala zoológica avança pelo tempo de milhões de anos, até que, enfim, sai de quatro e se põe de pé, o homem.

Este é o Adão primeiro, anterior ao legendário Adão de Moisés; e ele traz, já, consigo, o *seu pecado original* do EGOÍSMO..., o mesmo que o derrubou do empíreo, juntamente com os demais Espíritos celestes os quais ficaram estagiando nos vários níveis do universo, consistindo eles no que S. Paulo chama de “potestades do ar”. (Ef 2, 2)

Um dos Espíritos celestes, ESPÍRITO NÃO CAÍDO, portanto, detentor do Amor puro, Amor sem metas, que é Cristo, desceu à Terra, tomou carne, e isto só para ensinar o ÚNICO caminho de volta que a cada um cumpre palmilhar, com seus próprios pés, dado que Cristo *NÃO É SUBSTITUTO* do homem no resgate da culpa, mas, *MODELO E EXEMPLO* que cumpre a cada um seguir. *O caminho de volta é o caminho do amor...* que cada ente humano terá de desenvolver, sem o que estará infernado neste mundo, como homem, ou no espaço, post-mortem, como “potestade do ar”, como era antes.

Esta é a NOVA FILOSOFIA, a da síntese entre a *tese CRIACIONISMO* e sua *antítese EVOLUCIONISMO*, que vigorará no futuro. O programa de trabalho, para cada ente humano, consiste em ele vencer sua *própria subanimalidade* que se cifra no requintamento de suas paixões inferiores, todas, sem exceção, nascidas do EGOÍSMO, com desprezo total para com as coisas do espírito.

Este programa pressupõe que seu executor é amigo de Cristo, e aqui começa a primeira dificuldade, somente superável pôr aproximações e a longo prazo. É que para ser amigo de Cristo, ele estabelece uma condição ao sentenciar: “Vós sereis meus amigos, se fizerdes o que eu vos mando” (Jo 15, 14). E quem é que faz o que ele manda? No referente ao amor, seu mandamento primeiro é de que amemos a Deus sobre todas as coisas. No entanto, vemos trocado o mandamento, como se afirmara: ama primeiramente todas as coisas, inclusive todos os regalos e comodidades da vida, sem te preocupares com que haja ou não Deus. No tocante ao próximo, estabelece: ama ao próximo como a ti mesmo. Todavia, tirante pequeno percentual de justos e de santos, para a imensa maioria, é como se o mandamento dissesse: ama-te só a ti e aos teus, e, sempre que possível, usa o teu próximo em teu proveito.

No que se refere à reforma individual, o programa imposto por Cristo divide-se em três partes ou etapas que são as constantes do texto de Mateus 10, 38 e 16, 24.

Primeira etapa: negar-se a si mesmo da animalidade grosseira; *segunda:* pegar a própria cruz e pô-la ao ombro; *terceira:* seguir a Cristo... que já vai indo, na frente, com sua própria Cruz. No fim da jornada, Cristo é pregado na sua Cruz, e nós o somos nas nossas.

Disto nasce o corolário repudiado por todos os cristãos, exceto alguns santos: “Quem quiser ganhar a sua vida perdê-la-á, e quem perder a sua vida por amor de mim (mim Doutrina), achá-la-á.” (Mat 16, 25 e Jo 12, 25)

Este é o único caminho de volta, e não há atalhos, nem os subterfúgios que os homens, por comodismo egoísta, inventaram... para não fazer o que tem de ser feito. Pior para esses homens: suas cruzes multiplicar-se-ão tantas vezes quantas são as que tentaram iludir-se.

EVANGELHO ACOMODATÍCIO PARA GENTIOS

Cristo fez de S. Paulo, judeu-romano da cidade de Tarso, na Sicília, o seu vaso escolhido para levar o Evangelho aos gentios. Gentio, para os judeus (povo escolhido!?), era o mesmo que bárbaros para os gregos e romanos. Para essa missão era preciso um intelectual versátil, senhor de cultura do seu tempo, dotado de vastos recursos de oratória e de retórica. S. Paulo havia de pregar para o mundo greco-romano, então, um Estado Universal. Este mundo que S. Paulo havia de enfrentar, podia ser gentio do ponto de vista dos judeus, mas, em compensação, este mesmo povo judeu era bárbaro para os gregos e para os romanos.

S. Paulo, como judeu e como romano, dono das duas culturas, intermediava a situação que se apresentava então, sendo, por isso, o homem certo para a grande missão. Daí o ele próprio afirmar: “sou devedor tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes” (Rom 1, 14). Mas gregos, bárbaros, sábios, ignorantes tudo era o gentio ao qual o grande Apóstolo havia de *pregar a Cristo Crucificado*, como ele sempre dizia.

No seu programa de trabalho para gentios, S. Paulo não dava prioridade ao Evangelho propriamente dito, que é o Evangelho como *Doutrina de Cristo*. Ele cuidava para que o *Cristo Crucificado* fosse crido, pois isto era a extremidade fina da cunha. Após a *fé em Cristo*, e no *sangue de Cristo*, era de supor-se que entraria o resto da cunha, ou seja, *o Evangelho como Doutrina do Amor*, de *renúncia* e de *infinito auto-sacrifício*. E entrou o resto da cunha? Absolutamente, até hoje, não. Por que?

Porque o homem é egoísta; e o é, porque a própria Vida é egoística. Sendo egoísta, era mais fácil ficar só com a ponta fina da cunha, isto é, com a *fé na pessoa de Cristo* como pregava S. Paulo.

Como se isto já não fosse um mal, ainda, em meio à *doutrina da fé no sangue de Cristo*, S. Paulo pregava a sua própria, e não de Cristo, que é a *doutrina da predestinação*. O resultado final foi esse mundo que aí está, e o temos desde a ponta do nariz, pelo que fica tendo razão (salvo engano) Gandhi que dizia: “Gosto de Cristo, mas não gosto do cristianismo”!

A doutrina da predestinação, a qual, segundo S. Paulo, tem base no injustificável e tirânico capricho de Deus... em fazer a uns homens para vasos de ira, e outros para vasos de misericórdia (Rom 9, 23), dividiu a humanidade em salvos e perdidos, tornando a fraternidade universal impossível. Aqui está por que o Evangelho não operou a renovação nem do mundo cristão, quanto mais a do resto do mundo. Tudo isto se refere ao protestantismo, sobretudo, o calvinista.

E a Igreja Católica? Esta forcejou, sempre, para safar-se da camisa-de-força em que a meteu o determinismo são-paulino. Todavia, em vez de, francamente, pôr S. Paulo de lado, quanto a este ponto, como o fazemos, quis operar uma síntese entre determinismo e livre arbítrio sem contudo, estabelecer condições aos atributos divinos da *onisciência* e da *onipotência*. S. Paulo refere-se só à *onipotência* com que Deus faz tudo “segundo o beneplácito (Ef 1, 5) ou conselho (Ef 1, 11) da sua vontade”.

Calvino e Cia., para justificar o determinismo, fundam-no na onisciência pela qual Deus sabe, de antemão, tudo o quanto no porvir se esconde. Logo, tudo há de acontecer porque Deus o previu. Os escolásticos e teólogos católicos, tentando deitar poeira nos olhos de todo mundo, saem-se com o estapafúrdio de dizer, como o expõe Vianna Moog: “o argumento prevalece para os humanos que raciocinam em termos de passado, presente e futuro, e não em termos de eternidade, onde não há passado e futuro, mas tudo, desde sempre, foi, é e será *agora*. Nestas condições, Deus

prevê, ou melhor, vê as coisas acontecidas e por acontecer, *porque elas de fato acontecem e não porque tenha DETERMINADO que elas aconteçam*” (1). Os grifos e versal são nossos.

Se as “*coisas de fato acontecem*”, assim sem mais aquelas, o que vale a dizer: ACONTECEM PORQUE SIM!, “e *não porque* (DEUS) *tenha DETERMINADO que elas aconteçam*”; se não foi Deus que DETERMINOU, então, teria sido o ACASO?

Como é que Deus poderia prever fosse lá o que fosse, se isso já não estivesse determinado, de antemão, por ele mesmo? Não é porque ele (como também o homem ao fazer ciência) prevê alguma coisa, que *por causa da previsão* algo aconteça. A previsão, por si só, é inócua, passiva, não tem efeito executivo; porém o *todopoder* a ela associado, sim, tem. Daí que, ao considerar a Divindade, não se pode dissociar um atributo dos demais. Decorre disto que, onde o *Todopoderoso* não criou nem determinou nada, nenhuma previsão é possível, haja vista o CAOS, *que não foi criado por Deus*, e, por isto mesmo, ali, ele não está presente, sendo-lhe, por isto, impossível fazer qualquer previsão..., e tudo se dá ou segue ao sabor do ACASO. Se houvera, no CAOS, Lei e Ordem, e, portanto, previsão, o caos não seria CAOS, e, sim, COSMO no qual Deus se manifesta ou evidencia como Poder, Sabedoria, Beleza, Harmonia, enfim, como o *Sumo Bem* de Sócrates e Platão.

1) Vianna Moog, Bandeirantes e Pioneiros, 88-89

COROLÁRIOS DA PREDESTINAÇÃO PAULINA

“Deus para julgar (diz Vieira), não há mister tempo, porque todas as nossas obras, palavras e pensamentos, desde sua eternidade lhe são e foram sempre presentes” (1).

Esta afirmação do Padre Vieira é só uma variação do mesmo que disse S. Paulo. Assente que Deus para julgar não está dependente do tempo, pelo que todas as nossas obras, palavras e pensamentos, desde sua eternidade, são-lhe presentes para o julgamento, segue-se que antes de ser criado o mesmo mundo, já estávamos julgados, e, ou condenados para os infernos, ou absoltos e garantido para os céus. Ainda não havia o tempo: “O tempo (diz o mesmo Vieira) não é outra coisa senão a duração do mundo. Assim como o tempo começou com o mundo, assim há de acabar com ele”. (2) “O tempo começou com a criação do mundo, porque antes do mundo não havia tempo”. (3) Então, ainda não havia o tempo, e já estávamos julgados segundo nossos pensamentos, palavras e obras, tudo presente à vista de Deus. E embora esta vista de Deus não tenha efeito executivo, o julgamento que se segue a ela, sim, tem.

Se a previsão em ciências humanas (história, economia, política, etc.) fosse possível; e se o dito de Vieira, posto no começo deste artigo, fosse atribuído a um profeta, então, poder-se-ia argumentar: não é porque o profeta previu que as coisas iriam acontecer, que por causa de sua previsão elas acontecem. Dado que sua previsão não é determinativa, nem executiva, o profeta não tem responsabilidade nenhuma pelas coisas que anteviu e profetizou.

Poder-se-ia dizer o mesmo, quando essa futuridade ou futurição vem da parte de Deus que, em criando tudo, determinou como esse tudo havia de ser, e isto “segundo o beneplácito (Ef 1, 5) ou o conselho (Ef 1, 11) da sua vontade”? Acaso a instância superior da suprema Divindade, para efeito de consulta, de orientação, é a VONTADE, pelo que esta fica sendo o ABSOLUTO como entendiam Fichte, Dilthey, Nietzsche e outros?

Deus consultou sua VONTADE, e aconselhado por ela, e obtendo o seu consentimento (beneplácito) pôs-se a agir, a criar todas as coisas passadas que aí estão fixadas no imobilismo do feito, assim como está criando as coisas presentes que são as únicas que estão no tempo (movimento), e ainda há de criar as coisas futuras constantes dos seus planos e projetos imutáveis. E nestes projetos fixos, invariáveis, desde sempre decretou não só como havia de ser determinado homem, como ainda preestabeleceu “suas obras, palavras e pensamentos”, como escreve Vieira.

Frente a esta decretação de tudo, no grosso e no retalho, que é como pensava S. Paulo, há lugar para dizer-se “que não é porque Deus sabe que as coisas vão acontecer, que, por isso, elas acontecem”?

Segundo o próprio Pe.Vieira (para não recorrermos à Física) *tempo é a duração do movimento*. “O tempo começou com a criação do mundo, porque antes do mundo não havia tempo” Por conseguinte, quando ainda não há o movimento, que é o futuro, e depois de ter havido o movimento, que é o passado, não existe o tempo. Como é então, que esse passado que se imobiliza na obra acabada, e esse futuro que se fixa no projeto podem ser presentes e tempos na mente Divina, se tudo, aí, é *agora*, tudo é movimento, e transformação, e mudança; e isto, logo para Deus que é eterno, ou seja, sem tempo, ou intemporal?

Eis os fundamentos do historicismo (o mesmo que predestinação e fatalismo) de S. Paulo, do

qual, via Calvino, surgiu o nosso mundo moderno... com todos os complicados problemas que o atormentam e o aturdem, inclusive o do esvaziamento das igrejas e a agonia das religiões. Fale Vianna Moog:

“Na luta entre a economia e a ética, luta que se prolongaria até nossos dias, Lutero foi apenas o primeiro momento: o divisor das águas seria Calvino. Com Calvino é que a história doutrinária do capitalismo toma corpo e alento, com Calvino é que os camelos começam a passar pelo fundo da agulha”. (4) Mais:

“Para começar, da teoria calvinista da predestinação, em oposição à doutrina do livre arbítrio, surgiria o determinismo. E logo em seguida, todas as demais teorias a que o determinismo serviu de base”...

“Daí por diante nenhuma teoria ou filosofia deixaria de trazer a marca das concepções calvinistas (...) Em Freud a marca de Calvino está, como assinala Hilaire Belloc, no *sentido da fatalidade*. Em Karl Marx, no conceito de luta de classes, com o triunfo final do mais forte. Na Antropogeografia de Ratzel e de Montesquieu, o sinal seria ainda e sempre o determinismo, a concepção de que o homem, como o universo, é governado por leis, tal como a natureza, e que tudo quanto há que fazer é surpreender estas leis e esgotar com elas os seus fenômenos” (5).

- 1) Vieira, Sermões, Ed. das Américas, 4, 46
- (2) Vieira, Sermões, Ed. das Américas, 4, 33
- (3) Vieira, Sermões, Ed. das Américas, 5, 162
- (4) Vianna Moog, Bandeirantes e Pioneiros, 88
- 5) Vianna Moog, Bandeirantes e Pioneiros, 88

MAIS SÃO-PAULINO QUE SÃO PAULO

O que é um postulado? É uma intuição transintelectual que, por isto, não pode ser provado. Daí que *postular* é pedir: pede-se que se conceda que tal coisa é “*assim-assim*”; e sobre esse “*assim- assim*” do postulado, erige-se toda uma ciência, como a geometria, como a matemática.

As ciências matemáticas, desde aí, são aplicadas em construções diversas, como pontes, edifícios, máquinas, e tudo isto funciona às mil maravilhas. Porém, e se não funcionasse? Pois se não funcionasse, era preciso rever o *postulado*, reconsiderar a *intuição inicial*. Resulta disto que, sem exceção, todas as vezes que uma teoria se mostrar desastrosa nos seus resultados práticos, ela tem que ser revista e modificada, desde os seus fundamentos.

Assim é com a doutrina da predestinação de S. Paulo, e só dele, e, não, de Cristo. Vejamos:

Às qualidades do *ser que é* de Parmênides (o mesmo EU SOU O QUE SOU – Ex 3, 14), todas deduzidas pelo mais rigoroso raciocínio lógico, foram acrescentados dois atributos que não constam da dedução de Parmênides, nem cabem nela. Esses atributos do *Ser por excelência*, Deus, são o da *onipotência* e o da *onisciência*. Atributos são aquilo que se atribui. Quem atribui? Não mais que os mesmos homens. Os atributos são como os postulados da matemática, das ciências. E, como vimos atrás, se as conseqüências dos postulados não funcionarem, ou forem desastrosas, esses postulados têm que ser revistos.

Em lugar de modificar o atributo da *onipotência* e da *onisciência ATRIBUINDO condições novas*, fazendo a síntese das contradições, queremos que esses *atributos* atribuídos por nós, e só por nós, sejam *absolutos*, e, por isto, não possam ser revistos, quaisquer que sejam os seus resultados. Em vez de operar a síntese, há os radicais que argumentam, como escreve Vianna Moog: se as coisas têm de acontecer, “o indivíduo não é livre, ou, se é livre e dono do seu destino, Deus não será onisciente”. Como será essa síntese? Ei-la:

É mais certo dizer que Deus *só é onipotente antes da ação*, e, depois dela, ele se LIMITA ao que programou, do que dizer que ele, a qualquer momento, pode alterar o proposto com o que cessa de ser IMUTÁVEL. É mais certo dizer que ele é *onisciente até o ponto em que criou um ser* (o homem) LIVRE e AUTÔNOMO, e, portanto, RESPONSÁVEL pelos seus atos, do que afirmar que Deus continua presciente, e sabe o que esse ser LIVRE, e AUTÔNOMO, e RESPONSÁVEL vai fazer.

Em vez desta síntese entre *livre arbítrio* e *determinismo*, os teólogos e escolásticos mantêm as contradições ao explicarem, como diz Vianna Moog, “que o argumento prevalece para os humanos que raciocinam em termos de passado, presente e futuro, e não em termos de eternidade, onde não há passado e futuro, mas tudo, desde sempre, foi, é e será *agora*. Nestas condições, Deus prevê, ou melhor, vê as coisas acontecidas e por acontecer, *porque elas de fato acontecem e não porque tenha DETERMINADO que elas aconteçam*”. (1) Os grifos e os versais são nossos.

De onde é que os tais escolásticos e teólogos tiraram que as coisas “*de fato acontecem e não porque tenha (Deus) DETERMINADO que elas aconteçam*”? Acaso, para Deus saber o futuro, precisa usar da sua *onisciência*, e não, da sua ONIPOTÊNCIA com a qual DETERMINOU tudo? Sim, senhores... “segundo o conselho (Ef 1, 11) ou beneplácito (Ef 1, 5) da sua vontade”? S. Paulo

não afirma, em nenhum lugar, que o homem é livre, nem que tenha livre arbítrio, nem sua premissa leva à conclusão de que qualquer homem possa safar-se dos decretos que Deus lhe traçou desde e para todo o sempre. Para S. Paulo, Deus tem presciência de tudo, porque seu decreto fatalista é inviolável; porque ele, como ser todopoderoso, preestabeleceu tudo. Ora! ... esses teólogos querem ser mais são-paulinos do que S. Paulo!

Em resposta à doutrina do *vir-a-ser de Heráclito*, Parmênides contrapôs a sua de que o *ser é*, e o *não-ser não é*. Este *ser que é* revelou-se também à intuição de Moisés dizendo-lhe: “Dize ao povo: o **QUE É** me enviou a vós”. (Ex 3, 14) Deste *ser que é*, Parmênides, por rigoroso raciocínio, deduziu todas as suas qualidades: fixo, imutável, intransformável, infinito, eterno etc.

Quando Parmênides disse do *ser* que era *eterno*, entendia, por *eternidade* o *não-tempo*. O *ser é intemporal*. Por que? Porque a idéia de tempo está associada ao movimento; ora, o *ser* é imóvel, imutável, fixo, intransformável, não está no tempo. Agora, vem o teólogo e mistura a idéia de *tempo* passado, presente e futuro, com a oposta idéia de *não-tempo*, de *intemporalidade*, e isto, para safar-se duma contradição da qual, esperneie quanto e como quiser, não se safará. “Quando não se verificam acontecimentos (diz Fritz Kahn), também não há seqüência temporal. O tempo é como a música. A fim de que ela exista é preciso tocar”. (2) O tempo, como se vê, é a duração do movimento ou das transformações. Portanto, em realidade, *só existe o tempo presente* do fenômeno em acontecendo. O tempo passado é só memória, estratificada, fixada, imobilizada, assim como o tempo futuro é *antevisão...* do que pode ser previsto e fixado nas curvas e quebradas do gráfico científico.

- 1) Vianna Moog, Bandeirantes e Pioneiros, 89
- 2) Fritz Kahn, O Livro da Natureza, 1, 46

O LEGADO HISTORICISTA DE SÃO PAULO

É mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha, do que um POBRE entrar no Céu. Esta foi a última consequência do historicismo de S. Paulo, do qual Calvino tirou todas as conclusões que deságuam no capitalismo selvagem do século XIX, que deu início a esta nossa era de industrialização e consumismo. É fácil de entender a justificação calvinista do capitalismo e da discriminação racial, se tivermos à mão os textos de S. Paulo; ei-los:

“29 – Porque os que dantes (Deus) conheceu também os predestinou para serem conforme à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos”.

“30 – E aos que predestinou a estes também chamou; e aos que chamou a estes também justificou; e aos que justificou a estes também glorificou”. (Rom 8, 29-30). Mais:

“5 – E nos predestinou para filhos de adoção por Jesus Cristo, para si mesmo, segundo o beneplácito de sua vontade”.

“11 – Nele, digo, em quem também fomos feitos herança, havendo sido predestinado, conforme o propósito daquele que faz todas as coisas segundo o conselho da sua vontade” (Ef 1, 5-11).

Aí está. Os predestinados para filhos adotivos, e por isto mesmo chamados, e justificados, e glorificados, estes são irmãos de Cristo, de modo que este, ao invés de unigênito de Deus, passasse a ser “o primogênito entre muitos irmãos” (Rom 8, 29).

Por outro lado, não há lugar nenhum que diga serem os precitos os condenados, os vasos de ira criados por Deus para o fogo, de algum modo irmãos de Cristo. Por esta razão escreve Vianna Moog: “Para o protestante Calvinista a fraternidade é irrealizável, porque o mundo está desde sempre dividido entre eleitos e condenados, entre puros e pecadores, cabendo aos eleitos e puros descobrir os sinais da condenação e segregar ou eliminar os condenados” (1).

Qual é o sinal da condenação? Para Calvino é a pobreza. “O horror que ele tem ao pobre! Pobreza é sinal de condenação” (2).

Pela recíproca, as provas de salvação são as riquezas. “Na predestinação calvinista, Deus envia sinais desta prova com as recompensas que concede ao trabalho, seja em termos de êxito, seja em termos de riqueza”. (3) Escreve Leo Huberman: “Era melhor cristão o homem cujas atividades fossem mais adequadas à aquisição de fortuna – ao espírito do capitalismo. Uma união perfeita” (4). Ainda Huberman: “Esse é o espírito capitalista. Para o calvinista, tal ensinamento não era um conselho, no sentido comum, mas um ideal de conduta cristã. A melhor forma de trabalhar para a glória de Deus era colocá-lo em prática”. (5) E assim como há nações e homens ricos, há homens e nações pobres. Daqui saiu a discriminação racial; portanto, “sem calvinismo não haveria discriminação racial nem capitalismo”. (6)

A pobreza, pois, é o sinal da perdição, assim como a riqueza o é da salvação; em razão disto Deus, já nesta vida, cumula seus eleitos, seus agraciados, com bens de toda sorte. Daí o dizer S. Paulo: “E sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a

Deus, daqueles que são chamados por seu decreto” (Rom 8, 28). Mais coerente seria dizer: “todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles” aos quais Deus ama, e que, por isto mesmo, “são chamados por seu decreto”.

E os a quem Deus amaldiçoou, só porque o quis, seu capricho sendo a norma, esses poderão ser explorados pelos ricos, os salvos, os eleitos. Visto que os pobres estão condenados ao inferno, onde irão arder por toda a eternidade, porque assim Deus o quer, “segundo o beneplácito de sua vontade” (Ef 1, 5), como diz S. Paulo, não há nada de mais que, nesta vida, enquanto ainda não foram para o fogo, trabalhem até estourar para os ricos de Deus, para os eleitos, para os salvos.

Daí que não tinha nenhuma importância, no século XIX, as crianças dos orfanatos irem para as indústrias inglesas, alemãs, italianas, etc., a fim de trabalharem dezesseis horas por dia, dormirem em pocilgas e comerem restos como cães. Não tinha a menor importância que tais crianças de orfanatos, juntados aos filhos de artesões desempregados, morressem aos milhares já de doenças, já de acidentes do trabalho, sem direito a nada, a nenhum benefício social. Não tinham a mínima importância acabar com os índios das duas margens do Mississipi, como se fez nos Estados Unidos. E os negros? Estes escravos eram já para a perdição eterna, e deviam, enquanto vivessem, servir aos justos que eram os de pele branca, cabelos louros e olhos azuis. Quem não tinha olhos para enxergar que o branco ariano possuía um ar divino no semblante, em contraposição com a carantonha diabólica do negro africano?

Eis por que se faz necessária um NOVA FILOSOFIA.

- 1) – Vianna Moog, Bandeirantes e Pioneiros, 66
- 2) – Vianna Moog, Bandeirantes e Pioneiros, 64
- 3) – Vianna Moog, Bandeirantes e Pioneiros, 65
- 4) – Leo Huberman, História da Riqueza do Homem, 180
- 5) – Leo Huberman, História da Riqueza do Homem, 181
- (6) – Vianna Moog, Bandeirantes e Pioneiros, 61

INCOERÊNCIAS INEVITÁVEIS

Desde que aceitamos uma premissa, impõe-se-nos, necessariamente, as suas conseqüências. Quando afirmamos que *Deus é onisciente*, pelo que conhece tudo o que *foi, é e será*, vem a conclusão paulino-calvinista de que, como também diz Vieira, “todos os homens quantos há, e houve, e há de haver no mundo, ou são predestinados que se não de salvar, ou são precitos que se não de perder” (1). Mais: “A predestinação de todos e cada um de nós, está decretada *ab aeterno*, e conhecida na presciência Divina, que é imutável”. (2) Segundo Vieira, comentando a teologia católica, os predestinados se salvam mediante as obras; escreve ele que “*previu Deus* desde sua eternidade os *merecimentos* e *as obras* de cada um” (grifamos), e conforme essas obras predeterminadas ou previstas, os eleitos se salvam. S. Paulo diz outra coisa, porém dá na mesma: “Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus. (Ef 2, 8) “E isto”, ou seja a *fé* (S. Paulo), ou *as obras* (Vieira), “não vem de vós; é dom de Deus”.

A primeira conseqüência que se há de tirar disto, é que não vale de nada pregar o Evangelho, nem é preciso conhecê-lo, porque é absolutamente impossível que os *salvos possam perder-se*, do mesmo modo que é absolutamente impossível que os *perdidos possam salvar-se*. S. Paulo é taxativo quanto a salvação pela graça (predestinação): “Não vem das obras, para que ninguém se glorie”. (Ef 2, 9)

Suponhamos porém, que a salvação vem pelas obras, como diz Vieira; mesmo assim, tais obras, segundo o padre, estão previstas, “*post praevisa merita*”, como ele escreve. Os predestinados não têm como escapar de ter *fé*, que é um dom irrecusável, e são obrigados a praticar *boas obras, fé* e *obras* previstas desde sempre na onisciência de Deus. Que predestinado poderia desapontar a Deus, descumprindo os desígnios divinos traçados em seu benefício?

É impossível iludir o inevitável desta conclusão da qual surgem todas as incoerências: pregar-se para salvar, sendo que pregação nenhuma pode salvar os perdidos, porque estão condenados *ab aeterno*; e pretender salvar os salvos é redundância ou suplementação risível!

As obras não salvam, diz S. Paulo; no entanto, Vieira traduz o texto latino de I Cor 9, 27, deste modo: “Faço penitência, diz S. Paulo, para que pregando aos outros, não me condene a mim” (3). Se a salvação não vem por merecimento nenhuns, “para que ninguém se glorie”, é inútil fazer penitência, o que implica em subjugar o corpo e reduzi-lo à servidão, porque é impossível ao eleito de Deus ser reprovado por ele. Para ser coerente, S. Paulo havia de dizer: faço penitência, porque não me resta outra alternativa visto achar-se ela nos imutáveis e iniludíveis decretos de Deus. Apesar desta absoluta impossibilidade de o eleito perder-se, e de o precito salvar-se, escreve Vieira: “Mas ouçamos a toda a Igreja Católica, coluna da fé e da verdade, a qual no princípio da quaresma, em que nos exorta à penitência, faz a Deus esta notável oração: (...) Deus, a quem só é conhecido o número dos escolhidos que não de gozar a eterna felicidade, concedei-nos, como vos pedimos, que o *livro da bem-aventurada predestinação retenha e conserve em si os nomes de todos os fiéis que nele estão escritos*”. (4)

A reticência, posta entre parênteses, substitui o mesmo texto da oração em latim, e os grifos são nossos. Pedir a Deus que retenha o registro dos nomes dos bem-aventurados no livro da eterna predestinação, é supor que Deus possa, de repente, ter-se enganado, ou arrependido, ou mudado de idéia, e, por isto, agora, queira riscar alguns nomes desse livro. Todavia, se Deus é imutável em seus desígnios, e não pode enganar-se, nem mudar de idéia, ipso facto, também não pode riscar nome nenhum, pelo que se torna até afrontoso duvidar da presciência e destinação divinas; na melhor das hipóteses, tal pedido é ocioso, para não dizer absurdo pois se pede para **Deus não fazer** aquilo mesmo que ele **não pode fazer**.

Eis, aí, uma coisa que **Deus não pode fazer**: riscar do livro da bem-aventurança os nomes de alguns escolhidos, ou escrever nele os nomes de alguns malditos. Se se disser que ele pode, sim, fazer tais coisas, porque é **onipotente**, no ponto que o fizer, cessa a sua onisciência... porque, neste caso, não anteviu que isso ia ocorrer.

Eis posto um contra o outro, dois atributos de Deus: sua onipotência versus sua onisciência. Se Deus prevê tudo, **limita-se ao previsto**, e esta limitação tira-lhe o ser todopoderoso. Se é todopoderoso e, por isto, muda as suas previsões e projetos, esta mudança de rumo tira-lhe o ser onisciente.

Aqui está mais uma razão por que é necessária uma NOVA FILOSOFIA.

- 1) – Vieira, Sermões, Ed. das Américas, 2, 399-400
- 2) – Vieira, Sermões, Ed. das Américas, 10, 390
- 3) – Vieira, Sermões, Ed. das Américas, 3, 71
- 4) – Vieira, Sermões, Ed. das Américas, 10, 391-392

IRIAM OS POBRES PARA O INFERNO?

Paulo de Tarso era judeu-romano, educado aos pés do sábio Gamaliel, o Doutor da Lei. Pregou na Grécia sobre o Deus desconhecido, Deus que, por ser desconhecido, tinha seu altar vazio. Estes dados bastam para identificar a Paulo, da cidade de Tarso (Sicília), como um homem extraordinariamente inteligente e culto, além de eminentíssimo orador. Vieira: “Era Paulo aquele famosíssimo orador, que de três coisas que desejava ver Santo Agostinho, a primeira era a humanidade de Cristo, e a segunda a Paulo pregando” (1).

Ora bem: nenhum homem pode livrar-se do seu passado cultural, ainda que se chame Paulo de Tarso. Sua formação cultural judaica sobrepondo-se à greco-romana, ressurgiu, como um atavismo, e o velho Deus hebreu mostra-se parcial e caprichoso, ainda que Cristo já o houvesse trocado pela concepção do Pai amantíssimo e bondoso. Este Deus-Pai de Cristo não é o Jeová tribal de que fala S. Paulo. Ouçamos Vieira:

“Falo por boca de S. Paulo, o qual diz que do mesmo barro de Adão, fez Deus uns homens para vasos de ira, que são os que se condenam: (Rom 9, 22) – e outros para vasos de misericórdia, que são os que se salvam: (Rom 9. 23). – E com que poder, e com que justiça faz isto Deus? Com aquele poder e com aquela justiça – responde o mesmo S. Paulo – com que o oficial que tem o barro nas mãos pode fazer dele uns vasos para o fogo e outros para o altar!”. (2) A comparação não foi feliz, porque, tanto o vaso que vai para o altar, como a panela de barro que vai ao fogo, não são criaturas viventes que pensam, amam, sofrem e choram. Ora, criar tais seres viventes exclusivamente para arderem no fogo eterno, pode ser obra de Jeová paulino, mas não do Pai amoroso, segundo Cristo.

S. Paulo não declarou a premissa de que partiu; porém, não pode ser ela outra que não a de Santo Agostinho, e, depois, a de Calvino, ou seja: da **onisciência** de Deus saiu a conclusão de que **muitos se hão de perder**. Ao manusear o barro dizia Jeová consigo: este vaso é para o fogo eterno, sem remédio ou remissão, tal o quer a minha vontade, e este outro vaso será meu filho dileto em quem me comprazo em olhar. Os salvos, os eleitos, os escolhidos, os que se acham em graça para todo o sempre, são os que Deus conhece; e os malditos, os que ele desconhece. E àqueles aos quais, desde sempre, conheceu, a esses predestinou para serem conforme à imagem de seu Filho dileto, de modo que este Filho, ao invés de **unigênito, passasse** a ser o **primogênito** entre muitos irmãos. (Rom 8, 29)

Tal, o seu decreto, e os chamados por seu decreto, esses são os salvos, os escolhidos, os que forçosamente, hão de amar a Deus. “E sabemos (diz S. Paulo) que todas as **coisas** contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados por **seu** decreto”. (Rom 8, 28) Se todas as **as coisas** são **para o bem** dos tais escolhidos, segue-se que, já nesta vida, os escolhidos são abençoados. Esta é a causa por que dizia Davi: “nunca vi desamparado o justo, nem a

sua descendência a mendigar o pão” (Sal 37, 25). É por isso que “haverá fazenda e riqueza na casa do justo”, (Sal 112, 3) e ele “crescerá como a palmeira”. (Sal 92, 12)

Por conseguinte, conclui Calvino, os predestinados, já nesta vida, recebem o amoroso favor divino. Este favor aparece sob a forma de riqueza, de renome, de prestígio. Logo, a riqueza, o renome, o prestígio são sinais de salvação. Pela recíproca, a pobreza, a miséria, a fome são sinais de perdição. Agora, cada um que olhe o mundo e veja quais os salvos e quais os perdidos. Os ricos são os salvos, e os pobres, os perdidos. Quando há inundações, ou secas, explosões de minas, soterramento de favelas pelo deslizamento de encostas, quais os que perecem? A quem os médicos tratam com refinado esmero? De quem é o mundo, com todos os confortos que só a riqueza pode propiciar? Já se vê que a **riqueza é um sinal de salvação**.

As crises, dizem os economistas, resultam do excesso de produção, seja industrial, seja agrícola, excesso que o mercado não pode absorver. Que mercado? Mercado dos que podem pagar, ora bolas! Os pobres, sem recursos nenhuns, não existem para o mundo capitalista. A miséria dos pobres nada tem a ver com excedentes. Os banqueiros, também, às vezes, têm excedentes de capital. Como podem dizer que está sobrando dinheiro, sem que saibam em que aplicar? Acaso não há escolas, hospitais, estradas e pontes por fazer? Ocorre que, como diz Leo Huberman, **NENHUM CAPITALISTA** perguntaria, jamais: **o que está precisando fazer?** Em vez disto ele inquire: **o que me vai dar lucro?**

O LUCRO, de que se derivou LOGRO, aumenta a riqueza dos ricos, e os fazem portadores do SINAL DA SALVAÇÃO, segundo Calvino, com base nos ditos de S. Paulo. Por outro lado, pela recíproca, o LOGRO, a MENTIRA, como a alma dos negócios, é base da exploração que, se deixada solta, produziria legiões de necessitados, de pobres... os quais, porque deserdados da graça, desconhecidos de Deus, começam a padecer o inferno, já nesta vida. Segundo este correto raciocínio, **é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que um POBRE entrar no Céu**.

Eis por que é preciso uma **NOVA FILOSOFIA**.

- 1) – Vieira, Sermões, Ed. das Américas, 5, 46
- 2) – Vieira, Sermões, Ed. das Américas, 8, 287-288

OS ELEITOS DE DEUS E OS CONDENADOS

Com todo o respeito e admiração que merece a grandeza do apóstolo S. Paulo, a NOVA FILOSOFIA tem de repudiar o CRISTIANISMO PAULINO, no que se refere à DOUTRINA que afirma ter Deus PREDESTINADO uns tantos anjos e uns tantos homens para *a salvação*, e outros tantos de uns e de outros para *a perdição eterna*. Esta DOUTRINA não é de Cristo, e, sim, só de S. Paulo, e se chama HISTORICISMO, como já foi visto ao tratarmos da *“Filosofia da História”* neste jornal, em 30-03-85. O *historicismo* é a *crença* segundo a qual a história se rege por leis, donde serem possíveis as previsões, as profecias, a futurologia.

Mesmo as profecias, nem sempre são para cumprir-se, funcionando, apenas, como alertas. Jonas recebeu a incumbência de ir pregar aos ninivistas, e em seu sermão profetizava: “Dentro de quarenta dias Nínive será destruída” (Jon 3, 4). Todavia, como todos se arrependessem de suas maldades, o castigo foi suspenso, e a profecia não se cumpriu. O mesmo fazem os economistas com muitas de suas previsões cujo objetivo é forçarem a que se produzam efeitos contrários.

Para os historicistas, a História se rege por leis; para S. Paulo, Deus escreve a História não só a do mundo, como a de cada homem... cujo destino será, ou sua salvação, ou sua perdição, uma e outra inexoravelmente traçadas por seus decretos. Nínive seria destruída por causa das obras más de seus habitantes. Pelo arrependimento e sob promessa de emenda, Deus suspendeu a execução da sentença. Tão certo é que o arrependimento e emenda vale para todos, indistintamente, que o próprio Cristo, como refere S. Pedro, já ressuscitado, foi, em espírito, pregar aos espíritos que estavam em prisões, desde os dias de Noé, por duvidarem de que o mundo seria inundado pelas águas. (I Pe 3, 19-20)

Logo, Cristo prega e liberta a espíritos encarcerados desde os dias de Noé? Sim. Pois se esses espíritos eram *eleitos de Deus, escolhidos, santos*, como se achavam infernados? Se eram *malditos, réprobos, condenados*, como os poderia Cristo libertar?

Procura explicar este ponto o Pe. Vieira ao escrever: “É de fé que Cristo desceu aos infernos: (...) Também é de fé que há dois infernos, um inferior, e muito mais abaixo, onde estava o rico avarento, e outro superior, e mais acima, onde estavam Abraão e Lázaro. Desse inferno superior tirou Cristo todas as almas que lá estavam, mas do inferno inferior – ou Cristo descesse lá presencialmente, ou não – não tirou alma alguma” (1). Este inferno superior, como já ficou dito, se chama Limbo. Pois escreve Vieira que “os inocentes pelo pecado original irão ao Limbo, que também é inferno, pois não hão de ver a Deus para sempre”. (2)

Os inocentes que vão para o Limbo por culpa alheia, não podem ver a Deus para sempre.

No entanto, foi a esse mesmo Limbo que desceu Cristo a pregar e a libertar quais espíritos? Se os culpados por não terem em Noé, são libertados dos cárceres infernais, como não de permanecerem nele os inocentes que só estão lá por culpa de terceiros? E se estes inocentes do Limbo forem predestinados à salvação, como iriam parar lá?

É interessante ver a esperneação dos teólogos ao tentarem resolver os problemas tão insolúveis como o da quadratura do círculo, que nascem da predestinação. Vieira: “A predestinação de todos e cada um de nós, está decretada *ab aeterno*, e conhecida na presciência Divina, que é imutável; (...) previu Deus desde sua eternidade os merecimentos e obras de cada um, e conforme as mesmas obras, que são as que agora fazemos e fizermos até a morte, ou as boas, feitas com sua graça, ou as más, feitas sem ela, por nosso livre alvedrio, decretou o mesmo Deus a salvação de uns e a condenação de outros”. (3) Os homens se salvam por suas boas obras, e merecimentos; só que estes merecimentos e boas obras resultam da graça de Deus, a qual é concedida só aos predestinados. S. Paulo diz outra coisa, mas cai na mesma; diz ele: “Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus”. (Ef 2, 8) A salvação vem pela graça; mas quando foi predestinada a salvação dos escolhidos, Deus predeterminou também os meios: *por meio da fé* (S. Paulo), e *pelas obras* (Vieira), por isso que tanto as *obras boas* como a fé, juntamente com a *graça* são dons de Deus.

Uma das conseqüências (e há várias) disto, é que os predestinados não são livres, uma vez que, tanto as obras que praticam como a fé que têm foram *impostas como dons*. E os salvos não têm como recusar tais dons, porque, se isto ocorresse, Deus ter-se-ia enganado em sua presciência. Por outro lado, o livre arbítrio (alvedrio – Vieira) só é possível para os precitos, amaldiçoados e perversos, porque suas obras se executam sem a graça, donde se segue que estas obras, embora Deus possa prever que existirão, não pode determinar o modo como não de ocorrer, cessando, portanto, aqui, a presciência Divina. O pior de tudo é que, tendo Deus criado anjos e homens para a perdição, e sendo que tais perdidos praticarão obras má, então, Deus é o único culpado pela maldade do mundo. Tivera criado só almas eleitas, o mundo seria bom.

Aqui está por que é indispensável uma **NOVA FILOSOFIA**.

- 1) – Vieira, Sermões, Ed. das Américas 7, 219
- 2) – Vieira, Sermões, Ed. das Américas 7, 220
- 3) – Vieira, Sermões, Ed. das Américas 10, 390-391

NECESSIDADE DE UMA NOVA FILOSOFIA

Quando afirmamos ser necessária uma NOVA FILOSOFIA para responder ao **DESAFIO do nosso tempo...** que é o DESAFIO da DOUTRINA DA EVOLUÇÃO,... nessa afirmação não estamos só. Clama, também, Ortega, por um **novo norte** filosófico ao escrever:

“O europeu está só, sem mortos vivos perto de si; como Pedro Schlehmil, perdeu sua sombra”. (1) “No dia em que volte a imperar na Europa UMA AUTÊNTICA FILOSOFIA – ÚNICA COISA QUE PODE SALVÁ-LA – , compreender-se-á que o homem é, tenha ou não vontade disso, um ser constitutivamente forçado a procurar uma INSTÂNCIA SUPERIOR” (2). Os versais são nossos.

Também Bertrand Russel, insatisfeito com o rumo que tomou o mundo, propõe esta solução: “O problema de uma ORDEM SOCIAL duradoura e satisfatória só pode ser resolvido combinando-se a solidez do Império Romano com o idealismo da Cidade de Deus de Santo Agostinho. Para conseguí-lo, será necessária uma NOVA FILOSOFIA” (3). Os destaques são nossos.

A desorientação do mundo também desalenta Gusdorf que por isto mesmo, escreve: “Não há, de maneira alguma, certeza absoluta de que o pensamento de amanhã consiga sair do ATUAL BECO SEM SAÍDA, pois parece cada vez menos provável que um metafísico de gênio possa ser capaz de OPERAR A SÍNTESE de um saber de dia para dia mais extenso e mais complexo”. (4) São nossos os versais.

Por mais faustiano, complexo e extenso que seja o saber na sua forma analítica que, por isto mesmo, se **abre em leque** para especialização cada vez maior, até que a fragmentação das ciências faça que elas se tornem radículas, filamentos, fibrilas, nada, em sua expressão polarmente oposta, totalizante, abrangente, sintética, no CABO UNITÁRIO DO LEQUE, esse mesmo saber é simples. Assente que, como diz Gusdorf: “cada consciência especializada obriga ao uso de antolhos” (5), para compensar isso, nada como a visão panorâmica, unitária, condoreira, do filósofo. Daí que “Bergson definia a metafísica «a experiência integral»” (6).

O jornal “O Estado de S. Paulo”, de 10-07-1979, trouxe uma entrevista da ministra Françoise Giroud com Gilles Lapouge, com o título: “**Ocidente, hoje uma civilização sem projeto**”. Passada uma semana, o mesmo jornal – domingo 17-07-79 – trouxe um editorial comentando a entrevista da ministra com o título: “**Sem projeto, não existe Ocidente**”. Depois de a ministra

declarar-se chocada pelo fato de a civilização ocidental não ter nenhum projeto, ela se justifica: “não creio que uma civilização possa ter por único projeto a manutenção de seu nível de vida”. E acrescenta, no final: “Talvez nasça um projeto. Talvez ele esteja germinando em alguma parte”.

Ora bem: esse NOVO PROJETO para nós, do Ocidente, só é possível a partir duma NOVA FILOSOFIA. E a filosofia que se impõe, agora, é a que faça a SÍNTESE entre CRIACIONISMO E EVOLUCIONISMO, a qual, precisamente por ser NOVA, choca.

Toynbee, em sua obra “Experiência”, repete por várias vezes estar de acordo com São João de que “Deus é Amor” (II Jo 4, 8); mas considerando a *feiura moral, a miséria, dores e malignidade do mundo*, Deus não é onipotente.

Toynbee tem razão. Deus não é onipotente para fazer o que quiser, e sim, para fazer o possível, segundo a linha que se programou por suas leis. Antes de agir, talvez tivesse onipotência, ou um poder infinito para criar o que lhe aprouvesse. Mas lançada a ação criativa, esta ação tem que ser coerente consigo mesma, o que significa: estar condicionada ao programa, ou seja, estar limitada pelo corpo de leis invioláveis. Ora, se é da NATUREZA do Amor ele SER LIVRE, gerada desse Amor a Criatura, esta será forçosamente *livre e autônoma, não podendo Deus* cercear-lhe essa liberdade a qual pode levar essa criatura a negar-se, a inverter-se, a cair, e até a dissociar-se como entidade, sobrando dela apenas a *substância* a qual, porque provinda do próprio Deus, é incriada.

Eis pois, que um terço dos Espíritos celestes caiu em virtude de ter invertido o *impulso amoroso* no seu contrário *impulso egoístico*. Parte destes Espíritos, em caindo, se desfizeram, ocasionando aquilo que se chamou CAOS... do qual está saindo este nosso UNIVERSO, por EVOLUÇÃO.

Portanto (aqui, outra novidade!), Deus *não criou diretamente este mundo* o qual está sendo *recriado por evolução*, na base da loteria, do acaso, por meio do qual as coisas se encaixam, porque há nelas os entalhes ou modos de entrosar-se (leis) que são aqueles mesmos da PRIMEIRA CRIAÇÃO, e que, por isto, agora, pré-são às mesmas coisas.

Deus, do Amor-Substância que é, criou os Espíritos celestes juntamente com o seu mundo, o empíreo. Porque a Substância-Amor é LIVRE (móvel, transformável) ficou implícita a possibilidade (não necessidade) de queda.

De início, porém (outra novidade), Deus não sabia quais os Espíritos que se iam perder, e quais os que iam ter-se na virtude, porque onde há LIBERDADE E AUTONOMIA, não pode haver PRESCIÊNCIA, nem mesmo para Deus! Com isto fica negada a DOCTRINA da PREDESTINAÇÃO do apóstolo São Paulo, e, depois dele, a de Calvino, DOCTRINA que fez tanto mal ao Ocidente e ao mundo, haja vista a justificação calvinista de CAPITALISMO cuja fome e sede de LUCRO (donde vem *logro*) é insaciável; CAPITALISMO que, hoje, deságua no reino da animalidade (gula, luxúria), da incontrolável COBIÇA e do desenfreado CONSUMISMO.

- (1) – Ortega y Gasset, A Rebelião das Massas, 88
- (2) – Ortega y Gasset, A Rebelião das Massas, 177
- (3) – Bertrand Russel, Obras Filosóficas, III, 9
- (4) – Georges Gusdorf, Tratado de Metafísica, 405
- (5) – Georges Gusdorf, Tratado de Metafísica, 171
- (6) – Georges Gusdorf, Tratado de Metafísica, 179

O PORQUE DA INSOLUBILIDADE DOS PROBLEMAS

De vez em quando assistimos, pela televisão, a simpósios em que especialistas de áreas diferentes se põem a debater algum problema moderno que aflige hoje a humanidade. Tais problemas são por exemplo: criminalidade infantil, por que se drogam os jovens? Aumento do índice de criminalidade, desagregação da família, ineficiência do Estado em dar proteção, invasão do Ocidente por seitas religiosas, não cristãs, etc. Verificamos que não se chega a consenso nenhum, por uma razão muito simples: falta a cada um dos membros do congresso uma visão de conjunto que é própria da filosofia. E não se convida nenhum pensador, ou porque o não há, ou porque se o desconsidera. E ainda que haja algum “filósofo”, esse é *Doctus cum libro...*, Ph.D. de diploma na mão e anel no dedo, formado (modelado, plasmado, condicionado) por alguma escola oficial, ou seja, mero *professor de filosofia...* que não vai além de recitador daquilo que há nos compêndios. Diz-se que “*o poeta nasce e o orador se faz*”. (1) Igualmente, se pode dizer que o *filósofo de verdade* nasce, e o *professor de filosofia...* que recebe um pergaminho de Ph.D., esse também se faz. “O filósofo (diz Gusdorf) é o homem da totalidade, da composição global onde todas as significações são retomadas e arbitradas em função da pessoa”. (2) Mais: “Tal como o rei Midas, que ao simples contacto transformava em ouro os objetos mais vulgares, o metafísico eleva ao absoluto tudo aquilo em que toca”. (3)

Como em tais reuniões só há especialistas, cada um considera a sua visão particular como sendo a mais importante. O resultado é uma colcha-de-retalhos, sem unidade de pensamento, nem a *hierarquização das idéias*. Ao invés de tudo se convergir para um ponto uniprincipal, para a unidade, tudo se mostra como se foram linhas paralelas, separadas, independentes. Às vezes há até sacerdotes nesses simpósios; mas eles se acanham em afirmar que todos os problemas se reduzem ao *problema-mor* do *colapso das religiões*. Dizer isto, seria pretender que todos se voltassem para a sua, e não é este o caso, porque a sua religião, seja qual for, também está agonizando.

Todo mundo se entusiasma e enche o peito ao falar em CIÊNCIA e TECNOLOGIA, ainda imbuído da crença do século XVIII de que, por esse caminho, poderíamos construir um céu na Terra. A ciência, sobretudo a *Doutrina da Evolução*, deu xeque-mate à Religião e às filosofias, nas

formas em que elas se nos apresentam desde o passado. Não houve renovação (“Eis que faço novas todas as coisas”- Apoc. 21, 5) por meio da reinterpretação dos textos sacros, e as reformas, quando as há, são só superficiais, sem tocar suas bases.

De uma parte, temos que as religiões vigentes se tornaram agônicas, face à impossibilidade de renovação substancial, presas, que se acham, ao seu passado anacrônico. De outra parte, temos que ***nem a ciência nem a tecnologia*** podem oferecer uma ***base para a moral***. E SEM MORAL NÃO HÁ CIVILIZAÇÃO.

Este é o desafio para o nosso tempo... em que nossa civilização cada vez mais se deteriora, indo para aquele estado que Toynbee chama de “***interregno***”, e Gustavo Corção chama de “***diarréia***”. Este “interregno” sempre termina com uma guerra que põe fim à civilização. Foi assim, por exemplo, que a “diarréia” do Império Romano teve seu fim com a invasão dos bárbaros. Mas corremos o risco de morrer da própria “diarréia”, se não houver bárbaros suficientes para nos aplicar o decisivo e finalíssimo “golpe de misericórdia”.

Portanto, sejam quais forem os assuntos, os simpósios teriam de chegar a estas conclusões:

I – Nossa civilização está em colapso, e o está por falta de ***suporte moral...*** encontrável só numa visão abrangente que culmine com Deus, seja o Deus das religiões instituídas, seja o Deus de uma intuição pessoal.

II – O ***suporte moral*** sobre o qual se alicerça nossa civilização, está deixando de existir porque, nem as religiões vigentes, nem as filosofias conhecidas do grande público, soube ou pôde responder ao “repto” (Toynbee), ao DESAFIO DA DOCTRINA DA EVOLUÇÃO.

III – Por conseguinte, é uma questão de ***vida ou morte*** para a civilização, que surja e se imponha essa nova ***filosofia***, a ***Terceira Jornada Filosófica***, que faça a ***SÍNTESE*** entre ***CRIACIONISMO*** e ***EVOLUCIONISMO***. É chegada a hora, e este é o momento histórico de se abrir um ***NOVO CAMPO MENTAL*** que abarque em ***NOVA UNIDADE***, as duas contradições: a ***tese CRIACIONISMO*** e sua antítese ***EVOLUCIONISMO***. Impõe-se, portanto, uma ***nova filosofia***.

- 1) – Silveira Bueno, A Arte de Falar em Público, 22
- 2) – Georges Gusdorf, Tratado de Metafísica, 122
- 3) – Georges Gusdorf, Tratado de Metafísica, 123

FILOSOFIA DA HISTÓRIA

A respeito da História podemos ter várias crenças. Podemos crer que os acontecimentos históricos se dão por acaso; que meros acidentes podem mudar o rumo da História como é o caso de Cromwell que morreu de cálculos renais. A isto, disse Pascal, nos “Pensamentos”, que Cromwell teria sido o senhor do mundo se um *grãozinho de areia* lhe não tivesse obstruído a uretra. Por esta razão Shakespeare põe na boca de um de seus personagens que “a História é uma anedota contada por um idiota”. Há até o “se” histórico pelo qual se faz patente que a História seria outra, não fosse as burradas dos que a escreveram com seus atos.

Podemos acreditar que os eventos históricos se devem ao poder das idéias. Haja vista o sexo, desde há muito oprimido, pelo que se resolveu chamar, hoje, as coisas dele, de “tabus”, e de envolto com estes “tabus” vão de roldão, também, os princípios morais que devem regular as relações entre dois sócios neste tipo de intercâmbio. O psiquiatra, *mas não filósofo*, José Ângelo Gaiarsa passando por cima de todas as implicações sociais e morais do sexo, afirmou: “O sexo, mesmo pornográfico, ajuda a saúde, o prazer e a vida”. (Estadão, 09-01-85)

Deste modo, desde que uma idéia se instala nas mentes, certa ou errada, produz seus resultados na determinação dos acontecimentos. Se estiverem certas tais idéias, a sociedade avança para melhor; no caso contrário, se a idéia for um erro, a sociedade desanda, podendo até acabar-se em nada a civilização, com o taciturno reingresso do homem na barbárie. As civilizações que se foram, foram-se, por terem cometido erros que a natureza não perdoou.

Pode-se ter por crença que o desenvolvimento histórico se deve à influência dos grandes homens. Dir-se-á, então, que a história seria muito diferente se não tivessem nascido Galileu, Kepler, Newton, Einstein, para não falar em Cristo, Sócrates, Platão, Aristóteles. Como seria a História sem Napoleão, sem Marx, sem Lenin, sem Hitler, sem Lincoln? Como entender o Japão moderno sem Mac Arthur.

Estas crenças são relativamente modernas, e surgiram por oposição a uma crença muito mais antiga vinda dos hindus e dos gregos, segundo a qual a História se rege por leis. Como todos os fenômenos naturais (físicos, químicos, astronômicos) são cíclicos, a História também seria cíclica,

donde ela, também pode ser prevista. Esta idéia chamada “historicismo”, “progressismo”, deu motivo a se fazerem profecias premonitórias. Adivinhos, futurólogos e profetas ficaram a imaginar como seria a História futura, e Marx e Engels falam em **determinismo histórico** e do processo dialético pelo qual aquele determinismo histórico se cumpre inexoravelmente.

A Revolução Russa pôs em prática as idéias-crenças de Marx e Engels, criando a URSS comunista, e que se seguiu disto? Pois formou-se um Estado burocrata totalitário em que a aspiração suprema de todos consiste em subir na escala do poder, único modo de gozar de todos os benefícios, privilégios, mordomias e regalos. Diz Paul Samuelson, citado por Joelmir Beting: “A utopia da sociedade igualitária e justa ainda não conseguiu dar resposta convincente a duas perguntas cruciais: quem vai desfrutar da calefação no trabalho de gabinete e quem vai recolher o lixo na nave da rua? Quem será o Primeiro-Ministro e quem lavará a latrina do Primeiro-Ministro?” Eis, pois, que quem está embaixo fica embaixo mesmo, e com as migalhas, como soe sempre ser, donde ter razão Cristo em afirmar: “Os pobres sempre os tendes convosco...” (Jo 12, 8)

O primo-irmão do comunismo é o nazi-fascismo que nos brindou com a Segunda Conflagração Mundial. Se o comunismo é a esquerda, o nazi-facismo é a direita hegeliana (doutrina do Estado totalitário de Hegel). A este respeito, fale Leo Huberman: “O programa do Partido Nacional Socialista, dos trabalhadores alemães, estava cheio de iscas, formadas de palavras-chaves socialistas, para atrair os descontentes”. (1) E daí? Daí que “três anos de governo foi tempo bastante para os nazistas esmagarem os sindicatos, confiscarem seus fundos, prenderem seus líderes. Três anos foi tempo bastante para os nazistas reduzirem os salários e os serviços sociais – em suma, para distribuir a renda nacional de acordo com os desejos dos Grandes Negócios”. (2)

Esta é a razão mais que suficiente para Ortega escrever: – “Um e outro – bolchevismo e fascismo – são duas falsas alvoradas; não trazem a manhã do amanhã, mas o de um arcaico dia, já usado uma ou muitas vezes; são primitivismo”. (3)

O “arcaico dia já usado uma e muitas vezes”, é o **totalitarismo tribal**, sempre autoritário, tirânico, que, mais tarde, recebeu o nome de monarquia, império, reinado, etc. “Por isso são **bolchevismo e fascismo**, as duas tentativas «novas» de política que na Europa e seus confinantes se estão fazendo, dois claros exemplos de regressão substancial”. (4) Daí a mui bem merecida guascada aplicada por Ortega, ao afirmar: “Ser da esquerda é, como ser da direita, uma das infinitas maneiras que o homem pode escolher para ser imbecil: ambas, com efeito, são formas de hemiplegia moral”. (5)

1) – Leo Huberman, História da Riqueza do Homem, 314

2) – Leo Huberman, História da Riqueza do Homem, 315

3) – Ortega y Gasset, A Rebelião das Massas, 153-154

4) – Ortega y Gasset, A Rebelião das Massas, 151

5) – Ortega y Gasset, A Rebelião das Massas, 42

TENTATIVA DE CONSTRUÇÃO DE UMA MORAL SEM DEUS

Deus tem que ser intuído como se fora um Horizonte. O Horizonte do povo hebreu dava-lhe um Jeová tribal, exclusivista, vingativo e sanguinário. A tomada da Terra de Canaã ou Terra Prometida, não deixou sobreviventes, nem fez escravos... que pudessem levantar-se, quando Israel, por fraqueza, se mostrou dividido. As "leis da guerra" determinavam que todas as cidades das nações que seriam a herança de Israel, ao serem tomadas pelas armas, deveriam ser destruídas, não ficando vivo nada do que respirasse:... "nenhuma coisa que tem fôlego deixarás com vida". (Deut 20, 6) E assim foi feito, a começar por Jericó. "E tudo quanto na cidade havia destruíram totalmente ao fio da espada, desde os homens até as mulheres, e desde as crianças até aos velhos. Passaram também ao fio da espada os bois, as ovelhas e jumentos". (Jos 6, 21)

Passados, provavelmente, 1.250 anos, e eis que surge, com Jesus, um novo Horizonte em que, agora Deus se nos apresenta como Pai boníssimo, amoroso, solícito.

Como se vê, nossa experiência histórica nos demonstra que **nossa tomada de Ser, de Deus, é relativa**. Contudo, nossa **intuição nos assegura que ele é absoluto**, achando-se, sempre, para além de todos os Horizontes...

Confundindo uma coisa com outra, muitos, ao invés de dizerem que o **homem é relativo**, em razão do que sua **abordagem de Deus é progressiva, histórica**, em vez disto, sentenciam que **Deus é relativo**, sendo, conseqüentemente, **relativa a moral** que dele nasce e nele se sustenta. Que se seguiu disto?

Seguiu-se que foram propostos vários outros fundamentos para a moral, desde que não fosse Deus. A moral estaria subordinada, pela razão, a **motivos científicos**, isto é, a coisas do nosso tempo, e que conhecemos de perto.

Dentre todos os psicólogos que tentaram construir uma **moral científica**, podemos citar Berrhus Frederic Skinner. Ele partiu dos **reflexos condicionados** de Pavlov aos quais ele acrescentou o conceito de **condicionamento operante**. Um rato pode aprender a acionar uma alavanca que lhe abre uma portinhola por onde cai sua comida ou água. Em lugar de **reações orgânicas a estímulos**, como o salivar do cão ao ouvir a campainha (Pavlov), o **rato age para obter**

um resultado; como este agir é condicionado, o nome fica: **condicionamento operante**.

Todas as ações de um animal sobre o meio que o cerca é deste tipo de **condicionamento operante**, pelo que eles, sobretudo os que possuem massa cinzenta cerebral, não só **reagem ao meio**, senão que também **agem sobre ele**. Deste modo, todo comportamento tem sua causa num **condicionamento operante** o qual é repetido, reforçando-se, se for gratificante, e evitado, se for desagradável.

O homem comporta-se tal qual o rato em seu **condicionamento operante**, pelo que busca umas coisas e evita outras no contexto da sua vida, da sua cultura. Quando um homem age não o faz, segundo Skinner, usando seu **livre-arbítrio**, mas, segundo seu **condicionamento** que visa **conseguir** ou **evitar** tal ou qual resultado. E se os resultados obtidos forem gratificantes, estes reforçam os **condicionamentos**, engatilhando-os para novo disparo noutras oportunidades. Tudo claro, tudo certo, tudo científico, tudo sem precisar que haja Deus... para ditar os mandamentos dos quais se tiram, depois, todos os regramentos morais.

Tornado Deus, no dizer de Laplace “uma hipótese desnecessária”, Skinner acrescenta que podemos construir uma sociedade ideal, regida pela técnica comportamentista. Um **planejamento amplo** que vise o **MAIOR BEM** para o **maior número de pessoas** seria a base de aplicação do esforço em conseguir o **comportamento desejável**. Tudo claro, fácilimo e ao alcance da mão.

Só que tem uma dificuldade, para nós, insuperável: tudo fica na dependência do tal **amplo planejamento**. Quem o faria? Um homem? Então é preciso que esse homem explique, primeiro, o que vem a ser o **BEM**. Depois que nos disser o que é o **BEM**, há de nos explicar o que vem a ser o **BEM MAIOR**. Seria o **SUMO BEM** de Sócrates? Mas o Sumo Bem de Sócrates é Deus!... Feito isto, o planejador tem que nos dizer, tintim por tintim, qual é o **Bem que serve ao maior número de pessoas**. Será que Hitler serviria para ser esse planejador?, ou então Marx?, ou então Calvino?, ou então o próprio Skinner? O **BEM MAIOR** é o Estado?, é a Liberdade? Havendo o condicionamento, sobretudo se vindo de fora, cessa a liberdade, e, com ela, a responsabilidade, ficando tudo automatizado, como no admirável Mundo Novo de Aldous Huxley.

OUTRA TENTATIVA DE SE CONSTRUIR UMA MORAL SEM DEUS

Quando, no triângulo cujos lados são **Homem, Mundo, Deus**, tentamos subtrair ou anular o **lado Deus**, outra coisa passa a ocupar-lhe o lugar. Assim, na França do século XVIII, quando se acreditou que a **ciência** e a **tecnologia** poderiam criar um céu na Terra, Deus foi substituído pela Razão.

Igualmente Burrhus Frederic Skinner propõe se ponha no lugar de Deus, um **Planejador** o qual, valendo-se da **técnica comportamentista**, construa uma **sociedade ideal** em que o **MAIOR BEM** sirva a **um maior número de pessoas**. Se tudo ficou na dependência do **Planejador** que **programa os comportamentos a serem implantados**, então, **tudo vai depender da fé, da confiança** que todos hão de ter no **Planejador...**, havido como um ser infalível. Onde é que está esse mais que homem para ocupar o lugar de Deus? Seria o próprio Skinner? Nietzsche já dizia: “Se houvesse Deus, como suportaria eu não ser Deus?”

Outro que pretendeu tirar Deus do alicerce da moral, foi Will Durant. O volume n.º 5 da coleção “Obras Filosóficas” é dele, e traz o título de “Os Grandes Pensadores”. Começa Will Durant sua coleção de pensadores por Confúcio, e dá a razão disso escrevendo:

“(…) Por que incluir Confúcio e omitir Buda e Cristo? Pelo fato de ser um **filósofo moral** antes que um pregador da fé religiosa; pelo fato de seu apelo à vida nobre **ter base em motivos seculares** e não em considerações sobrenaturais; pelo fato de, muito mais que Jesus, assemelha-se a Sócrates”. Os destaques são nossos.

Se Confúcio se assemelha a Sócrates, primeiro de tudo, temos que Sócrates não baseava sua moral em **motivos seculares, temporais, próprios deste mundo**, mas em Deus o qual ele chamava de Sumo Bem. No entanto, vejamos esses tais **motivos seculares** de Confúcio, os quais tornam Deus, como diz Laplace, “numa hipótese desnecessária”. Os tais **motivos seculares** constam de uma Lítania (ladainha) transcrita por Will Durant. Ei-la:

“Os grandes antigos, quando queriam revelar e propagar as mais altas virtudes, punham seus Estados em ordem. Antes de porem seus Estados em ordem, punham em ordem suas famílias. Antes

de porem em ordem suas famílias, punham em ordem a si próprios. Antes de porem em ordem a si próprios, aperfeiçoavam suas almas. Antes de aperfeiçoarem suas almas, procuravam ser sinceros em seus pensamentos e ampliavam ao máximo os seus conhecimentos. Essa ampliação dos conhecimentos DECORRE DA INVESTIGAÇÃO DAS COISAS, OU DE VÊ-LAS COMO SÃO. Quando AS COISAS SÃO ASSIM INVESTIGADAS, o conhecimento se torna completo. Quando os pensamentos são sinceros, a alma se torna perfeita. Quando a alma se torna perfeita, o homem está em ordem. Quando o homem está em ordem, sua família fica em ordem. Quando sua família está em ordem o Estado que ele dirige também pode alcançar a ordem. E quando os Estados alcançam a ordem o mundo inteiro goza de paz e felicidade”. Todos os destaque são nossos.

Como se vê, esta ladainha não passa duma versão asiática dos *Reis Filósofos* de Platão. Tudo o que o príncipe ou rei tem de fazer, é meter-se em estudos filosóficos profundos, ampliando ao máximo seus conhecimentos os quais consistem na “INVESTIGAÇÃO DAS COISAS, ou VÊ-LAS COMO SÃO”.

E o que as coisas são? Quando vamos querer saber o que uma coisa é, no que consiste, ela se desdobra em outras, em outras... Qual é o *ser* que subestá a todas as coisas graças ao qual elas existem? Quando perguntamos: o que é a água?, o que é a luz?, queremos saber em que *consistem*. A água consiste em hidrogênio e oxigênio, e a luz consiste em vibrações eletromagnéticas de determinado comprimento de onda. E será que o rei antigo de Confúcio sabia, já naquele tempo, estas coisas?

Os filósofos gregos (Realismo) respondiam à pergunta, *quem existe?*, dizendo: o mundo existe, as coisas existem e eu como uma dentre tantas. Já os filósofos renascentistas (Idealismo) respondiam à pergunta *quem existe*, dizendo: eu existo, mas, não, as coisas; elas são minhas representações; as coisas não vão além de *fenômenos* para mim; são aparências que percebo como sensações, porém, não verdadeiras realidades. Poder-se-ia, ainda, responder àquela pergunta: nem o mundo, nem as coisas, nem eu existimos, de verdade, mas somente Deus existe. O mundo, eu e as coisas temos um ser que não é um ser em mim, um ser em si, porém um ser em outro, em Deus, no dizer de São Paulo: Em Deus “vivemos, e nos movemos, e existimos”. (At. 17, 28)

E o monarca ou príncipe de Confúcio, engolfado em tais estudos, tem tempo para o governo do Estado? Ou o timão do império fica entregue aos ministros... subordinados à nobreza a qual (sem que a história nunca tenha falhado nisto) faz um governo *de e para* os nobres, com absoluto descaso para com a miséria e sofrimento das massas que ela, com desprezo, chama ralé? Quando é que o rei *vai pôr em ordem a si próprio*, após *aperfeiçoar sua alma*, pelo CONHECIMENTO DAS COISAS, se, até hoje, os filósofos não resolveram o enigma que eles chamam de *o ser das coisas?*

Suponhamos que o Rei Filósofo de Confúcio, pelo método confucionista, achou a sua verdade, ou seja: descobriu o que ele tem, para si, como sendo a verdade. De posse dessa verdade, o Rei, que é sempre um ditador, como iria impô-la aos súditos? Pela força?, na base do “ou crê ou morre” de Maomé? E se o Rei for um tirano benevolente, acaso não estará fadado ao fracasso, como fracassou Akhenaton (Amenotep IV), faraó do Egito? Não é certo, como o expõe Toynbee, que “as grandes inovações vêm sempre de baixo”? não havendo exemplo histórico de algum rei ou príncipe que, sem abandonar o poder, tivesse fundado alguma religião ou moral?

Confúcio poderia, como o fez Platão, ter escrito uma outra “República” para mostrar como seria o Estado Totalitário do seu *Rei antigo...* que pôs em ordem o seu Estado com *se tornar num pensador*. Seria, para aqueles tempos, o que foi, modernamente, o nazismo alemão, o fascismo italiano e o comunismo russo... Eis aí no que deram os *motivos seculares*, para fundar a moral, segundo o bestunto de Will Durant!

ETERNOS PRINCÍPIOS DA MORAL

A umas tantas da iniciação maçônica, pergunta-se ao que deseja ingressar na Ordem: *o que é a virtude?*

“A virtude é o oposto do vício; é uma disposição da alma que nos induz a praticar o bem”. A virtude é a *santidade* ou *sabedoria*, porque as palavras *santo* e *sábio* derivam-se de uma mesma raiz que é *sabor* ou *experiência*. A *sabedoria*, portanto, não é meramente intelectual, mas, sobretudo operacional, *vivencial*. Sábio era o que, nas tribos primitivas, tinha a incumbência de *provar*, de *saborear*, de *experimentar* os alimentos a fim de verificar quais os bons para serem ingeridos pelos demais. Ainda hoje o termo *saber* pode ser empregado com a significação primitiva de *sabor*, pelo que podemos dizer: este refresco sabe a caju; este sorvete sabe a abacaxi. Então, que é a sabedoria? É a ciência de como se conduzir na vida. Essa ciência da vida, portanto, consiste em dar à nossa alma um *equilíbrio* de força e de sensibilidade, *equilíbrio* esse regulado pelos *eternos princípios da moral*. Estes *princípios eternos da moral*, como se depreende, se traduzem por *princípios de bondade e de virtude* os quais, com serem *eternos*, ipso facto, são-nos *ideais* e *imutáveis*. Como tais princípios não podem ser um conhecimento meramente intelectual a *sabedoria*, que é *vivencial*, consiste em habituar o nosso caráter às grandes afeições não só humanas, mas, ainda, a tudo o que seja sublime, superior. Tal, o que ensina a Maçonaria ao iniciado.

Já dizia Platão: “A sabedoria consiste em ordenar bem a nossa própria alma”. Ora, esta regulação ou ordenação da “nossa própria alma” só poderá fazer-se segundo um *padrão* ou *modelo*. E qual será o *padrão* ou *modelo* pelo qual aferimos “nossa própria alma?”

É Deus. Em Deus achamos o *padrão* de aferimento, o *modelo de conduta moral*, e tal como for o *Deus da nossa intuição*, assim será o nosso padrão de conduta, e ainda, o nosso *complexo cultural individual*.

Ora bem: atrás dissemos serem *eternos*, ou *imutáveis*, ou *inamovíveis*, os *princípios da moral*; agora, damos por certo que tais princípios decorrem da *intuição* de Deus que vai de zero, no pré-homem macacóide, até o máximo no gênio construtor de uma religião superior. Se a moral *varia*

com a intuição de Deus, então, ela é relativa, variável no tempo e no espaço, e não fixa ou imutável. A moral, por conseguinte, é tão *histórica* como o é a *intuição de Deus...* mutável do primitivo ao filósofo. Dado que o homem é um ser evolutivo e em evolução, os tais *princípios eternos da moral* são evolutivos também, são relativos, e não, um dado *absoluto, fixo e imutável*.

Este argumento está correto. E sempre que encontramos *duas verdades* em *conflito*, temos de seguir a regra filosófica de superar a *negação*, o que só pode fazer-se por uma GENERALIZAÇÃO MAIOR... que abarque as duas partes contraditórias em nova unidade. Ei-lo:

Dado que a intuição de Deus é progressiva, dinâmica, histórica, e não estática, fixa e imutável, temos que identificar esse progressismo, dinamismo e historicidade, não em Deus, mas no homem. A abordagem de Deus é que é progressiva e histórica. Deus, para nós, tem de ser intuído como se fora um *Horizonte* distante onde céu e terra se unem, onde todas as contradições cessam porque abarcadas pela unidade. E quando atingimos esse Horizonte, por completa assimilação dele em nossa cultura, verificamos que ele se acha mais além, tal qual era antes, onde, outra vez, céu e terra se confinam. De maneira que a relatividade, o dinamismo e a historicidade de Deus, não se acha nele, em Deus, mas em nós, em *nossa tomada de Ser inicial*; não nele, mas na nossa abordagem temporal e progressiva dele.

A MORAL É ABSOLUTA

“Os bens do progresso científico se anulam com a corrupção dos costumes que rompem os vínculos da família e implantam a desconfiança entre os associados, como os (bens) da moralidade de um país desvanecem quando caminha para o seu embrutecimento”. (Enunciado Undécimo do Ritual do Grau 19 da Maçonaria).

Aqui se enuncia uma verdade lapidar, que merecia ser eternizada em letras de ouro nas faces graníticas de um monumento. Em sua sabedoria sustenta este *Enunciado* que “os bens do progresso científico se anulam com a corrupção dos costumes”, costumes que têm seu sustentáculo na *MORAL*; não *MORAL* que vem de “*mores*” que quer dizer *costumes*, donde se tira que os *costumes* estariam assentados sobre si mesmos...; não esta *moral* de “*mores*”, nem *ética* de “*ethos*” que também quer dizer *costumes*, uma e outra com base no *postulado de Aristóteles* que afirma... (mas não o demonstra) ser o *homem um animal social...*, pelo que, sendo-o, possui, em si, quanto necessita para sair sozinho da barbárie, e atingir o pináculo da civilização... Não esta moral que dispensa Deus... como hipótese desnecessária, mas *MORAL* que se chamou desde sempre *MANDAMENTOS DE DEUS...* É por demais evidente (ah! miopia moderna!) que a norma para os *costumes* não podem ser os mesmos *costumes!* Tem que haver uma instância superior fora deles..., que os regule, que os discipline..., à qual cumpre sempre recorrer... Costumes, portanto, que se inspiram numa *MORAL* que emana de Deus.

A moral sempre existiu no mundo associada à religião, sendo o código de conduta (bem agir) entre os homens, ditado por Deus. Todavia, na Grécia, buscou-se outra base para a moral, e fô quando e porque a religião entrou em decadência, sobretudo pela obra dos *cépticos* que submeteram os *artigos de fé* ao crivo da razão, obra que foi secundada pelas dos *sofistas* que eram uns versáteis argumentadores pró e contra tudo. Ora, *sofista* quer dizer *sábio*, e contra estes levantaram-se os

filósofos que, mais modestos, se davam apenas como *amigos da sabedoria*. O substitutivo da *religião*, sobretudo para a classe culta, passou a ser, agora, então, a *filosofia*. O problema da moral, que fora sempre da esfera da religião, passou-se para a da metafísica.

Então, vem Aristóteles e estabelece o *postulado* que afirma: *o homem é um animal social*. Da aceitação deste *postulado*, e o é, porque Aristóteles não o demonstrou, vêm todas as decorrências: sendo, *por natureza (?)* animal social, o homem procura viver em sociedade; vivendo em sociedade, espontaneamente nascem *normas de relacionamento* que são os *códigos éticos*... os quais se reforçam ao se tornarem mais restritos nos *códigos legais*. Essas normas de relacionamento... nascidas de o homem ser, *por natureza*, animal social, são os *usos* e os *costumes*... os quais são *relativos*, e se mudam de acordo com as épocas, com os povos e com os países. Ora, *costumes*, em grego, é *“ethos”* de que se derivou *“ethiké”* que é *ética*. Os romanos fizeram o mesmo: *costume*, em latim é *“mores”*; de *mores* saiu *“moralem”* que quer dizer *moral*.

Pronto!; perfeito!; está colocado o carro adiante dos bois, perfeitamente ao gosto dos racionalistas iluministas do século XVIII ! O homem é, *por natureza*, um *animal social*? Sim, é; então, compelidos pela sua própria natureza a viver em sociedade, os homens se *acomodam entre si*; e esta acomodação são os hábitos que se tornam usos e costumes; como tais *costumes* são *mores*” e *“ethos”*, deles saem *moral* e *ética*. O que aconteceu então, segundo Aristóteles, nos primórdios? Muito simples: os homens levados por sua natureza, isto é, porque *naturalmente sociáveis*, reuniram-se em sociedade, e dessa reunião surgiram os *comportamentos* que se fizeram *costumes* os quais, aos poucos, se foram inscrevendo no que se convencionou chamar de *códigos éticos* e *códigos legais*. Da prática social saíram os *códigos*. Tal como na língua: primeiro é a prática; depois, a gramática.

No entanto, se dermos razão a Lutero, para quem “Aristóteles não passava de *um asno”* ou então, a Huberto Rohden que, mais eufêmico, afirma ser Aristóteles, “na história da filosofia ocidental, o rei dos acrobatas”,² por uma ou por outra opinião, o certo é que o próprio Aristóteles se refuta a si mesmo ao sentenciar, na sua “Política”, que para “o homem viver isolado, ou há ele de ser um deus ou uma fera”. Como a História nos atesta, indubitavelmente, que há *“deuses”*, que são os gênios, os sábios, os santos, todos *INDIVIDUALISTAS*, que ocupam o degrau superior da escada humana, assim como, no extremo oposto da escada, estão os *homens-feras*, ignorantes, animalizados, cruéis, malvados, cheios de instintos anti-sociais, também todos *INDIVIDUALISTAS*, então, como dizer, de modo definitivo, acabado, que *o homem é um animal social*?

A humanidade, pois, divide-se em duas classes que são: homens-massas, gregários, sociais, que vivem *“a crédito da sociedade”* (Ortega), e há *homens individualistas*, autênticos, que são *si mesmos*, não o *social neles*, com capacidade, por isto, de realizar-se no bem ou no mal. Ora, acaso a humanidade pode viver sem os seus *líderes*? Pois fale Toynbee: “A tarefa do líder consiste em transformar os seus semelhantes em seus discípulos; e o único meio pelo qual a Humanidade em massa pode ser posta em movimento, rumo a um objetivo que se encontra para além de si própria, consiste na aplicação da faculdade primitiva e universal do mimetismo”.³ Esses *líderes* da humanidade são os gênios, homens de mentes abrangentes, totalizantes, que possuem a intuição no grau mais excelso, acostumados a retiros fecundos em que, ficando sós consigo, se fazem acompanhar de todas as grandes vozes da cultura que lhes ecoam na consciência. Toynbee: “A alma humana possui uma disposição inata para despojar-se da sua natureza humana, no intuito de revestir-se com a natureza dos anjos e de tornar-se realmente um anjo durante um único instante, – momento que chega e passa tão depressa como um abrir e fechar de olhos. Depois disto, a alma recupera a sua natureza humana, após ter recebido, no mundo dos anjos, uma mensagem que lhe cumpre transmitir ao gênero humano ao qual pertence”.⁴

Nisto consiste o que, para Aristóteles, significa ser *“deus”*. A *“fera”* posta-se na banda oposta, na parte inferior da escala humana, na daqueles que podem ser muito inteligentes e possuir qualificações científicas, porém, aos quais falta a *SABEDORIA!* Para tais científicos, sem

1 Herbert Wendt, À Procura de Adão, 109

2 Huberto Rohden, Filosofia Universal, I, 115

3 Ibn Khaldun, citado por Arnold J. Toynbee, Um Estudo de História, III, 521-522

4 Arnold J. Toynbee, Um Estudo de História, II, 414

sabedoria, porém, que ousam pontificar naquilo que ignoram, não como ignorantes, mas como quem, em suas especialidades, são “sábios”; para estes que Ortega classifica de “sábios-ignorantes”, vale o que escreveu Aristóteles na sua “Política”: “O homem, quando aperfeiçoado, é o melhor dos animais; mas, isolado, é o pior de todos; pois a injustiça é mais perigosa quando armada, e o homem equipa-se ao nascer com a arma da inteligência e com qualidades de caráter que pode usar para os fins mais reprováveis. Por conseguinte, se ele não tiver virtude, será o mais daninho e feroz dos animais.

“E só o *freio social* pode dar-lhe virtude”.⁵ Pusemos em destaque “*freio social*”, para sublinhar que, para Aristóteles, os mesmos homens, por *obra da natureza*, se reuniram em sociedade; e bastou isto para que, espontaneamente, surgissem os *códigos éticos*, os *códigos legais*, a *moral*, que tudo são “*freios sociais*”. E Deus?

Quando Laplace expunha sua teoria do mundo a Napoleão, este perguntou-lhe: “E onde fica em seu sistema o lugar para o criador dos mundos?” “Sire” – respondeu Laplace – “essa hipótese tornou-se desnecessária”.⁶ Tal qual, para Aristóteles, Deus e a religião são *epifenômenos*, nascendo, portanto, da sociedade, e não, vice-versa, que a sociedade seja oriunda do *fenômeno religioso*, e haja nascido, em primeira instância, de um *primado ético-legal*, vindo da parte de Deus, o só capaz de disciplinar os instintos anti-sociais da besta que, em parte, o homem ainda é. “Deus morreu”, dizem os modernos, e o antigo Aristóteles, também, não deixa por menos, ao afirmar que os mesmos homens, sem que para isso fosse necessário Deus, criaram seus próprios *códigos éticos*, sua *moral*.

Como se vê, o *postulado* de Aristóteles permitiu colocar-se o *carro adiante dos bois*, e este feito provocou a parada do carro com a conseqüente enorme confusão. Em meio a esta balbúrdia, em meio a este caos, fala-se hoje em “*nova ética*” *sem pecados e sem tabus*. Por que? Ora, porque *ética* de “*ethos*” quer dizer costumes. Daqui se tira que haverá tantas *éticas* quantos são os possíveis costumes... Tudo, portanto, é permitido, e essa permissividade raia pela loucura mais rematada dos homens... e de um mundo que, porque insensato, porque doido, vai soçobrar no abismo da barbárie. Por enquanto, os bárbaros que já existem em profusão, ainda trajam roupas alinhadas, limpas e perfumadas...; mas é já-já que tais roupas cairão em desalinho, e começarão a aparecer as barbas e os cabelos hirsutos, ambos malcheirosos, dos verdadeiros primitivos.

Como foi possível ao homem... não é “*inventar*”, não é “*criar*”, mas *DESCOBRIR* Deus?... Do mesmo modo como ele assenta um *postulado*, e, sobre este, edifica toda, inteira, uma ciência, como é a geometria. Diz Ortega:

"Quero, no entanto, observar que, diante da doutrina teológica, que faz do homem uma especial criação divina, e a zoológica, que o inscreve nos limites normais da animalidade, cabe um terceiro ponto de vista que vê no homem um animal anormal. Sua anormalidade teria consistido nessa super-abundância de imagens, de fantasmagorias, que nele começou a manar e dentro dele criou um «mundo interior». O homem seria, dessarte, – e em vários sentidos do vocábulo, – um animal fantástico”.⁷ Com ser o homem um animal fantástico, que desenvolveu o *cérebro-inteligência* em lugar das patas, pernas, garras, chifres, farpas e dentes venenosos..., a custa de lucubrar, de especular *sobre o mundo* e *sobre si mesmo*, “criou” um “mundo interior”... composto de tudo que é humano (religião, política, ciências, artes etc.), estando Deus no pináculo de todas as hierarquias desse mundo interior, exatamente como se acha no tope supremo de todas as hierarquias de quaisquer outros mundos possíveis. Do *pensar sobre o mundo* e do *pensar sobre si* surgiu o “mundo interior” em que se divisou uma *hierarquia de valores* cujo tope, oculto em brumas, *Algo* havia, e esse *Algo* para sempre indefinido e indefinível, acabou por chamar-se Deus... que é derivação da palavra *Dia* ou *Claridade*. A primeira característica que se assinalou a *respeito de Deus*, foi que ele é Luz... que se contrapõe às Trevas, sendo a Luz boa, e as Trevas, más. Da plenitude da Luz... cujo resplendor pode tornar cego quem o encarar sem ter os olhos protegidos, inferiu-se a plenitude do Bem, e esta foi a segunda característica consignada a *respeito de Deus*... pois que sendo ele a *Luz Excelsa, Luz Plena*, por isto mesmo é o *Sumo Bem*. “As trevas são negação de luz, e as negações não têm nem podem ter bondade, porque não têm ser. (...) Porque a luz, como tem ser, e tão excelente ser, tem bondade e é boa; porém as trevas, como são negação e

5 Aristóteles, Política, I, 2 – Will Durant, História da Filosofia, 104

6 H. Faust, De Onde Viemos Para Onde Vamos, 88

7 Ortega y Gasset, O Homem e a Gente, 278

não têm ser, não podem ter bondade nem são boas”.⁸ Tudo o que existe é *lucigênito*, dado que a mesma matéria era luz antes, e é agora energia metamorfoseada; e todo ser vivo é *lucífago*, pois que se nutre da luz condensada nos alimentos. Ora, se a Luz se dá a si mesma, na criação de tudo, como energia que é; e depois torna a dar-se a si mesma, como nutrição de tudo quanto vive, que outro Algo haveria para ser posto como sendo o *Sumo Bem*? Diz Vieira que “a etimologia deste nome Deus, deriva-se do verbo dar: chama-se Deus porque dá”.⁹ Deus dá o que? Já o dissemos: Deus dá tudo, porque dá a luz de que tudo *se forma*, e de que *todo o vivo se sustenta*. Esta é a razão suficiente para que *Divindade* ou *Deidade* sejam o mesmo que *Clareza*, porque a raiz “*dei*” do vocábulo *deidade*, é variação de “*div*” (de divindade) que, por sua vez, veio de “*di*”, do sânscrito, e significa *que brilha*.¹⁰

Sartre, descorçoado com o problema ético, não via perspectiva nenhuma para o esforço humano de alicerçar a Moral num *Bem Absoluto*, porque, entre os homens, “não pode haver consciência infinita e perfeita para pensá-lo”. Por outro lado, nenhum homem se torna ético em conformidade com uma lei que ele mesmo, ou outros como ele, criou. O homem não pode, por si mesmo, criar a Ética, por faltar-lhe autoridade; e não pode fundá-la no *Bem Absoluto*, por ser este humanamente impensável. Ora, o *Sumo Bem* não se prende à questão de ser pensado por uma consciência infinita e perfeita, que nenhum homem tem. Ele se situa na esfera da *experiência radical*, que não na do pensamento abstrato. Esta *experiência...* fê-la o primitivo fautor de religião, e, porque irredutível a termos de razão, permanece ao alcance de todos desde sempre e para todo o sempre.

Repita, logo, o homem moderno a *experiência radical* dos antigos: encare o Sol por um instante fugacíssimo, e aquela luz que o faz chorar, e lhe produziria escotoma e cegueira se persistisse em fitá-la por mais tempo, ainda não é plenitude de luz, dado que o Sol é apenas uma estrela de 5.^a grandeza, amarela, não azul ou branca, que destas cores são as estrelas mais quentes e brilhantes. A estrela mais brilhante do céu é Sirius, de 1.^a grandeza, da Constelação do *Grande Cão*, sendo ela o olho do Cão. Se essa estrela fosse posta no lugar do Sol, seus raios queimar-nos-iam com uma luz e calor quarenta vezes mais intensas que a do nosso Astro-Rei. Os 40 e poucos graus centígrados que suportamos, multiplicados por 40 dariam 1.600 graus. Pois a 1.510 graus funde-se o ferro... Contudo, essa não é ainda a plenitude da luz. Se a própria luz solar é-nos boa só na proporção em que se acha dosada, nem mais, nem menos, por que haveríamos de pretender luz maior? Sem ser a plenitude da luz, veja-se quanto a luz do Sol cria e nutre, e esse *bem*, conquanto ainda não *sumo*, já é exemplo para o sábio e santo imitar.

Eis, pois, que esta *experiência* de encarar o Rei da Clareza, por um átimo de tempo, válida só em seu *nível empírico*, irredutível, portanto, a racionalidade, a princípio de razão, serve de base para se *intuir* o *Bem Sumo*, porque se a Luz, como *ser*, é *bem*, e as trevas, como *não-ser*, é *mal*, a *plenitude da Luz é plenitude do Bem*, sendo as *Trevas* a negação absoluta do *ser* ou o *nada*.

Já vimos a razão por que o *Bem Absoluto* ou *Sumo Bem* é impensável; é que ele se situa no campo do *empirismo puro*, sendo a *experiência radical* vivida pelo fautor de Religião. No entanto, Sartre supõe que se houvesse homem com “consciência infinita e perfeita”, esse tal poderia *pensar* o *Bem Absoluto*. Quer dizer: o pensar de uma “consciência infinita e perfeita” seria um *pensar absoluto*; e só um *pensar absoluto* poderia pensar o Sumo Bem. Pois vai aqui um argumento irretorquível: nem mesmo a “consciência infinita e perfeita” seria capaz de um *pensar absoluto...* porque todo o *pensar é relativo*, visto que fica na dependência de um *ponto de partida inicial*, por sua natureza *impensável*. O ponto de partida, inicial por excelência, é sempre uma *intuição*, por sua natureza, *supra-racional*. Por causa disto, se a base da Moral, o Bem Absoluto, é impensável, por não se poder pensar o *ponto de partida inicial*, por igual modo, como já o vimos, podemos dizer serem impossíveis as ciências todas, as matemáticas, as várias geometrias, dado que não há neste mundo mente nenhuma “infinita e perfeita” capaz de “pensar” (!) os *primeiros princípios*, os *postulados* e os *axiomas*. Por serem eles *supra-racionais* ou *intuitivos*, não podem ser pensados. Contudo, se, sobre eles, ou a partir deles, podemos construir as ciências todas, as matemáticas e as

8 Vieira, Sermões, 4, 236 – Ed. das Américas

9 Vieira, Sermões, 15, 371 – Ed. das Américas

10 J. Mesquita de Carvalho, Dicionário Prático da Língua Nacional

várias geometrias, de igual modo, partindo da **INTUIÇÃO DO BEM ABSOLUTO**, podemos, sim, senhor Sartre, construir a **MORAL...** que alicerça tudo o mais, porque é base da **PRÓPRIA CIVILIZAÇÃO...** sem a qual não há **NEM CIÊNCIA, NEM MATEMÁTICAS, NEM GEOMETRIAS**, quanto mais o resto. Por conseguinte, há, sim, um **FUNDAMENTO** – e é o mais radical de todos – para nos afiançar que o **Bem-Sumo** existe, pelo que se nos faz necessário imitá-lo, sendo honesto, não mentiroso, não defraudador nem ladrão, não o que abusa do mais fraco, apresente-se este em quaisquer de seus matizes, e que pode perdoar a agressão daquele que, num momento, se nos mostrou superior em força, mascare-se esta como se quiser. Ora bem: não é preciso nenhuma argúcia para entender, de pronto, que tudo isto representa a **anti-animalidade**, dado que todo animal é **mentiroso...** que nisto se cifra o mimetismo, a camuflagem, o fingir-se de morto dos coleópteros todos e da raposa; todo ele é **ladrão**, não só porque rouba o companheiro da mesma espécie, seja no alimento, seja na fêmea, como ainda apodera-se do tesouro nutritivo que é o corpo do outro de espécie diferente; no **CÓDIGO DA NATUREZA**, qual a temos desde a ponta do nariz, não existe isso de não abusar do mais fraco, antes, sua **REGRA** é a de Nietzsche: “ser justo é ser forte; a justiça é o desassombro do forte”; a isto podemos acrescentar: ser justo é ser astuto; a justiça é artimanha, derivado de **arte + manha** (manha é o mesmo que astúcia, dolo, fraude, ardil, lábia, velhacaria, trapaça, chicana etc.), no que são mestres os advogados chicaneiros. E por aí se vai, pelo que a **MORAL** se define como sendo o **CÓDIGO DA ANTI-ANIMALIDADE, CÓDIGO** esse que é **negação, antítese, contraditória** do **CÓDIGO** oposto, o **CÓDIGO DA BESTA**. Ninguém, pois, exceto os asneirões, pode falar em “**nova moral**” de nada, porque a **MORAL** é **ETERNA** coexistindo com **DEUS**, o **SUMO BEM** que é o **AMOR**.

Quando a Religião (consciência de Deus no homem) entra em colapso, a Moral (Testamento de Deus) que dela emana, se desvanece, o profundo animalesco do homem se aflora, desenfreia-se, cresce, infla-se, exterioriza-se em atos anti-sociais, os bons costumes se corrompem, trocando-se por maus, e a civilização fecha o seu ciclo... podendo ir parar até na barbárie. Quando a Religião vigente entra em colapso, seja pelo trabalho dos sofistas e do cépticos, como aconteceu na Grécia; seja pelo trabalho demolidor dos pensadores, a partir dos filósofos enciclopedistas, como está ocorrendo hoje..., pois se apregoa que “**Deus morreu**”, que a Moral é puro consenso e costume, então a animalidade passa a imperar, e, com ela vem a dissolução da sociedade. Os vínculos da família, então, se rompem..., como agora está acontecendo, o índice demográfico cai nas nações “desenvolvidas”... a ponto de assustar seus respectivos governos, estabelece-se a desconfiança entre todos os membros da sociedade, cresce o número de crimes contra a propriedade e contra pessoas, e o país ou países (como agora) caminham para o seu embrutecimento, isto é, para a barbárie.

Os filósofos franceses do século XVIII aplicaram seus aríetes contra a Metafísica, contra o Psicologismo (filosofia idealista), contra o Absoluto que é Deus, deixando a Moral sem sustentação, misteriosamente suspensa no ar. Veio Darwin, Spencer, Nietzsche, Sartre, afora outros de menor relevância, e cada um, por sua vez, foi trabalhando na demolição que agora está pronta, completa, acabada. O que residua ainda da Moral é condicionamento psicológico ou inércia que ainda subsiste por certo tempo graças ao impulso inicial. Nossa Civilização Ocidental, cambaleante como está agora, precisa urgentemente, duma **FILOSOFIA QUE, EM IDÉIA, REPONHA DEUS NO SEU LUGAR, DE ONDE, EM IDÉIA, FOI TIRADO**. É preciso que sua voz se faça ouvir de novo..., em meio ao estridor das máquinas de homens enlouquecidos, em nova forma, portanto, em forma não desgastada pelo uso (“Eis que faço novas todas as coisas” - Apoc 21, 5), insuflando, com isto, vida nova espiritual à sociedade humana. Exatamente o mesmo é o que sustenta Mário Sanchez para ter coprofetizado com São João e outros, que a NOVA HUMANIDADE vai ter de “reconstruir-se quase a partir da estaca zero e com outra filosofia”. E acrescenta: “Esta filosofia já existe e é a única que permitirá sobreviver à crise”.¹¹

Sem fugir às bases do **método racional**, estamos vendo que a **Razão é meio de se chegar à Verdade, sendo esta**, e não a Razão, o fim. É incrível que já se tivesse suposto ser a Razão o próprio Deus, a deusa Razão dos franceses do século XVIII, e o Deus aristotélico que se ocupa só de pensar sobre o pensar. No entanto, a Razão não vai além de simples meio, e o meio não se pode confundir com o fim. O **método racional...** nasceu com os gregos, e eles ficaram muito admirados de que os

¹¹ Mário Sanchez, O Apocalipse Interpretado, 189

homens do passado pudessem ter vivido muito bem, e até formado grandes civilizações, sem ele, isto é, sem o uso da Razão. Para os judeus, por exemplo, bastava a **Lei**, e tudo o que quisessem saber estava no **Livro da Lei!**

Os gregos, porém, inventores do **método racional**, conservaram-se na **crença...**, primeiro: **de que há uma Realidade por detrás das coisas**; segundo: **que essa Realidade podia ser apreendida por meio da Razão**. A Razão, portanto, é meio, é caminho, é **Ponte...** estendida por sobre o abismo, e que leva do antro das trevas... ou caverna de Platão, ao foco da Luz... ou Jerusalém Celeste, sendo essa **Luz a Verdade ou Deus**. Este é o nosso ponto de chegada. Fale Vieira:

“Porque Anco Márcio fez a Ponte Sublícia, da ponte e de a fazer lhe formou Roma a dignidade de pontífice, cujo nome, antes ainda de a mesma Roma ser cristã, se uniu ao Sumo Pontificado. Tanto honra este gêneros de fábricas a seus autores!”¹²

Construir a **Ponte** científico-racional que nos levará do “Antro das trevas ao foco da Luz”, ou seja, que nos permitirá “atingir o apogeu da civilização”, não é, hoje, nem mais nem menos do que fazer a **Grande Síntese** de todo o conhecimento. Dilthey estava errado quando, segundo José Ferrater Mora, “baralhava sem descanso as filosofias e concluía, melancolicamente, que não pode haver outras senão as que foram”.¹³ Estava errado, porque não se trata de baralhar as filosofias, a fim de ver como é possível criar mais uma, e sim, como construir a **SÍNTESE** que as impeça de permanecer em perpétuo antagonismo...

A **síntese** é, sempre, a construção de uma nova unidade dentro da qual se harmonizem as duas partes antagônicas, que por isto mesmo se chamam **tese** e **antítese**. Trata-se, portanto, da **abertura de um campo mental novo**, de uma **generalização** que abarque as **duas contradições...** numa nova unidade. A **antítese** é o **repto** de Toynbee, ou o que costumamos chamar hoje de **desafio**. Alguns exemplos para elucidar:

O homem primitivo contava pelos dedos das mãos, e, depois, pelos dos pés também, e por isto mesmo, esses números são chamados **dígitos** ou **naturais**. As coisas eram contadas pelos dedos das mãos e dos pés, e iam até 20 que era um homem; ora, um homem já era uma **nova unidade** que englobava uma vintena. Dois homens eram 40; um homem e uma mão, 25, etc. Todavia, quem conta, fá-lo nas duas direções, para diante e para trás; se para diante, soma, adiciona, para trás, subtrai, diminui do que se tem. As dívidas são **números negativos** que, somados aos haveres, os diminuem. Ao conjunto que engloba os **números naturais** e os **números negativos**, dá-se, hoje, o nome de **números inteiros**. Os **números inteiros**, portanto, são uma **síntese** ou **generalização** que abarca os dois anteriores que se negam como **positivos** e **negativos**. Mas, por que se chamam **números inteiros**? Porque, de repente, apareceu para o homem, uma necessidade nova, um repto, um desafio: **dividir alguma coisa**; havia-se de dividir os **números inteiros** em **partes ou frações**. A nova **coleção numérica**, o **novo conjunto...** que abrange os **números naturais**, os **números inteiros** e os **números fracionários**, passou a chamar-se **números racionais**. Tudo ia muito bem, quando surgiu outro repto, outro desafio, outro problema: o homem descobriu números que não dão divisões exatas. Pitágoras foi o primeiro a constatar que seu teorema famoso, o do quadrado da hipotenusa ser igual à soma dos quadrados dos catetos do triângulo retângulo, falha, não dá certo, quando os catetos do triângulo forem iguais entre si. Lá estava o triângulo retângulo de catetos iguais a rir-se do seu teorema. Se os catetos do triângulo forem iguais, podem ser reduzidos a 1 e 1; a hipotenusa será a raiz quadrada de 1 + 1, ou seja, a hipotenusa será a raiz quadrada de 2, e qual é a raiz quadrada de 2 ou $\sqrt{2}$? Qual, a raiz de $\sqrt{3}$? de $\sqrt{5}$? Esses números foram chamados **irracionais**, porque não se submetem à **razão que divide**. O nome que se deu ao conjunto que engloba ou sintetiza os anteriores e mais estes **irracionais**, é o de **números reais**. **Reais** por que? Porque a **realidade** do mundo contém esses números. A circunferência, o círculo, estão nas coisas, na redondeza do Sol, da Terra, da Lua; está no tronco da árvore cortada em plano horizontal. Pois, dividindo a circunferência pelo seu diâmetro encontramos 3,14159..., portanto, um número irracional a que se deu o nome de PI. Mas as dificuldades não pararam, e o homem continuou criando instrumentos matemáticos novos para solucioná-las. Assim veio a **álgebra**; assim, a **geometria analítica**, os cálculos superiores da matemática.

12 Vieira, Sermões, 12, 297 – Ed. das Américas

13 J. F. Mora no Livro de Ortega Y Gasset, Origem e Epílogo da Filosofia, 136

Como se vê, conforme as dificuldades foram surgindo, ou seja, todas as vezes que apareceu uma **negação ao estabelecido**, uma **barragem** ao curso daquilo que, antes, ia indo muito bem, sempre que surgiu uma **antítese** (Hegel), um **repto** (Toynbee), um **desafio** como costumamos dizer modernamente, tem-se de criar sempre, sem exceção, um **campo mental novo**, fazer uma **síntese**, dar uma **resposta** ao **repto** ou **desafio**. Esse **campo mental novo**, esse **novo conjunto** é sempre **abrangente** e abarca as **contradições** numa **nova unidade** que é o **conjunto mais amplo**. Esta regra não padece exceção, servindo para a história, para as ciências da natureza, para as matemáticas, para as ciências sociais, para a filosofia etc. Fazer a síntese é o que se chama em Maçonaria, **fechar o triângulo**, serviço que faz o Orador das Lojas ao concluir um assunto que lhe chega em duas proposições que se negam por contrárias – **tese** e **antítese**; cumpre-lhe a ele, pois, fazer a síntese, isto é, **fechar o triângulo**.

Ora bem: tivemos, até meados do século XIX, o mundo sob o signo do **CRIACIONISMO** que dominava toda a **cultura**, o que significa **todas as religiões** e **todas as filosofias**, exceto, apenas, a de Spencer... que não **concluiu no plano moral**. E por que não concluiu? Porque o bumerangue atirado por Spencer, em fazendo o grande giro da nebulosa ao gênio, por fim, veio dar-lhe no nariz! Ocorre que a Natureza, lá fora, no que concerne à **VIDA**, não serve, em nada, de **modelo moral** para o homem. E as conclusões naturais, espontâneas que Spencer não quis tirar do seu **Evolucionismo**, tirou-as Nietzsche, e aconteceu o que dissemos: o bumerangue veio dar onde tinha de dar: no nariz!

O **CRIACIONISMO**, pois, dominava todas as filosofias e todas as religiões. De meados do século XIX para cá, surgiu, agigantou-se, e cada vez mais se afirma, a **antítese**, ou **repto**, ou **desafio** do **EVOLUCIONISMO**. A guerra entre ambos contendores, entre os dois antagonistas, está acesa, e não haverá vitorioso.

O problema crucial do mundo em **NOSSO TEMPO**, é que o **CRIACIONISMO** não pode contra a **Ciência**, e esta não consegue **fundamentar a MORAL...** que propicia a **Civilização**.

Como sem a **Moral** tudo se acaba, inclusive a ciência e a tecnologia de que o homem moderno tanto se ufana, segue-se que salvar a **Moral** é salvar a **Civilização**, e para isto não há outro caminho senão o que sempre se fez, sem nenhuma exceção, que consiste em **operar a SÍNTESE**, isto é, abrir um **campo mental novo**, **construir o triângulo...** ao fechar o terceiro lado que se opõe ao ângulo, fazer uma **generalização** que abarque, que contenha, na **NOVA UNIDADE** a **tese CRIACIONISMO** e a sua **antítese EVOLUCIONISMO**. Nossa Civilização está caindo porque não se fez essa **síntese**. O beco sem saída da história só se abrirá com essa **síntese**; o não ter sido feita, desorientou os **guias espirituais** da humanidade: os sacerdotes perderam a fé, bandeando-se com os que pretendem salvar o mundo por meio de reformas exteriores na política e na sociedade; ou então, fazem como a avestruz da qual se diz que mete a cabeça num buraco para não ver, e assim se sente perfeitamente protegida de quaisquer perigos. Quanto aos outros intelectuais, estes se debatem no mais estreito materialismo cuja última conseqüência não pode ser outra senão o caos. Faz parte do mesmo contexto caótico o **libertarismo** pretendido pela mulher, dado que tal **libertarismo** não tem nenhuma base filosófica, a não ser a de Protágoras... para quem “o homem é a medida de todas as coisas”, donde vem que, para qualquer mulher saber como é o certo fazer, basta consultar-se a si mesma, e o que achar que é, isso é. As libertárias acham (após consultar o seu “achadouro” que se acha nelas mesmas) que tudo é permissível segundo a tal de “nova moral sexual” (!?), e quando lhes perguntamos que base tem essa **“nova moral”** respondem-nos que o **fundamento dela é a realidade social** que está aí, à vista de todos. Assim, a regra vigente fica sendo: faça-se o que se quiser fazer, sem peias morais nenhuma, que isto são tabus, e o feito vira **realidade social**; depois esta mesma **“realidade”** serve de base para se ir por diante no libertarismo cada vez mais ousado, petulante, impudente, permissível, libertino, ultrajante, desagregador...

Pouco há, o jornal “O Estado de S. Paulo”, em sua edição de 23 de outubro de 1981, trouxe uma **Nota** oriunda “Da sucursal do RIO” com o título: **“Deputado condena o nível de «enciclopédia»”**. Eis parte da referida **Nota**:

“O deputado Francisco Lomelino (PDS) protestou ontem, na Assembléia Legislativa do Rio, contra o material publicado pela Abril Cultural no segundo número da **Enciclopédia do Amor e do Sexo – Vida Íntima**, que trata do coito anal. Para o deputado, “está que a editora continua insistindo em devassar não é a vida íntima da família brasileira. Seria, talvez, a dos autores dessa ignomínia que se põe, mensalmente, nas bancas, para afrouxar a moral da família brasileira”.

“Há um mês, o deputado havia protestado contra o número um da publicação, sobre coito oral, e seu discurso foi transcrito no *Diário Oficial*. Mas ontem o deputado Rockefeller de Lima, presidente da sessão, o vetou, alegando que as citações da revista, repetidas por Lomelino «feriam o decoro da casa»”. Mais adiante:

“O deputado continuou seu discurso afirmando que o número que está nas bancas, assim como o anterior, «descreve, com a sua petulância, o que seria o coito anal, e chega ao desprante de tratá-lo como uma coisa corriqueira, nas melhores famílias. Nas melhores famílias deles, daqueles que consideram como melhor, talvez, da editora Abril Cultural»”.

“Nas melhores famílias não, senhores da Abril Cultural – reclamou o deputado. Não podemos aceitar, à guisa de enciclopédia, à guisa de estar ministrando ensinamentos sexuais à família brasileira, publicação pornográfica dessa natureza, chocante pelas aberrações sexuais que ele estimula junto aos jovens, à já tão desamparada juventude deste País”. Etc.

Eis para onde descamba o mundo! O sexo que é um *meio...* empregado pela vida para a perpetuação da espécie, cessou de ser um *meio*, para tornar-se um *fim em si mesmo*. Como *meio ele é limitado*, como sói ser qualquer meio, uma estrada, por exemplo; como *fim*, todavia, ele se faz *ilimitado*; não uma estrada que leva a algum lugar, mas um campo imenso de macadame..., para se ir correr nele... sem que se objetive chegar a lugar nenhum. Tal qual o sexo, tornado *um fim em si mesmo*: não, o exercício normal da reprodução, como o faria qualquer animal durante o cio, mas a *adúltera lascívia, subanimalesca, exacerbada* com requintes de imaginação e engenho, frente a qual se embasbacam os porcos, os cães e os bodes. A pretensa “*nova moral*” não admite restrições nenhuma; tudo é permitido!

Outro aspecto do mesmo contexto de falência da civilização pode ser visto no mesmo jornal, “O Estado de S. Paulo”, na edição de 10 de junho de 1979. Trata-se de uma reportagem de mais de uma página, em que a ministra francesa Françoise Giroud responde às perguntas feitas por Gilles Lapouge. Diz ela: “*O que choca hoje é que a civilização ocidental não tem mais projeto*”. Fala ela do “*projeto religioso*” que vigorou até o fim da Idade Média; depois veio o “*projeto econômico*” que entra em sua fase de exaustão, e já se pergunta: “*por que produzir?*” E prossegue: “Não creio que uma civilização possa ter por único projeto a manutenção de seu nível de vida”. E acrescenta: “*Talvez nasça um projeto. Talvez ele esteja germinando em alguma parte*”. Os destaques são nossos. No mesmo jornal porém, do domingo seguinte, dia 17/06/79, saiu um editorial com o título em letras graúdas: “Sem projeto, não existe Ocidente”. E por que está o mundo carente de projetos? Diga-o Ortega:

“Não poderá estranhar que hoje o mundo pareça vazio de projetos, antecipações de idéias. Ninguém se preocupou de preveni-los”.¹⁴... “No dia em que volte a imperar na Europa uma autêntica filosofia – única coisa que pode salvá-la –, compreender-se-á que o homem é, tenha ou não vontade disso, um ser constitutivamente forçado a procurar uma instância superior”.¹⁵

Pois bem: esse “*projeto*” e essa “*autêntica filosofia*” não estão mais por achar-se; ei-los: são a *SÍNTESE ! ...* Com esta nova e “*autêntica filosofia*” fica restaurada (“Eis que faço novas todas as coisas” – Apoc 21, 5), de modo inexpugnável e com vigor inexcedível, a “*instância superior*” da divindade reclamada por Ortega, sobre a qual se reassenta a Moral que sempre existiu no mundo, porque eterna, e não, temporal; absoluta, e não, relativa. Essa *Grande Síntese Filosófica* que se impõe agora, como uma necessidade de vida ou morte para a civilização, como diz Mário Sanchez, “Já existe e é a única que permitirá sobreviver à crise”.¹⁶

(Excerto do livro “*Grandes Pontífices*”,
de autoria do Prof. Luiz Caramaschi -
Editora a Gazeta Maçônica - 1983)

14 Ortega Y Gasset, A Rebelião das Massas, 99

15 Ortega Y Gasset, A Rebelião das Massas, 177

16 Mário Sanchez, Apocalipse Interpretado, 189

FILOSOFIA PARA O SÉCULO XXI

A filosofia é uma espécie de matemática que, ao invés de números, símbolos e fórmulas, emprega palavras, filosofemas (*) e argumentos que se deduzem das premissas alcançadas por intuição. As premissas são sempre intuições ou seja, **tomadas de ser iniciais**. Vejamos algumas destas **tomadas de ser fundamentais**, e delas deduzamos sua filosofia:

Deus, que é o mesmo que o Ser (“EU SOU O QUE SOU. Eis... o que hás de dizer aos filhos de Israel: AQUELE QUE É, me enviou a vós.” – Ex 3, 14), não pode ser definido, porque definir é traçar os limites duma coisa, recortando-a num todo maior. E não há um todo maior sobre o qual Deus possa ser recortado. Logo, Deus é uma **intuição transintelectual** semelhante aos **postulados** sobre que se erigem as matemáticas, e os **primeiros princípios** que fundamentam as ciências. E se não podemos definir Deus, só podemos assinalá-lo, dar dele testemunho, falar a respeito dele.

S. João, intuindo, escreve: “NO PRINCÍPIO era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus (...) Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez”. (Jo 1, 1 – 3) S. João afirma que o Verbo é Deus; e que “Deus é Amor” (I Jo 4, 8); portanto, o **Verbo é o Amor**. Substituindo, na sentença, a palavra Verbo por Amor, temos: NO PRINCÍPIO era o Amor, e o Amor estava com Deus, e o Amor era Deus. Todas as coisas foram feitas pelo Amor, e nada do que foi feito sem o Amor se fez.

Mas S. João diz, também, que “Deus é Luz”. (I Jo 1, 5) Poderíamos substituir a palavra Verbo por Luz, como já o fizemos com a palavra Amor, e daria: NO PRINCÍPIO era a Luz, e a Luz estava com Deus, e a Luz era Deus. Etc.

E sabemos, pela ciência, que a **luz é energia**, que a **luz é substância...** donde Einstein ter

criado o termo *energia-substância* para designar todas as *energias* e todas as *matérias* do universo. Então, Deus é a *Energia-Substância-Amor* de que tudo foi criado. Por conseguinte, NO PRINCÍPIO era a Energia-Substância-Amor que estava com Deus, e era Deus. *Incriada*, portanto; todas as coisas foram feitas *da e pela Energia-Substância-Amor*, e sem ela, nada do que foi feito se fez.

Por conseguinte, sabemos de que *natureza é o Amor*, e, também, *do que* foi criado o Universo. A natureza do Amor é a de Energia-Substância, e é desta *Energia-Substância* que foi criado tudo o quanto existe. Criar é transformar uma coisa noutra...

Estando S. João na ilha de Patmos, falou-lhe uma voz da parte de Deus: “Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim, o primeiro e o derradeiro” (Ap 22, 13).

Como NO PRINCÍPIO era o Verbo, ou Luz, ou Energia-Substância-Amor, então, a *Energia-Substância-Amor* é o Alfa e o Ômega, o *PRINCÍPIO* de tudo, onde tudo começou, e para o qual tudo se reverte um dia. Provemos esta consequência:

Quando o *começo* e o *fim* seja lá do que for, se unem num mesmo ponto, temos aí um ciclo. Assim é o ciclo do carbono em que os vegetais assimilam o gás carbônico, decompõem-no para reter o carbono, exalando o oxigênio no ar. Num trabalho inverso, os animais respiram esse oxigênio exalado, queimam com ele, no interior das células, os hidratos de carbono assimilados através da alimentação, devolvendo o gás carbônico à atmosfera. No começo e no fim está o gás carbônico. O mesmo ocorre com o ciclo das águas em que, o que era mar e oceano, volta para o oceano, após ter sido nuvem, chuva, mananciais, ribeiros, rios que se engrossam em grandes caudais. E assim, com todos os demais ciclos, sem nenhuma exceção.

Se o Alfa e o Ômega representam o *princípio* e o *fim* unidos num mesmo ponto, trata-se, então, de um grande ciclo, em que a *Energia-Substância-Amor*, tendo feito uma grande circunferência, retorna ao ponto de partida.

Porém, toda circunferência compõe-se de duas metades, marcadas pela linha do diâmetro. Portanto, a *Energia-Substância-Amor* com a qual Deus criou seus Filhos ou Espíritos, assim como também o Mundo Celeste ou Alfa, em caindo de lá, corporificada nos tais Espíritos fez o meio ciclo até o *Caos*, onde a parte dos celículas caída, em parte se desfizeram de anjos, se desconstituíram nos puros elementos... Esse semicírculo, como foi de *QUEDA*, se chamou *INVOLUÇÃO*.

Aí, nesse Caos, a Energia-Substância, agora desorganizada, oriunda das Entidades angelicais desfeitas e ainda por desfazer-se, começou a volta, pela outra metade da circunferência, do ciclo, e isso é o que se chama *EVOLUÇÃO*. Portanto, há, hoje, a *EVOLUÇÃO*, porque houve antes a *INVOLUÇÃO* ou *QUEDA* de parte dos Espíritos Celestes no Caos, de onde saiu, depois, este nosso universo.

Em síntese, é deste modo que os mais inteligentes da humanidade, nos vários tempos, ao fundarem as grandes religiões históricas, explicaram a origem do MAL no mundo. O criador ondula-se numa Criação; parte desta Criação se nega no que é, inverte-se e cai, cumprindo à parte caída refazer o caminho de volta (*EVOLUÇÃO*), ou aniquilar-se, para sempre..., sendo a *ENERGIA-SUBSTÂNCIA* de que se constituía a parte desfeita, refundida noutras unidades, noutras formas, que retornam para Deus.

Ora, o oposto do amor é o egoísmo; logo, os celículas caíram por inverter o impulso amoroso no seu contrário, no oposto, impulso egoístico. As consequências que se tiram disto, é que *ninguém retornará* ao lugar celeste donde caiu por se tornar *EGOÍSTA*, sem reconquistar o perdido amor. Não há atalhos possíveis, e os apresentados pelas várias seitas religiosas, são engodos, muito úteis, aliás, por tornar possível o arranque inicial... no processo civilizatório o qual, tendo começado no primitivo, termina no *sábio porque santo*, ou no *santo porque sábio*, um e outro vocábulo derivado de *sabor*, de *experiência*. Sendo a *SANTIDADE* o *OBJETIVO* da *CIVILIZAÇÃO* (Toynbee), então, fora do amor... que cada um terá de desenvolver, em si mesmo, pelo próximo, não há salvação.

(*) Filosofema: “raciocínio demonstrativo”; discurso filosófico; conceitos ou lugares comuns na filosofia.

O QUE É A VERDADE?

A Constituição Maçônica do Grande Oriente do Brasil, em seu Cap. I, ítem I, entre outras coisas, diz que a Maçonaria “pugna pelo aperfeiçoamento moral, intelectual e social da Humanidade, *por meio* do cumprimento inflexível do dever, da prática desinteressada da beneficência e da INVESTIGAÇÃO CONSTANTE DA VERDADE”. Os destaques são nossos.

Ora bem: se um dos meios empregados pela Maçonaria em sua luta pelo aperfeiçoamento moral, intelectual e social da Humanidade é a *investigação constante da Verdade*, segue-se que a *Verdade* não é algo feito, pronto, acabado, adquirido em definitivo; se o fosse, não teria sentido que a pesquisa se fizesse incessantemente. Todavia, *o que é a Verdade?*

Quando Cristo foi posto frente a Pilatos, disse a este que viera ao mundo para “*dar testemunho da verdade*”(Jo 18, 37). Foi, então, que Pilatos, com enfado, perguntou: *o que é a verdade?* A esta pergunta, Cristo silenciou por duas poderosas razões: a primeira é que Pilatos era um filosofastro, um homem céptico, materializado e gozador da vida, cujo verniz cultural greco-romano lhe propiciava o deleite de parlangar com outros filosofastros, nunca, porém, lhe permitindo ocupar-se de pensamentos grandes. Ora, Cristo já recomendara aos seus discípulos não dar pérolas a porcos. (Mat 7, 6) A segunda razão é que *dar testemunho* duma coisa não significa *dizer o que ela é*. O *testemunho* é a *versão* ou *o modo como cada um enxerga a verdade*, a partir do seu mirante que se abre para o universo. Dar testemunho é *falar da coisa*, é *fazer declarações a respeito dela*, sem contudo, a *definir*. Dizer o que uma coisa é, é defini-la, ou seja, é recortá-la num todo maior. Por isto, que definir é *delimitar*, ou traçar “fines”, ou limites à coisa. Ora, a Verdade, *com ser Deus*,

é infinita, sem limites, portanto.

Verdades podem ser definidas, porque plurais, porque miúdas, porque contingentes, porque relativas, porque científicas, mas a **Verdade** singular, única, com maiúscula, a que se oculta por detrás dos fenômenos do Universo, essa não se pode definir. Apenas dela se pode **dar testemunho...** assim como **damos testemunho** ou **falamos a respeito** do Sol, do Universo, da Vida, da Energia, do Espaço, do Tempo, do Homem etc., sem esgotarmos o que tais coisas sejam. Esta é a causa por que da Verdade só podemos **dar testemunho**, como agudamente o disse Cristo. Acaso o asneirão do Pilatos alcançaria isto?

A Verdade, portanto, não pode ser abarcada pela inteligência humana; a abordagem dela só pode ser feita por **intuição** (que é transintelectual)... e ainda por progressividade. Daí que, sabiamente, a Maçonaria declara ocupar-se da **“incessante investigação da Verdade”**.

Dado que cada pensador **testemunha da Verdade** apenas o que pode enxergar do seu mirante, a Verdade não pode ser senão **o que há de comum em todas as diferentes afirmações**. E o que há de idêntico nas várias afirmações?

Platão via no universo um **agente de integração** a que o mestre Hesíodo deu o nome de **Eros**, e é esse **agente** que tudo interliga em **unidade** ou **sistemas**, fazendo do Caos primordial um Cosmo. Esse **agente** recebe, hoje, o nome de **elétromagnetismo** no nível dos átomos, de **afinidade** entre os elementos químicos, de **coesão** entre as moléculas, de **gravitação** entre as estrelas e planetas, de **simpatia** no nível da vida, e de **amor** entre as consciências, sobretudo, do nível humano para cima.

Daí o dizer Platão que o **universo está cheio de Eros, e vai movido por Eros**. E Eros, em grego, é Amor. Então, **o universo é um produto do Amor** (Santo Agostinho), e existe graças à **atuação do Amor**. E como o Amor é a constante do Universo, e, também, apregoado, como o fundamento dele, por todas as religiões superiores, já podemos, então, substituir um termo por outro e dizer que a **Verdade é o Amor**. Logo, Cristo veio ao mundo para **dar testemunho do Amor**, e o fez com todos os atos e palavras de sua vida.

Eis, pois, que a Verdade é o Amor ou Eros, como **agente** ou **princípio de integração** do átomo ao Universo total que inclui o **mundo celeste**. E dado que o Amor é Deus ou “Deus é Amor”; (I Jo 4, 8) e o Amor se manifesta na união dos homens... só possível pela “graça da comunicação atestada pela palavra” (Gusdorf), então a **palavra**, a **comunicação**, são os veículos de integração entre os homens. A palavra se reduz a **Verbo**, visto ser este o que dá sentido, vida, movimento, espírito à frase, e interliga os homens no social.

Coerente com isto, vem o testemunho de São João que escreve: “No Princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus (...) Todas as coisas foram feitas por ele, e nada do que foi feito, sem ele se fez” (Jo 1, 1 – 2). O Verbo é Deus; Deus é Amor; logo, o Verbo, a Palavra, a Comunicação, a Integração, Eros, tudo é Amor... que está no Universo e junto dos homens desde quando se reuniram em **sociedade**, em CIDADE, termo de que se deriva **cidadão, civil, civilidade, civilização**.

A civilização, portanto, é uma incessante substituição da barbárie pelo Amor. Consequentemente, ser **civilizado** é ser **santo**, isto é, **amoroso**. No entanto, diz Toynbee, “nenhuma civilização conhecida chegou a atingir o OBJETIVO da civilização. Nunca houve uma comunidade de SANTOS sobre a Terra” (*). Os destaques são nossos.

Através da **“investigação constante da verdade”** o maçom descobre que todos têm razão, visto como cada um **dá o testemunho** da Verdade que conseguiu enxergar do seu mirante, esse que dá para o universo. Com esta cosmovisão ou visão de síntese, o maçom estará cada vez mais capacitado para **dar um testemunho da Verdade**, visto como consegue **enxergá-la por mais de um mirante**. Este é o motivo por que quando um maçom se mostra **tolerante, indulgente**, não o faz só em obediência a preceito maçônico, mas, sobretudo, por compreensão, por sabedoria.

(*) Arnold J. Toynbee, A Civilização Posta à Prova, 57

AQUELE QUE EXISTE POR SI MESMO

Dado que Deus, Mundo, Homem como que formam os *lados de um triângulo*; e que esses termos são irredutíveis entre si; basta que se altere um dos lados para que o triângulo sofra mudanças, ou quanto às dimensões dos outros lados, ou quanto à abertura ou valor dos ângulos. No enunciado: *dize-me como é o teu Deus, e dir-te-ei quem és tu, e como é o teu universo pessoal*; neste enunciado, Deus é a referência ou o ponto de partida. Vejamos, agora, este mesmo enunciado, estando nós postados no *lado-homem* do triângulo: *Mostra-te-me como és tua conduta, em tua vida, e dir-te-ei como é o teu universo pessoal, e como é o Deus da tua verdadeira crença.*

Para exemplificar, tomemos para o *lado-homem* do triângulo, um avaro. Como será o mundo que ele vê? Olhando ele o mundo, só enxerga, em tudo, um esforço por *acumular ao máximo, e gastar o mínimo*. A riqueza de algumas formigas são as exsudações dos escaravelhos que elas cultivam com os fungos germinados e crescidos nas folhas que elas carregam para o formigueiro. A riqueza das abelhas é o mel. A riqueza dos herbívoros são suas carnes e gorduras, e, para guardarem estes tesouros nutritivos o boi e a gazela desenvolveram chifres, e os cavalos criaram pernas velozes. Reservas de água, nas regiões áridas, e reservas de alimentos em quaisquer regiões, fazem parte da economia da vida. Os animais carnívoros são ladrões... que roubam aos herbívoros os seus tesouros, enquanto que estes mesmos herbívoros roubam às plantas suas reservas ou riquezas.

Se tudo isto se pode ver no mundo, e Deus criou este mundo, então, **Deus é o economista, por excelência, ocupado com suas riquezas.** O universo é rico!; o Universo é a riqueza de Deus! A Vida não se compraz com a miséria, mas se deleita com a fartura. Como a fartura se pode comprar com o dinheiro, o que governa o nosso mundo humano é o dinheiro, sendo esta a razão por que ninguém move uma palha do lugar, a não ser para aumentar, de algum modo, o seu. Logo, a virtude suprema consiste em amontoar riquezas. Deus olha complacentemente para “os ricos que são os seus eleitos”. “As riquezas são um sinal de salvação”, e “a melhor maneira de agradar a Deus é **acumular riquezas**”, como ensinava e escrevia o reformador protestante João Calvino.

Suponhamos, agora, que o **lado-homem** do triângulo é um **luxurioso**. Tal homem estará sempre acicatado pelo sexo, vendo em tudo o sexo, já nas plantas, já nos animais, e até nos seres inanimados, onde cada reentrância corresponde a uma saliência. Enxerga no vai-vém do êmbolo, seja duma seringa de injeção, seja duma máquina a vapor, seja nos pistões dos motores de explosão, uma cópula incessante, uma luxúria incessante, uma luxúria insaciável. Não é muito que tal **homem-luxurioso**, enxergando no mundo um pan-erotismo, um pan-sexualismo muito mais abrangente que o de Freud, acabe por **intuir** Deus como o **Deus da Fecundidade**, o Deus da **Luxúria**, e adore o **falos** como símbolo desse **deus**, como já ocorreu no passado. Qual seria o **último termo de generalização**, ou seja, o deus de Nelson Rodrigues que só tinha olhos para enxergar sexo?

De posse deste conhecimento, o maçom poderá saber, de antemão, quem deve ser convidado para pertencer à Ordem, e quem não. Se o homem é **livre de vícios**; se é de **bons costumes**, de **conduta moral ilibada**; se tem por ocupação **trabalho honesto** e se **inflama com os grandes ideais da Humanidade**; se **crê em Deus e na sobrevivência da alma**; se o **Deus em que crê não é o Poder**, nem a **Riqueza**, nem o **Sexo**, nem a **Matéria**, esse pode ser um candidato à Maçonaria.

Aquele que existe por si mesmo é a premissa maior; a **visão do mundo** e a **conduta do homem** (esta, pelo menos, em projeto) são as conseqüências daquela premissa. **Dize-me como é o teu Deus, e dir-te-ei como enxergas o mundo, e como, pelo menos em projeto, pelo menos em idéia, queres te conduzir na vida.**

Sendo Deus uma **necessidade** sem o qual não há **moral**, e, conseqüentemente, **não há civilização**, como é que se arranja o ateu? **O ateu vive do que nega**, porque ele não pode fugir, **em sua vida**, ao contexto da cultura em que se acha engajado desde o berço. E essa cultura que o embebe, é conseqüência da **premissa Deus**.

De maneira que a negação do ateu é só **intelectual**, e não **vital, vivencial, emotiva**. O ateu que pudesse levar às últimas conseqüências o seu ateísmo, produto da premissa que diz: **não há Deus** ou **Deus é o nada...**, acabaria na loucura ou no suicídio. Então, como se explica que o ateu viva no contexto social (ética, consenso, usos, costumes) cuja base é o Deus que nega? Daí que, na prática, todos os ateus poderiam comparar-se a engenheiros que empregam os cálculos matemáticos para construir edifícios e pontes, mas que negam e repudiam os **postulados sobre os quais as mesmas matemáticas se erigem**. Ora, só mesmo um lunático poderia aceitar as **conseqüências**, e negar a **premissa dessas mesmas conseqüências**.

O HOMEM, O MUNDO E DEUS

A Maçonaria estabelece, por dois de seus “Landmarkes” limites intransponíveis), a obrigatoriedade de o maçom *crer em Deus* e na *sobrevivência da alma*. Porque entende, sabiamente, que sem estes dois fundamentos é impossível *edificar a moral*, e, sem esta, não se pode *construir nenhuma civilização*. E nenhuma civilização conseguiu sobreviver, depois que *a moral que lhe propiciava o existir*, entrou em colapso.

No entanto, Deus não pode ser provado, porque *provar* ou *demonstrar* é reduzir uma *coisa desconhecida* a uma outra conhecida. Ora, a nenhuma coisa ou argumento conhecido pode reduzir-se Deus. É por isso que todas as *provas da existência de Deus* possibilitam as correspondentes *contra-provas*.

É que, sendo *Deus uma intuição*, por isso mesmo, é *transintelectual* ou *suprarracional*. Deus é, para a moral que dele nasce e nele se estabelece, o mesmo que os *postulados* e os *axiomas* para as matemáticas, e os *primeiros princípios* para as ciências. E assim como os *primeiros princípios*, os *postulados* e os *axiomas* não se podem *provar* ou *demonstrar*, pela mesma razão, *Deus é uma intuição indemonstrável*. Àqueles, pois, que *nos pedem provas relativas a Deus*, devemos, em contrapartida, exigir que nos *demonstrem os postulados* e os *primeiros princípios*; e depois que nos disserem da impossibilidade de tais provas, digamos-lhes que, neste caso, tanto as

matemáticas como as *ciências* se apóiam na *credibilidade*, na fé... que dermos a tais *postulados*, tais *axiomas* e tais *primeiros princípios*.

Mas, do mesmo modo como as ciências se levantam dos *primeiros princípios* e as matemáticas se erigem a partir dos *postulados* e *axiomas*, também igualmente, Deus *é o primeiro fundamento da cultura*, em razão do que, desse *fundamento* vai depender a organização social, os códigos éticos e legais, o consenso, os usos e os costumes. Logo, *dize-me como é o teu Deus, e dir-te-ei quem és e como é o teu mundo*.

Este enunciado mostra que a *idéia de Deus* (intuição suprarracional) é progressiva, desenvolvendo-se a partir do nada no pré-homem macacóide, até atingir a plenitude, para nós ainda inacessível do *Deus-Amor* em Cristo. Não é que Deus seja relativo; mas a tomada dele é, tal qual a tomada de SER para o filósofo.

O homem primitivo, de *reagir cegamente* ao meio, como fazem todos os animais, *passou a agir* sobre ele, sobre o seu contorno, e este lhe ofereceu resistências, obrigando-o a pensar sobre esse mundo que o circundava, a fim de dominá-lo. Esse esforço interpretativo do mundo trouxe-lhe os primeiros rudimentos do saber.

Interrogando, portanto, a natureza, descobriu que ele, homem, não existia por si mesmo, em razão do que passou a render toco, mas sincero culto a um *Ente supremo*, e *nisto consistiu o germinar da civilização*. Esta *idéia de Deus* obrigou ao ainda selvagem a reformular sua teoria do mundo e a do seu próprio aparecimento. Melhores teorias *de si* e *do mundo* obrigaram-no a *reformular* sua *idéia de Deus*, para melhor, e esta *idéia*, outra vez, *reoperou* sobre o homem e sobre o seu mundo, e assim por diante...

Deus, mundo, homem formam o ternário operativo triatuativo que age dentro da Civilização do primitivo ao gênio. Por esta razão, a *idéia de Deus é sempre respeitável*, seja a do selvagem, seja a do filósofo, e é assim que a Maçonaria dá a Deus o título de Grande Arquiteto do Universo, pois foi ele o que *arquitetou* e *construiu* o Universo total, do simples para o complexo, a partir das partículas subatômicas, dos átomos, das moléculas, das rochas dos planetas, dos amontoados estelares e galácticos. Paralelamente, partindo das moléculas orgânicas, das micelas, dos vírus, das células, das colônias celulares das quais saíram os seres pluricelulares, criou os vegetais e os animais todos sobre os quais se sublima o Homem. Foi ele o que inspirou esse Homem a construir todas as formas de cultura, todos os níveis da civilização, desde quando o Deus-Fogo velava o sono do homem das cavernas, até hoje em que Deus foi intuído e revelado como Pai solícito e amoroso por Jesus, o Cristo.

Com esta larga visão, cessam todos os exclusivismos separatistas e desamorosos, reinando, em seus lugares a indulgência, a tolerância, únicas capazes de tornar viável a fraternidade universal. *Dize-me, pois, como é teu Deus*, e dir-te-ei quem és tu, e como é o teu universo pessoal.

DIZE-ME COMO É TEU DEUS...

Homem, mundo, Deus, eis o triângulo de lados e ângulos variáveis. Deus é a *Referência Suprema*, padrão primeiro ou modelo de conduta para o homem, dentro do seu contexto cultural. Essa *Referência* é o *Absoluto*, ou seja, o *último termo de generalização*, além do qual não se sobe. Deste modo, ao ser feita a generalização, o termo, o ponto em que o homem parar, *esse fica sendo Absoluto ou Deus* para esse homem, ainda que ele não o declare. Para Freud era o Sexo; para Calvino, a Riqueza; para Schopenhauer e Nietzsche, a Vontade; para Fichte, o Eu Absoluto; para Schelling, a Harmonia; para Augusto Comte, a Humanidade; para Karl Marx, o Operariado; para Sartre, a Liberdade; para os filósofos gregos e para Hegel, a Razão; para Cristo, o Amor. Tomemos, para exemplo, uma só destas concepções, em dois artigos: o presente, e mais um outro que terá o título: *Deus é fixo, imóvel e imutável ?*

Para os filósofos gregos e medievais *Deus é a Razão...* e se *ocupa de pensar*, como se fora um velho metafísico. Mas ele não pensa *sobre coisas*, que isto ser-lhe-ia aviltante; *pensa pensamentos puros, imaculados, das coisas*, na mais *completa e alta abstração*. Com isto, o mundo do pensamento abstrato, o mundo das essências puras, se desvinculado do mundo das coisas

materiais, do mundo espontâneo, do mundo à mão, do mundo sensível, concreto, objetivo, sendo este havido como *mundo de irrealidades, mundo de sombras, de ilusões, de angústia, dores, males e mortes*.

Como conseqüência disto, o *corpo físico*, pelo fato de ser de matéria e pertencer ao *mundo da ilusão*, como este, é desprezível também. Plotino se envergonhava de encontrar-se metido num corpo, pelo que nunca se deixou pintar ou retratar, para impedir fosse perpetuada uma sombra.

“Diógenes Laércio (escreve Gusdorf) refere a história do filósofo Anaxarco que tendo caído nas mãos de um tirano a quem anteriormente ofendera, e condenado a ser triturado vivo, exclama durante o suplício: «O que estás triturando, é apenas o invólucro de Anaxarco, não é a pessoa de Anaxarco»... E como o tirano, para o obrigar a calar, tivesse mandado arrancar-lhe a língua, o supliciado cortou-a com os dentes e atirou-a à cara do algoz”. (Georges Gusdorf, Tratado de Metafísica, 51) O tudo era a *alma*, a *pessoa*, porque esta é racional, no passo que o *corpo*, o *invólucro*, é vil, plebeu, desprezível, mundano.

Quando Aristóteles, em sua “Política”, fala de *virtude*, refere-se às ocupações só do intelecto, aos esforços do pensamento, da abstração, da contemplação metafísica, podendo descer só até os problemas do Estado, do governo, da política, da paz e da guerra. O cidadão virtuoso não podia descer mais, tendo de abster-se dos *trabalhos manuais* apropriado só aos escravos. Nestes trabalhos manuais incluíam-se as artes, as técnicas, e ser um grande escultor como Fídias, ou um grande pintor como Apeles, era levar “um gênero de vida sórdido e mecânico”. (Política) Como só a *razão é que conta*, todo o resto é baixeza e sordidez,

Deste modo, não obstante nos sintamos arrebatados com as obras de arte, devemos desconsiderar os obreiros dessas artes, como é o caso da composição de perfumes e tinturarias de púrpura; porque, embora nos deleitamos “com um e outro”, consideramos todavia os perfumistas e tintureiros como pessoas vis e plebéias. Antistenes, portanto, respondeu muito bem a certo indivíduo que lhe dizia ser Ismenias excelente tocador de flauta, “também acho, disse ele, mas quanto ao resto é homem que não vale nada porque de outra forma, não seria tão esplêndido tocador de flauta”. “A esse propósito Felipe, rei da Macedônia, disse, certa vez, a seu filho Alexandre o Grande que tinha cantado em um festim de maneira muito agradável, e isso como homem bom entendedor da arte musical: «Não tens vergonha de cantar tão bem?»”. “Porque é bastante ao rei empregar de vez em quando o seu descanso em ouvir cantar os cantores, fazendo muita honra às musas ao querer ouvir algumas vezes os obreiros dessa arte etc”. (Plutarco, As Vidas dos Homens Ilustres, 2, 166-167) E prossegue: “E não houve jamais jovem de coração bem formado e gentil natureza, que, contemplando a imagem de Jupiter existente na cidade de Pisa, desejasse ser Fídias; ou Policeto, diante de Juno de Argos, etc”. (Op. Cit. Pág. 167) Por que todo este desprezo até por um Fídias? Porque a excelência está em ser racional, visto que *Deus é a Razão*.

Deus é a Razão. Logo, a virtude suprema consiste no *culto* e no *cultivo* da racionalidade. Portanto, os eleitos, no céu, ocupam-se de *pensar*, e, como Deus, gozam da eterna *contemplação metafísica da Verdade*. (Aristóteles, Tomás de Aquino). Quanto mais racional, mais próximo de Deus, e, quanto menos racional, mais afastado dele. Ora, a mulher é menos racional que o homem, sendo, o seu forte, o *sentimento*, o *amor*. Consequentemente, a mulher é um ser inferior, “um homem inacabado... ou enfermo”; (Aristóteles) “Não tendo a natureza material com que fazer um homem, faz uma mulher”. (Aristóteles) Platão, de sua parte, achava que um homem, em se degradando, podia reencarnar-se, em nova existência, em corpo de animal ou de *mulher*. Nos céus, pois, não entram mulheres, essa é a causa por que, segundo a cultura grega... que depois se engrossou com a romano-cristã, Deus povoou o empíreo de *espíritos varões*, havendo anjos à farta, e nenhuma *ângela*...

Em decorrência da inferioridade da mulher, a união sexual entre dois homens foi havida por mais perfeita... que entre um homem e uma mulher; no primeiro caso, unem-se dois seres superiores, porque ambos racionais, no passo que no segundo a união é entre um superior e um inferior... tendo em vista só a *reprodução animal*, que não o puro deleite *intelecto-estético-espiritual*. Daí que, em todas as descrições de Platão em que ele se refere à “loucura de amor”, ingenuamente, supomos esteja, do outro lado, uma mulher; na verdade, o que há é um mancebo bem talhado, culto e discreto. Aí está como a pederastia dos gregos tinha sua raiz na crença da *excelência da razão* por ser ela Deus.

Por que motivo os portugueses ilustres, quando vinham ao Brasil em busca de ouro, prestavam, no Reino, o juramento de não executar nenhum trabalho manual? Por que os mazombos e os mestiços se desagradavam de exercer profissões artesanais? Por que um e outro se deleitava em ser “intelectual”, de anel no dedo, e ser chamado de “doutor”? Há vinte e cinco séculos, lançaram os gregos a premissa de que **Deus é a Razão**, e ela alimentou a cultura grega decadente, depois a romano-cristã, e, finalmente, a européia **cujo contexto** (ética, consenso, usos e costumes) vem explicar a conduta do malandro, culto e delicado **José Dias** do romance “Dom Casmurro” de Machado de Assis. Deste mesmo **contexto cultural** nasce outro modelo brasileiro de malandragem, de ojeriza pelo trabalho orgânico, manual, que é o **Zé Carioca** dos desenhos animados, ambos modelos estudados por Vianna Moog em sua obra “Bandeirantes e Pioneiros”. **Dize-me, pois, como é o teu Deus, e dir-te-ei quem és, e como é o teu universo cultural.**

DEUS É FIXO, IMÓVEL E IMUTÁVEL ?

A exigência imposta pela Maçonaria a seus adeptos de **crerem em Deus**, justifica-se pelo fato de que **Deus é uma necessidade** tão imperiosa para fundar a **moral** de que nasce e se desenvolve a **civilização**, como os **postulados** e os **primeiros princípios ACEITOS SEM DISCUSSÃO, DE FÉ**, são necessários, respectivamente, às matemáticas e às ciências. Os que não crêem em Deus, para ser coerentes, deveriam **NEGAR VALIDADE** aos **fundamentos das ciências e das matemáticas**. Este argumento é dissuasivo, pelo que, a descrença em Deus, nos parece, apenas um equívoco. O enunciado: **“Dize-me como é o teu Deus...”**, encontra seu paralelo, para os **crentes da geometria**, neste outro: **Dize-me como é a tua intuição de espaço**, e **dir-te-ei como é a tua geometria**. Porque Euclides, Lobatschevski, Bolyai, Riemann, Gauss, partindo de **intuições diferentes de espaço**, construíram **geometrias** diferentes. Isto levou a D’Alembert falar do **“escândalo da geometria”**, e houve quem já dissesse que “a própria moral está interessada na

demonstração do postulado de Euclides”. Pois claro: pedem-se provas da *existência de Deus, fundamento da moral*, mas não conseguem provar, os *crendeirões das geometrias*, os postulados sobre os quais elas se edificam (!). Onde, a lógica deste procedimento?

No artigo passado, seguimos um dos dois filões que nascem da premissa grega – *Deus é a Razão*. Seguiremos, agora, outro filão da mesma nascente, visto como ele também separa o *mundo da inteligência* (inteligível), do *mundo dos sentidos* (sensível).

Os primeiros filósofos gregos procuravam uma *substância* primordial da qual tudo se fez. Substância é aquilo de que as coisas são feitas, termo equivalente a *matéria*. Esta busca foi procedida por vários pensadores, até que chegou a vez de Heráclito. Este filósofo constatou que a *substancialidade do mundo*, sua *materialidade*, sua *coisidade*, reduzia-se a *movimento* e *transformação*, pelo que nada está parado e tudo se transforma.

Apareceu, então, outro filósofo de nome Parmênides, que era contemporâneo de Heráclito, aí por volta do V século a.C. Parmênides argumentou assim: se *tudo muda*, então *nada é*; porque no tempo que *é isto*, já se está mudando para *aquilo*, em que não para, por estar-se mudando para *aquilo outro*. Ora, o *ser das coisas*, até o *Ser por excelência* que é Deus, não pode andar mudando num contínuo *vir-a-ser*. O que nunca *é*, por mudar-se sempre deve chamar-se *NÃO SER*. E como, no mundo, *tudo muda* e *nada é*, o *mundo é um não ser*.

O *Ser* tem que *ser sempre o mesmo*, sem mudanças. Por isto o *Ser é fixo, imutável, imóvel, intemporal, incausal* etc., e aí aparecem as qualidades necessárias, sem as quais o *Ser não é*. Pois, então, o tal *ser-das-coisas* consiste na *intelecção delas, na razão que as fixa em conceitos*. A *idéia* ou *conceito* de cavalo, não muda nunca; o que muda é a *imagem* do cavalo; mas o *conceito é único* para toda a espécie cavalar (equino). A *generalidade é o conceito*, também chamado *essência*. Esse *conceito* ou *essência* é o *ser-da-coisa*, é a sua *intelecção* ou *razão*. O *Ser por excelência*, Deus, é a *Razão suprema* ou *absoluta*, a mesma razão que há em grau menor no homem.

Por causa de *Deus* ser fixo, imutável e imóvel, e o mundo, ao contrário, feito de *movimento*, de *transformação*, o mundo é o *Anti-Deus*. Por este motivo, a matemática grega se toma de *horror pelo movimento*, e nenhuma figura geométrica se define como sendo construída graças ao movimento. Pois claro: se a figura geométrica se nos mostra *fixa, parada no que é*, sendo isto uma prova eloqüente contra a *fluência do mundo*, como seria possível admitir-se na sua construção o *movimento*? A elipse, bem como outras curvas complexas, era tida por *mecânica* e não por *geométrica*, não podendo, por este motivo, figurar na geometria grega. Para construir tais *figuras mecânicas* era preciso o emprego do que os gregos chamavam *máquinas*. Ora, diz Descartes: “Então dever-se-ia rejeitar pela mesma razão os círculos e as retas, visto como só se podem traçar no papel com um compasso e uma régua, que se podem também chamar máquinas”. (B. Jesus Caraça, Conceitos Fundamentais da Matemática, 196) Esta rejeição ao movimento domina as definições nos *Elementos de Euclides*: Ele não define *reta* como o caminho mais curto entre dois pontos, mas sim como a figura que *repousa igualmente em relação aos seus pontos* (definição 4). Não define a circunferência como a linha descrita por um ponto que se move num plano conservando-se a uma distância fixa dum ponto desse plano, mas como a *figura plana formada por uma só linha tal que todos os segmentos de reta tirados para ela de um ponto situado dentro são iguais entre si*. (definição 15)”. (B. Jesus Caraça, Conceitos Fundamentais da Matemática, 196) Os destaques são do Sr. Caraça.

Empregando Arquimedes e Eudoxo a geometria para construir *máquinas, alavancas, roldanas* etc., e, sobretudo, criando instrumentos materiais para, por meio deles, conseguir a demonstração de certos teoremas, receberam ambos a pronta e violenta reação de Platão. Diz Plutarco que Platão se enfureceu contra eles porque se corrompiam e se degradavam não só a eles próprios, mas ainda o que havia de excelente na geometria, fazendo-a “descer do terreno especulativo às demonstrações sensíveis e materiais”, aviltando-a na baixeza das obras manuais; “depois desse tempo, a mecânica ou arte dos engenheiros, separou-se da geometria, ficando desprezada pelos filósofos, e tornou-se uma das artes militares”. (Plutarco, As Vidas dos Homens Ilustres, 3, 263)

A este respeito diz Morentes: “Parmênides tomou o ser, espetou-o na cartolina há vinte e cinco séculos e lá continua ainda, preso na cartolina, e agora os filósofos atuais não vêem o modo de tirar-lhe o alfinete e deixá-lo voar livremente” (M. Garcia Morentes, Fundamentos de Filosofia, 75).

Passados dois mil e quinhentos anos da fixação do Ser por Parmênides, Unamuno ainda se comenta: **“A mente busca o morto, pois o vivo se lhe escapa; quer congelar a natureza fugitiva, quer fixá-la. Para analisar um corpo é necessário debilitá-lo ou destruí-lo. Para compreender algo há que matá-lo, enrijá-lo na mente... Como pois, vai abrir-se à razão à revelação da vida? É um trágico combate, o fundo da tragédia, o combate da vida com a razão. E a verdade? É vivida ou compreendida?”**. (J. Ortega Y Gasset, *Meditações do Quixote*, 289)

Pensando ter achado a solução para o problema, escreve B. Jesus Caraça: “E ao filósofo antigo cantonado detrás do desprezo altivo pelo manual e pelo mecânico, responde ao cientista novo, construtor dos seus próprios instrumentos de trabalho, instrumentos que, por vezes, na sua humildade aparente – tal a luneta de **Galileu...** – são, na realidade, as alavancas poderosas a cujo impulso derruem duas dezenas de séculos de filosofia estéril” (B. Jesus Caraça, *Conceitos Fundamentais de Matemática*, 200).

Filosofia estéril? Em que sentido? Por ventura o Sr. Caraça enxerga mais longe, hoje, sem estar **trepado nos ombros** dos que viveram antes? E a ciência e o cientismo, e a física e o fisicalismo, e a tecnologia, o industrialismo, a automação e a robotização, resolveram o cruciante problema (único que importa) da felicidade do homem na Terra? Acaso pode a ciência fundamentar a **moral** sem a qual não há civilização?

EVOLUCIONISMO

*Então se arrependeu Deus de
ter feito o homem na terra, e
pesou-lhe em seu coração.*

Gên 6,6

A semelhança de órgãos e de funções entre todos os animais, não provém de que, esse é o estilo do Criador seguido em toda a obra sua. Dos artistas se sabe que suas maneiras peculiares de se expressar, são seus estilos; mas que o Criador tenha um estilo próprio, que é a presença estrutural e funcional dos seres, isso mais é racionalização que raciocínio, porque a obra sua é uma só obra, em edições melhoradas e ampliadas. Nela se vêm desde os primeiros esquemas, que são os seres rudimentares, até a obra em máximo grau conhecida na terra, que são os gênios, os santos, o heróis e

os mártires. A forma orgânica, conquanto seja a mesma no primitivo e no gênio, contudo não é a mesma a evolução psíquica. E como tudo é obra de Deus, onde parou a evolução da forma, seguiu-se a evolução do espírito, rumo às supremas ascensões, que dão vertigem a qualquer imaturo.

E Deus ao planejar a Criação andou abandonando alguns esquemas. A lagosta tem estrutura diversa, assim como todos artrópodes. O sangue dos artrópodes é azul, e isto vem de que o ferro da hemoglobina foi substituído pelo cobre da hemocionina. (1) Deus, viu no futuro, porque onisciente, que mesmo fazendo o sangue dos animais em base do ferro, contudo quando eles chegassem ao homem, este mais amaria o cobre (dinheiro) que o ferro (máquina, trabalho). Cesso já, pensou Deus, de fazer o homem partindo do esquema da lagosta, porque o amor e a perdição dele será a cobiça do cobre, que não lhe porei no sangue. Caia o homem, se quiser, mas não seja por causa minha, pois lhe porei no sangue o ferro do trabalho e não o cobre da cobiça !...

Quando chegou Deus aos Moluscos, ao fazer a concha, mudou outra vez de idéia. Já o peixe oros, como refere Bernardes, o fez Deus com o coração na barriga. (2) A concha fê-la com o coração atravessado pelos intestinos. (3) Mas que faço eu? pensou Deus; acaso hei de fazer o coração atravessado pela tripa? Pois se o homem há-de-amar o ventre e os regalos da vida, mesmo que lhe ponha o coração acima da barriga; quanto mais não será se tudo o que o homem comer passar pelo coração seu? Há-de amar o homem ao que come? Sim, há. Mas que ame por conta e perdição sua. Não venha ele me culpar a mim, pelo que fará por vontade própria; não venha ele dizer que faz por natureza que lhe dei, quando em verdade o que faz, o faz por vontade própria.

E assim Deus, quando fez obras diversas, seguiu estilos diferentes.

O homem, como forma, saiu-se dos vales úmidos onde coaxam os sapos, seus irmãos, e subiu-se daí, com dores e prantos até o pico radioso da montanha da razão; aí cresceu-lhe as asas da intuição com que desfere o vôo, que só o dão os gênios. Mas que digo eu? Então o homem é irmão do sapo? Sim é; e em sentido real e figurado. Em sentido real porque de fato a evolução veio, não só do sapo, senão até de antes dele. E em sentido figurado, porque sapo é hieróglifo da avareza. E como a cobiça é todo o mal do homem; que muito é que lhe seja irmão o sapo? Pois para que mais a figura se ajuste ao figurado, digo, que o coração do sapo, conforme referiu o Prof. Leonel Mendes, é o que mais vive fora do organismo. Assim pode o coração do sapo manter-se palpitante em solução apropriada, pelo espaço de vinte e quatro horas. Mas que é isto? Deus meu?! então vive esse coração e palpita, assim arrancado do corpo, e dentro desse vidro? Sim vive, diz Deus! Tal é o coração do cobiçoso e do avarento do qual o sapo é símbolo. Onde estiver o teu tesouro, aí estará teu coração, disse Cristo. (4)

Quereis ver, depois da morte, como procede o coração do cobiçoso? Ide àquele laboratório e vede como palpita dentro da retorta o coração do sapo.

(O presente artigo foi escrito quando o autor era aluno da Escola Normal "Cel. Nhonhô Braga", de Piraju)

- 1) Wells e Huxley, As Formas da Vida, 80
- 2) Bernardes, Nova Floresta, 1, 28
- 3) Wells e Huxley, As Formas da Vida, 104
- 4) S. Mateus, 6, 21

FIM DOS TEMPOS

Quando, Senhor, será o fim? Quando a abominável desolação chegar aos lugares santos. (Mat 24, 15)

Os lugares sempre considerados santos estão desolados. São padres “pra frente” que se propõem a reformar a Igreja mais do que o fez Lutero, porque trazem para dentro dela os cabeludos sem princípios nenhuns e materializados, que vivem como se achassem que “morreu acabou”, e que por isso lhes cumpre apenas “gozar a vida” ...

Em vez de se reformular a filosofia, respondendo ao *repto* (Toynbee) histórico, o maior de todos, assentado pela doutrina da evolução, reformulam-se ritos exteriores, como se o mal não estivesse na coluna dorsal que impede a estrutura de ficar em pé. Que adianta os “pra frente” virem para dentro dos templos cantar seu ie-ie-ie, se são ocios, inscios, vazios das coisas de Deus? Porque,

como diz Ortega, “o jovem não necessita de razões para viver; só necessita de pretextos”.(1) Os “pra frente”, são como “o cigano que foi se confessar; mas o padre, precavido, começou por interrogá-lo sobre os mandamentos de Deus. Ao que o cigano respondeu: **«Olha aqui, seu padre, eu ia aprender isso, mas depois ouvi um zunzum de que tinha perdido o valor»**”. (2)

Mas como se não bastasse que a iniquidade viesse aos lugares santos, aconteceu agora que as coisas santas são levadas aos lugares ímpios. E que as pequeninas coisas santas fossem mundanizadas, ainda se toleraria. Porém que o nome de Cristo seja invocado numa festa dedicada ao deus Dionísio pagão?

O Dionísio grego, também chamado Baco, é o deus do vinho que tem a “virtude” de tirar aos homens o juízo. Este deus da loucura, tumultuário e libertino era trazido do oriente, pelo mar, em barco enfeitado, e, conforme a lenda, a nau não possuía nem tripulação nem timoneiro. Chegado à terra, punham-se-lhe rodas, e o navio era levado, em festa, pelas cidades. Este **“carrus-navalis”** (carro naval) deu origem à palavra **carnaval**.

E que nas festas de Baco se invoque o nome de Cristo? Um deputado do norte protestou contra a que se cantasse o “Jesus Cristo” de Roberto Carlos, e o Chacrinha, em seu programa de televisão, submeteu o assunto à decisão popular, e o deputado saiu perdendo; a campanha contra o parlamentar continuou, e até de “quadrado” o tacharam...

Vem cá, Chacrinha: desde quando o povolêu se mostrou competente para julgar? Acaso acertou quando condenou Cristo a morrer na Cruz? Acaso esteve com razão quando impôs a Sócrates beber cicuta? Bem escreveu Ortega que **“o característico do momento é que a alma vulgar, sabendo-se vulgar, tem o denodo de afirmar o direito da vulgaridade e o impõe por toda parte”**. (3) E acrescenta noutro lugar: “não que o vulgar creia que é destacado e não vulgar, mas que o vulgar proclame e imponha o direito da vulgaridade, ou a vulgaridade como direito”...(4)

Cristo prometeu estar presente quando dois ou três se reunissem em seu nome. E acontecia, outorga, que ele escutava, lá do empíreo, a prece do negro escravo que não sabia orar. O preto se ajoelhava do modo como o permitia o tronco em que se achava acorrentado, e lanhado de guasca, banhado de suor e de sangue, procurava juntar as mãos quanto podia, e rezava baixinho, arquejante e chorando: – “Jesus Cristo, o Benedito tá aqui!”... E Cristo vinha, em pessoa, e o abençoava, pensando-lhe as feridas, pois a prece não se resolve no muito falar, e sim, no muito sentir...

Mas agora Cristo escuta uma voz de cantor (mau cantor) que lhe diz: – “Jesus Cristo, eu estou aqui !” Voa ele então do alto céu, e chega a um lugar mundano, dá com um homem de mau gosto estético, exótico, exoticamente trajado, montado numa vaca de papelão que, de quando em quando, sem mais aquela, começa a perguntar gritando: – “Vocês querem bacalhau?!” Outras vezes exclama: – “Alô! Gatinhas!” E lá vem a resposta de umas bobas: – “Miau!” – “Alô! Bodes!” E os bodes: – “Mééé!”. “Alô! Cachorrões!” e os cachorrões que, pelo visto, o são mesmo, começam a latir...

Ao tempo em que o cantor ou cantora se requebra em trejeitos lascivos, vai gritando para Cristo: – “eu estou aqui”. Cristo olha ao redor, e vê outras beldades de pouca roupa a requebrar-se num vai-vem, “pra frente”, de cadeiras, como a oferecer-se, dizendo: – “eu estou aqui!”

Jesus, horrorizado da Sodoma, da Gomorra, retorna, como um raio, ao lugar celeste, reúne os seus Discípulos e lhes fala: – “É chegado o fim. Não somente aconteceu que a iniquidade atingiu os lugares santos, senão que também meu sumo santo nome foi levado para os lugares iníquos. Eis que o mundo tem chegado ao fim...”

1) – Ortega Y Gasset, A Rebelião das Massas, 206

2) – Ortega Y Gasset, A Rebelião das Massas, 202

3) – Ortega Y Gasset, A Rebelião das Massas, 67

4) – Ortega Y Gasset, A Rebelião das Massas, 127

RECOMENDAÇÃO QUE ME FAÇO PARA QUANDO FOR VELHO

Recomendava Salomão não se esquecesse o moço do seu Criador nos dias da sua mocidade. (1) Mas esta recomendação, Salomão a fazia para si, em escritos, se bem que o não dissesse; e por que? Porque ainda que escreveu não dever esquecer-se do seu Criador, no tempo que julgava mais perigoso, que é o da mocidade, contudo esqueceu-O ele, no tempo menos perigoso, que é o da velhice. E quem depois de velho se esqueceu de Deus, vindo até a adorar a deuses, só pelo muito amor que tinha às adoradoras dele; vede se não era bem que tivesse mão sobre si na mocidade? Quem tanto pôde na velhice, quanto não havia de poder na mocidade?

O moço se esquece de Deus por causa da luxúria; ma o velho se esquece de Deus por causa

da cobiça. Vieira já dizia, que com o correr dos anos decai a luxúria e cresce a cobiça. Logo, o moço é luxurioso e o velho, cobiçoso. E como todos os velhos tem a mania de querer corrigir no moço, o que eles já não têm, que é a luxúria, eu lhes quero corrigir o que só eles têm, e não o moço, que é a cobiça.

E para não ficar só em divagações teóricas, busco já uma figura à zoologia, para retratar os velhos.

A seringa-do-mar é um ser, que enquanto jovem, se parece com um girino (sapinho novo). Tem cauda propulsora, para a natação, possui corda dorsal e sistema nervoso ao longo desta. Mas dentro de pouco tempo, este serzinho ágil fixa-se pela cabeça à uma rocha, reabsorve a cauda e a corda dorsal, e se transforma num tubo digestivo com dois buracos, um por onde recolhe água e alimentos, e outro por onde os expele. (2)

Há melhor retrato dos velhos? Os homens são como a seringa-do-mar. Enquanto jovens têm cérebro com que pensam e sonham, têm coração com que amam a vida; têm olhos com que vêem no futuro alguma coisa de grandioso, em busca do que se lançam. Tanto que envelhece, fixa-se pela cabeça (pensamento) a uma posição qualquer da vida, e se transforma num tubo digestivo de dois orifícios, e daí em diante só sabe comer e aprovisionar. Cessam os sonhos, cessam os pensamentos nobres, cessam os amores e até a luxúria cessa, para só viver, e crescer, e dominar a cobiça. O velho é uma máquina de apreender e guardar, e quanto mais velho fica, tanto mais se aferra, já pela cabeça, já pelo coração às coisas da terra, quando devera desprender-se delas, rumo aos céus.

Admitimos exceções a esta regra, e algumas até gloriosas; mas cada um que observe ao seu redor, se é moço, ou a si mesmo, se já é velho, e verá como isto é verdade.

- 1) – Ecl 12,
- 2) – Wells e Huxley, Ciência da Vida, 2, 103

VADE RETRO, SATANA

Bendito, diz o poeta, o que na terra fez o fogo e o teto, e uniu, ao boi paciente, o arado; o que fabricou a enxada, e com ela revolveu o chão nojento, para que, aos beijos do sol, nascesse o trigo, e deste o ouro.

Bendito o que forjou o ferro, bendito o que idealizou o berço, o lar e o jazigo; o que tramou os fios no tecido e as linhas no alfabeto; bendito o que primeiro teve coração, que se doesse do mendigo.

Bendito o que soltou a quilha ao mar, e ao vento, o pano; o que inventou a lira e que criou o canto; o que domou o raio e fez o aeroplano.

Mas sobretudo bendito, diz, o que, no dó profundo, descobriu “*a divina mentira*”, *a esperança*, “dando ao homem o dom de suportar o mundo”.

(“Benedicite!” - Olavo Bilac).

Poeta, fugiste à tua missão, que é a de abençoar com tua pena. Acaso a esperança é mentira? Esperaram os judeus o seu Messias, e o Messias veio! Esperaram os escravos a liberdade, e a liberdade veio! Esperaram os homens a luz da ciência, e a luz da ciência veio! Esperaram os alquimistas a pedra filosofal, e a pedra filosofal veio, pois que hoje se transmuda outros metais em ouro! Agora esperamos o elixir da longa vida, da vida eterna, da vida imperecível, da vida celestial, da vida feliz, da vida da paz, da vida nos céus, da vida com Deus, em fim, e tu, ó poeta grande! me vens dizer que essa esperança-síntese, da qual todas decorrem, e sem a qual nenhuma existe, é mentira? Que vale esperar os nada da vida, se a grande vida é o nada? Acaso esteve enganado Cristo em se deixar pregar na Cruz? O que ensinou, então, nos Evangelhos, é uma “divina mentira”? Ter-se-ia equivocado Cristo? Acaso não virá o seu Reino? e se não, de que vale o pedirmos, todo o dia, no “Pai Nosso”? Acaso não se acabará um dia a guerra? Será sempre o *homo homini lupus*?

Ó poeta! a tua benção é maldição! Torceu-te a pena o demo, fazendo dela pá macabra de coveiro! Enterraste, poeta, com a pena, ó ironia! o teto, o arado, a enxada, o trigo, o berço, o lar, o jazigo, a esmola e o mendigo! Furaste com ela o casco do navio, e lhe rasgaste as velas!

Ó poeta! porque negaste a esperança! Porque deste entrada a Satanás, para que por ti dissesse que a *mentira é divina*? Pode ser divina a negação? Pode ser divino o diabo? Pode ser divino o não-ser? Pode ser divino o nada? A divindade é nada? Deus não existe?

Se todo o meu esperar, ó poeta, mais não é que mentira, ainda que divina, emudeço o canto, piso a lira, solto os freios ao raio, despedaço o aeroplano, esmigalho o mendigo, confundo o alfabeto, cuspo no jazigo, desprezo o berço e o lar, rio-me, às gargalhadas, do que pega a enxada, bate o ferro e guia o boi no arado! Só me detém o fogo... e sabes por que, poeta? Porque com ele, como um louco varrido, e às gargalhadas, posso assolar e destruir o mundo, reduzindo-o a pó, assolando e destruindo, depois, até o mesmo pó, pela desintegração de seus átomos!... Com ele posso incendiar e subverter o mundo nos seus fundamentos, e tanto maior será o meu gargalhar de louco, quanto mais se estorcerem os desgraçados ao fogo da bomba de hidrogênio, no qual, finalmente, me consumirei também até o não-ser!... Mais não quis Nero; mais não quis Gengiscã; mais não quis Átila; mais não quis Hitler; mais não quis e quer Satã; mais não quer o comunismo bolchevista, e todavia, como tu de benção, ele só fala de paz! Maldita seja essa paz, cujo símbolo é um abutre com uma cobra no bico!

Tua benção, poeta, é azarenta! Desprezo-a com todas as forças do meu ser, com todas as energias da minha fé, com toda a indignação que me acende aqui no peito a *esperança, a divina verdade*, ó poeta! que só a verdade pode ser divina! “*Vade retro, Satana*”! que só cuidaste de aniquilar o mundo, quando dizias, pelo poeta, que o abençoavas...

AOS VELHOS

*Agora, Senhor, despedes
em paz, o teu servo, segundo a tua
palavra. Luc 2, 29*

“Agora, Senhor, deixa o teu servo ir em paz; porque os meus olhos viram tudo, vendo o meu Salvador”; Simeão foi o que disse isto tendo nos braços a Jesus menino. E Ana, a profetiza, não

cessava de apregoar a quantos eram da promessa, que aquele menino era o que esperavam. Simeão era velho já, e só não morrera ainda, porque deveria ver com os próprios olhos o Messias prometido; tanto que o viu, podia já morrer. Ana também era velha, pois da-lhe o texto ter 84 anos.

Mas que grande reparo faço aqui de profetizarem velhos? Não é próprio do velho, o cuidar da alma? Assim era bem que fosse, mas nem sempre o é. Já recomendava Salomão aos moços o não se esquecerem do Criador nos dias de suas mocidades. Pois se Salomão pôde e soube recomendar a moços; como não pôde e nem soube recomendar a velhos? É que sua sabedoria não supôs caber recomendações a velhos. E como não recomendou a velhos, senão a moços, caiu depois de velho, ele, que se mantivera firme enquanto moço.

O mesmo Salomão que recomendara aos moços o lembrarem-se do Criador nos dias de suas mocidades, aos velhos nada recomendou, por cuidar que todos eles são lembradores de Deus; aqui esteve o engano, e o mesmo Salomão, que na mocidade, temeroso, se lembrou de Deus, na velhice, temerário, esqueceu-O; melhor lhe fora a ele esquecer-Lo na mocidade, com os atenuantes dela, que na velhice sem eles. Não apregô e nem digo que se esqueça de Deus na mocidade, senão que na velhice, isto deverá ser um impossível. Mas como há muitos Salomões, falo a velhos.

O estilo seria que falasse a moços, que a estes ensinam todos os velhos; suposto isto, falo aos que ensinam a moços, que isto é falar a mestres e a discípulos.

Ouvi-me, pois velhos, e os que tendes a pretensão de o ser pela experiência! Velho era Salomão, quando, por adorar as idólatras acabou por adorar seus ídolos; e não só isto, senão também edificou-lhes templos, incensou-os e lhes fez sacrifícios. (1)

Vieira já dizia que na mocidade é grande a luxúria e pequena a cobiça, mas com o correr dos anos, cresce a cobiça e decai a luxúria. Quando li isto achei de acordo com os casos que conheço de moços e de velhos. E ainda que Salomão é uma exceção, porque na velhice caiu por luxúria e não por cobiça, entretanto a verdade persiste para a maioria.

O moço se esquece de Deus pela luxúria, com que é arrastado a satisfazer desejos carnis. O velho se esquece de Deus pela cobiça, com que é arrastado a enriquecer-se mais e mais. Já dizia Cristo, Senhor nosso, não se poder servir a dois senhores; ou se serve a Deus, ou às riquezas; pois se os homens velhos vivem atrás das riquezas, com que fiquem grandes e respeitados; como hão de servir a Deus? E se Salomão sabia destes esquecimentos de Deus, do moço e do velho, como tem boca para recomendar a moços e não a velhos? É que Salomão sentia a violência que lhe fazia a luxúria na mocidade, pedindo satisfação; e escrevendo aos moços escrevia a si mesmo. Sua luxúria foi tão grande que, freada na mocidade, explodiu na velhice, e com tal ímpeto, que totalmente se esqueceu de Deus, pelos deuses falsos das “deusas” que adorava.

Não bastou o ter dado Deus a Salomão o que pedira e não pedira; o que pedira foi ter coração reto e justo; e Deus lhe deu sabedoria, que ter coração justo e reto é ser sábio; o que não pediu foi riquezas; mas também lhe deu Deus riquezas, que não pedira, que este foi um modo constante de por à prova a mesma sabedoria, porque como as riquezas pervertem o juízo e mais o coração, sábio, só o será, o que pode sê-lo no dinheiro. Citando Chilon, um dos sete sábios da Grécia, diz Vieira, que a pedra de toque é a que prova o ouro e a prata; e o ouro e a prata são a pedra de toque com que se provam os homens. (2) Assim Deus mostrou ser mais sábio, não em dar a Salomão sabedoria, senão em prová-lo nele com o ouro e com a prata. Recomendava Moisés aos juizes o não aceitarem dádivas e dava o porquê; porque, diz ele, as dádivas cegam os olhos dos sábios, e transtornam as palavras dos justos. (3) Que Salomão não se corrompesse com as riquezas, isto é prova de que de fato Deus lhe tinha dado sabedoria. Mas como as riquezas não são remédio da luxúria, e antes agravo dela, Salomão ao ser provado na sabedoria, com as riquezas, caiu na luxúria.

A Salomão, porque foi luxurioso na velhice, eu lhe dou que foi sempre moço; e como não é bem no mundo, que moço ensine a velhos, Salomão, ainda que velho, ensinou a moços. Mas eu que falo da cobiça, ainda que sou moço, falo a velhos, que os moços são desambiciosos.

Aos velhos mostro pois Simeão, que disse não haver no mundo o que esperar nem ver, visto ter visto o Salvador. Um tal velho deveria ter escrito e recomendado aos velhos; e ainda que não escreveu, nem recomendou por palavras, recomendou-o por exemplos, e estes dizem aos velhos cobiçosos: ó vós todos que sois velhos cobiçosos e interesseiros, que tendes as mãos nos cofres e os pés na sepulturas, lembrai-vos de vosso Criador agora, nos dias da vossa velhice, já que vos não lembrastes dele na vossa mocidade! Lá o esquecestes por luxúria, e agora o esqueceis por cobiça, o

que vem a ser que sempre o esqueceste! Ó velhos, dai prova de que sois velhos sendo sábios, e de que sois sábios sendo desprendidos, na terra, do ouro e da prata, e apegados, no céu, no saber e na virtude, que estes são o ouro e a prata desse outro mundo.

- 1) – I Rs 11, 4 a 8
- 2) – Vieira, Sermões, 5, 24
- 3) – Dt 16, 19

A ESTRELA DOS MAGOS

*Porque nós vimos a sua estrela no Oriente,
e viemos a adorá-lo. Mat 2, 2*

Do oriente vieram uns magos a Jerusalém, guiados por uma estrela, a adorar Jesus. Grande assombro! Jesus nasceu; uma estrela se pôs no céu; uns magos a viram, a entenderam e a seguiram. Outra vez grande assombro!

Como as estrelas, diz Vieira, deve ser o sermão. Às estrelas diz ele, consultam-nas os

mareantes no mar, os lavradores na terra e os astrônomos nos observatórios. Entendem a sua mensagem os homens do mar, com que guiam os seus navios; seguem-lhe os ensinamentos os rústicos da terra, com que plantam as suas roças; e os astrônomos que se hão aprofundado no estudo de todas as ciências, pasmam do quanto delas ignoram. Tal pode ser o sermão: “Estrelas, que todos as vêem, e muito poucos as medem”. (1)

E se os rústicos da terra e do mar guiam-se por estrelas e lhes entendem a mensagem; como não entenderam a que só guiou os magos? E se todos os homens da terra não a entenderam; como a entenderam os três magos? Que mais devo admirar aqui? A estrela guiadora, ou os magos guiados? Ainda outra vez grande assombro!

Vimos a sua estrela disseram os magos. Mas como, ó magos, mas como!? Onde aprendestes, em que escritura lestes, que haveria uma estrela do Cristo? Lemos nos céus, dizem os magos; ali está nossa escritura! Vós estudais olhando para baixo, no livro e na terra; nós olhamos para cima, em Deus e nos céus! Vós só vedes o pequeno, o particular, a minudência; nós vemos o grande, a imensidade, o todo; vós, com o raciocínio, sois análise; nós com a intuição somos sínteses. Ó homens da terra e de terra! Dizem os magos do oriente! Aprendei conosco a olhar o céu; levantai-vos vós de onde rastejais, e levantai vossa cabeça, e acostumai-vos a essa visão que faz sábios! Com olhardes a terra podereis chegar a ter ciência, mas com olhardes o céu chegareis a ter sabedoria! As outras demais estrelas, todos as vêem, e poucos a medem; mas esta que nos guiou a nós, desenganai-vos, que de modo nenhum há entre vós quem a meça! As outras estrelas são corpos gigantescos de fogo e luz, que rolam na amplidão; medi-las a elas, é possível, posto que difícil; mas esta estrela que nos guiou, de modo nenhum há dentre vós quem a meça, porque é um espírito, que pela sua evolução, totalmente perdeu a sua forma corpórea, humana, e sua grandeza não se mede com vossas medidas, mas com as nossas. Às outras estrelas as medis com o metro, as pesais com o peso e as conheceis com o vosso espetroscópio; esta estrela porém, que nos guiou, haveis de medi-la com vós mesmos; vós haveis de ser a medida dela. Medir é comparar, e a coisa mais próxima dela, que tendes na vossa terra, com que a podíeis comparar, sois vós mesmos, e contudo não a entendeis, pela imensa distância evolutiva em que vos achais! A ela se mede por evolução, e não por medida que tendes na mão! Subi-vos de medida; ide-vos para o plano da intuição; tornai-vos imensos em amor e perdão, em renúncia e sacrifício, em sabedoria e simplicidade, e então senti-la-eis, medi-la-eis, e tomareis dela conhecimento. Ela é um Anjo do Senhor, e ainda que em extensão o sol lhe é maior, contudo ela lhe é infinitamente superior e mais poderosa. Aprendei a valorizar a qualidade e não a quantidade; o diamante, ainda que pequeno, é mais valioso que a montanha vomitada do vulcão.

Essa estrela que seguimos, é a de que falara Balaão, cuja ciência conhecemos. Uma estrela sairá de Jacó (2) disse ele; por isso quando nascesse uma estrela, não conhecida no mapa celeste, lá pelas bandas de Jacó, essa era a que era. E eis que lá para onde está Israel nasceu a estrela. (3)

(1) – Vieira, Sermões, 1, 18

(2) – Núm 24, 17

3) – Trecho do sermão.

O CHORO E LAMENTO DE RAQUEL

E o rei Herodes, ouvindo isto, perturbou se,

e toda Jerusalém com ele. - Mat 2, 3

Reuniu Herodes os letrados de Israel, e lhes perguntou onde nasceria o Cristo. E eles disseram: Em Belém de Judá. E não só o declararam por boca como o demonstraram por prova, e da mais autorizada, que era o texto sagrado. A prova era o texto de Miquéias 5, 2. – Há outra prova? –

Sim, há. É a profecia de Jacó, no Gênesis 49, 10, onde diz Deus, que não tiraria o cetro de Judá até a vinda do Messias. E o cetro foi tirado a Judá e vos foi dado a vós, que sois idumeu; logo é chegado o Messias. – Há mais provas? Pergunta Herodes? – Sim. É a que se acha em Números 24, 17. Ali Balaão diz que se há de levantar uma vara em Israel, e nascer uma estrela de Jacó; e como Balaão diz: – Eu o verei, mas não agora; é possível que um desses magos seja o tal Balaão reencarnado, ou ressuscitado, que é como dizemos. Ainda mais que o sinal que viram os magos, foi a tal estrela, símbolo de estrela que há de sair de Jacó. Basta, disse Herodes, é ele, e para que não reine matá-lo-ei. Estes magos mostrar-me-ão o caminho.

Chamou Herodes os magos, e com muito jeito inquiriu deles como tudo se havia passado; depois usando a traça do politiquero, fingiu desejar ir também a adorar a Cristo. Ide vós primeiro, disse-lhes, e depois informai-me, para que eu também vá, e o adore.

Foram-se os magos a Cristo e depois de o terem adorado, voltaram para sua terra, mas por outro caminho, que isto lhes mandara um anjo em sonhos. Avisado José em sonho dos planos de Herodes, também se foi para o Egito. Passado o tempo da volta dos magos, e vendo-se enganado, enfureceu-se Herodes e fez passar à espada todas as crianças de dois anos para baixo de seu reino, cuidando que lhe não escaparia Cristo. Vede, se há ou pode haver monstruosidade maior? Tão grande foi a dor de tantas mães e pais, que o Evangelista não se conforma com menos, que com fazer sair Raquel do seu túmulo a chorar tão grande desgraça. Já não bastavam as lágrimas dos vivos, era preciso que também chorassem os mortos. Ó desgraçada Raquel, que te fizeram aos filhos? Que violência é essa executada na tua geração? Por causa de um rebento saído de ti e de Jacó, os outros teus demais renovos foram podados! Acaso és tu como a árvore, da qual o horticultor poda uns brotos, em benefício de outros? Que broto é esse que de ti saiu, para cujo crescimento são precisas tantas podas? Mas assim como a árvore chora seiva, pelo corte dos brotos, também Raquel chora lágrimas pelos seus filhos cortados a espada.

Soldados sem entranhas arremessavam-se às mães que trementes agarravam-se ao filhinhos tenros; momentos antes aquelas mães acariciavam-nos ao colo; com suas mãos tocavam o macio, o aveludado daquelas tezes; momentos antes aquelas pobres mães, em beijando seus filhinhos, tinham sentido o cheiro bom dos perfumes com que os ungiram no banho. Mães e filhos tudo era uma só coisa, tanto se achavam apegados um ao outro! E que agora venha um soldado brônzeo, selvagem, agigantado, arrastando passos pesados, cheirando a besta fera, e com a mão esquerda arranque o tenro broto do tronco materno, e com a espada nua da direita o corte e despedace?! Que a umas criancinhas, joguem-nas para o ar, e as esperem nas pontas dos gladius, e que a outras cortem-nas de cima para baixo, e ainda outras, de lado?! Ó dor! Ó raiva! Ó ódio! Ó! Só as lágrimas de Raquel, posto que morta, não bastaram a chorar tão grande calamidade; Raquel é o passado, que chorou o presente; e nós somos hoje o futuro daquele presente; logo não só houve de chorar o passado em Raquel, e o presente nas mulheres de Jerusalém, senão também havia de chorar o futuro em nós de hoje, e em nossos filhos de amanhã. O nome de Herodes ficou execrável, e não há quem o ponha num filho, mas em cães muitos há que o põem. Esse nome passou a ser o símbolo do mal; Herodes não era vil, para ser a própria vileza; assim como Jesus dizia, eu e meu Pai somos um, Herodes também, com igual eficácia, não disse, mas fez, que ele e satanás fossem um.

E que uma cidade inteira qual era Jerusalém se turbasse com a turbação de um tão sórdido animal; que todas as vistas estivessem tão voltadas para o palácio; que todas as turbações daquela cabeça se refletissem, de pronto, em todo o corpo; vede se aquelas gentes podiam ser outra coisa, senão corpo daquela horrível cabeça? Eu tinha pois razão quando dizia, que aquelas eram gentes de nada e filhos de Belial.

O SONHO

Temos hoje o estudo do sonho; mas não cuideis vós que este estudo é vazio, porque se trata de sonho; é estudo substancioso, conforme vos hei de demonstrar; quando o homem supõe que uma coisa é concreta e é real, aquilo que ele supõe concreto e real, realmente é que é fictício; e aquilo que ele supõe ser fictício, é real; assim acontece com o sonho. José, esposo de Maria, foi este sonhador, que tomamos do Evangelho; no entanto outro sonhador, há, que foi José, filho de Jacó. José um, e José também o outro; um sonhador, e o outro também sonhador. Este José, filho de Jacó, vós já o

conheceis; é ele aquela ponte, que levou ao Egito o povo hebreu. E nós podíamos ir citando outros que sonhavam, e para citarmos o maior de todos, podemos citar o próprio Criador; porque sonhar é pensar. O pensamento enquanto está circunscrito à fonte, é sonho, é imaginação; depois então, este pensamento se traduz em ação, em movimento, e aí está na fase de transformar-se em matéria, de materializar-se nos atos, nos feitos materiais; quando ele se materializa, então dizemos realidade; mas, e quando ele se mantém no plano do próprio pensamento, é ou não é realidade? no entanto nós dizemos sonho, imaginação, pensamento; é coisa abstrata, aquilo que está ainda dentro de nós. Eu dizia que o maior sonhador de todos os tempos, que houve, que há, e que haverá é Deus; porque ele foi o que primeiro pensou, e de cujo pensamento saíram todas as coisas. Se vós fordes estudar, vereis que a primeira coisa que ouve no Universo, foi o próprio Deus, e depois o seu pensamento, e deste pensamento imenso, grande, vasto; deste grande objetivo, deste grande sonho, deste grande ideal é que surgiu a Criação toda. Se vós olhardes para um gráfico, onde está o alfa que vai para beta; beta que vai para gama, e gama que vai para beta; e, beta, de novo, que volta para alfa; então vereis que tudo nasce em Deus, que é pensamento puro, ou então alfa; e depois este pensamento, criado naquela fonte, se abre, e neste abrir-se transforma-se no beta, que é energia; vede no Gênesis de Moisés como assim é; primeiro de tudo existiu o pensamento de Deus; depois então Deus disse: Haja luz; e esta foi a primeira expansão da Divindade na forma energética; a primeira criação sua foi a energia, da qual haviam de sair todas as coisas; por isso no gênesis está: – Haja luz, haja energia; e tanto que houve energia, então Deus passou para os outros passos da Criação. Criou o Céu e a terra e tudo o que neles há; e quem cria céus e terra, cria matéria; e uma vez que primeiro criou a energia, para depois criar céus e terra; donde saíram céus e terra? Saíram da energia; saíram por condensação da energia. Vede aí o pensamento num processo de materialização! num processo de criação! de transformação em coisas cada vez mais concretas! A primeira coisa que existiu, pois, foi o sonho, foi o pensamento; e tanto que este pensamento se transformou, primeiro na energia, primeiro na luz, e depois na matéria, então surgiu o Universo, e Deus não cessou de criar, conforme o próprio Cristo disse: – Meu Pai não cessa de agir até agora, e eu também.

Pois isso, meus irmãos, foi que eu disse que o Criador é o primeiro sonhador de todos os tempos. Diz A Grande Síntese que a consciência é o estado estático do pensamento; o pensamento pode ser comparado com a onda vibratória de um sino. Enquanto o sino tange, e o sino é vibração, temos o som do sino; é o sino que se move; é o sino que põe em movimento o ar; é o sino que vem por meio do ar, mover o nosso tímpano, e nós, então ouvimos ao sino; é o sino em estado de vibração. Mas quando o sino está parado, ele é potencialidade, ele é capacidade de produzir aquelas vibrações; assim é a nossa consciência, ou assim, a grande consciência de Deus; enquanto está parada, é estado estático; é aquela possibilidade de vibrar, mas que não está vibrando ainda. Mas tanto que esta consciência começa vibrar, então produz o pensamento e este pensamento é onda, é força criadora que se expande e vai pelo Universo inteiro. Do mesmo modo que o sino assim também age a consciência.

Por isso, foi que eu disse que a primeira força do Criador, no princípio da criação, foi o criar a energia, quando disse no Gên 1, 1: – Haja luz. S. João, também, no seu Evangelho, no Cap. 1, versículos 1 a 3, fala do Verbo: – No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. E tudo o que existe, foi feito por ele; e nada do que existe, foi feito sem ele. Verbo, é o verbo Ser. Ser é o verbo por excelência, o verbo substantivo; o verbo que subentende a existência; e vós o sabeis o que seja um verbo? Pois tirai a uma frase o verbo, e vereis como ela não tem sentido. Se vós disserdes: **Deus mundo seis dias**, isto não tem sentido; mas se vós disserdes: Deus **fez** o mundo em seis dias, então já tem sentido; por conseguinte, para dar sentido a esta frase, foi necessário o **fez**, e fez é verbo, e verbo mostra ação, mostra movimento, mostra que é coisa que está movendo, que está criando, que está agindo; é o verbo a alma da frase, sem o verbo não há pensamento; o pensamento é pois verbo; por isso no princípio estava o Verbo com Deus, e o Verbo era Deus; e o Verbo que estava no princípio, era este Ser, esta possibilidade de criar; e quem diz ser diz existir; e quem diz existir, diz manifestar-se por meio de atributos; se uma coisa existe, ela existe graças aos seus atributos: vede este livro? Sim, vedes; no entanto eu vos digo, este livro existe por causa dos seus atributos: não fossem eles, o livro cessaria de existir; o primeiro atributo que há aqui, é o volume, porque se não houvesse volume, não haveria o livro; o outro atributo é a massa, porque se não houvesse massa, não havia matéria, e conseguintemente, o livro; por isso os

dois atributos da matéria são massa e volume, e o livro se manifesta através desses atributos; ele existe porque há nele os atributos. Vede então, ser é existir; existir é manifestar-se; e o que se manifesta, manifesta-se por meio de atributos.

Por isso, é que no princípio estava o Verbo; a primeira coisa que existiu foi o pensamento criador, foi esta onda energética, foi o sonho de Deus, foi aquele pensamento que é vibração da sua gigantesca consciência, da sua hiperconsciência, ou consciência cósmica; esta consciência enche todas as coisas, e é presente em todos os planos da Criação. Esta é o Verbo; esta, o sonho; esta, quando em vibração (e como nossa mente, nunca para), é o pensamento de Deus; esta o alfa, como pensamento; esta, o beta, como energia; esta, o gama, como matéria.

O GRANDE BRADO

*Filhas de Jerusalém, não choreis por mim,
mas chorai por vós mesmas e pelos vossos filhos.*

Luc 23, 28

O brado maior do Golgota dirigido ao mundo foi o proferido por Cristo Jesus às mulheres de Jerusalém. Mas a sua maior dor foi o ver a Mãe santíssima ao pé da cruz, e com a cruz apunhalando o peito, porque como disse Simeão, a espada lhe haveria de atravessar não o coração, senão a alma. E pois se silenciou Cristo a tão grande sofrer, por que clama e brada quando sofrem as mulheres de Jerusalém? Duas razões são este porque: a primeira é que, como já disse, quando a dor é muita emudece a língua; a segunda é que Cristo Senhor nosso, à mãe sua, não tinha o que dizer. Às mulheres disse porque tinha o que dizer; à Mãe, porque não tinha o que dizer, fez silêncio. Isto é já lição e sirva a todos os falantes que, sem ter o que dizer, falam; cabe-lhes a eles a frase do sábio antigo que dizia: – Cala-te, se não tens coisa melhor que o silêncio; também lhes cabe, e bem, da sabedoria hindu o dito de que a natureza nos fez com dois órgãos de ouvir e um só de falar. E para que buscar exemplos tão longe no espaço, que é a Índia, e no tempo que é o passado? Se o temos no futuro, que é A Grande Síntese? Digo que é o futuro porque o mundo ali ainda não chegou! Diz lá, no cap. C, edição FEB, que trata da arte: “Quem tem alguma coisa de substancial a dizer di-la da forma mais simples. Preciso é, porém, ter alguma coisa a dizer, uma grande visão e uma grande paixão na alma, para que a forma não tome a preponderância” (pág. 346) “A grande arte é simples. A sua grandeza é proporcional à potencialidade do pensamento e à simplicidade da forma” (pág. 346). No entanto tantos há falando tanto e sem dizer nada, porque o tudo de suas artes está na forma, que fundo o não tem. Que diz a arte moderna? Ah! ia dizer que não diz nada, mas me retrato dos próprios pensamentos e digo já que diz muito! Mas que diz? Diz que estamos morrendo, que ela é o epitáfio do túmulo, em cujo interior apodrecemos! Ela marca o extremo da descida em que nos achamos; ela é um dos sinais dos tempos, e diz muito por não dizer nada! Melhor fora silenciar quem nada tem a dizer, que isto nos ensinou Cristo neste passo! Basta ser rico, ou ter desejo de o parecer, para apreciar a arte moderna, porque tanto que o homem fica rico, muda-se a si mesmo, e fica diferente, passando a gostar daquilo que representa o triunfo da mediocridade, o seu próprio triunfo. Suspira-se diante duma tela modernista, que ainda que nada se esteja entendendo e nem sentindo, é grande entendido, e grande artista potencial. Não é preciso ter alma sensível para sentir a obra modernista, basta ter sentidos, como os tem um bruto! Para ver uma confusão de cores berrantes e contrastes gritantes sem gritar de dor, é preciso não se tenha sensibilidade, mas só sentidos!

Mas quereis saber porque não tinha Cristo o que dizer à sua Mãe, posto que tão sofredora, e às mulheres teve brado? Examinai o que disse no mesmo brado e sabereis o porque. Às mulheres disse: – Não choreis por mim, mas chorai por vós mesmas e pelos vossos filhos. Aqui está o porque em três pontos.

Cristo não podia dizer à sua Mãe não choreis por mim, porque, por quem então havia de dizer que chorasse? Pelos filhos? Um só tinha, e é já o que chorava. Chorar por si mesma? Não podia, porque não tinha pecados, e só chora, ou pode chorar por si mesmo quem os tem, e é consciente deles. Então os três pontos do brado dado às mulheres não tinham aplicação à sua Mãe, porque, o **não choreis por mim**, estava implicado com o segundo, que era: **mas chorai por vossos filhos**; e como um só era o que tinha, e era o que chorava, não se lhe podia pedir fizesse o que fazia. O terceiro ponto que é o **mas chorai por vós mesmas**, não lhe cabia porque era santíssima.

Mas as mulheres de Jerusalém, posto que sensibilíssimas, não eram santas, e tinham filhos, e esposos, e irmãos, e pais, que para quem muito ama, tudo vem a ser filhos; e quem tinha entranhas para sofrer e chorar por um estranho, qual era Cristo naquele tempo; quanto mais as não teria para chorar a tantos do próprio sangue e todos infelizes? Cristo se doeu de ver doerem-se por si tantas que tinham tantos por quem se doer, e suas palavras dizem o que dizem, e eu imagino o que subentendem. Ó filhas de Jerusalém! disse Jesus; não choreis por mim, que me vou para o Pai, mas chorai por vós mesmas, que estais escravizadas ao vosso mundo e aos vossos pecados! E se estais libertas dos pecados e do mundo, não o estais de vossos filhos, que mais são do mundo que vossos, porque são todos pecadores; logo se os vossos filhos mais são filhos do mundo que vossos, chorai-os a eles vós, e por amor deles vos digo que permanecereis presas ao mundo vosso, a fim de os libertardes, com vosso martírio e renúncia, assim como eu vos hoje liberto sofrendo por vós! Se fordes pecadoras chorai por vós; e quando o não fordes, chorai pelos vossos filhos; se sois pecadoras e os chorais a eles, e não a vós, que vos aproveita? Podeis porventura lastimar e chorar nos outros o que podeis chorar e lastimar em vós? Por isso primeiro vos digo: chorai por vós mesmas; depois que

já não houver em vós o que chorar, chorai pelos vossos filhos; e quando estes forem justos, chorai pelos amigos, pela pátria, pela humanidade inteira, mas chorai sempre, que disto vos dei o exemplo, pois que ninguém há que me visse rir, mas chorar muitos me viram! Já vos ensinei no Evangelho meu, que primeiro há que tirar a trave do olho próprio, o que quiser tirar o argueiro do alheio! Agora por outras palavras, o mesmo ensinamento: chorem primeiro os pecados próprios, os que quiserem chorar os alheios! Chorai por vós mesmos primeiro, todos vós que quiserdes chorar pelo vosso próximo, e antes que possais chorar pelo vosso próximo, haveis de chorar pelos vossos filhos, e antes que os choreis a eles, chorai-vos a vós mesmos, e aprendei em vós e convosco a lição que quiserdes aplicar aos outros.

A SENTENÇA DE LEONARDO DA VINCI

que

“A sabedoria da vida não está em fazer aquilo

se gosta, mas em gostar daquilo que se faz”.
(Leonardo da Vinci)

Gostar daquilo que as contingências nos obrigam a fazer, é **acomodação**. Portanto, a sabedoria da vida, segundo Leonardo da Vinci, consiste na **acomodação**, isto é, em gostar daquilo que se é obrigado a fazer. Fôra isso verdade, cada ser biológico sentir-se-ia muito feliz em ser o que é, o anseio de ir a mais deixaria de existir, a evolução seria uma utopia, sonho vão, e não, a realidade. Espártaco, o escravo romano, sentir-se-ia perfeitamente integrado na sua servidão, não tendo agasalhado em sua mente e em seu coração o ideal de liberdade pela qual morreu crucificado. O Brasil estaria muito a gosto sob o imperialismo de Portugal, Tidadentes teria sido arrematado louco, porque... a sabedoria da vida consiste em gostar da situação em que se está, ou em ser o que se é, não indo a mais, não buscando situação diferente reputadamente melhor. Cada encarcerado por seu crime, acabaria acomodado à sua vida de prisão, de modo a ser-lhe aflitivo ser posto em liberdade. Ninguém lutaria por superar-se a si mesmo, e o menino, filho de pedreiro ainda que fosse talhado para ser um gênio científico, um matemático famoso, um célebre filósofo, um escritor renomado, não passaria de um pedreiro como o pai. Abraão Lincoln teria errado quando, adolescente, trocou o machado pelo livro, do que resultou em ser ele um dos maiores presidentes que os Estados Unidos já tiveram. Fique Abraão Lincoln rachador de lenha, permaneça o menino gênio, pedreiro como o pai, continue o presidiário acomodado à sua cela, prossiga o Brasil vassalo de Portugal, acomode-se José Joaquim da Silva Xavier à função de tirar dentes, aceite Espártaco ser escravo de Roma, permaneça cada ente biológico em seu nível que seria um só, porque nenhum se aventuraria a subir na escala evolutiva saindo-se de marisco ou de molusco. Tal seria o mundo se fosse certa a sentença de Leonardo.

No entanto, buscar fazer aquilo de que se gosta, seguir a tendência, o pendor natural, a vocação, é criatividade, é realizar aquilo para o que se é talhado, seguindo a linha de especialização que tende a tornar o indivíduo autêntico, único em si mesmo, inconfundível. São Tomás já dizia que cada anjo é uma espécie. Por isto a sábia Natureza cria sempre diferentes, e nunca iguais, porque permite a cada um especializar-se naquilo de que gosta de fazer. A ave, outrora réptil, começou a voar, não por necessidade, e sim, porque voar dá prazer. O prazer, a busca da felicidade, move o mundo. Ora, procurar fazer o que confere alegria, é “fazer aquilo que se gosta”. E cada ser biológico buscando o que lhe era apazível, criou isso que vemos: A Natureza vária, calidoscópica, magnificente, bela.

Face à sentença de Leonardo, que significação teve o anseio de Colombo em querer chegar às Índias, navegando pelo lado oposto, fiado só na então hipótese da esfericidade da Terra? Por que um primitivo anônimo havia de aventurar-se a navegar em sua canoa improvisada, um tronco seco carcomido pelo fogo? Que aventura foi aquela de pôr velas à canoa para navegar com a força do vento? Por que ir à lua e, de futuro, a outros planetas? Por acaso a sabedoria da vida não consiste na acomodação, pelo que cada um deve ficar quedo no seu posto? Fique, cada um acomodado ao que é, gostando daquilo que faz, pondo de lado a loucura “anti-natural” de procurar fazer aquilo de que gosta, e antes, acabe por gostar daquilo que faz.

Leonardo da Vinci foi um gênio como pintor, como inventor de coisas belas, não porém, como filósofo, como demonstra sua sentença. E como se pôs a fazer filosofia, numa aventura de sair daquilo em que era competente, errou, pois a filosofia ou a sabedoria da vida, consiste, muito ao contrário, em **fazer aquilo de que se gosta**, para ser possível, depois, **gostar daquilo que se faz**.

Quando se faz o que se gosta, o trabalho é puro diletantismo, alegria de servir, flandar criador. Com que mágoa se abandona o trabalho de um dia vencido pelo cansaço! Com que antecipado júbilo que se sabe que, no dia seguinte, pode prosseguir naquele esforço que dá prazer! A esposa de Edson pediu-lhe que tirasse umas férias; e ele respondeu-lhe que, no dia seguinte, as tiraria; e tirou-as, e foi gozá-las no lugar onde ele se sentia mais feliz: sua oficina de costumeiros trabalhos, em que fazia suas invenções.

Já quando se faz aquilo de que se não gosta, o trabalho pesa como a maldição imposta a Adão: “Lavrarás a terra, e comerás o teu pão com o suor do teu rosto...” Suposto que Deus é o que mais trabalha, como disse Jesus: “Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também” (João 5, 17); suposto que Deus não cessa de agir, vendo nós sua obra grande, bela e vária, havemos de concluir

que não faz nada igual, e sim tudo diferente; não pode Ele ser um acomodado, a repetir, monotonamente, um labor sempre igual. Cria Ele o diferente, o sempre desigual, porque o prazer seu não consiste no repetir, mas no variar. Não acomodação servil, escrava, monótona, cansativa, mas anseio de ir por diante, de avançar por caminhos novos, de realizar-se realizando o diferente, de buscar fazer um trabalho gozoso, aventurando-se a fazer aquilo que dá gosto, alegria.

Acomode-se, a ostra à sua concha, a tartaruga, à sua casca, o animal, ao seu instinto, o homem medíocre ao seu trabalho escravo, monótono, rotineiro; mas não se diga que o talento deve apoucar-se pela acomodação a um quefazer que oprime e desgosta. Conforme-se o galo em rapar os pés às suas galinhas, e a comer restos de comida, mas não se imponha cativo à águia cujo gosto supremo consiste em cortar o alto espaço em altaneiro vôo, porque é lei da Natureza que cada um busque fazer aquilo de que gosta, e nunca, gostar daquilo que faz, a menos que, de antemão e livremente, tenha procurado aquilo de que gosta, e só por isto, agora, gosta do que faz.

De todas as lições que deu Cristo ao mundo, a do bom samaritano é a mais difícil, a mais completa e a de que menos se fala. E pois se é esta a mais difícil e a mais completa, porque é a que menos se fala? Por isso mesmo. O mundo resolveu-se a falar de Cristo, da sua pessoa, exaltando-lhe o amor que teve por nós. É como Marta, (1) que se azafamava com arranjar-lhe a casa e honrar-lhe a pessoa; todavia coube o elogio do Mestre a Maria, que a seus pés o ouvia, interessando-se mais com a Doutrina que com o Doutrinador. Assim é na lição do bom samaritano, onde muito se tem que ver com a Doutrina, e pouco com o Doutrinador. Mas como é mais fácil exaltar o Doutrinador, que lhe seguir a Doutrina, o mundo cuida de honrar-lhe a pessoa e olvidar-lhe os ensinamentos. Assim todos crêem em Cristo, como dizia Vieira, (2) mas não crêem a Cristo, e este será nosso tema de hoje. Sirva-se pois o Mestre de nos assistir com sua inspiração, que do modo por que falou ao fariseu falar-nos-á a nós, que fariseus também somos, posto que modernos.

É este o ponto mais difícil, porque nos outros passos do Evangelho, Cristo se dirige às massas ignaras e sofredoras, famintas do pão do corpo e do pão da alma, e sedentas das duas águas: uma da que pediu Jesus à samaritana, (3) e outra, da que lhe ofereceu a ela. Mas aqui Cristo falava a um mestre de Israel; e quem fala e ensina a mestre, e mestre de Israel, vede se a lição que dá pode ser fácil? Daqui a consequência que infiro, de que esta é a mais difícil lição dos Evangelhos. Mais:

Porque é lição difícil, ninguém toca nela e ela toca a todos. O doutor da Lei, que era o que ensinava, veio aprender de Cristo o como da salvação. E este como, que é o caminho, foi tão estreito, que ele saiu como sairemos todos hoje: confundidos; confundidos, posto que cristãos, e mais confundidos porque cristãos.

Que é necessário fazer para herdar a vida eterna? Pergunta a Cristo o doutor de Israel. Cumprir a Lei, disse-lhe ele. E cumpre-a tu? Como a lês? E depois que o fariseu disse que tudo consistia no amor a Deus e ao próximo, Cristo lhe responde e diz: – faz isto e viverás. Ora, aqui começa a confusão porque o doutor se supunha salvo; e para se justificar, o que se supunha justo, pergunta a Cristo quem lhe é o próximo. Vem cá, doutor! Não sabes tu quem é teu próximo? E és doutor? E és mestre? E és condutor de Israel? Pois a ti te cabe bem, o que disse o Mestre do cego, que se põe a guiar cegos! Mas a ti não te censuro, que te perdeste no passado; mas censuro aos mestres e doutores modernos, que como tu ainda não sabem quem lhes é o próximo, e nem por isso se temem despenhar, levando os outros consigo.

Vede, ó doutores modernos, que sacerdotes eram os que passaram de largo, ao verem o necessitado do caminho, porque se um era justamente sacerdote, o outro era levita, com cargo de cuidar das coisas sagradas. E se ambos tinham fé, e viviam tão estreitamente com Deus, como pois passaram tão de largo, no que tocava ao próximo? É que amar a Deus e amar a Cristo é mais fácil que amar ao próximo, e tanto que dos primeiros há muitos e muitíssimos, e dos segundos, não. E para mostrar que a salvação se radica no amor do próximo, ou caridade, que esta não pode existir sem obras, e não na fé, que esta existe sem elas, Cristo não fala da fé do bom samaritano, para mostrar-lhe dele só a caridade; e do que disse Cristo, concluo, que os que fizerem como o samaritano, ainda que budistas, e não cristãos, hão de se salvar; daí o “vai, e faz tu o mesmo”, independente das fês, que são rótulos exteriores, as mais das vezes para ocultar falsos conteúdos.

E porque esta lição é difícil, e ninguém a vive, todos a silenciam. Se o salvar-se está em fazer o que fez o samaritano, como pois pouquíssimos só o fazem? Quem é que sente amor, como se fôra a um filho, ao ver um pedinte esqualido, de voz sumida, de peito encovado, de barba crescida, estendendo a mão a pedir uma esmola, pelo amor de Deus? E porque pede ele pelo amor de Deus? E não pelo amor do próximo? É porque o amor do próximo o não há! E mesmo pedindo pelo amor de Deus, que devia haver, que ouve ele? Pois ouve isto: – não tenho miúdo! Sim, porque o graúdo, pensa o esmoler, guardo-o para os meus filhinhos que amo; quanto a este mendigo é-me um estranho! Vede se eu não tinha razão de dizer, que este é o passo mais difícil dos Evangelhos.

É o mais completo porque resume a Lei e os Profetas, e sintetiza o próprio Evangelho, que todo ele é ação, logo, obras. Se é ponto dado a mestre, e a tal mestre, é ponto que resume tudo; logo é o mais completo.

E do qual menos se fala, porque em o falar, cada um haveria de confessar que o não vive. E como todos querem ser salvos, e viver de ilusões, como o doutor da Lei, melhor e mais cômodo é falar de Cristo, que nos ama, que falar de nós, que não amamos ao próximo, como pede e manda o próprio Cristo.

Este escrito é cheio de lealdade e coragem, porque falando a todos, sobretudo fala a quem o faz. Prego-me a mim mesmo e me azorago, como fazia S. Paulo com dizer, que era miserável, e não só miserável, mas quão miserável, por não fazer o que devia, e fazer o que não devia. Amar, que devia, não amo; desamar, que não devia, desamo; e não vai o sentimento só a desamar, vai, ainda, a descuidar; ainda que cuido do bem alheio, cuido com a cabeça, que me manda a Doutrina, mas o não cuido com o coração, que só isto é amar.

Mas tudo isto, é porque? Porque, como dizia Vieira, cremos em Cristo, mas não cremos a ele; cremos na pessoa dele, mas não cremos ao que ele ensina, e se não, dizei-me: Cristo não disse que o julgamento será feito em função de obras? (4) E tanto que os da esquerda, os cabritos, são condenados pelo que deixaram de fazer? E os da direita, as ovelhas, salvar-se-ão pelo que fizeram de bem? Sim, assim é, dizem todos. E Cristo não disse? Todas as vezes que fizestes o bem a um destes pequeninos, é a mim que o fizestes? Sim, é o que está escrito. Agora aperto. Quando andais pelas ruas e vedes um mendigo, crede, que se fizerdes um bem a ele, é a Cristo que o fazeis? Se credes, porque não o fazeis? E se não fazeis, porque dizeis que credes? Pois a coisa é que não credes a Cristo, para crerdes nele. Jesus quando disse isto, disse uma verdade, ou mentiu? Certo que disse a verdade! Pois se assim é, porque não a credes? E se a credes, porque não sois condescendentes, ao menos isto, para com o pequenino? Vede quanta injustiça fazeis? E a quem a fazeis? Ao grande? Não, que ele vos arrasaria. E pois se não a fazeis ao grande, a quem a fazeis? Ora, ora, pois a quem há de ser, senão ao pequenino, que convosco não pode?

Agora dizei-me: sois cristãos? Tendes a coragem de dizer que o sois? Somos cristãos? Afinal, que somos? Senão uns pobres levitas da Lei do Evangelho? Vede porque não há pregações sobre este ponto? É que noutros passos o pregador prega aos outros, o que é fácil, e neste há que pregar-se a si mesmo, o que é difícil; noutros pontos, fala-se que Cristo falou às massas, e neste, que ele falou ao fariseu que somos, e o não queremos ser, e ao doutor do Evangelho, que queremos ser, e o não somos, porque só o são os que o vivem, e como nós não o vivemos, não o somos.

Chilon dizia, diz Vieira, (5) que a pedra de toque é a que serve para provar o ouro e a prata, e que o ouro e a prata são a pedra de toque com que se provam os homens. Eu, agora, para encerrar, digo, do ponto, que a caridade, e não a fé, é a pedra de toque do cristão. E por este toque tenho visto e provado muito ferro, porque áspero e duro, muito bronze de estátua, porque orgulho e vaidade, muito ouro e prata, porque egoísmo e cobiça, e sobretudo muito e muito barro e terra, mas muito pouco cristão.

- 1) – Luc 10, 38-42
- 2) – Vieira, Sermões, 4, 124 a 155
- 3) – Jo 4, 1-26
- 4) – Mat 25, 40
- (5) – Vieira, Sermões, 5, 241

POLÍTICA

Dai, pois, a Cesar o que é de Cesar,

Qual o melhor governo? O melhor regime? A melhor política? Como dar com a fórmula geral capaz de resolver todos os problemas? Onde a síntese suprema deste plano? Como ter na política uma visão unitária? Qual é a filosofia da política?

Estas são as questões levantadas, cuja solução se tenta na prática e na teoria. Todavia o melhor governo é relativo aos governados, e não independente deles; o sistema governamental da Suíça é impotente se aplicado a uma tribo de bororós ou xavantes. Cada povo tem o governo que merece ou precisa, e o melhor governo é o que melhor se acomoda às realidades evolutivas dos governados. Povo atrasado, poder descentralizado; povo evoluído, poder centralizado; porém cumpre notar aqui, que o conceito de evoluído é amplíssimo, constituindo o progresso mecânico, apenas a casca; evolução aqui toca na alma e no sentimento, onde o hipertrófico progresso da Alemanha é barbárie ainda.

Dado todavia, que é regido o Universo por um Princípio único (Deus), do qual decorrem todos os princípios menores, entre os quais se nota parentesco, vejamos na biologia as leis da política, que esta é orgânica, tanto quanto o é a vida.

Mutilando-se uma ponta de uma estrela-do-mar, ela reconstituir-se-á, ficando novamente com cinco pontas, e a ponta mutilada tornar-se-á também uma estrela. Um verme-da-terra, que haja sido seccionado em três pedaços, reconstituir-se-á, não num ser único, senão em três, formando cada pedaço um ser distinto. Isto acontece por causa da constituição rudimentar das células, onde cada uma goza de certa independência dentro do organismo; a indiferenciação lhes garante independência, e o centro do ser, o comando geral, o centro nervoso acha-se descentralizado. Já isto não acontece nos organismos evoluídos, onde a especialização e diferenciação das células, não permite independência; corte-se uma perna a um homem e ela morrerá.

Assim é na política; povo atrasado e involuído, poder descentralizado como o vemos hoje na democracia nossa, onde as forças partidárias se equilibram, se desgastam e se consomem nos atritos; não há harmonia entre o legislativo e o executivo, e bom é que não haja mesmo, porque se houvesse, o partido que mandasse ficaria onipotente, o que não permite ainda a nossa evolução. Este é o regime de máximo esforço e mínimo rendimento e por isso também o de menos perigo; dividir para mandar era o método de Roma vitoriosa do passado; se na união está a força, na dispersão está a fraqueza; disperso pois esteja, o que não convém esteja forte. O poder centralizado é o regime de mínimo esforço e máximo rendimento, por isso mesmo, não muito, mas muitíssimo perigoso; se o chefe supremo for um gênio do bem tudo será um paraíso, mas, e se o for do mal? O que é mais comum, porque este mundo é inferno! Cuidado, pois; descentralize-se o poder!

Aí estão os dois extremos do eixo, ao longo do qual oscilam todos os governos e formas de regimes, sendo o melhor governo, o que melhor corresponder aos merecimentos dos governados; se o vosso governo é demônio, ó governados, ó multidões, vede que também o sois! Tornai-vos pois anjos, e o vosso governo, com sair de vós, se-lo-á também. Aqui está como os extremos se tocam! Que homem pensaria que para se ter um bom governo fosse necessário sua própria melhoria moral? Não credes nisto? Pois então continuai a viver como viveis, e o governo será o que é, onde a seleção se faz no sentido de eliminar os melhores, vencendo os aventureiros, os oportunistas, os mediócras, os inescrupulosos, os violentos, os agressivos, os que são a média exata de vós, dos governados.

PEDRO

Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre

A distinção de gênero entre o nome próprio Pedro, e o comum pedra, não a há no aramaico, que era o que se falava no tempo de Jesus; (1) Daí o ser Pedro pedra, e por isso incorruptível como o é ela. De pedra são feitos os clamores, que hão de atravessar os séculos. Vede aquela esfinge? Aquela pirâmide? Que diz ela? Diz que é clamor mudo de um povo tão grande na ciência e no poder, que até hoje não foi superado. E porque os grandes brados ficam eternizados na pedra; quando a Cristo, Senhor nosso, lhe pediram para que fizesse calar o povo, tiveram do Senhor a resposta de que se se calassem aquelas vozes, clamariam as pedras; e tanto que disse Cristo estas palavras, os que o haviam interpelado, como que petrificados e suspensos emudeceram; e emudecidos clamavam como pedras que clamam! E que clamor foi este? No seu silêncio clamavam dizendo: Senhor, pouco há vos pedimos fizésseis calar o povo; mas já que em se calando este, clamariam as pedras, então, basta Senhor, que clamem todos, porque clamam só por um pouco; e se se calam, para sempre seremos aturdidos pelo clamor das pedras!

Esta é a força da pedra de que Pedro é feito, não só por derivação do nome, senão também pela sua estrutura biológica – Pedro tu és pedra.

A primeira proposição de Cristo é a de que Pedro é pedra. A segunda é a de que sobre esta pedra edificaria a igreja sua. Esta segunda proposição se confirma, quando Cristo examina a Pedro por três vezes se o amava, para lhe entregar depois o cajado de pastor do seu rebanho. Mas Cristo disse que Pedro é pedra, mas desta não nomeou a qualidade e isto é o que farei. (2)

Pedro é pedra como dureza, como valor e como beleza. E que pedra é esta que das duras é a mais dura; das de valor a mais valiosa; e das belas a mais bela? Digo que é o diamante, e ninguém mo dirá outra coisa! Mais: Diamante o foi outrora, e é hoje brilhante, que a dor o transformou! E tanto que se tornou brilhante, que faz? Faz o que faz; refrange a luz do sol (e Cristo é Sol) inundando o mundo de efeitos policrômicos! As luzes variegadas, que são os vários campos do saber, não derivaram, por decomposição, de um raio supremo que dos céus desceu? Não é a luz branquíssima ou sintética de Cristo, decomposta em sete cores, e cada uma em seus matizes, que são o tudo quanto vê o humano olho? Não é tudo deslumbrante de beleza, pleno de bondade e olímpico de sabedoria? Pois donde vem tudo, senão do sol que é Cristo? E quem o poderia refratar e decompor, senão Pedro, que é pedra, que é diamante, que é brilhante?

Vede? Irmãos meus! Aqui está o mistério profundíssimo de Cristo, em primeiro trocar o nome de Simão para o de Pedro, que vem a ser pedra. (3) Como se isto não bastasse, o Senhor diz mesmo que Pedro é pedra, e esta é o fundamento da igreja sua. Tu Pedro, é diamante, diz Cristo; e como é por ele que a luz branca ou sintética toma efeitos policrômicos; a luz de que sou feito, toda branca, porque sou síntese, descera sobre ti, e tu a decomporás em toda a revelação, já da ciência, já da fé, já da arte, já da bondade, e já do amor, para uso dos homens meus filhos e rebanho meu! Tu, Pedro és o meu médium, por quem a revelação, que sou, estará sempre presente no mundo!

Ó homens néscios! Um fundamento e tal fundamento pode por ventura ser substituído? Pode ter substituto? Pode ter sucessor? Se a Pedro há substituto, quem o é então de Cristo, de Tiago, de João? Se Cristo não pode ser substituído, nem Tiago, nem João, que ambos são Boanerges ou trovão; pode ser Pedro, que é pedra e tal pedra? Digo que Pedro é o chefe espiritual da Igreja de Cristo, mas nego e renego que tenha substituto, que o que é alicerce não pode ser substituído sem que caia todo o edifício. Trocam-se telhados nas casas, mas alicerces jamais vi trocaram-se.

1) – Bíblia Sagrada do Ano Santo de 1950 - Vol. 10 - pág. 107

2) – Jo 21 – 15 a 17

3) – Jo 1 – 42

OS DOIS LIVROS

Eu abri, pois, a minha boca e

ele me deu a comer o livro.

Ez 3 – 1

*Tomei o livrinho da mão do anjo e o comi;
na minha boca era doce como mel, mas*

depois

de o comer, causou-me amargor no ventre.

Apoc 10 – 10

Dois livros comidos, dois livros digeridos e dois livros assimilados; um doce, e outro doce e amargo; o doce era no qual estavam escritas maldições, suspiros e ais; o doce e amargo era, no qual estavam escritas coisas indizíveis, quais as que Paulo viu no terceiro céu. E que Ezequiel tenha comido um livro em que se achassem escritas maldições, suspiros e ais; e que o comendo o tenha achado doce, grande mistério. Maior porém ainda é o de João, que também comendo um livro o achasse doce na boca, porém amargo no ventre. A decifração destes mistérios é o que farei, pelo que vos rogo acompanheis o pensamento meu.

No cenáculo aos apóstolos foi dado de comer, mas por modo diferente. A sabedoria se lhes pôs sobre as cabeças sob a forma de línguas de fogo. Línguas porque haviam de pregar, e de fogo porque se haviam de arder e consumir de zelo apostólico, e assim o foi. Que apóstolo teve morte mansa, senão João Evangelista? Mas vede bem, que se teve morte mansa, foi o que comeu o livro doce e amargo; doce na boca, porém amargo no ventre; doce na boca, enquanto saboreava e aprendia; porém amargo no ventre, porque, feita a digestão intelectual do conteúdo, tinha agora de vivê-lo; enquanto se o estuda para o aprender, é saboroso e doce; enquanto assimilado para a vida, então amargo. Ó que grande mistério é este para os dias de João, mas grande amargor de realidade para os dias que correm.

João comeu só, o livro, que hoje nos cumpre comer em conjunto; João comeu-o como indivíduo, e a nós nos cumpre comê-lo como coletividade. Ezequiel comeu outrora o livro, no qual se achavam escritas maldições, suspiros e ais. O que me admira não é o ter comido o livro e tal livro; o que é admirável, e duas vezes admirável, é que o comendo, e sendo ele de maldições, de suspiros e de ais, fosse doce! Vem cá Ezequiel, dai-me licença que vos argúa! Que gosto tendes vós para achardes doce as maldições, os suspiros e os ais? Se foreis um demônio bem estava; mas vós, o anjo do Senhor?!

Ah! bem sei já porque doce era na boca vossa o livro que comestes; ainda que nele se achavam escritas maldições, suspiros e ais, doce era porque o comestes para os outros; comestes-o para o pregar aos filhos de Israel desviados de Deus; e quando se come e aprende para os outros, ainda que o que se come são maldições, suspiros e ais doce é. Todavia quando se comem e devoram livros, não para os outros, senão para si, então ainda que o conteúdo seja doce enquanto se o aprende, é amargo quando se o vive. Aqui está o mistério Apocalíptico desvendado.

Paulo fazia penitência, para não suceder, que levando a salvação aos outros, fosse o que se perdesse com ela. Notável dizer! Porque salvar aos outros e perder-se a si desgraça é grande! E isto acontece para os que comem e devoram livros para os outros, mas não para si.

Mas o mistério de Ezequiel no passado, se resolve e se completa com o de João no futuro; futuro outrora, mas presente hoje. Ezequiel comeu o livro que era só doce. João já o não pode comer só doce, senão também amargo; Ezequiel comeu o livro das maldições, dos suspiros e dos ais, e era doce; João comeu, não um rolo ou livro grande, senão um livrinho; e o comendo, na boca era doce, e no ventre amargo. Ora, o ventre que digere livros é a consciência; mas que se amargue esta com digerir um livrinho? E porque livrinho? E não um rolo ou livro grande? O que dá indigestão é o pouco, ou o muito? Pois se é o muito, como se pode resolver em amargor um livrinho digerido?

Este livrinho, eis o mistério revelado, não é nem mais nem menos que "A Grande Síntese".

Como? Então não é "A Grande Síntese"? E sendo grande a síntese, pode ser pequeno o livro? Então pode o Grande se conter no pequeno? O Absoluto no relativo? O Todo nas partes? Sim pode, e assim é! Quanto maior a síntese (e isto é ser síntese), tanto mais resumidas já as páginas, já os capítulos e já o livro. Se fora "A Grande Análise", então sim o livro seria grande; todavia como é "A Grande Síntese", então pequeno há de ser o livro; o primeiro seria um livro grande, mas este é um grande livro. Para conter todo o acervo do conhecimento humano e divino, fora preciso o Universo,

que de fato esse é a biblioteca de Deus, onde se contém toda a obra sua. Mas que tudo se ponha nos limites de um livro humano, vede se por grande que seja esse, não é pequeno? Logo esse é o livrinho que João comeu no seu Apocalipse, e que estava reservado para o futuro, pois que tudo o que há no livro de João, é profecia que se cumpre hoje.

Até aqui temos livro comido, e doce na boca. Resta-nos ver como digerido, na consciência, é amargo.

"A Grande Síntese" é o livro que peleja e vence o materialismo, e todas as suas conseqüências no homem; lê-lo é doce, é agradável; lido, porém, o homem é convencido da necessidade da sua própria melhoria em todos os campos; ele enxerga a sua pequenez e se põe a combater o orgulho que desenvolveu por supor-se grande; enxerga a vastidão da estrada a percorrer, e quanto é ignorante ainda. Bastava só conferir ao homem a consciência da sua ignorância, para ser livro que faz sábios, porque sábio é aquele que chegou a conhecer o quanto ignora; a maioria cuida que sabe, porque não sabe o quanto ignora; porém o homem que chega a saber o quanto ignora, então sente e diz: – nada sei; e sentindo e dizendo, é sábio. O Evangelho de Cristo, Senhor nosso, fica racional, e daqui obrigatório como o é todo o processo lógico. E o homem convencido e vencido pela luz da "A Grande Síntese", trava guerra contra seus instintos; aqui está o amargor, e quem quiser saber o que isto é, que faça uma experiência e entre a praticar as três virtudes dos santos que são: pobreza, castidade e obediência.

1) – I Cor 9 - 27

O RISO

*Abraão se prostrou com o rosto em terra,
e riu-se, dizendo lá no seu coração: Pois que?
Um homem de cem anos terá um filho? E Sara,
sendo de noventa? Gên 17, 17*

Cada milênio que passa traz consigo a sua grande afirmação, que é o que realizou. A Idade Média, toda ela, se aplicou à extensão do conceito ético do bem e do mal. Houve trevas? Sim, houve, e nelas, como em noite escura estrelas brilharam, os mosteiros como fochos de luz, únicos pontos de cultura, como sementes a serem plantadas nos tempos futuros; coroou a obra aqui, que é do espírito, a Renascença, com as criações imorredouras da arte.

O milênio que se seguiu, o nosso, aplicou-se a criar ciência, comodidade, materialismo e angústia moral. E posto que não é acabado o último século deste milênio, como o exigisse a aflição de todas as almas, brilhou a luz nova da terceira revelação; estão pois lançadas as bases da futura civilização.

A mente humana, perquirindo na matéria, criou o materialismo negativista; e porque ficou sem amanhã, na noite do século das luzes, então foi preciso surgisse a luz nova do espírito, que só ele é luz, e não a da eletricidade, como quase todos pensam.

E que luz poderosa é esta, a alumiar uma Idade, como se fôra o sol de um novo dia? Que clarão é, pois, este, diante do qual são trevas o século das luzes? Então não estão descobertas todas as coisas? Há porventura coisa maior que a desintegração do átomo? Que a bomba de hidrogênio? Quem é esse que ousa dizer que são trevas, quais as da Idade Média, o século das luzes?

A resposta pertence ao futuro, e só os que vivem no futuro a podem compreender. Mas eu direi aqui aos do futuro, posto que vivam no presente; no presente vivem como corpos, mas no futuro, como inteligências, como sensibilidades, e como esperanças. Acompanhai-me pois, os que o puderem fazer.

A resposta é a grande obra de Jesus Cristo denominada "A Grande Síntese", transmitida, mediunicamente, a Pietro Ubaldi. Não riais disto que vos disse, que esta é a afirmação do futuro, e o vosso riso mostra que viveis no presente, com serdes medíocres.

Abraão e Sara riram-se, quando lhes disse o anjo, que haviam de ter um filho. Isaac quer dizer riso. "A Grande Síntese" é o Isaac das velhas civilizações, e só podia sair e entrar, nos que no espírito ficaram velhos, saiu de Jesus, que antes que tudo fosse, já era; e entrou e entra nos seus mais amadurecidos discípulos, que no mundo há hoje. Oxalá fosse vosso riso como o de Abraão, não de escárnio, mas de alegria, de mistura com um sentimento de dúvida. Eia pois, homens de boa vontade, está soada a grande hora.

Mas eu disse velhos? O espírito envelhece? Sim. Quando se torna sábio e bom. Assim como a velhice no corpo é sinônimo de máximo de experiência e de saber, experiência e o saber no espírito, não pode ser senão sinônimo de velhice; só quem viveu muito, mas vede bem, que é, viveu muito, sabe muito, ainda que esteja em corpo jovem; quereis a prova? Ei-la: o gênio.

Vós rides? Pois eu vos digo que é porque sois crianças, como o eram Abraão e Sara; como eles envelhecesteis só no corpo, não porém na alma. Parece que até vejo o velho Kant rindo-se do esforço, que considerava inútil, do homem, em querer chegar a Deus pelas sendas da razão pura; ainda que se riu na sua velhice, e riram-se todos os velhos, nossos avós, "A Grande Síntese" aí está, como Isaac, o riso de Abraão e Sara.

É pois nascido o Isaac da velhice das passadas eras; e assim como naquele estava concentrado o germe das futuras gerações, que haviam de ser como as estrelas do céu, assim na "A Grande Síntese" resume, como em semente, todo o passado, do que surgirá todo o futuro: a nova civilização do terceiro milênio.

A obra de Pietro Ubaldi se compõe de doze volumes, dos quais "A Grande Síntese" é o esquema. Mas Pietro Ubaldi é místico, é médium, e usou na feitura da sua obra do poder da intuição, que é o método normal de pesquisa dos gênios. A sua autoridade é pois de místico, que vê, que ouve e que sente. Todavia o mundo, com ser materialista, pede, como os fariseus a Jesus, um sinal do céu, uma prova, um milagre. Jesus contudo responde na linguagem de cada um. Pedis um

sinal do céu? Diz Jesus; mas porque? Se no céu não credes? Com serdes materialistas? Hei de vos dar um sinal na terra, e não no céu, que só nela credes! O meu sinal, que é do céu, polo-ei na terra, e falará ele a linguagem que entendeis, se é que entendeis, que é a da ciência! Eis que vos enviarei Marco Todeschini, superior a Einstein, que vos fará o milagre que pedis; provará a existência da alma e da imortalidade dela, com demonstrações matemáticas. Demonstrará ele, com o giz e a lousa, A Grande Síntese minha.

Há maior motivo de riso que este? Demonstrar a alma com um giz e uma lousa? Que é que se lê na lousa de Voltaire? Senão “Aqui jaz Voltaire”? Pois Todeschini há de provar em sua lousa, com o seu giz, não só que na lousa de Voltaire havia de estar escrito: “Aqui jaz o pó de Voltaire”, senão ainda, que a alma deste vive, sente e pensa fora da matéria. Eis como eu tinha razão de dizer, que "A Grande Síntese" é o Isaac, filho do passado, e pai do futuro.

Assim como Jesus, querendo reunir os discípulos em Jerusalém, seguiu com os dois, que se afastavam para Emaús, assim também, querendo trazer os homens à espiritualidade, deixa-se ir com eles pelos caminhos do materialismo. Aí está, para os que puderem ver, o grandíssimo milagre deste século. Pena é que a maioria seja materializada, posto que religiosa, e não materialista, e tanto que de materialismo nada entende. Todeschini falará ao materialista, mas não ao comodista, que a este só o moverá a dor.

Todeschini é engenheiro e médico, e Pietro Ubaldi, advogado e professor. Oxalá tenhamos ouvidos de ouvir, para ouvirmos as vozes que os céus nos enviam. Primeiro hão de falar as vozes dos anjos e as trombetas apocalípticas, para depois falarem os acontecimentos, que porão fim à caducidade desta civilização de homens, que buscam a luz nas trevas, a paz na guerra, o amor no ódio e o bem no mal; civilização é esta, de loucos, que chamam o século das luzes, ao que não é senão século das trevas.

A DERROTA DE JESUS

*Um profeta não deixa de receber honra,
senão na sua terra e na sua casa.*

S. Mat 13, 57

A derrota de Jesus? Quem ousa escrever sob um título assim? O Cristo derrotado? Vencido o vencedor? Mas é possível haja isto acontecido?

Assim foi e assim é; e porque assim foi e assim é, assim há de ser. Diz-nos o Eclesiastes, (1) que o que foi, é o que é. Quereis saber como é? Vede como foi, e assim como foi é! Cristo foi descrito em sua terra? Logo o havemos nós de ser na nossa! Cristo era nada para os seus? Logo o seremos nós para os nossos! Porque assim como foi para Cristo, que é mais, assim sê-lo-á para nós, que somos menos.

Cristo entrou hoje em uma aldeia, que era a sua, onde nascera; e no ponto que entrou cessou de ser o que era, porque o homem só é o que é, longe da sua terra e da sua casa. Estais na vossa terra? Logo não sois o que sois! Já dizia Feodor Chaliapin, que ninguém é grande homem para o seu criado de quarto! Cristo entrou na sua terra? Pois então já não é Cristo, e se o quer ser de novo, há que sair daí. Cristo entrou, e já não é Cristo! Cristo saiu, e já é Cristo! Vede o quanto vai de entrar e sair, que equívale a não ser e a ser! A não existir e a existir!

Ser Cristo é apresentar as obras de Cristo, que é a de dar a mancos pés, a cegos vista, a surdos ouvidos, a mudos voz e língua, a aleijados mãos e a mortos vida. E se isto não pode fazer, como o não fez, então não é Cristo. Provo a consequência.

Perguntaram os discípulos de João a Jesus se ele era o Cristo, ou se haviam de esperar outro. Cuidava eu que Cristo havia de abrir a boca para dizer, “em verdade em verdade vos digo”, como era do seu estilo, mas vejo que o não fez com a voz, e aos brados, para mudamente o fazer com as mãos; e depois de ter feito toda a sorte de curas, disse: – Ide a João a lhe dizerdes o que vistes e o que ouvistes de mim. E pois se Cristo sempre dizia falando, como aqui disse obrando? Esta diferença decorre da pergunta, que doutras vezes se dirigia à Doutrina, mas desta, ao Doutrinador; para esclarecer a Doutrina bastavam e bastam palavras, mas para esclarecer quem esclarece eram e são necessárias obras. E se Cristo as não podia executar em sua terra, vede se ali podia responder a João se era Cristo? Se não podia responder, é que não era, e para que o fosse de novo cumpria quanto antes fugir dali!

Vede? Que coisa é ficar o profeta, o artista, o sábio, o gênio, o santo na terra em que nasceram?

Se Cristo (o que é mais) não podia ser Cristo em sua terra, e sim fora dela, quem quiser aquilatar o próprio valor, saia de onde nasceu. Quantos, ao lerem estas linhas, hão de dizer consigo mesmos, que são o que são, só porque não são daqui! E pela recíproca, que muitos não são o que deveriam ser, só porque aqui permanecem. Notável consequência é esta!

O valor de um homem guarda relação com o quanto dele se ignoram as miudezas. Aquele, que dizeis grande, come, mas não hei de saber que come; bebe, mas não hei de saber que bebe; tem as demais funções de homem, mas não as hei de saber que tem, porque se com certeza o souber, e ainda por cima lhe conhecer o pai, a mãe, e os irmãos, hei de sentenciar e dizer que é um homem comum.

Cristo não foi crido em sua terra e casa; também o não foi, como deveria ser, em sua época; daí o ter chorado sobre Jerusalém. A mesma sorte dele tiveram e têm os gênios, os heróis e os mártires; a história está cheia deles. Cada povo continua dizendo como dizem os fariseus, (2) que se tivessem vivido nos dias dos seus pais, não teriam sido cúmplices na morte dos profetas; contudo continuavam a os matar: – enchei pois, dizia e bradava Cristo, a medida dos vossos pais, e mostrai com matardes os profetas, que deles descendeis. Ó humanidade perversa e adúltera, tarda de inteligência e de coração!

Bem-aventurado o homem sábio que isto entende, e cedo foge da terra que o viu nascer! Quereis fracassar? Ficai na vossa terra! Quereis vencer? Fugi dela! A terra só deve servir para se nascer; mas no ponto que é nascido o homem, vencido será, se ali permanecer.

Os homens mais sábios, que isto conheceram, foram os que se cercaram de mistérios para não serem conhecidos. Enquanto em torno deles durasse a novidade, duraria a fama e a glória. Pois é assim? Seja então dizia Feodor Chaliapin. Haveis de me ver só no palco, e se me quiserdes para as vossas noites e festins, tenho meu preço, e não me sentarei jamais às vossas mesas. E assim era, e por isso não se barateou, e porque foi sempre novidade, foi glorioso.

Mundo hipócrita e vão, pensava Paganini, sem o dizer, mas que por ele o digo! Tanto tempo estive em Gênova, o berço meu, e não me destes crédito. Pois agora ver-me-eis como ao bólido que aparece, brilha, ofusca e some-se de novo. Ver-me-eis aparecer pelos alçapões dos teatros, destinado às aparições diabólicas; assim serei o vosso diabo, a tocar o meu violino numa corda só! Vós me apalpais nas estações, quando me vou a embarcar, a fim de verdes se me achais corpo! Eu tenho corpo, néscios, mas sou como se o não tivesse, porque me não vereis muito, que me hei de sumir de vós!

Dai-me a lenda e eu vos direi quem é o homem! Quereis saber a sua estatura? Medi-o pelas lendas, que estas são a medida dos heróis! Quereis, ó vós todos, quereis vencer? Tomai exemplo no Cristo e fugi da vossa terra e da vossa gente! Fugi e cobri-vos de mistérios; que ninguém saiba quem sois e de que sois capazes. Quando brilhades, brilha e sumi-vos, como fazia Vieira, que alcançado os maiores triunfos em Portugal e Roma, recusava a títulos, a mitras, a honras, para ser catequizador de índios nos sertões deste Brasil. O não aceitar ele ser orador do Sacro Colégio em Roma, não foi renúncia, foi egoísmo; egoísmo também fôra, e não renúncia, o não querer ficar por confessor da rainha Cristina da Suécia. A glória sua, formada sobre os mais da curva da fortuna empanar-se-ia pelo conhecimento do sujeito, por mostrar também ele os menos dela. Cumpria pois renunciar para conservar e ter. Não há o que pelo uso não se banalize. Se pois quereis vencer, fugi do vosso ninho, onde os fizestes, que só sereis águias, quando tiverdes sob os pés a terra, e por suporte o vento, que toda a lenda o é.

A terra, toda ela, age como a serpente que come os filhos, se não fogem estes ao nascer. Assim também fazia Saturno, que dizem ser o tempo, mas que cuida seja a terra do berço! Sois filhos da terra? Então vos há de ela comer! Fugi pois, para onde sois desconhecidos, para o reino da lenda, para o vento de que é feita ela, e sereis conhecidos e honrados! Quereis ser conhecidos? Sede então desconhecidos! Que ninguém saiba quem sois, e sereis o que todos imaginam; e como a imaginação tem asas, vós voareis por elas e ireis tão alto, quando sobe a águia.

A terra do berço é como o berço da terra; ambos comem e devoram. O berço da terra é o túmulo onde dorme o velho que ficou criança. Come-o ou come-lhe o corpo aí a terra. A terra do berço é a terra onde se assenta o berço em que se nasceu. Esta terra é pior que a outra, porque come, não o corpo, mas a alma, com devorar e comer a glória, abatendo-a, a honra, velando-a, o valor, aviltando-o, a dignidade e o direito ao prestígio, que todo o homem tem, com os negar .

Fugi pois, Senhor da terra vossa, e me ajudeis a mim fugir da minha! Arrancai-vos a vós do berço vosso, e arrancai-me a mim do meu, que eu por mim não posso me arrancar, porque fraco sou! Ouvi, Senhor, esta prece minha, este clamor, que ao Infinito mando? Rasgue ele os espaços sem medida, e suba o brado meu até onde estais! No peito meu arde uma grande chama! Ouvi-me, ó Senhor! Não me seja surdo o vosso coração!

- 1) – Ecl 3, 15
- 2) – Mat 23, 29 – 33

A DOR MAIOR

*Filhas de Jerusalém, não choreis
por mim, mas, chorai por vós mesmas
e pelos vossos filhos. Luc 23 – 28*

Ó grande brado que os séculos não puderam silenciar! Ó verdade eterna, ainda hoje viva, contra todas as mentiras daqueles e destes tempos! Com tais palavras do Senhor dou por feito o exórdio, porque ninguém há de coração, que fique insensível ao que disse Cristo, e em tal momento, às mulheres que pranteando o choravam. Se falo ao coração de quem o tem, não preciso dar começo ao que Cristo começou com o maior brado de toda a sua dor; este é o maior brado de toda a sua dor, porque a maior dor sua não teve brado. Das dores do Getzemani às do caminho do Calvário foram todas as que geraram o heróico e grande brado; daqui ao topo da cruz, os silêncios das dores maiores; e destas, uma houve que foi a maior das maiores; logo, a que gerou maior silêncio! O maior brado de toda a sua dor, dirigido ao mundo, foi este, dado às mulheres de Jerusalém; mas a maior dor sua, como dizia, não teve brado. Vede se o provo.

Digo que foi aqui de Cristo o maior brado de dor, e por que? Porque em todos os lances do martírio seu, sofreu pelo objeto amado; aqui sobre sofrer, sofria, porque sentia além das dores próprias, as dores do objeto amado, que por si sofria. Ele sofria para que não sofresse o objeto amado; e se o objeto amado sofria por vê-lo sofrer, então ele sofria sobre sofrer; sofria duas dores; uma própria e outra alheia; uma dor sua, e outra dos outros; e como essa dor dos outros derivava da sua, então era sofrer sobre sofrer, e a dor própria gerava a alheia, que voltava a doerem em si, por serem dores do objeto amado. Ora, se a dor gera dor, em circuito fechado sobre si mesmo, então a dor sua doe nos outros, e a dor dos outros doe em si, ou soma-se à sua, e a esta dor somada, mais faz doer em si; vede se esta não é capaz de gerar o maior brado do Calvário? Contudo, esta, ainda que foi a causa do maior brado, não foi a maior dor. A dor maior foi a de ver a Mãe Santíssima crucificada e sem cruz ao pé da própria cruz; enquanto que Cristo tinha o corpo na cruz, Maria tinha a cruz no peito, cravada, porque esta é a espada de que falara Simeão, que é cruz não só na forma, senão também no efeito. Esta cruz do coração da Mãe, quanto não havia de doer no coração do Filho? Contudo Jesus que teve brado, e o maior brado, para bradar às mulheres de Jerusalém, não o teve para sua Mãe, e aqui toca o ponto e digo, que a causa é que quando a dor é muita emudece a língua; daqui o eu ter dito que a maior dor não teve brado.

Até aqui a maior dor e o maior brado demonstrados. Agora direi que só estas dores foram dor, e que as outras foram gozo. Lede outra vez: digo que esta dor foram dores, porque foram as próprias mais as alheias (daí o plural), todas sofridas e suportadas num só e mesmo peito; dores que doem em um só, e num só lugar e tempo, ainda que são dores, porque as próprias mais as alheias, são dor, porque de um só, e num só lugar e tempo. Estas foram dores-dor.

As outras dores, como eu dizia, foram gozo, porque quem sofre para que não sofra o objeto amado, ainda que sofre, goza. Isto não é imaginação ou invencionice minha, mas doutrina expressa na “A Grande Síntese”, no Cap. 265, Ed. FEB, onde trata da evolução da dor. Assim, diz, que o conceito de dor-dano e dor-mal evolve para o de dor-redenção, dor-trabalho, dor-utilidade, dor-alegria, dor-bem, dor-paixão, dor-amor.

“Há, (diz) uma transhumanização da dor, na lei santa do sacrifício” (pág. 270 da mesma obra). Logo, eu tinha razão de dizer que as dores de Cristo eram dores-gozo, e que só dores-dor eram as sofridas em ricochete, vindas dos peitos das mulheres de Jerusalém, das quais sua Mãe era uma. Dores que vem de peitos amados são realmente dores.

Mas para mostrar as escrituras nos exemplos, mando a cada um imaginar que alguém que muito ama, sofre; imaginado isto, pergunto: se cada um pudesse transferir o sofrer do objeto amado

para si, que sofrer seria este sofrer? Se a mãe extremosa pudesse gemer com as dores do filhinho, contanto que este não sofresse mais; os gemidos da mãe seriam de sofrimento ou de gozo? Digo que eram de gozo, e digo mais, que todas as aflições e cansaços que padecemos, são para poupar aflições e cansaços aos que amamos muito. Pois se isto é com relação a círculo nosso, fechado, dos familiares e amigos; que se dirá ou não dirá de Cristo, cujo amor não tem limite circular, pois que é infinito? Eram sofrimentos ou gozos as dores de Cristo no Calvário? Mas as de sua mãe e das mulheres de Jerusalém eram dores suas, do Cristo, porque as dores do objeto amado, quando derivam do amante, são dores dobradas para o amante, e tal amante, porque são as próprias, mais as alheias, que tudo vem a ser próprias

A PÉROLA

*Não sou eu, o que vivo, mas é
Cristo que vive em mim.*

Gal. 2 – 20

Ó dor! Ó aflição! Ó angústia! Ó luta por fugir ao sofrimento e ser feliz! Este é o grande trabalho do homem e da natureza toda! Mas que fará o homem para ser feliz? Fará o que lhe manda Cristo, ou sofrerá se o não fizer. Mas como? Posso eu crer que no viver o Evangelho está a felicidade minha, se mais que aflitivo me é isto? Então ser desprendido onde todos são egoístas; ser bom onde tudo é maldade; buscar o céu onde tudo é buscar a terra; ser pobre onde querem todos ser ricos; ser ovelha onde todos são lobos, é isto ser felicidade? Sim, é! Aqui precisamente está a superioridade do Evangelho sobre as demais doutrinas. Enquanto o budismo resolve o problema da dor com eliminar-lhe as causas, que são todos os desejos e o egoísmo, mostra Cristo como fazer da dor um instrumento de elevação; elimina sim, as causas da dor, pela renúncia, mas renúncia por expansão do egoísmo, e não por renunciar, como faz o budista, que por isto mesmo há que sentir dentro de si o vácuo; não renúncia pela renúncia, mas renúncia do menos pelo mais; deixar a terra pela terra, que fundamento tem? Nenhum; por isto mesmo, quem assim procede, sente cavar-se em abismo a terra sob os pés, e dentro do peito um frio grande penetra; é a sensação de perda. Deixar o céu pela terra, que é o que quase todos fazem, é ter por fundamento a terra; é deixar o mais pelo menos; seja, embora, que muito se não pode exigir de crianças. Deixar a terra pelo céu, que é o que poucos fazem, é o fundamento maior, pois é deixar o menos pelo mais, o que só o faz o adulto. Se vivo porque hei de morrer sou materialista; comer e gozar há de ser o que farei. Se morro porque vivo, sou cristão; já que hei de viver e vivo para a eternidade, morrerei já para o mundo. Se todavia morro porque morro, sou insensato; se meu fim é a morte, hei de estar morto antes da morte? Hei de me extinguir antes da extinção? Hei de ser nada antes de ser pó? Hei de ser um pouco de pó caindo para o pó? Hei de ser um nada hoje, porque hei de ser nada depois? Não tem pois cabimento a renúncia pela renúncia, e quem a pratica é louco.

O cristão renuncia uma coisa por outra, expandindo sua zona de domínio, e não como o budista, que se não abre, ficando encerrado em si mesmo, por egoísmo ainda, em germe. No cristianismo o homem é semente plantada; no budismo ele é semente guardada no celeiro. A primeira, porque plantada, nasce, cresce, sofre, luta, verga à ação dos elementos, mas ergue-se de novo e floresce e frutifica; a outra semente, porque guardada, fica só nas suas possibilidades latenciais! O cristão é o filho pródigo da parábola; (1) o budista é dela o filho que não saiu, não gastou, não sofreu, e por isso mesmo não aprendeu, não evoluiu, não se libertou de si mesmo, e teve palavras de reprovação para com o Pai, e egoísmo bastante para dizer: este teu filho; quando deveria ter dito: este meu irmão.

Quereis, ó vós que me ledes, saber como se desenvolve dentro de vós, no íntimo o reino dos céus, de que nos falam os Evangelhos? Pois ide e perguntai a uma ostra como faz ela a sua pérola, e assim é que fazeis também a vossa pérola, que mais não sois que ostra. Estais encascado no crasso e duro egoísmo vosso, como a ostra em sua concha; só vos abris para receber, e nunca para dar, como ela o faz; a qualquer toque, fechais-vos desconfiados; as vibrações superiores vos não penetram a pétrea casca; não sabeis nada além do **venha a nós**. Mas vede que na concha um grão de areia um dia entra, para ferir com suas arestas a sensibilidade aguda do molusco; e que faz ele? O que fazeis quando vos atinge a dor, ciliciando-vos a alma; lutais por alijá-la, e não a podeis eliminar porque ela é oriunda dos vossos descaminhos; então desiludidos, desalentados, cansados de tentardes o absurdo, resolveis-vos a seguir a senda certa que vos salva. Começais por aprender a estrada do Evangelho, e é isto a pérola, é isto recobrir o grão de areia de nacar, como o faz a ostra, e um dia

tendes no vosso espírito, de modo inalienável, as virtudes que vos trazem gozo. Rebentais então a concha e ostentais a pérola da bondade e do saber! Sois um novo ser! Tendes livremente exposto o corpo às virações dos céus! Elevais-vos das águas escuras e lodosas, e vos incrustais no firmamento! Já não sois um molusco, sois um astro!

A dor e a necessidade geraram o trabalho, que é o esforço por acomodar-se a uma posição que varia sempre; pelo trabalho o homem se modifica a si mesmo, elevando-se; o homem é seu próprio artífice, e neste ponto se assemelha a Deus, visto como se confunde com sua criação. O pintor se não confunde com a tela sua, e nem o estatuário com a estátua, porque operam fora de si mesmos; mas o homem, se aplica a si mesmo o esforço criador, aquilo que criar há de ser o que é, confundindo-se a obra com o autor. Quem poderá separar de Cristo o Evangelho seu? Pois Cristo e Evangelho são autor e obra, e ambos se confundem numa unidade indestrutível; assim há de ser o homem no seu trabalho de autocriação.

A dor faz o homem agir, e a ação torna-o experiente e evoluído; assim como na ostra o grão de areia faz a pérola, no homem faz a dor a evolução; e como o homem se confunde com a obra, quando opera dentro de si mesmo, temos que o homem é a pérola que criou.

Deste modo o Evangelho que é um absurdo para o homem-ostra, não o é para o homem-pérola; e assim como a pérola sai da ostra, o homem sai de si mesmo por evolução. O elemento que formou a pérola, fâ-la crescer na ostra; logo, a dor que fez da besta o homem, fará deste o anjo. Está pois certo que se sofra, e quanto mais evoluído o homem tanto mais saberá abraçar a sua dor. “Dize-me de que maneira te comportas no sofrimento e te direi quem és”. (2)

O homem evoluído não dá causa a que se forme a dor, pelo horror que tem a toda a violação; mas há de sofrer sempre por solidarizar-se com a dor alheia fazendo-a sua; neste ponto a dor se torna gozo, porque sofre para que não sofra o objeto amado; se sofro para que não sofra o que amo, não sofro, gozo. Aqui está como se dá a evolução da dor, de dor-dano, dor-expição, dor-mal, para dor-gozo, dor-alegria, dor-missão.

A dor pois, que fez a pérola, persistirá, porém mudada e evoluída, avançando sempre para a dor de Cristo, que perdoa abençoando no momento mesmo do martírio.

Ó dor! Ó aflição! Ó angústia! Ó grão de areia abençoado! Dizeis então; ó cilício torturador da alma! Tu, ó tu só que fostes o abridor da concha maldita do egoísmo meu! Agora vejo os céus e sinto-me pulsar com toda a Criação! Deus! Ó Deus! Tomai-me de encontro ao vosso peito augusto, que sou a pérola divina, parte de vós! Enquanto trabalhei-lhe na feitura, tanto concentrei-me nela, que morri em mim, e sou agora o que ela é! Já não sou eu quem vivo, mas vós quem viveis em mim! Bendita seja sempre a dor que faz na concha a pérola preciosa, e de mim ó Senhor, um filho vosso.

1) – S. Luc 15 – 11 a 32

2) – A Grande Síntese, 271

A HIPERCONSCIÊNCIA

*Conhecereis a verdade e a
verdade vos libertará.*

S. João 8 - 32

Que é o instinto, senão o que se estabilizou pela repetição, em automatismo quase cego? Mas por que quase cego, e não cego? Porque se bem que o raciocínio não interfira no processo mecânico do instinto, todavia ele interveio na sua formação, e intervém sempre que haja pequena variação, entre o que se sabe e o que se tem a fazer. Uma bailarina só é de fato bailarina, quando não pensa nos passos que há de dar; assim será o musicista; assim o datilógrafo. Mas como? Se o homem pensa para formar o automatismo, o animal não pensa! Se o animal não pensa, o instinto não é hábito cultivado ou automatismo feito pelo repetir. Digo que o animal pensa rudimentarmente, e hei de prová-lo; esta será a dificuldade que hoje examinarei.

Que é o pensar, senão o medir o que se acha fora de nós, com o que se acha dentro de nós? Pensar é avaliar, ponderar, medir! E quem avalia, pondera, mede, poderá fazê-lo sem número, peso, medida? Logo a consciência é número, peso, medida, com que se há de avaliar o que está fora.

Mas como surge a consciência? Surge do mesmo modo por que cresce ela! como? Ela cresce avaliando o que está fora com o que está dentro, e incorporando tudo como patrimônio seu; mas o animal não tem nada dentro, isto é, não tem ainda consciência, logo, como há de crescer se não tem nada dentro para comparar, com o que está fora? Neste ponto a consciência nasce; solene pois é o momento!

Quando o ser nada tem dentro de si para comparar com o que lhe vem de fora, faz ele o que faz o homem em face de um problema inteiramente novo; age por tentativas, e chama-se este método, o dos ensaios e erros. Tentando loucamente, faz o ser, o que já há feito antes, e isto aqui já é conhecimento. Tentando de mil modos descobre a solução, e toda a vez que um problema semelhante surja, o meio que o levou a solução será aplicado; logo, se será aplicado o meio, é que ele está guardado no íntimo do ser: eis aí já a consciência. Assim se vão sucedendo as experiências e o ser enriquecendo-se com os resultados. Agir por tentativa pois, é já pensar rudimentarmente. Aqui está como o animal raciocina rudimentarmente ao resolver o seu problema, qual seja, por exemplo, o de escapar duma gaiola.

Agora direi que raciocinar é empregar o método dos ensaios e erros, tal qual faz o animal, porém interiormente, na consciência. Quem raciocina está experimentando, medindo o que desconhece com o conhecido que está dentro. Esta experimentação é interior, e diz-se por isso abstrata. O homem gasta tempo neste processo puramente abstrato, que no animal seria concreto e feito de movimentos. Às vezes tem o homem que concretizar seu pensamento com esquemas, com objetos, com gestos, com números, para auxiliá-lo a formar-se. Raciocinar é pois empregar o método dos ensaios e erros, abstratamente na consciência. Quanto mais atrasado é o homem, e mais desconhecido o que ele estuda, mais dificuldade tem em pensar, e mais necessidade de concretizar o pensamento. Chegado à solução vai-se à prática, à experiência; falhando ela, há que se refazer tudo de novo, levando-se em conta o fracasso, que também é experiência útil.

Este raciocínio moroso, tardo, difícilimo, eivado de referências materiais, que se verifica no homem intelectualmente inferior, vai se tornando acelerado, rápido, no homem evoluído, ainda que no tempo que se o estude, não tenha ele cursado escola. O raciocínio, com o perpassar dos séculos, se vai tornando cada vez mais abstrato e mais veloz. Como todo o ato pela repetição tende a estabilizar-se em automatismo, o raciocínio, sendo um ato da consciência, pela repetição, tende por sua vez a estabilizar-se em instinto. Torna-se no homem, mecânico o raciocinar; o julgamento se

torna maquinal; o homem raciocina inconscientemente, isto é, sem se aperceber de como o faz, e sem esforço algum; a visão se lhe torna cada vez mais clara, mais nítida, a onda menos tarda, o pensamento menos muscular, menos material, e antes mais abstrato, mais espiritual, mais veloz portanto. Eis como a consciência, com ser dimensão planimétrica, se multiplica pela linha do instinto, para que surja o volume da hiperconsciência, cuja unidade de medida não mais é o raciocínio, mas, a intuição. Intuição é o saber por instinto, preciso, imediato, como o é este.

Quando o pensamento perde sua abstração, perde o contato com as formas concretas ou imagens materiais, a velocidade do processo se torna infinita; o raciocínio (que é cadeia de idéias afins) torna-se infinito e intuitivo. Intuição pois, não é suposição ou palpite como muitos erroneamente pensam, senão visão clara, abstrata, instantânea do caminho exato. O intuitivo não tem consciência do seu processo racional, mas ele é racional, tanto como o homem comum, porém seu raciocínio é elevado ao infinito, e o tempo das operações reduzido a zero; desaparece aqui o tempo, cumprindo-se a profecia apocalíptica. (1) Quereis ver o intuitivo? Vede o que é perspicaz, agudo, penetrante, profundo, instantâneo, o que sabe sem aprender, o que vê sem provas, o que entende sem raciocinar (do modo comum), esse, o intuitivo.

Intuição é estado agudo de consciência, e não se vê no bronco, no tacanho, e sim no gênio ou no homem que deste se aproxima. Por causa desta enormíssima capacidade de visão, o intuitivo vai às generalizações, às sínteses cada vez maiores, chegando a ter certeza absoluta do que nem pode explicar, por não haver palavras; chega à religião, não cultivada, mas religião natural, espontânea, entendida e sobretudo sentida; chega a Deus. Sente ele, vibra, palpita, num mundo de outra dimensão além da consciência, e aos racionais não se pode fazer entender; as suas razões não as alcança a mediocridade, e ele vive só, no meio da multidão, isolado, nos seus vastíssimos domínios; o homem comum o não entende, pela mesma razão por que o burro não pode saber no que pensa sua carga humana; proximidade evolutiva, e não espacial, é a que garante compreensão. É por causa disto que o caminho do gênio há de ser de incompreensões, de violências, de perseguições e de martírios. No entanto ele é o que conhece a Verdade e esta o libertou para sempre; ele, com haver chegado à síntese suprema, tem a visão do Absoluto, impossível é abalar-lhe a fé; fala ele a linguagem do infinito e das estrelas; palpita no seu peito, qual incêndio, a grande paixão do Belo, do Bem e da Verdade, que tudo é Deus.

1) – Apoc 10 – 6

VENTO E PÓ

*O vento assopra onde quer, e ouves a sua voz,
mas não sabes donde vem, nem para onde vai;
assim é todo aquele que é nascido do Espírito.*

S. João 3 - 8

Desconcertante certamente é o problema do gênio; a sabedoria inata; a cultura sem escola; o saber sem mestre e sem livro; a vitória sem luta; o tudo sem nada. Se do nada não pode sair nada donde então sai o saber ao gênio? Quem lhe foi mestre e onde cursou escola? Donde lhe vem a ele, como a Cristo, tal sabedoria? Se ninguém nasce sabendo, como pois então o gênio sabe?

Aqui estão todas as dificuldades que ninguém resolve, e nem quer resolver, e nem pensa nas soluções apresentadas, por causa de u'a maldição que sobre o homem pesa, e que se chama preguiça mental. Todos, com exceções raríssimas, querem, ao esforço de pensar, as soluções fáceis de qualquer medalhão conhecido, cujo cérebro esteja bem atulhado (não bem orientado) de tudo o que vai pelo mundo. Essa maldição filha é do materialismo, da matéria e do pó, no que pensa o homem, há de se tornar um dia. Já que sou pó, pensa o homem, tudo é vão, e por isso me cumpre a mim comer e beber, e, sobretudo dormir, que é o que farei quando me houver tornado pó. Conceito danoso e execrável que como chumbo sobre o homem pesa, afundando-o no chão do seu primitivismo originário.

A esta grande desgraça, no entanto, que é a da matéria, propõe Cristo o grande remédio, e qual é? É o conceito oposto que diz ao homem: lembra-te que és luz, e em luz te tornarás. Pó é teu corpo, diz por outras palavras Cristo, mas tu não és corpo, logo não é pó. A matéria, a treva, a ignorância, o instinto, a violência, a inércia, a guerra, a dor, o dano, o mal, é pó. Mas tu és e hás de ser espírito, alma, sensibilidade, inteligência, luz, saber, alegria, paz e bem.

O comodismo faz que não pense o homem; no entanto os problemas aí estão a serem resolvidos; que é o gênio? Como pode ser que Mozart com três anos de idade apenas, tocasse piano, e com quatro, violino? Como pode ser que aos dez anos compusesse peças musicais? E Franz Liszt, que tendo começado tocar piano com seis anos, dava já concerto aos oito? Sabeis o que seja dar concerto público, e vencer o peso do auditório? Que se dirá de Franz Schubert, que escreveu óperas, sonatas e sinfonias com apenas onze anos? Não bastam estes exemplos? Não tendes os modernos Gianella de Marco, Pierino Gamba e outros? Quereis alguns na matemática? Ei-los: Friedrich Gauss, astrônomo alemão, sabia aritmética com três anos. Blaise Pascal, cujo pai o queria fazer estudar latim e grego, vencendo a resistência do pai, e sem livros, que este lhe escondeu, redescobriu as leis da geometria, enchendo de figuras as paredes do quarto onde brincava; e isto tudo com onze anos de idade; as suas redescobertas o levaram até a trigésima segunda proposição do livro primeiro de Euclides. Nada vos direi de Ampère, Raphael, Miguel Angelo, Dante, Byron, Victor Hugo, Goethe e outros, para vos dar um pouco de trabalho, que é o de irdes por vós mesmos procurar saber como foram, com relação à precocidade. Outros há, grandes gênios, mas que não foram precoces, e por isso poder-me-eis dizer que aprenderam para fazer; mas qual é a vossa teoria para os que sabem sem aprender?

Quem dizem as multidões que sou eu? Pergunta Cristo (1) a seus apóstolos. Dizem que sois Elias, Jeremias ou algum dos profetas. Como, apóstolos? Então não tem o povo o retrato literário desses homens do passado? E vós e o povo não vedes que são todos diferentes de Jesus? Se Jesus fosse um dos tais, como o seria senão ressuscitado ou reencarnado? E para que dissesse o que disse o povo, então é que cria ele já na transmigração das almas de uns para outros corpos?! Não vedes que Jeroboão (2) com dizer que seu dedo mínimo era mais grosso que seu pai pela cintura, com isto, e só com isto, mostrou que Salomão, seu pai, havia de ter sido homem pequeno e não grande? Vós,

ó israelitas, nunca ouvistes falar de como eram Isaias, Jeremias, Elias, e ao próprio João, não conhecestes? Para dizerdes que um deles era Jesus? E se o era, como o seria, senão reencarnado? Logo criéis na reencarnação? Se assim não fosse, vós, ó apóstolos, que fundamento tínheis para perguntar se aquele cego de nascença (3) pecara para nascer cego? Como pode ser que tivesse pecado para nascer, se não tivesse vivido antes? Não disse Cristo que João era Elias que havia de vir, (4) e como, senão reencarnado? Vós que me ledes estais-me a dizer, que João só veio no espírito de Elias? Pois é claro que no corpo é que não poderia ter vindo, que da carne, não há ressurreição! Ah! dizeis, João não era Elias, e só tinha deste as virtudes! Mas então se Elias não veio, falhou a profecia (5)! Está bem assim?

Eis pois em foco o problema do gênio. Diz Cristo que o vento sopra onde quer, ouvimos-lhe a voz, mas não sabemos donde vem, nem para onde vai; assim, continua, é o que é nascido do espírito; assim, o que reencarna; assim, o que ressuscita sob outras vestimentas; assim, o que ressurge como o vento que levanta um corpo, e fá-lo crescer, e por ele se manifesta, e por ele se mostra ao mundo que vento é; ali está o que pode ser viração, vento, vendaval, furacão arrasador e amaldiçoado como os Alexandres, como os Cesares e como os Napoleões, e ainda como Hitler, Mussolini e Stalin modernos!

Ao reencarnar-se não procura o gênio família rica, mas a que lhe possa fornecer o lastro biológico hereditário necessário à realização do programa que traz consigo. Assim é que este lastro às vezes se acha cercado de miséria; por isso, ó cientistas, ó intelectuais, ó académicos, enchei-vos de livros, que outra coisa não a podeis fazer, mas estendei sobretudo a mão a quem não compreendeis, se quiserdes receber a benção dos séculos futuros! Lembrai-vos; ó lembrai-vos, do Cristo que disse que os últimos serão os primeiros, e que vós, os primeiros, sereis os últimos! Se desconheceis o espírito que é o tudo, que é então, que tendes; senão ignorância das coisas maiores e fundamentais?

Ó homem néscio que avaliais o saber pelas cãs, e pelos títulos universitários, aprendei este conceito novo, segundo o qual deveis julgar pela reta justiça! Fechai os olhos às aparências exteriores e não vos esqueçais da frase de Abraão Lincoln, que disse correr mais uma lebre de dois anos que um burro de setenta; em verdade, em verdade vos digo, que menos correrá ainda o burro setuagenário se estiver carregado de livros. Ó academias dai-me os valores vossos, que vos darei os meus na História, apontando-os na plebe! Vós, ó universidades, com os vossos métodos de encher cérebros, desprezais o gênio que sobretudo é orientação interior; confundindo-o com o neurótico o rechaçais; preenchei pois a finalidade vossa de fazer medíocres; os vossos valores são os que melhor se dobram à vossa imposição, enchendo bem vossa medida feita para todos; não aprendestes ainda que ao gênio tereis de aplicar métodos novos, e já que ignorais o que ele seja, ficai com a vossa ignorância que ser sabedoria presumis.

- 1) – S. Luc 9 – 18 e 19
- 2) – I Reis 12 – 10
- 3) – S. João 9 – 1 e 2
- 4) – S. Mat 11 - 14
- 5) – Malaquias 4 – 5

MONISMO

*Os céus proclamam a glória de Deus,
e o firmamento anuncia as obras das
suas mãos.* Sal - 19 - 1

Sempre por toda a parte o princípio é o mesmo: pelos frutos se há de conhecer a árvore (1) e pelo sabor da água, a natureza da fonte. Obras, sempre obras, por toda parte, obras, que hão de dizer por si mesmas, quem as produziu. O maior obrador de todos os tempos foi Deus e mede-se ainda pelo que fez e faz; e como o homem há de ser imitador seu, pois Jesus até nos diz que sejamos perfeitos como Ele o é, (2) temos que por Ele ajustarmos os feitos da nossa vida.

Vieira já dizia, e porque escreveu está dizendo e dirá ainda para os pósteros, que o mais antigo pregador foi o céu; (3) quem prega tem sermões e tem palavras, diz, e que palavras e sermões são estes? As palavras são as estrelas e os sermões são a ordem delas. Assim há de ser o sermão, continua, claro, simples e altíssimo como as estrelas, que todos vêm e poucos as medem. Se de um lado do céu está o claro, do outro está o escuro, diz; se de um lado há luz do outro há sombras. Se de um lado está condensado de estrelas, os amontoados siderais, as nebulosas, do outro há o vazio que segundo Einstein, é onde está o confim do espaço ou seja a sua curvatura; daí para diante só pode haver o espaço abstrato da geometria, mas não o material que coexiste com a matéria. Se de um lado está a matéria, que nasce pela condensação das forças dinâmicas puras, do outro está onde ela morre por dissociação atômica; se no centro do sistema está o berço da matéria, na sua periferia está o seu túmulo. “A matéria nasce no centro da Via-Lactea (4) e morre na periferia”. Este nascimento se dá por condensação de forças, para vir depois morrer na periferia onde se desagrega; perto do centro estão as estrelas novas, jovens, feitas todas de hidrogênio e hélio, conforme nos revela o espectroscópio; na periferia estão as estrelas velhas, as estrelas que se resfriam, as estrelas nas quais se encontram todos os corpos simples, no que se transformaram as forças dinâmicas, que crepitam, qual fornalha, no interior do sistema; no centro, estrelas em formação, feitas de gases, possuidoras de grandíssimo brilho e na cor azuis e brancas; pouco antes do meio da distância do raio, que vai do centro à superfície, estão as estrelas amarelas como o nosso sol, e mais para fora, as vermelhas; avançando mais, nessa direção, ao longo do raio, vem as que já não são mais estrelas, pois que luz não tem; passando essa zona escura, acompanhando sempre o raio, que provém do centro, chega-se à outra zona luminosa, no ponto mais rijo da Via Láctea, que é o cemitério das estrelas; aí é onde se dissociam elas por desintegração atômica; é nessa zona que se dão as explosões estelares, e onde surgem as estrelas que dantes não se viam porque escuras, as quais tomam tamanho brilho, que rivalizam com as estrelas de primeira grandeza; são estas estrelas chamadas “novae”, mas que não são novas, senão velhíssimas, e mais que isto, mortas e em decomposição; outras há deste tipo que brilham intermitentemente (estrelas periódicas) conforme se desintegram suas partes.

No centro, a energia que acantona, que condensa, que se muda em matéria; na periferia, a matéria de massa máxima, que se dissocia, que se desagrega, que se transforma em energia. Lembra-te ó matéria que és energia, e em energia te tornarás! A energia (de outra natureza que a nossa), a energia, vinda da transformação do éter, surge nos corpos simples, que vão do hidrogênio aos outros elementos para além do urânio; e nesta ida evolutiva têm ordem, têm seqüência, obedecem à lei cíclica, pela qual se repetem as propriedades gerais dos corpos simples, de cada sete em sete

elementos (lei de Mendeleiev); no mundo dinâmico, onde a energia impera, há esta mesma lei de oitavas; não é admirável isto? Não é certo que há lei na matéria, donde a física e a química; lei na vida, donde a biologia; lei no pensamento, donde a matemática e a lógica; lei no espírito, donde a religião e a fé? Se até no particular há lei, e *só por isto a ciência existe*, como a não há de haver no geral? Se há em tudo ordem, equilíbrio, justiça, lei, finalidade, como pode haver quem negue de Deus a existência? Se tudo se coordena e se unifica, onde *tudo*, sem exceção, é parte integrante de uma unidade maior (5) e se compõe de unidades menores, como pode haver os que negam a Unidade absoluta que é Deus? Na qual tudo resume, move e existe?

Que grande pregador o céu! Bem aventurados os que o podem entender! Imitá-lo a ele ou imitar-lhe a arte de pregar, é forma seguríssima de imortalizar-se na posteridade.

Sir Oliver Lodge idealizou e a ciência fez um receptor de ondas ultracurtas destinado a captar as radiações cósmicas; segundo O. Lodge o sol seria a mais poderosa fonte destes raios, por estar da terra muito próximo; e foi assim? Não. As mais intensas radiações vêm da parte *rija* da Via-Lactea; por que? Por que aí estão as estrelas na fase de desintegração, e pós radioativos de estrelas dissociadas; é que as tais radiações cósmicas situam-se na gama de energia que vai da gravitação à radioatividade; e do sol quando se verificam intensificar essas radiações? Por ocasião do aparecimento das manchas; por que? Porque essas manchas são feitas de matéria que envelheceu, e chegou até o fim da escala estequiogenética, e dissociou-se; é quando então se nota enormíssimo brilho, e as tais radiações cósmicas responsáveis pelas tempestades magnéticas verificadas na terra.

Um Universo onde até no particular há lei e ordem, que são as que a ciência descobriu, como pode ser que seja acéfalo? Pode existir alguém, com uso de razão que, alcançando estas verdades, negue a Deus? Tenha esse Deus o nome que se queira dar, mas que cabeça há, pensante, que O não respeite, e que coração que O não ame? Ó homem insensato, que lês às pressas estas linhas, para só tomar conhecimento delas, pára já, e medita! Olha o Universo e verás Deus! Ouve os passarinhos, e conhecerás o seu amor! Olha para ti mesmo, se a tanto podes, para o abismo que és, insondável, e conhecerás a sua sabedoria e a tua ignorância crassa! Põe de lado, ó tu que lês, o maldito comodismo teu e pensa! Faze isto e serás um crente, faze isto e serás feliz!

Oxalá pudesse eu falar como as estrelas, que são claras, simples e altíssimas, que todos vêm mas poucos as entendem, como disse Vieira; diz ele ainda, que as olha, e vê, e entende, o rústico, que por elas regula o plantio das suas roças; também as consulta e as entende o mareante para as suas navegações; no entanto os astrônomos que hão sabido tudo o que há no mundo e nos livros, olham-nas e pasmam do quanto nelas ignoram. Não hei pois eu de buscar palavras sonoras, nem rebuscados termos ressonantes, nem vestes pomposas, porque a Verdade é simples na sua síntese, e até nua é pintada ou esculpida. Ó Senhor! dai-me dessa força, filha da simplicidade, e que possa ser eu em meu estilo simples e harmonioso como o é a flor, mas vigoroso como as garras de uma águia; que não bastem os séculos para assimilar-lhe o sentido inteiro! Oxalá, Senhor, possa eu falar como falastes no Evangelho vosso; naquela simplicidade está o tudo que se havia de dizer, maiores que os céus e a terra reunidos, porque estes passarão ainda, como já dissestes, não porém vossas palavras; céus e terra deixarão de ser o que são; um e outro hão de se dissociar por desintegração atômica, mas o vosso Evangelho, tão incompreendido hoje, há de prevalecer para todo o sempre, porque é a Lei, é a Imutabilidade, é a Verdade, é o Belo e sobretudo o Amor e o Bem. O primeiro anunciador de novas foi o céu, o segundo fostes vós; o primeiro foi o céu onde está, ou onde o vejo eu; o segundo foi o céu posto na terra que sois vós; e como a Verdade desceu dos céus e luta por fixar-se na terra, não poderá haver um terceiro pregador, porque a idéia que percorreu a distância que vai de um extremo a outro, há completado o seu ciclo, e passa para o plano que é o da assimilação e o da vida. Ó beleza! Ó imensidade! Ó harmonia! Ó Deus!

“A grande arte é simples”, (6) bem que o dissestes! Dai-me que possa ser eu simples, e claro, e alto, como uma estrela, e se me concederdes isto, serei compreendido e incompreendido, conhecido e ignorado, amado e perseguido e, sobretudo na dor, glorificado como vós o fostes! Senhor, aqui deixo pública a minha prece que vos faço, e que é também um hino que vos entô; nela hei pedido tudo, porque hei pedido a sabedoria, que só ela é simples, como o é a criança que me pondez à frente por modelo meu. (7)

- 1) – S. Luc 6, 43 a 45
- 2) – S. Mat 5, 48
- 3) – Vieira, Sermões, I, 17
- 4) – Pietro Ubaldi, A Grande Síntese, 98
- 5) – Pietro Ubaldi, A Grande Síntese, 76
- 6) – Pietro Ubaldi, A Grande Síntese, 346
- 7) – S. Marc 10, 15

ASCENÇÃO HUMANA

*Portanto orai vós deste modo:
Pai nosso que estais nos céus;
santificado seja o teu nome...
S. Mat 6, 9 a 13*

O ponto geométrico não tem extensão; contudo é dele que sai o espaço todo. Movendo-se ele, surge a linha, que por isto se define como sendo a trajetória de um ponto que se desloca, ou por uma sucessão de pontos. Para que surja o plano há que se mover a linha, mas não na direção que a estenda, que se isto acontecesse seria sempre linha, mas no sentido que a alargue. Movendo-se pois a linha no sentido duma perpendicular que sobre ela caia, os pontos que a constituem descreverão outras tantas linhas; e como estão os pontos na linha entre si unidos, as linhas deles resultantes estarão ligadas umas às outras, e todas formarão o plano. Por igual modo, movendo-se o plano no sentido duma perpendicular baixada sobre ele, cada um ponto, de que ele se compõe, descreverá uma linha paralela à perpendicular, dando-se assim a gênese do espaço ou do volume.

E se o ponto, invés de deslocar-se três vezes sucessivamente, em sentidos diferentes, uma para formar a linha, outra o plano, e outra para o volume, instantaneamente se deslocasse para todos os lados? Sem sucessividade, mas momentaneamente se expandisse para as três dimensões do espaço? Teríamos a onda, a energia, que toda ela, quando se propaga no espaço, é uma esfera de expansão contínua; quem diz esfera diz espaço, diz volume. A energia é o espaço que se move; além de conter ela as três dimensões anteriores, próprias do espaço, tem ainda a velocidade de propagação, própria da energia e que se chama tempo. Esta seria a quarta dimensão se o Universo fosse quadridimensional como quer Einstein; todavia como ele é tridimensional, como diz “A Grande Síntese”, a quarta dimensão é apenas a primeira dimensão do outro tridimensional seguinte, que começa com o tempo. Assim como no ponto está a gênese do universo espacial, o espaço concreto e material é o ponto de onde começa o tridimensional seguinte, que iniciando com a energia, termina com a hiperconsciência.

A matéria é o espaço (o ponto do tridimensional seguinte) e aqui é que começa a vida, que é uma forma de energia; aqui começa o instinto que é a linha; a matéria a mover-se pela vida; com repetir sempre os mesmos movimentos, forma-se nesta o instinto. Mas o instinto se complica com novas aquisições (haja vista a domesticação), tornando a linha mais larga. A linha se alarga, não se estende indefinidamente, mas se abre sempre com a formação de automatismos novos; estes automatismos são originados da combinação dos instintos já formados, e isto é já pensar rudimentarmente. Mais. Pelo método dos ensaios e erros tenta o ser novos caminhos e os fixa pela repetição; atos são estes rudimentarmente conscientes, que com o repetir-se tornam-se instintivos. Assim começa o ser a pensar, ou seja pela combinação do que já sabe (instinto), ou seja pelo tentar caminhos novos. O que era linha e instinto, vai para o que é plano e consciência. A consciência é pois medida planimétrica, correspondente à superfície da geometria. E assim como a linha para dar o plano teve de mover-se noutra direção, e depois o plano para dar o volume teve de mover-se noutra sentido, assim a consciência para dar a hiperconsciência, ou a consciência volumétrica, há que multiplicar-se por outra dimensão que é a altura ou profundidade. Sem a **mudança de sentido** a linha não seria plano, e nem o plano volume; agora igualmente, o plano consciencial se há de mover no

sentido da perpendicular baixada sobre ele; há ele de multiplicar-se pela vertical, sem o que seria sempre plano, sempre razão, e não intuição, que é o volume, que é a visão global e instantânea do todo; cumpre ao homem não estender a razão, mas mudar-lhe o sentido do movimento. Não multiplicar análises, mas analisar cada homem a si mesmo, isto é, mover a superfície, que é análise e razão, para dentro de si mesmo, onde o homem é profundidade e intuição; o homem há que ser consciente dentro de si mesmo; há de conhecer o que é, o que foi e o que será, e saber isto, é saber tudo o que está fora, pois o que está fora, é como o que está dentro; o homem é dentro, em síntese, o que lhe mostra ser fora, o mundo, a análise. Não livros e mais livros, doutrinas e mais doutrinas, escolas e mais escolas, mas orientação nova; não amontoado confuso e extenso, como é a cultura moderna, mas ordem, equilíbrio. Não “saber” tudo o que se fica ignorando, mas conhecer o andamento do fenômeno evolutivo, saber como ele se faz, que só isto é saber; não cérebro atulhado, onde tudo confusamente se amontoa, mas ordem, orientação, lei, que isto é ser o que o Universo é. Sábio é o que conhece a Verdade e não o que se perde nos meandros das verdades menores e relativas.

Preciso é tenha o homem esta visão global, esta visão unitária, esta visão cósmica; é preciso a fé, que é a dimensão altura; só é sabedoria a ciência que chegou à Unidade, à religião, isto é, ao sentimento íntimo de Deus; só vê claro e instantaneamente, quem vê em globo, quem vê em volume, quem vê de cima, conhecendo o destino de cada coisa.

Ó devoradores de livros! Ó traças insaciáveis de bibliotecas! Ó amadurecidos no estudo e no saber, que a vós só me dirijo, não aos verdes que em seus simplismos são vísceras e sexo! Levantai-vos de sobre o volume que estudais e dai-me um pouco de atenção! Achastes a Verdade nos livros? Dissiparam-se-vos as dúvidas, que o íntimo vos roem? Sois feliz? Sabeis donde viestes, que estais fazendo aqui e para onde ides? Por que ledes?

Orientai o vosso entendimento por esta senda nova que vos traço, que minha não é, pois aprendi em “A Grande Síntese”. Vede a natureza, vede o Universo, vede que em tudo há lei e por isso, e só por isso a ciência existe! Não vos deixeis tomar de dúvida que ela, com ser força negativa, vos fecha as sendas do progresso! Não duvideis! Crede! Entrai no vosso quarto ou buscai a solidão, e dissei sentidamente assim:

Ó imensidade! Ó grandeza! Ó Deus! Ajudai-me nesta aflição que sinto em vos não achar a vós! Hei lido, ó quanto e quanto! Mas a angústia me assoberba! Perdoai-me Senhor meu pecado maior, que é o de me envergonhar de crer; não tenho fé e sinto-me morrer dentro de mim mesmo; estou cansado das rebeliões e dos sarcasmos; o materialismo secou-me a alma! Ó quão miserável sou! Maldito seja o meu orgulho, que de vós me afasta! Maldito seja o meu orgulho de saber, que se soubesse menos, seria menos infeliz! Aqui, Senhor, abro-vos minha alma neste isolamento, onde vos quero sentir! Abro-vos minha alma humildemente; para que chova nela a benção do vosso amor! Eu quero, Senhor, a simplicidade dos crentes de todos os credos! Não quero duvidar! Eu quero crer! Que só isto é viver em vós!

Feita a prece ficai meditando no que é maior, e não no que é menor; pensai, não nas pequeninas, mas nas máximas questões, permaneci no plano da síntese, e temi descer a análise, antes do tempo, como teme o filhote da águia o descer do pico da montanha ao rés-dos-vales.

Eis aqui está como se deve mover a mente noutra direção, o plano consciencial no sentido que o há de tornar volume, consciência cósmica, consciência tridimensional ou hiperconsciência; este é o roteiro a seguir dentro dos séculos futuros, onde até as pesquisas científicas seguirão os métodos dos místicos; os grandes saltos nunca os deu racionalmente o homem, mas o gênio, por intuição; as grandes descobertas alcançou-as sempre por intuição o gênio, e nunca o sábio pela análise. Este é o caminho. Ao viajor desejo que seja feliz, tanto quanto sou eu, que lhe faço a ele companhia.

RAZÃO E FÉ

*Graças te dou a ti, Pai, Senhor do céu
e da terra, porque escondestes estas
coisas aos sábios e entendidos e as
revelastes ao pequeninos!*

S. Luc 10 - 21

Que busca a ciência? A Verdade. Que busca a religião e a fé? A Verdade. Como? Então por caminhos opostos e guerreando-se ambas, religião e ciência, buscam u'a mesma coisa? Sim. E se religião e ciência buscam u'a mesma coisa, como pode ser que aos doutores da Lei, religiosos e não cientistas, Deus ocultasse a Verdade a revelando aos pequeninos? As universidades, como aquela onde laboravam os doutores da Lei, não são o caminho da sabedoria? Não. Aí, nas academias, aprende-se a ciência, mas não se aprende a sabedoria; aprendem-se verdades, mas não se aprende a Verdade; desenvolve-se a razão, mas não a fé.

O grande erro da ciência é não estudar a religião, e o grande erro da religião é não conhecer a ciência. A ciência é a razão metodizada; e a razão, que é? É a síntese sensória, é o lastro de conhecimentos, filho da experiência dos sentidos, pelo qual se aferem as coisas que nos circundam. A consciência ou razão é o conhecimento, é a ciência, é a concepção com base no contraste, ou o sentimento do que se passa no íntimo de cada um, em face dos estímulos. A consciência, amparada nos sentidos, vê, analisa, raciocina, compara, pondera, mede o que está fora com o que está dentro (ciência). Uma vez feito isto, incorpora o conhecimento da coisa, por este modo estudada, como elemento seu, tornando-se evidentemente maior. De conhecimento em conhecimento a consciência avança, estendendo sempre sua zona de domínio. A consciência é pois uma unidade de medida que aumenta sua capacidade de aferir, pela transferência da coisa medida para o seu lastro interior; desta maneira é, e não de outra, que se dá o processo de crescimento anímico.

A ciência com seu método básico de observação e experimentação, copia de modo sistemático, metódico, aquilo mesmo que faz a razão sem método e sem sistema; daí a definição que diz ser a ciência a razão metodizada.

Ora, se a ciência se firma na razão e esta nos sentidos, temos que a ciência perquire na superfície, e não pode ser sabedoria, que esta é ciência de profundidade ou altitude. Observação e experimentação são duas dimensões como largura e comprimento da geometria; u'a multiplicada pela outra dá o plano, ou seja a superfície, mas não dá, não pode dar o volume, que exige o multiplicar por outra dimensão, que é a altura ou a profundidade. Sem a vertical da intuição sobre o plano da razão, não se tem o volume que é a sabedoria.

É pois a sabedoria a visão global do todo, o conhecimento que chegou à Unidade, é a ciência movida para cima noutra dimensão (altura), é a síntese científica, é a fé, é a religião.

Religião e ciência são pois os pólos opostos de u'a mesma coisa; ambas se integram, ambas buscam a Verdade que é Deus, ou seja o termo último. A diferença está que a ciência é superfície e análise, e a religião é profundidade e síntese; uma parte do sensório e é ciência; outra parte do abstrato, do Absoluto (Deus), da síntese e é religião. Entre esses dois pólos dá-se o oscilar do mundo, e do mesmo modo por que função e órgão se criam pelo impulso e contra impulso de um

sobre o outro, assim é bem que corte a ciência as demasias (dogmas, absurdos) da fé, e esta, as da ciência (ceticismo, materialidade).

Que vá a fé onde não pode ir a razão justo é; mas que vá e esteja a fé, onde a razão pode e deve estar, grande desgraça, porque coisa nenhuma há pior que o fanatismo. A fé há de ser a extensão da consciência para a zona onde esta muda de fase, e passa a ser hiperconsciência; a religião há que se apoiar na ciência, porque verdade nenhuma religiosa será verdade, se a ciência a destrói. A ciência há que subir aos céus espiritualizando-se, no mesmo passo que a religião há que descer das nuvens e racionalizar-se; a fé racionalizada e a razão espiritualizada ocupam um só lugar no eixo, cujos extremos são religião e ciência.

Os doutores da Lei, que eram os sábios e entendidos, de tanto analisarem, pesarem, dissecarem, discutirem, medirem, provarem a fé e os fundamentos dela, sem o perceberem, passaram da intuição para a razão, da altitude para a superfície, da vertical para a horizontalidade, do monte para a planície; ninguém mais que eles conhecia a letra morta; e o que vive de devorar o que é morto, nos vargedos e nos vales, é o verme, e não a águia poderosa que deveria ser. A Verdade que estes não entendiam, compreendiam-na os pequeninos, porque a compreensão não é produto das academias, mas da evolução; a compreensão não é produto da cultura, dessa, que se vê hoje, mero amontoado de tudo, que por desordenado, não torna o homem melhor.

O pequenino e humilde pode ser um grande intuitivo (gênio), que não passou pelas academias porque já as esquadrinhou e muito, dentro dos milênios, em orbes melhores do que a terra. Se o gênio não se faz na escola, onde se faz então? Dentro da evolução, eis, aqui está a resposta.

O gênio é o que tem a poderosa fé, porque fé é sabedoria, e sabedoria, intuição. O medíocre precisa ver para crer, e como a vista engana, assim como todos os sentidos, a sua fé é enganosa e absurda; mas o gênio conhece as alucinações dos sentidos e vê por cima deles, e vê claro, e vê certo.

Fé é intuição e intuição é certeza sem provas, é o caminho certo, exato, preciso, nas horas decisivas. Mas que se não esqueça ninguém que intuição é raciocínio levado ao infinito, é a razão levada à sua fase última; o raciocínio de repetir sobre repetir estabiliza-se em altíssima velocidade, e quando é apresentado um problema semelhante aos muitos já resolvidos o ser não raciocina, sabe, não pensa, vê claro por intuição; quando todos os problemas se resolvem assim por este método, o homem se torna gênio. Ora, uma aguda fé há que ligar-se à poderosa intuição, e só a tem quem superou por inteiro a fase razão. O nascimento da fé está na razão e quem a quiser ter grande, seja antes de tudo mais que um grande racional, seja um hiperracional, sem o que não será o grande intuitivo, que só este tem a fé que transporta montanhas. A grande razão, o agudo raciocínio, dá na síntese suprema que é Deus – eis aí a fé, eis a religião.

Se o surgir da fé se dá com o surgir da razão, e não antes, porque os irracionais não crêem, e o crescimento seu se relaciona com o crescer da consciência, temos que uma poderosa fé subentende poderosa razão; e que razão é poderosa? A hiperrazão, a hiperconsciência cuja unidade de medida é a intuição e não mais o raciocínio. O materialismo e seu filho primogênito, o ceticismo, só existem onde há meia ciência e não há sabedoria. O pouco saber pode afastar o homem de Deus, mas o muito o há de levar a Ele.

A razão é o continente, e o conteúdo, a fé; se o recipiente receber mais do que comporta a sua capacidade, há de se derramar o excesso, e nada há mais perigoso que fé derramada, porque ela é como o combustível; na lamparina é luz; derramada é incêndio.

Uma poderosa fé só há com uma poderosa razão; razão medíocre, fé medíocre; razão pequena, fé pequena; e se esta cresce sem aquela, o seu crescer é exaltar-se, o seu evoluir, inchar-se, a sua maturação, inflar-se de um valor fictício que é o fanatismo. Uma fé pequena, filha de uma razão humilde, quando exaltada, deixa de ser luz para ser calor, deixa de ser clarão para ser fogueira, não alumia, assa, não aclara, torra.

A GÊNESE DA FÉ

*E disseram os Apóstolos ao Senhor:
Aumenta-nos a fé.*

S. Luc. 17, 5

Muitos há que supõem propor uma questão insolúvel quando perguntam qual veio primeiro: se a tenaz, ou se o martelo; se a galinha, ou se o ovo. Esta proposição não é nova e a ciência já a fez quando quis saber se é o órgão que gera a função, ou se a função, o órgão. A mesmíssima proposta temos aqui, na gênese da fé, pois claro está que sendo fé e obras um par, e impossível de existir uma sem a outra, qual delas veio primeiro? Se da fé saem as obras, ela, de que sai? Como é que se origina a fé, e depois como cresce?

O assunto é por demais agudo e agudezas como esta a não enfrenta quem tem fé, sem pedir primeiro ao céu as luzes necessárias. Peçamo-la, pois, eu, para que escreva; e quem me lê, para que entenda.

Fé e obras são como função e órgão; um vive à custa do outro. Assim como o órgão que não funciona atrofia e tende a desaparecer, assim a fé que se não traduz em obras é fé morta em si mesma, como diz S. Tiago, o que vale a dizer que não é, porque o que é morto deixou de ser. Ide àquele atleta e perguntai como fez aquele corpo hercúleo, e ele vos dirá, que pelo treino constante; perguntai também àquele violinista como se fez virtuose, e a resposta dele será, que pelo exercício. Assim também a fé se robustece e se agiganta pelas obras. O que é morto, antes de ser morto, foi moribundo, e antes disto, muito doente; pois se o que é moribundo ou muito doente pode vir à vida ou ir à morte, então a fé que seja moribunda, ou pode morrer, ou pode vir à vida. De maneira que se há organismos doentes, há fês também doentias; no caso dos organismos, os agentes provocadores daquele estado são os micróbios; no caso da fé, se não são micróbios, são semelhantes a eles nos efeitos e se chamam dogmas e absurdos.

Do mesmo modo que função e órgão nasceram simples, primitivos, indiferenciados nos começos, assim também fé e obras surgem com o surgir da consciência no homem primitivo. O homem com se tornar racional, torna-se também crente; crente primitivo e fetichista, mas crente; crente que concebe Deus nas forças naturais, mas crente; crente cuja consciência é incapaz de abstrações, e daí o ser preciso fazer imagens com as próprias mãos, a fim de materializar a fé indecisa e insipiente. E na proporção que cresce a razão, cresce e se diferencia a fé; do politeísmo chega-se ao monoteísmo e deste ao monismo; o primeiro eram forças naturais, depois deuses de forma humana, e finalmente um Deus único, mas ainda antropomórfico, que é o Deus das religiões vigentes; Deus que tendo forma é finito, e que portanto opera fora de si mesmo, sendo exterior à Criação. Monismo é o termo último; não disse bem: monismo é o termo que ultimamente se alcançou, no qual a Divindade é infinita e por isso sem forma, opera dentro de si mesma, porque fora do infinito nada pode estar.

A definição de fé há pois, que ser progressiva, para que cada uma corresponda a uma face da sua evolução. Em primeiro estágio a fé é a certeza, ou a convicção da consciência. E quem diz consciência diz com ciência, com conhecimento, com saber, com experiência; logo, não há fé sem

um lastro de conhecimento; é por isso que não há fé enquanto o ser não se torna racional. A fé há que ser a síntese da razão; essa síntese representa sempre o máximo daquilo que o homem alcançou e crê.

Em segundo estágio, a fé é a convicção íntima da consciência; a fé aqui, com ser a síntese de todo o desenvolvimento consciencial, já não é convicção exterior e concreta do que viu, sentiu e comprovou, mas abstrata, do que entendeu. No primeiro caso a fé está no que pode ferir os sentidos, daí o fetichismo e depois o politeísmo que é extensão deste. No segundo caso a fé é conhecimento de que existe uma coordenação de tudo numa Unidade – eis a síntese; é já o monoteísmo, mas antropomórfico ainda, por considerar a Divindade como semelhante o homem na forma.

Em último termo é a fé a convicção da consciência íntima, pois a síntese é já intuição pura; a convicção não está no íntimo da consciência exterior, mas na consciência íntima, ou seja na superconsciência, na consciência tridimensional, na consciência volumétrica. Deus aqui não pode ter forma, e se confunde com a Criação do mesmo modo por que *qualquer coisa* se confunde com seu atributo essencial. A matéria é o que tem massa e volume; cessando de existir qualquer destes atributos, a matéria cessa de ser matéria. O homem pode criar exteriormente a si mesmo por ser finito, mas não Deus, que até se pode definir como sendo a Essência das coisas. E assim o atributo essencial de Deus é criar, daí o ser Criador, e cria sempre (1) porque evolução mais não é do que criações sucessivas.

De maneira que se não há de dizer que esta fé é certa e aquela errada, porque cada uma é certa em sua fase. Qual é a fé verdadeira? É aquela que preenche as necessidades do ser; para os fetichistas há de haver imagens, e se lhas tiram a estas, eles sentem dentro de si o vácuo, que mais não é que fase por superar. A idolatria há que continuar, senão de imagens materiais, pelo menos de imagens mentais; é bem significativo que haja protestantes que lêem a Bíblia de joelhos, e não só dos atrasados, senão um que até é ministro; e dos que se não ajoelham muitos há que tem esse impulso; queimar Bíblias, quando velhas e imprestáveis, só o faz o católico, porque o protestante não as queima, mesmo sendo velhas e por isto inúteis.

As obras são os frutos naturais da fé, e esta é gerada dos frutos; aquilo que é fruto ou obras hoje será árvore e fé amanhã; do mesmo modo por que função e órgão se apóiam um sobre o outro para ambos crescerem, assim fé e obras são função e órgão, são árvore e semente. Uma poderosa fé subentende um poderoso ser que há vivido muito através dos milênios. A fé inamovível do bugre, quando crê numa tolice, só é fé se considerada com relação à sua fase; porém se a considerarmos com relação às fases superiores é fanatismo, é fé cega.

A fé pois, tem que ter base na razão, na consciência; é a síntese dos conhecimentos, e daí o poder-se definir como sendo a sabedoria, ou seja a certeza que ilumina com as luzes do passado, guardadas no íntimo, e que antecedem as experiências do presente. O centurião romano sabia que Cristo lhe podia curar o servo, pelo só dar uma ordem; e por que sabia? Porque lhe dizia o coração, aquele velho coração que tanto aprendera pelos milênios a fora, a sentir presenças invisíveis e a adivinhar verdades. Bem era que a maior fé de Israel estivesse num dos apóstolos; mas que estivesse num centurião de Roma, num soldado, isto é de pasmar; mas assim é porque assim o disse Cristo. Mas quereis saber a razão de ser daquela fé gigante? Ei-la; era porque aquela fé se agigantara nas obras, pois o centurião, mesmo ao demonstrar a sua fé, estava fazendo a obra de buscar o poder curador de Cristo para o servo seu.

Agora para provar que é a fé filha das obras, como a árvore o é da semente, vejamos a continuação do texto, o que diz Cristo a seus discípulos. Propõe ele uma parábola, pela qual fica demonstrado que para os apóstolos obterem o que pediam (aumento da fé) era necessário fazer como o servo; primeiro trabalhar no campo; então obras; e quando voltassem, à tarde, cansados, para a casa, haviam de ainda servir à mesa do seu Senhor; então, outra vez, obras.

1) – S. João, 5, 17

FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO

*Eu, porém, vos digo: Amai os vossos
inimigos e orai pelos que vos perseguem.
S. Mat 5*

– 44

Que é a caridade? Ninguém melhor de que S. Paulo a pode definir; (1) a síntese ou definição está feita; não porém a análise; não porque a ela nunca se acaba de fazer; quanto mais se a faz, mais se multiplica ela nos detalhes, e em cada um destes é possível a especialização. Quem viu uma árvore há de dizer que viu tudo, no entanto há cientistas que passa a vida olhando para uma folha dela, e milhares de folhas dos livros, e quando já velho levanta os olhos para descansar, diz consigo: ó quão ignorante sou! O sábio e o poeta escrevem diferentemente sobre a flor, e cada um deixa tudo ainda por dizer; se assim é com relação a uma coisa de matéria, relativamente simples, que direi dum sentimento nobre e complexíssimo, e sobretudo desconhecido de todos como seja a caridade? Se não se conhece o que é a matéria, e menos a conhece ainda o materialista, que se há de dizer da alma e da sua potência maior, que é o amor ou caridade? Diga pois S. Paulo em sua síntese suprema o que entende sobre esse sentimento, para que possível seja a análise que segue.

Diz S. Paulo que a fé pode ser a de remover montanhas, e o saber como do de todos os anjos e homens reunidos, e sobretudo o desprendimento pode ir até ao dar o corpo para ser queimado, não havendo todavia caridade tudo há de ser como o soar do bronze e o retinir do sino. Num lugar o apóstolo termina um pensamento, dizendo que se assemelharia ao bronze que soa, e ao címbalo que retine; no outro período diz: nada sou; e ainda encerra o terceiro pensamento, quando fala que até pode ser queimado, dizendo: isto nada me aproveita.

Mas, ó apóstolo, dissei-me então! Se o ser queimado vivo em nada vos aproveita a vós, a quem ou a que então aproveita? Ao fogo? Assim é, mas muito mal, porque o corpo do homem é combustível ruim. Num lugar dizeis: nada me aproveita; no outro: nada sou; e ainda em outro, assemelhai-vos ao bronze e ao sino. Ora, sendo o soar do bronze e o retinir do sino, mais que o ser nada ou inaproveitável, vejamos todos então que vem a ser um soar do gongo e um bimbalar de címbalo.

O soar do gongo e do sino a todos abala, mas a ninguém ou a nada move, senão o ar; será bem que a fé, o valor, a renúncia dos bens, o sacrifício do corpo, tudo seja apenas força que só mova e abale o vento? E que esse abalar e mover não seja furacão, nem vendaval, nem vento, nem brisa, mas só e tão somente o mover levíssimo, pelo qual se transportam as ondas sonoras? E que é o som, senão vibrações do ar provocadas pelas oscilações das moléculas de que é feito o sino? Que é a onda, senão um vaivém rapidíssimo do meio elástico que se comunica de próximo em próximo, indo atingir o ouvido, que por isso ouve? Sendo o som o vaivém do meio propagador, quem diz vai e vêm, diz que não vai, pois fica no lugar; o meio vai e vêm, logo não foi, ficou parado; tal são os

efeitos do sino, até mesmo o seu mover é ficar parado. É por isso que o mundo não se adianta sem a caridade que é o amor; as nações, os estados, as sociedades e os homens, se dizem cristãos e ardem em fé, mas como lhes falta a caridade tudo há de ser um devorar do fraco pelo forte e da civilização pela guerra. Pela fé diz o homem: faço; mas pelo amor diz: não faço; entre um faço e um não faço, vence o não faço; em matemática também assim é: mais, por menos, dá menos; faço, por não faço, dá não faço. O faço da fé é como o vai da onda, e o não faço da caridade, é como o seu vem; por isso eu tinha razão quando dizia que o vaivém, não vai, fica. Qual fez a vontade do Pai, (2) o que dizia ir e não foi trabalhar na vinha, ou o que disse não ir e foi? Pois foi o que foi dizendo que não ia. É melhor pois fazer com as obras do que prometer com a fé; faço e não prometo é melhor do que prometo e não faço; mas como isto é mais difícil, o mundo acha melhor prometer e não fazer, que não prometer e fazer.

Deus nos livre a todos da fé que vai pelo mundo, que é a nossa, a de todos nós, ainda que arrase montanhas e encha vales, fazendo do mundo um céu de ciência! Deus nos livre de um tal valor, ainda que seja o de se deixar queimar vivo no fogo das guerras e das bombas que inventou a mesma ciência! Deus nos livre de tal sabedoria, ainda que seja a de todos os anjos e homens reunidos, como de fato é. Disse bem o doutíssimo S. Paulo, expressando o pensamento seu, ao afirmar que tudo é nada sem a caridade.

Se sem a caridade tudo é nada, tenho para mim, que com ela nada é tudo; será certo isto? Sim. Caridade é amor, e para quem ama nada é tudo; digam-nos os pais amorosíssimos se assim o não é? Qualquer doencinha e já os médicos, já os remédios, já os esforços, já as insônias, já as pensões, já os sacrifícios, já os martírios, já tudo; tudo pelo que? Por um nada; isto é amor, e amor é caridade. O que conhecemos todos, mas em teoria apenas, e pouquíssimos na prática, é a filantropia; o amor ou caridade só é praticado pelas grandes almas.

Que mãe há amorosa (que isto é ser mãe), que seja capaz de dormir tranqüilamente, enquanto geme seu filhinho doente? Logo o amor há de impeli-la a fazer tantas coisas (obras), que ela pode cair extenuada de cansaço, mas não vencida, porque quando o corpo se recusar a mover-se, mover-se-á ainda dentro do peito o coração e a alma, e os olhos chorarão.

Por tudo isto, fora da caridade não há salvação, ou seja: fora do Evangelho não há salvação, que todo ele é caridade. Jesus é o exemplo vivo desse amor, já porque o pregou, já porque o viveu, já porque por ele morreu. Assim o Evangelho é um código de ação, e só ação, torno a dizer, porque ação é amor, e só age quem ama, e não ama quem não age. Ama a teu inimigo, ama a teu próximo como a ti mesmo, anda duas milhas com quem te obriga a andar uma, dá também a capa a quem te pode a túnica, faze só o bem, e outras coisas mais, que ninguém as faz, porque ninguém ama. O Evangelho é assim só praticado dentro do lar, de alguns lares, sendo só eles, mas só eles, oásis de paz.

O Evangelho é pois um máximo para onde se há de *ainda* chegar, mas por progressividades; e enquanto o mundo não chega a esse máximo, em vão dirá que ele é simples, pois que simples não é o Evangelho, mas simples e simplórios são os que tem a coragem de dizer que o seguem. Num mundo onde não há amor e tudo não passa de um soar de bronze e retinir de sinos, há os que se digam salvos e garantidos. Cristo veio para ser modelo, porque sem modelo não há cópia e nem obra, mas os simplórios fizeram-no substituto, e vivem por aí muito satisfeitos a sonhar com um céu parado, beatífico, inerte, imagem do que eles são e querem ser. Estes vivem a dizer; Cristo me salvou! Estou redimido pelo sangue seu! Eu creio e estou salvo! Cristo não morreu em vão por mim! Está tudo certo isto; mas ó simples! Ó ingênuos! Estendei o conceito da síntese para a análise! Não ficai aí a olhar para as estrelas, pensando que vistes tudo; sabeis que há telescópios e atrás deles os astrônomos, que depois de verem e reverem essas mesmas estrelas que enxergais, ainda as estão para conhecer.

1) – S. Paulo, I Epist. Cor 13 – 1 a 13

2) – S. Mat 21 – 28 a 31

QUE SÃO AS OBRAS?

*... e cada um foi julgado
segundo suas obras.
Apoc 20 – 13*

Diz S. Tiago que a fé sem obras é morta. (1) Ora, se a fé sem as obras é morta, a fé com obras é viva; se da fé viva tiram-se as obras, ela fica fé morta. E que é que se tira a uma coisa viva para que ela fique morta? A alma; tire-se a alma a um homem, e ele ficará cadáver; se pois, à fé viva se tiram as obras ela fica fé morta, então as obras são a alma da fé; é certo isto? Segundo Vieira (2) sim; segundo o pensar moderno não. Não porque o homem não é um corpo que possui um espírito, mas um espírito que possui um corpo. De maneira que se não há de dizer: do homem tira-se a alma, mas: do homem tira-se o corpo. Não se há de dizer: da parte tira-se o todo, mas: do todo tira-se a parte. O corpo só é corpo, porque o assiste e preside a tudo, a alma. Assim se do homem se tira o corpo, ele fica espírito, isto é, desencarnado, ou ainda, morto. Espírito é um homem ou mulher, que perdeu o seu corpo, o seu veículo de manifestação e sobretudo de aperfeiçoamento.

Aceita esta premissa temos que, no caso em estudo, a alma é a própria fé, e o corpo são as obras. Se o corpo é o veículo de aperfeiçoamento do ser, então as obras o são da fé; é por meio das obras que a fé se aperfeiçoa e cresce; fé sem obras é como alma sem corpo, sem seu veículo de manifestação, de exteriorização, de evolução. É a fé a alma da doutrina, e as obras são o corpo seu. As obras são a aparência exterior, a vestimenta, a expressão sensível, pela qual se distingue a fé. A fé é o elemento íntimo, a alma, o ideal, a essência, a razão de ser das obras, ou seja, a razão que as justifica. Quem diz obrar, diz manifestar-se, diz agir, diz mover-se, diz criar; sim, criar porque as obras criam, por serem verbo, semelhante ao Verbo; pelas obras o homem se assemelha a Deus, e cada obra sua o torna um pequeno criador, imagem e semelhança do Criador.

As obras são pois a vestimenta da fé, a roupagem, a aparência exterior desta. Sendo fé e obras os pólos opostos e complementares de um binário indissolúvel, então não pode haver obras sem fé? Não. E torno a dizer que não. As obras sem fé são como um efeito sem causa, são como um dia sem luz.

Darei as provas, mas antes quero perguntar aos apressados: que é a fé?

Segundo S. Tiago a fé se conhece pelas obras; (1) e tem razão, porque no caso do homem, a ele só se identifica pelo corpo. Mas que é a fé? Não seria ela esse entusiasmo que sentem os sectários quando se reúnem? Não. Esse entusiasmo é manifestação do instinto gregário (que o homem é um animal sociável), é a ambiência, é a querença, é o convívio, é o conchego. Não seria aquela certeza cultivada, repetida, martelada, que se teme perder, e por isso se tapam os ouvidos às

idéias novas? Não. Isso é exaltação neurótica, sugestão gerada pelo repetir; de repetir sobre repetir o conceito, movem-se as forças latenciais do subconsciente, as energias recônditas da alma, capazes de incendiar o mundo; de fé? Não; de fanatismo; não se trata de luz e sim de calor; e ateia mais este fogo, como um soprar de ventos, o estímulo que exerce entre si os elementos da grei.

É a fé coisa que possa ser abalada? Não. E como é que há os de fé abalada? É que não tinham fé, e sim fanatismo, que é a fé cultivada ou sugerida. A fé não pode ser sugestiva, mas consciente; não é o que, por sugestão, vem de fora, mas o que nasce na alma por evolução.

A fé é a convicção íntima da própria consciência; e quem diz consciência, diz com ciência, isto é: com conhecimento, com saber, com experiência. Assim é a fé a experiência íntima da alma, é o saber interior, o tesouro do ser.

Fé não é seita, ou culto, ou forma de religião; é a orientação psíquica do homem que achou o seu Norte, que é Deus; é o homem que se achou a si mesmo. Ainda que tal homem não siga escola filosófica alguma, ou religiosa, e mais ainda, se diga ateu, ele tem fé; diz-se ele ateu por não poder conceber o Deus das religiões litigantes, antropomórfico, e absurdo, mas crê na Ordem e na Harmonia universal, crê no Bem, no Belo e na Verdade; eis, aí está, o seu Deus. Um tal homem só pode produzir obras boas, enquanto muitos religiosos só as produzem más. Uns há materialistas, mas espiritualizados, e outros, espiritualistas, porém materializados; o espiritualista materializado não tem fé, e em vão bate no peito seco, de onde nada sai; o que sente ele é fanatismo, é calor, é entusiasmo, é sugestão; o materialista espiritualizado tem fé, e suas obras boas tem base no sentimento, ainda que considere absurdo, em princípio, o que faz; não pode ele fazer o mal por causa da orientação interior, que é a fé, desconhecida dele próprio, com este nome. Daí a definição da fé, como sendo a convicção íntima da própria consciência; e diria melhor se definisse: fé é a convicção da consciência íntima; a consciência íntima, o eu interior, a superconsciência é que há de crer.

As provas? Ah! ainda não as dei, é verdade. Quando o centurião romano disse a Jesus (3) que bastava mandar e seu servo sararia, Jesus lhe disse que nem em todo o Israel achara tamanha fé. Como? A que religião pertencia o centurião? Que religião tinha o samaritano da parábola (4)? Quando Jesus dizia: a tua fé te curou, que fé era essa? Pois essas fés todas eram a fé, a única, a poderosa força interior que remove montanhas, tão firme como a certeza que se adquire da lei científica pelas provas de laboratório. Mas que fé é essa? Não adianta insistir, que essa fé não tem qualificativo que a diferencie; é como a luz, como o ar, não é fé budista, mas o budista a pode ter; não é fé católica, nem protestante e nem espírita, mas todos a podem ter, e é bem que tenham; é só e simplesmente a fé; é a orientação interior para Deus, que faz de um Guerra Junqueiro um crente que canta as glórias, as belezas e as harmonias do Ser Supremo, mesmo quando combate a idéia de Jeová – o Deus terror.

Por que abandonou Jesus a sua terra sem fazer nela os seus milagres? Porque faltou a cooperação da fé, isto é, da orientação interior dos que o ouviam.

Há um argumento muito interessante, quanto agudo de certo homem, que discorrendo sobre esta questão de fé e de obras disse: assim como a laranjeira não dá laranjas para ser laranjeira, mas por ser laranjeira, assim o homem não faz boas obras para ter fé, mas por ter fé. Agora usando o mesmo argumento, às avessas, pergunto: a árvore que dá laranjas, que é? Laranjeira. E o homem que faz boas obras, que é? Piedoso. E se este se diz ateu? Piedoso ainda, pois que piedade é o impulso interior, que leva o homem a fazer o bem, do mesmo modo, que na laranjeira, o impulso da sua natureza a leva a ter laranjas. A fé segundo este raciocínio, pode definir-se como a causa das obras, e as obras hão de ser a consequência da fé; logo, havendo obras há fé, e havendo fé há obras; e quando há fé sem obras? Então é que não há fé, ou há fé morta, que é o mesmo que não haver, pois o que é morto foi, mas já não é. Eis aí, por que digo que as obras são a manifestação da fé; e sempre que haja obras há uma fé que as norteia, uma lei que as cria, um princípio que as aviventa; e pode, como no caso de Guerra Junqueiro, estar num ateu (de nome), e muitos que vivem a bater no peito não a ter, e o que eles chamam fé, é calor do convívio, é instinto gregário, é sugestão conseguida pelo muito repetir. A mais sólida prova contra estes últimos, está em que se roem de medo de perder a fé. Cada um agora se examine e veja se tem fé, e se é fé o que tem. O como adquirir o sentido de Deus, ou seja a fé, é outro assunto que não cabe neste capítulo.

- 1) – S. Tiago 2 – 17, 18 e 26
- 2) – Vieira, Sermões, IV, 202
- 3) – S. Mat 8 – 5 a 13
- 4) – S. Luc 10 – 25 a 37

O JUIZO FINAL

*O mar entregou os mortos que nele havia;
a morte e o Hades entregaram os mortos que
neles havia; e cada um foi julgado segundo
as suas obras.* Apoc 20 – 13

Indo certa vez Jesus por um caminho, disse a um homem que o seguisse; pediu, porém, licença, este, para ir enterrar seu pai; Jesus indefere o seu requerimento, dizendo ser trabalho dos mortos (1) o enterrar a mortos. Um morto é que deve cuidar do outro, e não os vivos; aos vivos cumpre cuidar da vida e dos vivos, e os mortos, da morte e dos mortos. É destes mortos que os dará o mar naquele dia (que é uma época, como os dias da Criação); é destes mortos que há no mar, e na terra, e agora até no ar, constituindo mesmo a maioria dos terrestres. Mortos são todos os que só cuidam da vida da matéria, e vivem como se fossem imortais.

E só pode ser assim, porque se houvesse a ressurreição do corpo, e não no corpo, ressurreição da carne e não na carne (reencarnação), a natureza toda teria de ser desfeita, desmantelada, num processo de tornar atrás. Cada flor possuidora de um átomo que integrou outrora o morto, teria de desfazer-se para libertar a parte que iria reconstituir o corpo na ressurreição. Ora, onde andarão aqueles átomos que foram Job? Não disse bem. Onde andarão os átomos de que se formara o corpo de Job? E se o átomo integrou dois organismos humanos, em épocas diferentes, para o qual irá ele? E se me disserem ser naquele dia os corpos de outra matéria feitos, então direi serem outros os corpos, pois que tudo neles outro é. Finalmente, considerando-se que o corpo está desassimilando matéria (que isto é ser vivo) e assimilando outra nova, a todo o instante, qual das matérias é a considerada na ressurreição? Seria a última, a que apodreceu e alimentou as plantas; a que se tornou em flor e alimentou a abelha; a que se fez semente e nutriu a ave? Seria a que se desfez em gases e a levou o vento? Seria a que se foi nas águas e é agora oceano? Aquela nuvem rubra que enfeita a aurora não seria feita do homem que morreu? Ó corpo, onde estas? Como podes tu ouvir, assim disperso noutras organizações, a trombeta do juízo final?

Senhor, já demonstrastes a existência de duas mortes e de duas vidas, ou seja, os mortos e vivos morais e os mortos e vivos físicos; mas como pode ser que a morte entregue a mortos? Ah! é que depois da morte física, pela qual a alma se desprende do envoltório denso, podem os espíritos vagar presos a objetivos baixos, sendo então ainda mortos depois da morte; são duas vezes mortos: uma porque o eram e o são no espírito; e outra porque morreram também no corpo. Logo, se estes

mortos hão de ser julgados no grande juízo, é bem que a morte dê seus mortos.

Mas que o hades, o inferno, dê os seus mortos, isto estranho eu, Senhor, pois os que vão lá, já não foram condenados? Pois se lá estão por condenados, como irão sair a julgamento? Se hão de ser julgados, como pois foram condenados? Seria que na terra está mais evoluída a justiça? Não há aí, no mundo da verdade, como aqui na terra, o habeas-corpus, que é lei pela qual se não permite seja preso ninguém sem culpa formada?

Ah! o julgamento aí, de que nos fala o texto, é para a segunda morte, ou seja, a coletiva, ou ainda, o juízo final, do qual os piores serão lançados em mundos inferiores (inferno) onde há choros e ranger de dentes; serão eles lá o que foi Adão aqui (povo e não homem), quando alijado de um orbe redimido do sistema planetário da Capela. O primeiro julgamento já se deu, logo após a morte, ou com ela, na própria consciência; cada um com seu viver sintonizou as suas vibrações conscienciais com as zonas vibratórias dos infernos ou dos céus; e como em suma, é o espírito a própria consciência, ele é atraído para o que lhe é igual ou semelhante; cada um com sua vida e obras se julga e se condena a si mesmo, sem possibilidade de mentir ou enganar, sendo assim, por esse modo, que se dá a intervenção divina e o primeiro julgamento. Se pois há julgamento para os que estão no inferno, logo há revisão de processo e ainda esperança de salvação; se há esperança de salvação, para os que estão no inferno, não poderá ser ele termo último de onde jamais se sai. Diz S. Pedro, em reforço à minha tese, que Jesus desceu aos infernos a pregar a espíritos em prisão; (2) e porque? Para convertê-los e salvá-los, pois isto é ser Messias; logo, o inferno não é o termo último do que cai.

Acabando o versículo tomado para estudo, abordo a sua parte final; e que me diz ela? Diz-me que cada um será julgado segundo as suas obras; e cuidava eu antigamente que cada um havia de ser julgado segundo a sua fé. Mas se o julgamento é feito em função de obras, cabendo a salvação aos que as têm, boas, e os mundos infelizes, aos que as têm, más, então concluo que um budista está pelas obras tão salvo como um cristão! Está certo isto? Sim está. Porque o ser cristão é *viver* o Evangelho, e quem diz viver, diz obrar e não crer; quem o vive é cristão de obras, ainda que seja budista de nome; e é melhor até ser budista de nome e cristão de obras, que cristão de nome, e de vida epicurista, como quase todos são. Se Cristo diz em um lugar, que muitos virão do oriente e do ocidente a sentar-se à mesa do Cordeiro, e que os filhos do reino serão lançados nas trevas exteriores, cuida eu, e cuida bem, que aqueles hão de ser os Budas e os Gandhis, e os outros, os perdidos, os cristãos de todas as seitas. Está certo? Sim. O próprio texto o diz: aos da direita, dirá naquele dia o Rei, que é Cristo: vinde possuir o reino, porque me cubristes a nudez, porque me matastes a fome e porque me assististes no leito de enfermo e na prisão. Ora, estas coisas podia tê-las feito um budista, como a fez o samaritano da parábola, cuja fé se desconhece. Para que a salvação tivesse outra base, as palavras deveriam ser: vinde benditos de meu Pai possuir o reino, que vos hei preparados com a fundação do mundo, porque tivestes fé; todavia o problema da salvação não é de fé, senão de obras.

1) – S. Luc 9 – 60

2) – I Pedro 3 – 19

A CRIANÇA

*Aquele que não receber o reino de Deus
como menino, de modo algum entrará nele.*

S. Marc 10 – 15

Hoje há de ser um menino o nosso mestre; e não há de ser um menino determinado, senão qualquer menino; a condição é apenas de ser normal e pequeno. Será nossa mestra a criança por nos ensinar, no comportamento seu para conosco, como nos portar para com Deus; e será nosso Mestre Deus por nos mostrar, em sua ação para conosco, como nos portar para com os nossos filhos.

Este há de ser o nosso assunto; e para que o desenvolvamos, tomemos um menino pequeno e o ponhamos no meio de nós, como fez Jesus, pondo a um outro no meio dos apóstolos. Tomando assim exemplo na criança, que vemos?

A despreocupação absoluta pelo pão do corpo, é a primeira coisa que se nos depara na criança, por confiar ela isto aos que lhe são pais; e nós, para sermos como elas, devemos de igual modo confiar isto a Deus, e ainda mais que Cristo nos aponta para as aves dos céus e para os lírios dos campos. Vemos a criança sonhadora ocupar-se dos seus brinquedos, onde tudo é fabuloso e belo, porque poesia e porque, espírito; isto nos ensina que devemos plantar nas nossas vidas rosas, sem nos ocuparmos de que seja ela flor que não dá fruto. Entre o agasalho e o brinquedo, prefere a criança o brinquedo, ensinando-nos com isto, que as coisas do espírito hão de estar antes das do corpo. As crianças imitando-nos a nós ensinam-nos que devemos imitar a Deus, sendo perfeitos como Ele o é; (1) imitando-nos a nós, mostra-nos ainda que devemos imitá-las, e se assim o fizermos, elas se imitarão a si mesmas, porque seremos como elas são. As crianças quando sorriem é porque sorriem, e não como nós que às vezes sorrimos porque choramos e para que não choremos. O riso é na criança como na flor o aroma, como na aurora, o belo, como no céu, o azul, como no santo, o bem, como no herói, a grandeza, como em Jesus, o amor; o sorriso no adulto pode ser traição, hipocrisia, cobiça; do riso comercial ao de sedução tudo é laço; tudo no adulto é de se temer; até seu beijo pode ser como de Judas; até as mais firmes promessas de coragem e valor, podem ser covardia e negação como a de Pedro. A criança é humilde e submissa, e o adulto, orgulhoso e rebelde; a criança veio há pouco do céu e traz nos seus hábitos muito de lá; o adulto posto que no inferno esteja, acomodado se acha a esse meio, empestado, já se vê, de todas as misérias e miasmas.

Finalmente, da humanidade as crianças são as flores e os adultos, ou são frutos, ou são espinhos. Quando são frutos originam-se das flores, às quais buscam copiar, já na cor, já no aroma, já no mel, já na beleza. Quando são frutos matam a fome a famintos, agasalham a nus, assistem a órfãos, a viúvas e a encarcerados; mas se são espinhos fazem a fome, espalham a orfandade, violentam as mulheres, dão carne, nas carniçarias dos prostíbulos, às hienas esfaimadas, fazem o câmbio negro desnudando a todos.

Até aqui vimos como copiar a criança; agora o mais dificultoso é o como imitar a Deus.

Se somos tão miseráveis, e Deus nos tolera, sejamos tolerantes para com os nossos filhos, nas suas travessuras; se Deus não nos falta com o pão do corpo e do espírito, não faltemos nós aos filhos nossos, sobretudo com este último, que é a educação. Se Deus se fez Mestre para Cristo dizer: – Sede perfeitos como vosso Pai Celestial o é, (2) sejamos nós mestre a nossos filhos ensinando-lhes, com exemplos, como procederem. Se Deus nos proporciona os meios de nos educarmos, proporcionemos a nossos filhos os meios primeiros de educação, que são os brinquedos.

Brinquedos, sim, brinquedos, torno a dizer, são meios de educação. Pois é brincando que se aprende. Sabei todos que o brinquedo é uma necessidade psicológica, em cuja satisfação a criança se prepara para a vida; o brinquedo é a vida simulada, onde a menina, que tem boneca é mãe, e o menino, que finge trabalhar, imitando o homem, é pai. E se me não credes a mim, que não tenho autoridade, ouvi a Wells, que a tem, lendo o livro seu “Como Vivem e Sentem os Animais”. Temos nós os nossos passatempos e trabalhos, que na criança, tudo são brincadeiras. Olhando a mestra natureza, vemos que desde as cabriolas dos golfinhos ao redor da proa dos navios, até a boneca das meninas, tudo são brincadeiras. Atividade lúdica tem-na até o gato velho, que brinca com o rato antes de o matar de todo. Simulação e fingimento são característicos dos jogos educacionais de todos os mamíferos e até das aves. A luta brava de dois cãesinhos, que rosnam e rolam no chão, é em tudo semelhante à luta verdadeira, pois que até de irados se fingem eles.

Fala Wells duma anhinga fêmea, vista certa vez, pousada num cipreste, dos brejos da Louisiana, brincando sozinha, de apanhar peixes. E como fazia? O peixe era uma vergõteia que atirava para o ar, e a pegava com o bico, sem deixar cair no chão. E para que esta brincadeira? Para adestrar-se na arte sua de pescar. Se o brinquedo é derivativo da energia acumulada, certo é também que por meio desta derivação de forças, se adentra o ser naquilo que fará para viver. Se a vida condiciona luta, brincar é lutar; se condiciona agilidade e fuga, brincar é fugir; se condiciona astúcia, brincar é enganar, é esconder, é mentir, é iludir, e talvez seja esta a mais desenvolvida forma executada pelos homens.

Ó pais atrasados que vos supondes superiores a vossos filhos! Vede que gastais os vossos dias em tolices; que tendes os vossos passatempos; que não vos esqueceis de vós! No entanto o vosso filho não tem o brinquedo, com o qual se exercite para a vida, porque vós, na vossa ignorância, o julgais bobagem. Olhai, contudo, a natureza e vede como tudo brinca. Se, pois, lei é da natureza que brincando se eduquem, aves e mamíferos, Deus assim o impôs, Deus assim o quer, porque a não imitais vós, ó néscios pais, dando a vossos filhos os meios de se adestrarem, de se educarem? Ah! sim, já pensastes na barriga! No entanto o Mestre nosso, que apontou a criança como exemplo, disse ainda não ser só de pão que vive o homem. (3) Se pois, vós, ó parvos, só tendes barriga, lembrai-vos ao menos que a criança também é espírito; se sois corpo, e só corpo, lembrai-vos que ela é também alma; se não podeis comprar os brinquedos, fazei-os vós, com as vossas próprias mãos, e com isto, por momentos, deixareis de ser o que sois - um tubo digestivo.

(1) – S. Mat 5 – 48

(2) – S. Mat 5 – 48

(3) – S. Mat. 4 – 44

FÉ E VIDA

E não quereis vir a mim para terdes vida.
S. João 5 – 39, 40

Não me atrevera eu, Senhor, levantar essa questão se me não fiasse da assistência vossa; não fosse ter fé eu na vossa misericórdia não seria tratado este ponto, pois lhe sinto o peso esmagador. Tratar deste assunto é pôr-se a gente num dilema: ou se há de fazer guerra ao erro, ou se há de silenciá-lo. Fazer-lhe guerra é mobilizar as forças inimigas contra a gente; silenciá-lo é pôr-se ao lado delas; pois bastou lavar as mãos Pilatos, para estar como oponente de Jesus.

Não quereis vir a mim para terdes vida, foi o que, Senhor, dissestes, em vosso tempo aos que vos não criam; mas hoje são estas palavras sem razão de ser, pois todos somos cristãos, e se o somos, então é que fomos a vós, e convosco estamos; logo temos vida. Se convosco estamos, e por isso temos vida, como continuais repetindo silenciosamente em vosso texto, ao que o lê, as mesmíssimas palavras? Então não bastou a nossa ida a vós? Continuais clamando como se não fôramos cristãos? Como não temos vida? Como não temos fé? Cremos em vós; logo temos fé; e porque cremos, fomos a vós, logo temos vida. Porque clamais, pois, Senhor!...

O clamor de Cristo se há de propagar pelo espaço e pelo tempo, expandindo-se através da História, indo refletir-se, produzindo eco, em cada uma das elevações suas; em cada crista da elevação da História dá-se o refletir da Verdade eterna do Messias; só os montes refletem; só as eminências reproduzem o clamor, para que nos vales se dêem as ressonâncias. Os vales, ainda que da História, hão de ser feitos de esterqueira podre e terra verminada; mas nas furnas daqueles, nos seus antros, nos seus recôncavos, nos seus ocos, nos seus tугúrios, nos seus casebres, onde mora a dor, dão-se as ressonâncias cujos sons se estendem até as planícies, onde está despreocupada a maioria que ainda desce, porque morta; morta, mas não podre ainda; morta para decompor-se, para

que daí, da podridão, irrompa a vida triunfante num grande grito de martírio, clamando pelo céu, pois só a este vêm, os que se acham no fundo dos abismos. Sendo, como são, os vales, o extremo da descida, aí precisamente está também o começo da subida; se o declive é o ir do filho pródigo, o aclave há-de ser o voltar ao seu Pai saudoso, que o espera sempre. Os vales ressoam as vozes que refletem os montes; os montes reproduzem, por reflexão, as vozes que o Senhor lançou no espaço e no tempo. Bem aventurados os montes por causa do Senhor! Bem aventurados os vales por causa dos montes refletores das vozes do Senhor! Ai de vós planície, que fechais os olhos para não ver a miséria dos vales, para onde ides, e tapais os ouvidos ao clamor dos infelizes, e às advertências do Senhor, pela voz dos pegureiros!

Os homens têm fé e têm vida, mas não como quer Cristo, uma vida filha da fé, senão uma fé filha da vida; não é a vida que se dobra e se acomoda à fé, senão a fé que se há-de dobrar e acomodar à vida; o molde não é a fé, como quer Cristo, para vazar a vida; mas a vida é que é a fôrma, onde se há de modelar a fé. O molde é a vida; a peça modelada é a fé; o metal, o material da fundição, a matéria, a estrutura é fé, é Cristo, é Evangelho, é Doutrina, é amor; mas a fôrma e os contornos dela são violência, egoísmo, luta, dano, mal; por isso, o que sai daí, a imagem do cristianismo, é uma hiena de ouro, preciosa e desprezível; preciosa porque ouro e desprezível porque hiena; o ouro é a fé, e a hiena, a vida; e como a hiena há de devorar sempre, preenchendo o seu destino, os cristãos se hão de comer uns aos outros (e mais, se são de seitas diferentes), enquanto Cristo os manda que se amem como irmãos.

Parece ultraje grande este, que faço a quem se diz cristão, mas torno a dizer o que disse, porque para tanto me autorizam os fatos.

Diz Cristo que quem assiste a um pequenino, a ele o assiste; contudo quando nos estende a mão o mendigo, dizendo que tem fome, dizemos que não temos miúdo. Como, miúdo?! Então ao miserável se diz não ter miúdo?! Pois porque se lhe não dá o graúdo? Ah! responde a fé filha da vida, depois me falta a mim e aos meus! Mas como, Jesus não manda que se dê ao que pede? Não diz ele vir por acréscimo tudo o mais, ao que busca antes de tudo o reino de Deus e a sua justiça? Ah! diz o espírito mercantil do lucro certo: – que Deus me ajude, então, primeiro, e depois eu ajudarei os outros; Deus pode faltar com a palavra; vale mais uma pomba na mão que dez voando; venha primeiramente o *acréscimo*, que buscarei depois o que devo buscar primeiramente. O pouco que tenho (e sempre pouco em relação ao mais), faço de conta que não tenho! Este mendigo me pede pão, e eu o tenho; mas... e se não tivesse? Pois digo que não tenho...

Ah! homem insensato, que Deus pode abater com a enfermidade! Pois é (sente o homem, sem contudo o dizer); pois é por isso mesmo que guardo o dinheiro; é para me garantir contra Deus! Pois se Ele me manda a doença, eu a curo com dinheiro, comprando os cuidados médicos, e os remédios; sem dinheiro pode haver médicos, mas não cuidados; se eu não tenho dinheiro, como me hei de safar, quando Deus me afligir com a doença? Já que não sei como será o dia de amanhã, hei de prevenir hoje, porque estou só, isolado, assim o sinto, apesar de cristão, e de Cristo dizer que Deus assiste até as aves do céu e os lírios do campo.

Cristo me manda amar a meu próximo como a mim mesmo; eu me amo a mim, mas, não ao próximo; o meu próximo é um estranho, até o chamo assim; eu não sinto que ele é nem como meu filho; é por isso que ao pedinte lhe digo não tenho miúdo; fosse ele meu filho, a coisa seria outra; mas não é... (graças a Deus).

Cristo me impõe a condição de ser seu amigo, só se lhe fizer o que me manda; e que me manda? Manda-me que ame a meu inimigo; mas como hei de amar a meu inimigo, quando não amo nem a meu amigo, e tanto que se ele se descuida passo-lhe as unhas no que tem, seja mulher ou bens? Onde é que há juntos, irmãos, e herança, que não haja rapinagem na hora da partilha? Se as heranças são despojos, os que os desfazem são lobos, e tanto mais lobos quanto maior for a herança! Onde a mansidão esperada dos cristãos? Como acomodar a vida à fé? Ficar pobre? Viver como ovelha entre lobos? Ir a Cristo para ter vida? Como? Não seria ir a ele para ter morte?

Não, tudo isto é muito difícil! Não há de ser a vida que se acomode à fé, mas esta, sim, que se há-de acomodar à vida!

S. João me diz, e em boa hora, (1) que se creio no sangue de Cristo estou salvo; isto assim, muito cru, bem simples, é melhor; pois, vá lá, creio; pronto. E agora? Agora o batismo; pois venha a água! E agora? A santificação: o homem deve proceder bem; deve ser irrepreensível; não deve ter

vícios (nem os solitários?); deve ser ou parecer *santo*.

E o amor (caridade), que todo o Evangelho só me fala disso?! Como há de ser, se Cristo me diz que hei de ser julgado segundo minhas obras? (2) E S. Tiago, (3) como me hei de justificar com ele, dizem alguns cristãos, e outros sentem mas não dizem, e ainda outros nem sentem e nem dizem? Ora, deixe disso, diz a vida, e os dela; creia e descanse! Obras não salvam! E além disso é muito difícil de se fazer! Qual é o mais fácil: crer em Cristo, que é uma coisa interior, ou, já não digo amar a um leproso, chaguento como Job, mas, limpar-lhe só o pus das úlceras? Qual o mais fácil: crer, e cantar hosanas, ou enxugar lágrimas e trabalhar para os outros? Qual é o mais fácil: glorificar a pessoa de Cristo, e falar do seu imenso amor, ou pregar o seu Evangelho, e provar que não amamos ao próximo, como ele pede? Pois creiamos e acomodemos a nossa fé à nossa vida, que de outro modo teríamos de acomodar a nossa vida à nossa fé; comamos e bebamos, e porque amanhã morreremos, façamos ainda um pecúlio (sempre crescente) a nossos queridos filhinhos, pois Deus pode se não lembrar deles, e por via das dúvidas, lembremos nós.

Por isto tudo brada-nos Cristo ainda e agora: – Porque me chamais Senhor, Senhor, e não fazeis o que vos mando? (4)

- 1) – I Epist de S. João 1 – 7
- 2) – Apoc 20 – 13 e S. Mat 25 – 31 a 46
- 3) – S. Tiago 2 – 14 a 25
- 4) – S. Luc 6 – 46

PÃO E PÃO

Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus.
S. Mat 4 – 4

Nem só de pão, Senhor, dizeis, viverá o homem? Mas como pode ser isto, se a tantos vejo que só de pão vivem? E tanto que por saberem que suas vidas se condicionam ao pão, por ele dão a vida! Então não é exato que o homem dá a vida pelo pão que o sustenta em pé? Não gasta a existência a armazená-lo, por só nele serem? Como, pois, dizeis não estar só no pão a vida, quando só a ele buscam quase todos?

Pois, Senhor, os homens não vos crêem, para só acreditarem no pão que guardam na despensa, e sobretudo no que guardam nos cofres e nos bancos! Mas se nem só de pão vive o homem, inspirai-me, Senhor, sobre que outra coisa é essa que o aviventa?

No texto mesmo está a resposta, bem o sei, pois diz lá que "de toda a palavra que sai da boca de Deus". Mas que palavra é, da boca de Deus, da qual pode viver o homem? Toda. Como toda? Então é possível que também o homem viva do "*faça-se*", do "*haja*", da criação no Gênese? (1) Sim. Porque a força do Verbo criou, e na simplicidade desse "faça-se", e desse "haja", estão ocultas as dificuldades todas das criações sucessivas (evolução) através de um passado sem conta, que a ciência, fatigosamente, há apenas vislumbrado. Os tipos principais se fizeram em seis épocas ou *dias*, mas a criação mesma continua dando-se porque evolução mais não é do que criações sucessivas de formas. Criação, dá idéia de estático, ou parado, e evolução, de movimento, ou dinamismo; mas Deus não é só força potencial, senão também cinética, e sempre em ação. Que Deus não cessa de agir (por ser Verbo, e este exprime ação) até agora, o próprio Cristo o disse. (2)

Deus cria até por meio da própria criação; se o firmamento anuncia, como diz

expressamente o texto, (3) as obras das suas mãos, temos que o que, ou quem anuncia tem palavras, e estas com serem Verbo, podem a seu turno criar e criam visões no poeta, gozos no santo, compreensão no homem e sabedoria no gênio. Alma nenhuma há evoluída (que só estas sentem), que não se sinta altamente alimentada com apenas ver um só, que seja, aspecto da criação; logo, o “*faça-se*” é para a alma pão de Deus.

Acontece, todavia, que os homens na sua maioria são mortos, e não vivos; vivos no corpo, porém não no espírito. São estes mortos como aqueles dos quais está dito nos Evangelhos: – Deixa aos mortos o sepultar os seus mortos (4). É desses mortos que os dará o mar, como diz S. João, no seu Apocalipse, (5) e não só o mar, senão o "hades" e a morte. Cabe aqui uma digressão, e grande, e necessária, mas, como é nosso assunto, o pão do espírito, estudemos mais a necessidade de comê-lo, visto que os que o não comem, são mortos.

Se o homem é uma unidade dual (falo dos vivos) composta de corpo e espírito, lógico há-de ser que essas duas metades se hão de alimentar daquilo de que se compõem. Se há pão material para o corpo, há o também espiritual para o espírito. E como o pão material todos conhecem, ainda que vivos, falarei do pão espiritual, que a maioria desconhece, porque morta.

Entre os dois pólos da vida, espírito e matéria, debate-se o homem, e é aí que surgem todas as necessidades suas. As reações do homem em face dos embates da vida situam-no entre esses dois extremos, sendo vivos os que tocam para o espírito, e mortos os que pendem para a matéria. Os mortos, por efeito natural da gravidade, hão de ser atraídos para o de que são feitos, pois diz o enunciado newtoniano, que matéria atrai a matéria, e como a lei é uma só, digo eu, que o espírito atrai o espírito. Se o corpo quer descer às profundezas infernais, a alma quer subir aos céus; esta luta gigantesca entre o descer e o subir é o que se chama vida física; o subir, vida espiritual; o descer, morte. O que para uns parece supérfluo, para outros é necessidade imperiosa. A música, a poesia, as luzes, as cores, a prece, a bondade, a fé, o amor, visto que não encham a barriga, são coisas inúteis para os que são mortos. Dê-se pão a um cadáver, e ele não o comerá; assim acontece sempre, quando se quer dar a mortos, as coisas de vivos.

A par dos utilitarismos grosseiros, surgem, como dentre espinheiros, as coisas mimosas da vida, única razão que a justifica, que são as flores do espírito. Tudo o que sensibiliza e eleva, é pão que os vivos comem, e que os mortos desprezam e pisam.

Vós, Senhor, em vossa passagem pela terra, permitistes o manifestar destas coisas delicadas, quase diáfanas; uma foi quando a mulher vos ungiu com o nardo precioso, que Judas avaliou em trezentos dinheiros, dez vezes mais que o preço pelo qual vos vendeu.

Ó Senhor, fechando o ponto, quero vos dizer da minha gratidão, pelo vos haverdes tornado o meu pão de cada dia! Vós dissestes que éreis o pão da vida, e realmente o sois, porque saciais a fome ao que a tem de justiça, ao que a tem de amor, ao que a tem de perdão, ao que a tem de fé, ao que a tem do belo e finalmente ao que a tem de Verdade. Que me não falte, Senhor, esse pão, ainda que me falte o outro. Permiti que eu ajunte desse pão e fique dele milionário, como os outros o são do outro! Permiti que tenha eu minha reserva no Banco do Infinito, como os outros a tem nos bancos da terra! Sobretudo, Senhor, permiti que eu possa dar desse pão, muito e muito, aos que o quiserem, em contraposição aos que não dão do outro, senão a si e aos seus.

Ó que diferença vai de pão a pão! A diferença que vai de pão a pão é a que vai do corpo à alma, da matéria ao espírito, da treva à luz, da morte à vida. Enquanto o pão do corpo mata o espírito, e os que o tem, para o ter, são mortos, e tanto mais mortos quanto mais o têm, o pão do espírito mata o corpo, sendo os mais ricos deste pão, os que mais pobres são na terra; o mais rico de todos os ricos do pão do céu, foi também o mais pobre de todos os pobres do pão de barro, e tanto que se as aves tinham e têm ninhos, e as raposas, covis, esse multimilionário não tinha onde reclinar a cabeça (6).

- 1) – Gen 1 – 3 e 6
- 2) – S. João 5 – 17
- 3) – Sal 19 – 1
- 4) – S. Luc 9 – 60
- 5) – Apoc 20 – 13
- 6) – S. Luc 9 – 58

A FUGA DO SENHOR

Percebendo Jesus que eles estavam para vir e levá-lo à força, a fim de constituí-lo rei, retirou-se novamente para o monte, ele só.

S. João 6 – 15

Como, Senhor! Retirai-vos do meio das massas humanas? E para um monte é que ides refugiar-vos, como se fôreis uma águia? Tendes porventura medo que vos tomem e vos façam rei temporal? E não quereis ser rei? Porque fugis, Senhor, ó porque?!

Que vá Moisés ao monte buscar a Lei justo é, porque com ser Moisés um grande legislador e profeta, não chega ainda a guia planetário; mas vós, Senhor, sentis também a necessidade dos isolamentos?

É bem por serdes vós quem sois, que mais necessitais de solidão, porque nela é que a alma se desprende em vô a Deus; e já que assim é, dignai-vos permitir que minha alma, posto que solitária esteja agora, possa entender vossa atitude, trazendo esse entendimento a este papel.

Disse eu ser em vós mais imperiosa a necessidade da solidão, porque essa necessidade guarda relação com a evolução do espírito e o ambiente em que se acha; e tanto é certo isto, que sem ser messias, os gênios sentem a necessidade de isolar-se, quando operam no ambiente humano; só se sente bem aí, aquele cuja evolução corresponde à desse meio; aquele cuja densidade espiritual corresponde à desse lugar onde estão todos. Para o medíocre a solidão seria solidão, mas para o gênio é ela cortejo, é séquito, porque aí, além do tumultuar das idéias, há ainda as presenças as quais se não vêem, porque invisíveis, mas se as sentem porque sintônicas. O gênio só está só, quando está no meio da multidão, mas basta que se isole e já está acompanhado; e é porque o homem é um

animal sociável, que o medíocre busca o seu igual, que são todos, e o gênio a solidão, onde também o seu igual se manifesta, porém de forma invisível.

Maior solidão não existe do que ser incompreendido e tido até por louco; e o gênio assim o é, em oposição ao homem comum, que não se esquece do estômago, e daí o ser equilibrado no conceito dos seus iguais que encham o mundo.

Se isto assim é com relação ao gênio, como foi e há de ser com relação a vós, Senhor!/? Sois incompreendido, e há até os que dizem ser o Evangelho vosso simples; no entanto não há na terra quem o viva, posto que não há quem ame a seu próximo como a si mesmo!

Por princípio natural hão de ser como as águias os gênios, os artistas, os santos, e os heróis; do mesmo modo por que nascem elas nos antros das montanhas, hão de nascer os grandes nas águas-furtadas e nos casebres, tendo nascido o maior de todos, numa estrebaria sobre os fenos duma manjedoura. Como águias ainda crescem isolados no desprezo e na miséria. Ainda por natureza hão de viver as águias em altos montes de onde primeiro vêm todas as auroras, e por isso os gênios, hão de madrugar na noite das idéias, vendo sempre o despontar das eras. Do alto do monte das noções gerais, absolutas e abstratas, noções que sentem e adivinham antes mesmo de as entender, vêm eles as planuras do relativo, onde se perdem todos nos emaranhados inextricáveis dos princípios menores; planam eles nas alturas, nas asas poderosas da intuição, e de lá vêm tudo, dirigindo-se para as partes com a segurança dos que conhecem o caminho e por isso não se perdem. A ardência interior, onde tempestuam as visões, dá-lhes a expressão incalma, interpretada pela multidão ignara como neurose e loucura; de fato não são eles normais como medíocres para serem supranormais como gênios. Nas suas vidas turbilhonárias as idéias atravessam-lhes os espíritos, como raios o espaço; representam eles a alta tensão evolutiva, na qual trabalharam todos os milênios desde os começos da criação; por isso, como alta tensão, devem produzir e produzem faíscas, chispas, relâmpagos e clarões com que hão de alumiar ao mundo os seus caminhos novos.

A excessiva sensibilidade e madureza tolem aos grandes desta ordem de subir as escalas burocráticas e sociais, franqueadas apenas aos medíocres porque insensíveis, porque agressivos, porque egoístas e porque inescrupulosos. Os expoentes da evolução têm a alma grande, e por não serem mesquinhos sabem amar profundamente aos seus, que eles chamam semelhantes, e o são de fato, porém na forma apenas; sendo generosos vivem onerados de trabalhos ingratos e não pagos; a piedade pelo homem sofredor forma-lhes o lastro sobre o qual se levantam dolorosos, heróicos, potentes, gigantescos para incendiados como bólides alumiar a grande treva, consumindo-se, gastando-se a si mesmos neste incêndio.

As surdas e indefinidas aspirações, as vozes interiores que falam à mediocridade, do infinito e de Deus, são a mais potente afirmação ao que há chegado à terceira dimensão consciencial.

Os artistas, os gênios, os heróis e os santos sabem o que seja viver nas altitudes das águias, nas solidões dos grandes espaços, nas alturas supremas dos montes, onde cessam os horizontalismos dos campos, onde pequeninos nada encobrem a visão. Digam-nos eles, para que entendamos a fuga de Cristo, se há lá os vargedos úmidos, com seus charcos, com sua terra podre e com seus sapos! Digam-nos eles, se ouvem lá o grunhir de porcos, e se estes vêm fossar na lama dos utilitarismos grosseiros.

Duro é ao gênio viver no mundo de todos, pois que hão conhecido as verticais da intuição levantadas sobre o plano da consciência ou da razão; duro é, porque conhecem o mundo tridimensional do espírito, a terceira dimensão do ego, o êxtase místico. Duro é o descer dos seus antros de águias, das suas águas-furtadas, dos seus isolamentos, dos seus desertos, das suas covas, das suas solidões fecundas, ao nível dos nulos para ouvir tolices e participar dos nada que encham a vida de todos. Mas é preciso descer a último e servir, que isto é ser primeiro, como disse Cristo; é preciso não desprezar o charco onde se ouve o coaxar e o grunhir, pois nele é, ó ironia, que surgem os lírios dos redimidos; no meio das negras e nauseantes podridões de todas as misérias e de todos os martírios é que saem as Madalenas e os Zaqueus, quais bandos alados e alvacentos para Deus; é pois preciso servir entre demônios que essa é a condição de anjos.

Isto é, Senhor, o que acontece aos que são gênios, que representam meras verticais no plano da razão; e de vós, Senhor, que hei de dizer? Se o gênio é uma vertical, vós sois o volume inteiro! Se o gênio domina da esfera da hiper-consciência um só raio, vós os dominais a todos, e à esfera toda! Que vos direi então, Senhor, que direi? Mas direi o que fizestes!

Fugi, Senhor, ó fugi para altos montes é que vos digo; revigorai lá as vossas energias, que cá embaixo só as haveis de gastar a cada toque como aquele da mulher que sofria a hemorragia. (1) Cá, Senhor, ficamos nós cegos dos olhos e da fé, mancos e aleijados dos membros e das obras, e sobretudo leprosos do corpo e da alma à vossa espera para que nos sareis! Mas fugi, Senhor, fugi primeiro para depois voltar, porque se assim o não fizerdes, vós sentireis o esgotamento e o cansaço e sobretudo um imenso tédio que vos obrigará a dizer como já dissestes: – Ó geração incrédula! até quando estarei convosco? Até quando vos sofrerei?.

(1) - S. Luc 8 – 43 a 48

(2) - S. Mar 9 – 19)

PÚSTULAS E SOL

*Jó, sentado em cinza, tomou
um caco para com ele se raspar.*

Jó 2 - 8

Jó! Ó Jó! Onde estás que não amaldiçoa ao teu Deus, e não morres? Conservas tu ainda a tua integridade? Assim falava a Jó sua mulher. De todos os flagelos caídos sobre ele, sua única consolação era ainda sua última desgraça, porque o não amparava, e antes, o atormentava mais.

Sobrara-lhe a mulher de tudo o que possuía. Os bois, que lavravam e as jumentas que pastavam, levaram-nos os sabeus, matando a espada, ainda, os servos que os vigiavam; e os bois eram quinhentas juntas, e as jumentas de igual número. As ovelhas, que eram sete mil, queimou-as o fogo do céu, e juntamente com elas, os servos que as apascentavam. Os camelos, que eram três mil, levaram-nos os caldeus, divididos, para isto, em três tropas. Finalmente os filhos, que eram sete homens e três mulheres, estavam banqueteadando-se na casa do irmão mais velho, quando lhes sobreveio um tufão arrasando a casa, e matando a todos.

Ó céus! Que vejo eu? Ó! O que vejo é um quadro dantesco de um homem, que, rasga as vestes, e por momentos se mantém, assim, nessa atitude, em estátua de dor impedernido; vejo depois raspando a cabeça e arrojando-se por terra, e para que? Ah! que incrível é isto, para adorar ainda a Deus e dizer: – Nu saí do ventre de minha mãe, e nu para lá hei de tornar. Jeová deu, e Jeová tirou; bendito seja, pois, o santo nome seu!

Há tal paciência? Há tal fé? Sim: há.

Ó! Que tudo ficasse aí, o que não foi, porque depois veio ainda a lepra, cobrindo-lhe o

corpo de chagas, desde a planta dos pés até o cimo da cabeça! E por fim, como um remate horrendo, aquela mulher sua, que o devia amparar, que diz? Ah! já o sabemos, visto que o dissemos nestas linhas, e a cujas palavras Jó replica: – Mulher, falas como uma insensata!

Ó Jó, e tremo até ao dizer, se não queres amaldiçoar a Deus, para morrer, dize então como te sentes e o que queres.

O meu espírito, diz Jó, suga o veneno das setas com que me feriu o Todo-poderoso! Aperta contra mim o cerco dos terrores! E como não zurra o asno enquanto tem erva, nem muge o boi junto do seu pasto, assim me não lamentei durante o meu fastígio, mas agora, ó Deus! Ó Deus meu, esmaga-me! Ó!... estende a tua mão e me extermina!

Sim, Jó, é teu desejo ser exterminado, mas, como não te rebelas como todos? Descreves teu sofrer com teus lamentos, mas, porque não segues ao que diz tua mulher, e antes, a chamas de insensata? Se queres pois, viver na morte, que vida não há de ser a que tu vives, e te consolas em coçar a tua lepra com um caco, dize, ao menos, por quem és, de onde vem a tua força, de que mundo, a energia que te anima no sofrer?

Ah! Jó, bem sei de onde vem a força tua! Vem do mundo íntimo, do mundo interior, que cheio de sol vejo! Se por fora tens a lepra, por dentro tens o ideal; por fora tens as chagas pustulentas, mas, por dentro há o gorjear dos passarinhos nos hortos, nos valados e nos bosques; há por dentro auroras, há luzes, há céus; há glórias e há poesia; há as clarinadas de heroísmo, e há o amor. Bem que fizestes distinção entre a ciência e a sabedoria, para concluir que, na verdade, mais que pérolas vale o saber. (*) Perguntas donde vem a sabedoria, para, logo, com sabedoria, responder-nos, que toda ela vem de Deus.

A ciência é dinheiro, e por causa dele só se a busca; a sabedoria é ideal que vige acima do estômago. Ciência mais fé é igual a sabedoria; coração mais cérebro é igual a espiritualidade. Amavos e instruí-vos, dizem os Mentores. Dê-se uma fé à ciência e ela se tornará religião, diz “A Grande Síntese”.

Bem-aventurado és, ó Jó, porque conquistastes a consciência cósmica, e te sentes viver no Todo como parte integradora; chegaste a compreensão de que tudo o que perdeste só era teu, de modo provisório; chegaste a compreender que teus filhos eram teus irmãos, filhos de Deus, primeiramente, como tu. Compreendeste, e mais que isto, sentiste, ó que bem-aventurado és, que nenhum bem há maior que os da alma, e a eles o diabo não pode roubar. Compreendeste, e mais que isto, sentiste que se pode flagelar o corpo até com a lepra mais danosa como a tua, não, porém, a alma, que mais e mais há de cantar a cada golpe; pudeste ver a grandeza do espírito noutras dimensões, acima do estômago, no plano inatingível do ideal, e a este colocaste no Infinito para nunca o alcançar. Sim, Jó, só é feliz quem põe a felicidade no eterno, no imutável, porque ainda que se perca tudo, apenas uma parte se perdeu. Estás certo em teu caminho, família e bens hão que ser satélites, que giram em redor do sol interior do eterno espírito. O tudo de todos, para ti, partícula apenas há de ser. O que põe o ideal nas coisas perecíveis, sente, em abismos, cavar-se a terra sob os pés, quando perde o que cuidava ter. Tu, Jó para todos perdeste tudo, para mim não, porque o que era teu o era provisoriamente; logo, se não perdeste nada do eterno que possues, nada perdeste.

Sim, Jó, direi contigo aquilo que somente pensas: os meus bens, pensa Jó (e eu o escrevo), que Deus me deu, não são meus, senão dele; deu-mo Ele para eu os trabalhar; sou apenas depositário do que os outros me julgam dono; nem eu sou meu, e tanto que posso ser tomado a qualquer hora pelo meu Senhor; entrego-me pois, abrindo os braços ao infinito para que me tome e que me eleve; e por onde quer que eu vá, estarei no seio do Todo-poderoso, já que é Ele o Infinito, nada havendo, que fora dele possa estar; se, pois, estou no Todo, exulto-me como partícula que sou integradora.

Basta. Jó! Eis, aí o caminho. Que se chague o corpo todo, não, porém, a alma; que se percam todos os bens terrestres, mas que se mantenha o ideal; percam-se mulher e filhos, bens e saúde, porém que se conserve a vastidão imensa dos tesouros interiores, que eles, mas só eles, darão paz, darão alegria, darão fé, darão paciência, darão forças, darão coragem e valor para que se diga, em qualquer que sejam as circunstâncias: – Bendito seja sempre o nome de Jeová meu Deus.

AS TRÊS CRUZES DO GÓLGOTA

*Com ele crucificaram dois salteadores,
um à sua direita, e outro à sua esquerda.*

S. Marcos 15 – 27

Senhor, que diferença tem a vossa cruz da dos ladrões e malfeitores? Não é ela, como a deles, feita de dois paus, um sobre o outro, preso pelo meio? Não são de madeira todas elas? Não são de ferro, e igualmente duros os cravos? O lugar e o tempo não são os mesmos para as três cruzes? Não são semelhantes os corpos pendurados nelas? Valha-me Deus! Pois se tudo é tão igual, como podem ser tão encontrados os gemidos e os brados? Como pode o suplício arrancar de um blasfêmias, impenitências, sarcasmos e revoltas e de outro piedade e amor? E que tudo isto há de caber num pobre cérebro?

Ah! que isto transcende a toda a compreensão humana! Com um cérebro de terra não se há de resolver esta questão! O coração, posto que também de barro seja feito, pode, se aquecido à incandescência, sentir a verdade que vai nas cruzes. Entreguemos pois o coração à fornalha divina, que coze as civilizações, para que se incandesça, e incandescendo alumie qual farol em plena escuridão.

Uma onda de luz desprende-se do sol, e depois de pouco mais de oito minutos, dá na terra, endurecendo o barro e amolecendo a cera. Se a energia é a mesma, e mesma a quantidade, e ainda o mesmo o espaço e o tempo, como são contrários os efeitos? Pois a coisa não está na luz, nem no sol, nem no espaço e nem no tempo, senão na natureza dos elementos que recebem a ação; a cera amolece, liquêfaz-se e corre; o barro, em recebendo a luz, por sua natureza empedernesce. Agora

troquemos pelo sol a dor, que barro e cera serão Gestas e Jesus. A um idêntico estímulo reagem os pacientes diferentemente, expressando cada um a sua natureza, que é o grau de evolução.

As três cruces do Gólgota são a grande síntese do mundo. Estão a um tempo presentes, o passado nosso em Gestas; o presente em Dimas e o futuro em Cristo. Gestas é passado e trevas, ignorância e revolta, animalidade e matéria, desespero e sarcasmo; Gestas é o diabo. Dimas é a transição que vai do diabo ao anjo, da treva à luz, do mal ao bem. Gestas é animal ou subhomem, Dimas homem, e Jesus anjo ou superhomem. Jesus é luz, é hiperconsciência, é intuição, é bem, é sabedoria, é bondade. Em Gestas a dor é dor-dano; em Dimas a dor é só dor; em Jesus a dor é dor-gozo, a mesma que sentimos, quando sofremos para que não sofra o objeto amado. Mãe nenhuma há (que isto é ser mãe), que não aceite com alegria e gozo as dores do entezinho que lhe é filho. Por isso se Jesus sofria porque amava, e sofria para que não sofresse o que amava, sua dor era dor-gozo, dor-alegria, e não dor-dano, dor-mal. Gestas sofria por si e Jesus pelos outros. Gestas escabujava e Jesus bradava, recitando salmos de David. (*) Gestas blasfemava e Jesus abençoava a ignorância pela qual pedia a Deus perdão.

Gestas é o cego, o morcego, o sapo, que na treva imensa se debate ronquejando qual monstro; é todo ele a desesperação do que se sente sofrer sem finalidade; Jesus é a certeza do céu, que até promete mesmo a Dimas. Jesus sofre salmodiando porque suas lágrimas são de alegria intensa, e o seu gemido o gorjeio da ave que se entrega a Deus. Gestas sofre chorando a lágrima seca que se evapora no peito incandecido com o fogo de enxofre, onde está o inferno. Ah! Gestas, se tu ao menos pudesse chorar, ó quão abençoadas seriam tuas lágrimas, porque elas, como chuvas, lavariam o céu do teu espírito e verias claro o Sol que a teu lado tens. Ó Gestas, quanto me dói o teu sofrer! A tua cruz foi a mais pesada de todas, porque foi cruz sem esperança e fé, como a de Dimas, que ainda era inferior a de Jesus, por se acrescer a esta, mais amor ou caridade! O teu madeiro, ó Gestas, foi mais pesado de todos, porque madeiro sem compensação! Todos se doem por Jesus, mas eu ainda mais por ti me dão, porque se numa cruz havia um anjo assistido por Deus, e na outra um homem assistido por Jesus, na tua, ó dor, uma criança havia trucidada por satã e a se debater nas trevas. Sim, porque criança é o que ainda homem não chegou a ser. Que todos fossem e sejam ainda iguais perante a lei, grande erro é do direito de punir.

Em Dimas as forças se equilibravam, e se por uma parte estava a cruz por outra estavam a esperança e a fé; se por um lado estava Gestas como passado transposto, do outro estava Jesus como futuro a conquistar; se de um lado estava a dor-dano do que sofre por si, do outro estava a dor-gozo dos que sofrem pelos outros; se de um lado estava o demônio blasfemando, do outro estava Jesus abençoando; se de um lado estava a treva, do outro estava a luz; se de um lado estava o mal, do outro estava o bem; se de um lado estava o feroz instinto, a besta, o egoísmo, o dano, do outro estava a intuição, o anjo, a renúncia, o gozo. Era Dimas a razão, o bom senso (digo como fase), o raciocínio, a inteligência do homem comum; era ele a alvorada, que é luta entre a luz e as trevas, para que desponte o dia; era ele a paz vencendo a guerra, o bem vencendo o mal, o anjo derribando o diabo, como no quadro de Rafael, S. Miguel o faz a satanás.

Ó quanta beleza, Senhor, ó quanto e quanto se pode ver em três cruces, três corpos e um monte!. Ó que monte, Senhor, que monte horrível, tão diferente do Tabor e tão igual: diferente porque outro e não ele; diferente porque martírio e não gozo; diferente porque ladrões e cruces e não Elias e Moisés; mas ao mesmo tempo tão igual, porque em ambos glória, em ambos auroras, em ambos o mesmo assunto, que é a morte pela cruz, pois foi sobre o que se falou no Tabor; e finalmente em ambos realidades divinas e apoteoses que encherão todos os milênios como o sol todo um dia.

REDENÇÃO PELO EGOÍSMO

*Uma coisa te falta; vai vende tudo
o que tens e dá aos pobres, e terás um
tesouro no céu; e vem e segue-me.*

S. Marcos 10 – 21

Duras são para os ricos estas palavras de Jesus; ó quão duras são! Porém mais dura são ainda as que se seguem, porque não bastou que sua dureza cortasse o coração do moço rico do Evangelho, mas desde então tem cortado a todos os corações que buscam as duas coisas mais encontradas e mesmo totalmente opostas desta vida que são: céu e mundo, espírito e matéria. Pois é mais fácil, diz o Mestre, que passe pelo fundo de uma agulha um camelo, que um rico entrar no céu.

Mas contrariando o Texto para o explicar, eu lastimo o rico, não pelo muito egoísmo que tem, senão pelo pouco. O teu egoísmo te perdeu, ó rico, por ser pequeno; fôra ele grande e te salvarias; um rico como tu não tem lugar no céu, porque para entrar-se nele, ou estar-se nele, (*) já, nesta vida, é necessário ser mais rico ainda; o céu é dos muitos e não pouco ricos; o egoísmo, há que ser grandioso para garantir a salvação; o céu se conquista com egoísmo, mas não com muito, senão com muitíssimo egoísmo.

Ó como pode ser esta doutrina conforme os Evangelhos, se estes ensinam o desprendimento dos bens terrenos? Como se há de ir ao céu, querendo tanto o mundo? Como se há de subir, descendo? Como se há de ir ao céu pelo caminho do inferno?

Pois aqui está o caminho, e para resolvermos tão grande dificuldade, peçamos a Jesus as luzes necessárias.

Lei é da natureza que tudo se há de fazer por progressividade, não havendo em nenhum campo os saltos imaturos. Assim foi nas duras ascensões das espécies através de um passado sem conta; assim foi nas mais que duras ascensões das formas psíquicas, no albor da consciência, no homem das cavernas. Assim há de ser na conquista da consciência volumétrica, para a qual caminhamos, cuja unidade de medida é, não a razão, mas a intuição. Do simples se há de ir ao complexo por progressividade; dos elementos constitutivos da barbatana do peixe há saído, por descendência biológica, mas ascendência evolutiva, a pata do batráquio e a do réptil, a asa da ave, a pata do mamífero e o braço do homem. Do mesmo modo porque se deu a transformação da barbatana em braço, assim dar-se-á a da consciência em superconsciência, do homem em gênio, e do egoísmo em altruísmo. Assim como a hiperconsciência contém a consciência, e a intuição a razão, o altruísmo é um egoísmo maior que contém o menor. Altruísmo é expansão de domínio, e não perda; altruísmo é egoísmo requintado, exaltado, evoluído; altruísmo e egoísmo são u'a mesma coisa, estando a diferença só na posição e na intensidade, e não na natureza do sentimento. Em recíproca temos, que egoísmo é um altruísmo diminuto, ínfimo; é altruísmo em forma de germe, de semente, de núcleo, carente ainda de expansão.

Por isso o rico perdeu-se por ser pouco rico, pois se o fosse bastante, teria forças para desprender-se do pouco tendo em vista o muito.

Certo dia visitou a um califa um santo maometano; extasiado e confundido diante de tanta sabedoria e humildade, disse o califa ao santo: – Ó quão grande é o teu desprendimento! Ao que este respondeu: – O teu é maior. – Como, perguntou o califa, pois se tenho tudo e tu nada? Pois assim é, ó califa, porque eu apenas sou desprendido das coisas efêmeras, fugazes, ilusórias e transitórias desta vida, nas quais te agarras; mas sou preso às coisas eternas, imutáveis, reais e imperecíveis do espírito, das quais te desgarras; logo o teu desprendimento é maior que o meu.

Ó rico, se queres o céu, sê pobre para o mundo! Se queres o céu, trabalha a terra para os outros, nos quais te hás de sentir viver, como se te foram filhos; e se o não sentes, debalde buscas o céu; se te prendes às riquezas, terás contra ti que mais fácil é, a um camelo passar pelo fundo de uma agulha, que entrares no céu. Se te não desprendes, aí permanecerás junto das riquezas que dizes tuas, sendo a sensação da posse delas precisamente, a tua mais que pobreza, porque miséria.

O egoísmo que se dilata até a família, até os animais o conhecem. Dentro dessa zona de domínio o altruísmo existe, e o homem dá sem ter sensação de perda. O homem sente que dando para o filho, dá para si mesmo, pois nele se sente viver; o filho é seu e por isso, dar para o “seu” é dar para si. Esta dilatação do *ego*, que começa na família, estende-se para além da humanidade, abarcando a Criação inteira. Assim o santo, o herói, o gênio e o artista, que são formas agudas de consciência, quando dão de si, também não têm sensação de perda, pois sentem-se viver na parte para a qual dão. Eles como as abelhas, conquistaram a consciência orgânica do todo, e dele se sentem células, e nele se agarram, e por ele lutam e morrem. Estes vivem desprendidos de tudo porque têm tudo; são pobres porque riquíssimos; suas famílias são, não só a humanidade, senão também as estrelas, as nuvens e as flores; as suas riquezas são a hipersensibilidade do coração; os seus tesouros, o céu que trazem dentro do peito, em cumprimento da lei do Senhor que diz estar o Reino de Deus dentro do homem e não fora, exteriormente. (*) O grande abraça o mundo e o ama, e por ele trabalha, e por ele sofre, e por ele se dá em holocausto, como o Cristo se deu no Calvário.

Resumindo aperto o conceito que emiti, de que para ir-se ao céu faz-se necessário não perder de vista o inferno; pelo céu há que trabalhar para o inferno; para ser filho da luz há que trabalhar para os filhos das trevas, pois demônio nenhum há tão demônio que o seja eternamente, já que conserva com tudo o que existe a filiação divina. O inferno é, pois, caminho do céu e o homem que não amar ao mundo, e por ele não der a sua vida, não a terá salva, pois para ganhá-la é preciso perdê-la.

Quando o egoísmo há chegado a este ponto de expansão, o santo desgarrar-se da terra pela qual trabalha, pela qual sofre, pela qual chora; aflige-se pelo mundo de onde quer fugir; desprende-se da vida, pela qual dá a vida como fez na cruz Cristo, o Mestre e Senhor nosso.

(*) – S. Lucas 17 – 21

CIÊNCIA E SABEDORIA

Rabi, sabemos que és Mestre vindo da parte de Deus; pois ninguém pode fazer estes milagres que tu fazes, se Deus não estiver com ele.

S. João 3 – 2

Sapientíssima conclusão tiraste, ó Nicodemos, dos feitos do Mestre, Senhor nosso. Muito bem, apertemo-nos as mãos, pois que pensamos de igual modo. Mas vem cá, dize uma coisa; porque procuraste o Senhor à noite, e às escondidas? Se ele vem da parte de Deus, como tu o confessas, não seria o caso de o procurares às claras, tornando-te mesmo seu discípulo? Porque o não fizeste?

Ah! não te acanhes, não tente dissimular a verdade, como é do teu costume, que eu sei das razões. És doutor em Israel, mas hoje te hás de conformar em receber um quinau de mim. Tu não morreste ainda, como há quem o suponha, mas vives e és representado por todos os que crêem e o confessam, mas não seguem. Eu te direi hoje o que sabes e o que ignoras; e para tua confusão digote, já, que aquilo mesmo que sabes é também o que ignoras...

– Mas como é isto? Que duas coisas são estas, que tão encontradas possam ser certas? Que coisa difícil? Diante disto o renascer já me não é dificuldade?! Como posso saber o que ignoro e ignorar o que sei?

Sobre isto, é, pois, que te hei de falar; para o agudo doutor que és, são necessárias agudezas como esta.

A coisa de se saber o que se ignora, e ignorar-se o que se sabe, está em que se sabe ou se pode saber de três maneiras diferentes: pode-se saber de um modo e ignorar-se pelo outro e vice-versa; e pode-se saber dos dois modos.

Sabe-se pelo entendimento, sabe-se pelo coração, e sabe-se pelo coração e pelo entendimento.

Pode-se saber só pelo entendimento e ignorar pelo coração, como Salomão, que sabendo tanto, caiu, e caindo degradou-se, dando vazão a todos os instintos subversivos, terminando seus dias na idolatria e no debochado convívio de setecentas rainhas e trezentas concubinas.

Pode-se saber pelo entendimento e pelo coração, como Jesus, que ao emitir um conceito ou enunciar um princípio, sentia o que pensava e o que dizia.

Sabem só pelo coração e ignoram pelo entendimento, aqueles que, como o centurião romano, sabem sem saber como sabem, e nem porque sabem: – Manda, Senhor, e meu servo será curado, diz o centurião a Jesus. Nem em todo o Israel encontrei tamanha fé, responde o Senhor, e com isto chama fé, à esta consciência interior, à esta convicção ou certeza íntima da alma.

O saber só do entendimento não livra o homem de cair, pois como já te disse de Salomão, direi também de ti, que saíste procurando o Mestre à noite, como se foras um morcego abominador da luz. Buscaste a Deus encapuzado nos teus preconceitos misérrimos de homem e de mestre, e bem que o Senhor te disse que te era necessário nascer de novo para entrares no Reino, que sabias buscar, que sabias achar, mas que não soubeste e não sabes entrar, porque nele só se entra pelo coração e nunca pela cabeça. Provo. Os espíritos inferiores, ou sejam os demônios, crêem a Deus e estremecem, como diz Tiago, e no entanto o não seguem. O diabo, segundo o sagrado texto, tem poder de transformar-se em anjo de luz; ele que é treva e ignorância, pode ser luz e ciência; logo tem ciência, tem, como te disse, o saber do entendimento. O mundo está cheio de homens de ciência, portadores de diplomas, mas a ciência os não torna melhores, que os iletrados; a ciência dos bancos acadêmicos não lhes confere superioridade, senão habilidade de melhor trapacear e esconder. Esta é, o que na Escritura, se chama sabedoria dos homens, e que é estultícia diante de Deus.

A ciência é síntese sensorial, filha dos sentidos exteriores; é casca; é superfície; é periferia; é relatividade; é visão por partes; é feita por progressividade de idéias; é análise; é razão; é raciocínio; é a inteligência do homem comum, aplicada toda ela em atender as necessidades exteriores da vida, e daí não passa.

Contudo, uma outra ciência há, vasta e profunda, que é a do coração; esta é ciência de substância; é essência; é visão direta e instantânea como o raio; é visão global do todo; é intuição; é, não ciência, mas sabedoria.

A ciência, com ser superfície e análise, é a sabedoria dos medíocres. A sabedoria, com ser profundidade e substância, é a ciência dos gênios.

Com a ciência descobrem-se verdades, mas não a Verdade. A razão, que muito bem serve à vida, se lançada no oceano da Verdade, perde-se. Com o relativo não se há que medir o Absoluto, e nem com o efêmero o Infinito.

Aprende, ó Nicodemos, que todas as conquistas dos gênios são conseguidas por intuição, que é o método de pesquisas por síntese ou visão direta. É neste plano hiperconsciencial que operam os grandes. É nesta consciência tridimensional, universalista ou cósmica, onde se movem os artistas, os santos, os heróis e os gênios. Esta é a consciência volumétrica e não planimétrica como a razão, e sobretudo como a tua razão. Esta ciência de conhecer com o coração, é que o mundo terá de desenvolver ainda.

Na tua miopia e viciação de ver por análise, negas a que outros possam ver e vejam por sínteses, e sintam a Verdade, mas assim é, contudo. Essa ciência do coração se desenvolve pelo método dos místicos, e o homem há que apurar a sua própria sensibilidade, por um aprimoramento moral, até chegar a esse estado profundo de consciência, que permite a visão instantânea do caminho certo, ainda que nas horas mais difíceis. Esta opção pelo certo, pelo exato, é momentânea como o relâmpago e se dá na mente do gênio, quer esteja ele num laboratório, quer num templo, quer na tempestade ou quer num campo de batalha.

Bem-aventurados os que entendem a Verdade, porém mais bem-aventurados os que a

sentem, porque estes a seguem arrastados, não por esforço, mas forçados, filhos que são da fatalidade evolutiva que a todos atinge.

Tu buscastes a Cristo com a cabeça, quando o devias ter buscado com o coração. Tu és medíocre, como o é o mundo; pois fica aí, então, no mundo; aí é o teu lugar; renasce muitas vezes, sua, sofre, padece, aperfeiçoa, cultiva a sabedoria, que é a ciência do amor e te libertarás.

O SAPO E O GÊNIO

*Minha alma, tens muitos bens em
depósito para longos anos; descansa,
come, bebe, regala-te.*

S. Lucas 12 – 19

*Olhai e guardai-vos de toda a avareza
porque a riqueza de um homem não consiste
na abundância das coisas que possui.*

S. Lucas 12 – 15

Há pequeno quadro, muito visto, nos estabelecimentos comerciais, no qual se representam uma vitória e uma derrota. Mas como de onde se está, depende a visão do quadro que se tem, eu digo que vejo ali as posições mudadas; o rico que diz, com seu ar vitorioso, “EU VENDI A DINHEIRO” é o fracassado; o outro, o que diz, “EU VENDI FIADO”, é o vitorioso. Coisa estranha é que os humanos julgamentos possam ser tão encontrados, mas assim é, e assim há de ser, porque os homens ocupam lugares diferentes na escala evolutiva.

No quadro da direita vê-se um rico sentado num sofá, com um dos cotovelos apoiado sobre

a mesa, e as pernas cruzadas, com esforço, pois quase o não permite sua vastíssima barriga. Com a mão esquerda aponta um cofre atulhado de dinheiro.

No quadro da esquerda há um homem, vestido pobremente, à frente também do cofre seu, vazio de dinheiro, mas, cheio de papéis e ratos. Nos papéis lê-se “pago”, e os ratos buscam ainda o que comer. Comer, disse eu? Mas que há de se comer, que num cofre exista? Valha-me Deus, e os ratos, como demônios, aí estão?! Sim. Pois é precisamente aí o lugar dos ratos, que comendo o dinheiro, hão comido tudo, já que em tudo ele se reverte. O homem que vendeu fiado, tem na cabeça a mão direita e a esquerda sobre o joelho.

Mas o que reparo nos dois quadros, é que o pobre tem o rosto em forma de triângulo, com base para cima, ao passo que o rico o tem em forma de quadrado ou de retângulo. No pobre predominam as idéias, e por isso tem a testa ampla; no rico predomina a barriga, e por isso a tem tão grande, que a custo cruza as pernas. Um tem muito espírito e o outro muito corpo; um fia e empobrece, e o outro duvida e amontoa; um teve os ratos humanos, que o roeram na vida, e agora os tem, irônicos, no cofre; o outro tem no cofre as peles, dos que pelou na vida. O que pelou tem peles, e o que se deixou comer de ratos tem ratos. Cada um, é lógico, tem o que juntou...

O pobre, com sua cabeça vasta e genial, foi bom e quis trazer o céu à terra e, no conceito humano, fracassou; o rico, arrastando das profundezas para o mundo, as forças infernais, conheceu sua vitória. Sendo a terra inferno, lógico é que o demônio vença.

Ó rico, eu te vejo bem quem és! Sobre essa poltrona somente uma barriga existe, e tudo o mais são membros dela; servem-na os pés, para a conduzir; servem-na os braços, para a proteger; servem-na os olhos e a cabeça para a guiar.

Ó pobre, tu, vencido e vencedor, que vieste de um mundo divino e o quisestes implantar na terra; tu te sentas numa cadeira pobre, mas, a coisa grande que eu vejo em ti, é a cabeça; o crânio teu é o dos mártires, dos gênios, dos heróis; é vitória o teu fracasso, eterna, imorredoura, mas não a gozarás aqui na terra, e sim, nos céus.

Ó rico estulto! Tu vives como um porco; para ti o valor de um homem é dado em termos de dinheiro; tua mão gorda e carnuda mostra, nos dedos curtos, grossos e peludos, que és egoísta, avaro e bestial! A tua vitória é falência. Seguiste a maquiavélica doutrina e engordaste; vampirizaste a fundo todas as carteiras. Desconheceste a honestidade, servindo para ti todos os meios. Misturaste o bom ao ruim, e vendeste a tudo por melhor. Abusaste, sempre que pudeste, da boa fé de todos, e deste modo cresceste como um monstro. Vejo-te brilhar nos olhos diabólicos desejos, e tua boca comilona, entumecida e lúbrica, mostra claro onde perdes tu as noites. O deus Mamom, é o único que tens, além de Baco e Venus. Ó quanto posso ler na tua testa bronca! Diz me ela, que para eu ser rico, não é preciso espírito senão bucho. Ó bode obsceno, ó suíno, ó sapo! Fica-te no mundo, o mundo é teu!...

Ó pobre humilde e bom, manso e caridoso! Riem-se de ti, os que bajulam os grandes! Continua tua senda de martírio, que teu lugar não é aqui! Levanta os olhos para os céus, vê as estrelas; são todas elas outros tantos mundos para ti! Sê imaculado; mantém-te na graça e luz do Evangelho! Continua amando a teu irmão, teu próximo. Esquece todas as ilusões terrestres; **lembra-te de que no Universo há Ordem, há Equilíbrio, há Harmonia, há Lei, e que por conseguinte uma força inteligente o guia! Se, pois, há Deus, tua alma é imortal, por ser ela, dEle, manifestação.** Repete este conceito muito e muito, para que te fique na memória; depois medita sobre tudo, o que se acha em grifo; sê consciente, enquanto os outros dormem; sê inteligente pensando que tudo não há de ser este pouco que te cerca. Sê bom; sê humilde e simples como a criança! Não te cause mágoa os ratos que te cercam; pensa que o mundo é deles, e tu não és daqui. Continua pagando as tuas dívidas, se as tens; que mais papéis pagos se achem ao teu redor!

Um dia levantarás o vôo altaneiro, e como águia (*) que és, conhecerás a vertigem das alturas; e lá de cima, tu que és gênio, que és herói, verás nitidamente o charco, onde se move o sapo que a teu lado agora tens.

(*) – A águia é o símbolo da força, da elevação, da superioridade e do poder (enciclopédia).

DO VERME AO ASTRO

Disse à mulher: Perdoados são os teus pecados. S. Lucas, 7 – 48

Para sempre há de ficar no mundo as lições do mestre nosso, contra os grandes da terra. Mas que digo eu? Melhor diria dizendo grandes de terra, pois que de terra são formados, e mais não são que estátuas como a em que se transformou a mulher de Lot, em atitude de que só vê a Sodoma e a Gomorra do mundo.

Simão, o rico, o poderoso, era, no tempo de Jesus, pretensioso e atrevido, como o são todos os ricos e todos os poderosos, de todos os tempos e de todos os lugares. Porque são ricos de dinheiro e de poder, pensam que o são também de tudo, e por isso, pretensiosos; e como os bajula, a grande maioria, pensam que são o que se lhes dizem que são, e ficam atrevidos.

Assim é que Simão, ouvindo falar de um certo Jesus de Nazaré, carpinteiro, ignorante e visionário, informou a seus amigos do projeto de o convidar para um banquete, onde muito iriam rir a custa dele.

Deste modo foi Jesus recebido por Simão, que desdenhoso o põe à mesa, e todos os convivas voltando os olhos a Cristo aguardam o momento de se rirem.

Aquele homem pensavam, era incomum; como é que seu semblante, magno e profundo, podia infundir tanto respeito? Onde os premeditados desacetos? Que coisa é, que se lê naqueles olhos, indefinível e imensa, algo como o próprio oceano, que com ser oceano, tem em si todas as estrelas refletidas? Aqueles olhos traem a segurança de sábio, a quem já não há mais o que saber porque há sabido tudo; traem a firmeza e resolução de uma vontade de ferro, mais que ferro, de diamante que brilha e fulgura, quando mesmo corta o próprio aço reluzente das espadas mais duras. Aquela cabeça alta trai na protuberância frontal, o amontoado de conquistas superiores que fazem do homem o artista, o gênio, o herói. Na boca bem talhada há o indefinível, porque se não define o infinito; é bondade nas ondulações graciosas dos lábios, nem muito arqueados para cima, para não ser o riso dos fúteis, e nem recurvos para baixo, para não ser como o dos que choram a lágrima seca e amarga da revolta e da desesperação.

Aqueles lábios se unem num movimento de amor e não de ódio e quando se abrem, é para nascerem as palavras de luz, filhas do amor, e filhas do perdão.

Jesus que penetrava fundo, via claro as razões por que fora convidado, mas, esperava, que o céu viesse em seu auxílio.

O céu, de fato tinha preparado tudo, e a tanta humilhação respondeu com sua lei de abater poderosos e levantar humildes. Dois extremos de forças contrárias iriam chocar-se para que dos atritos e das faíscas surgisse a luz bendita do ensinamento.

Rompendo a multidão curiosa que cercava a casa de Simão, avança um vulto de mulher, heróico e sobranceiro, empunhando um vaso de alabastro; pondo-se a mulher de joelhos, junto ao Mestre, rompe de um só golpe o selo que fechava o frasco e lava-lhe os pés com perfume precioso, e com suas lágrimas mais preciosas ainda. Fazendo de toalha seus cabelos enxuga os pés do Nazareno, enquanto os beija com transporte de ternura e gratidão.

Mas o rico estúpido não entendendo nada da lição, conclui de outra forma para desautorizar Jesus: se fosse profeta este homem, pensou, saberia ser pecadora quem lhe toca e lava os pés.

Contou-lhe, Jesus, a isto, a história dos dois servos devedores, um de quinhentos e outro de cinquenta dinheiros, a seu senhor; este perdoando a ambos, de quem, pergunta, deveria esperar maior reconhecimento? Simão respondeu ser daquele a quem mais se perdoou. Julgaste bem, prossegue o Mestre. E aqui está; enquanto tu me não deste água para os pés, esta mulher os regou com suas lágrimas; não me deste o ósculo e ela não me cessa de oscular os pés; não me ungiste com óleo, e ela o faz com perfume; eis porque lhe digo que perdoados lhe são os seus pecados.

Rico estúpido, tu procedes como se foras imortal! Vem-te o Mestre à casa e o desprezas? Não vês tu que um dia os vermes te expelirão do corpo? E teus bens para quem ficam?

Ó Cristo, Senhor nosso, nivelador de extremos! Levantais a mulher perdoando-lhe os pecados, e abateis a Simão pregando-lhe a lição! Lavais os pés de Judas o traidor, e negas a Verdade a Pilatos, o covarde! Levantais o paralítico de Siloé, e chamais a Herodes de raposo! Bradais contra os fariseu hipócritas, e contra a geração que chamais de adúltera e perversa! Elevais o verme a astro, e derribais o poderoso do altar! Transfigurai-vos, por fim, no Tabor, e finalmente morreis no Calvário! Ó Senhor, quão grande sois! Infundi-nos essa coragem sobre-humana de vivermos perigosamente como vós vivestes! Que os grandes da terra, sejam para nós o que são; vermes da terra e cheios de pó e vento! Ó Senhor dai-nos forças para pormos em prática as lições vossas, visto como é melhor consumir-se o homem como um bólido, a ter a vida de um suíno

VIGILÂNCIA E ORAÇÃO

*Vigiai e orai para que não
entreis em tentação.*

S. Mat. 26 – 41

Com estas palavras dá Jesus início à fase angustiosíssima da sua passagem messiânica pela terra; com a potência do seu verbo extraordinário, nestas palavras, deixou para sempre alumiado o carreiro humano no trevoso mundo em que vivemos; como um bólido o Cristo havia-se de consumir, e ardendo já, no Gethsemani, em atrito gigantesco com a atmosfera mental da terra, gastando-se, consumindo-se, em suor e sangue, produziria, como produziu, o rastro rutilante da Luz do Evangelho, sendo Ele essa Luz, e Ele esse Evangelho.

Sim, porque o homem e a obra se confundem; agora e sempre. Ser é existir; existir é manifestar-se, é exprimir-se; e quem se não exprime nos seus atos, na sua vida, no seu trabalho, na sua obra, esse não existe, esse não vive; está morto. O homem é a obra, e daí, toda a biografia, com ser história da vida, não é senão história das obras. Para descrever-se o homem há mister contar-se o que ele fez; o que nada fez, o que se não manifestou, não existiu e dele não há biografia, senão, relatório anatômico de um cadáver; foi um morto, um não-ser, como aqueles de quem Cristo disse:

Deixai aos mortos o cuidado de enterrar os seus mortos.

Neste caminho feito de fulgurações há dois lados, duas margens; uma é o *orai*, e a outra, o *vigiai*; sem estas duas margens não há caminho e sem caminho não há caminheiro.

Os que nem vigiam e nem oram não andam, e como Judas, perdem-se nas trevas; para estes tudo se há de vender então; por trezentos dinheiros, querer-se-á vender o perfume de nardo que ungiu, e por trinta, apenas, vender-se-á o Ungido.

Os que oram, mas, não vigiam são como Pedro, que enquanto oram, e se mantêm ligados às correntes do alto, são capazes de, sozinhos, enfrentar exércitos, e cortar orelhas a Malcos; mas porque não vigiam, não têm força própria, e até u'a mulherzinha os fazem tremer e negar.

Há os que vigiam, mas, não oram, e porque vigiam tem força própria; e esta força, além de ser potência, é compreensão, e esta compreensão, ou consciência íntima, filha da vigilância e da meditação, dá Jesus o nome de fé. Nem em todo o Israel encontrei tamanha fé, diz Jesus, ao encontrar-se com o Centurião que tinha o servo enfermo.

A vigilância é o treino da virtude, é a ginástica da alma, é o desenvolver da vontade, é potência íntima, que torna o "Ego" vitorioso.

A prece é ligação com o exterior, é elevação da alma, é exaltação íntima, é comunicação com as forças divinas que amparam e guiam a vida.

Quem ora, busca fora o que não acha dentro; quem vigia gera forças dentro, como as que vêm de fora, as quais se podem exteriorizar, beneficiando os outros. Quem ora fica em posição de receber; quem vigia, de dar. Quem ora está em nível energético inferior, é potencial baixo, para onde se canaliza o Alto o qual se invoca pela prece. Quem vigia está em posição de dar, por que é alto potencial; é energia acantonada; é energia do reservatório íntimo, de alto potencial dinâmico, e pode canalizar-se para fora, sarando enfermos, como fazia Jesus. Quando só a vigilância não basta, recorre-se também à prece, porque aí somam-se as potências, tornando-se possível o impossível.

Ó Abraão, se tu vigiasses tanto quanto oravas, não temerias a morte, como a temeste no Egito, em razão do que entregaste Sara tua esposa ao Faraó! Se pela prece falavas a Deus e O crias, como pela invigilância duvidaste da Sua proteção?

Ó Davi, quanto te lastimo eu! Tu que quando oravas, com teus salmos, podias matar a Golias, o filisteu, e desbaratar exércitos, como te aviltaste, por invigilância, ao ponto de despachar contra Urias, teu soldado, uma sentença de morte!? E por que!? Davi, por que!? Ah! para ficares com a esposa dele, Bertzabé!...

Ó Elias, ó grande e poderoso Elias! Com teu verbo feito preces arrancavas fogo ao mesmo céu; contudo por tua invigilância fizeste assassinar a quatrocentos profetas, e com isto lavraste a sentença da tua própria condenação. Subiste para o céu amortalhado em fogo; tuas cinzas, no ar, se dissiparam; teu espírito, em nova e terrenal romagem, conheceu a lei do ferro por ferro, quando teus olhos baixos, na cabeça decepada (*), viram do prato, o debochado festival de Herodes, e a dança de Salomé.

Ó quanto e quantos derrotados porque não vigiaram! Deus meu, dá-me forças para eu não me perder de vista! Que seja eu o único visado nas minhas próprias meditações! Que ore eu, Senhor, bom será, mas que eu vigie, isto é o essencial! Bem sei, Senhor, que a prece faz prodígios, mas, posso, contudo, me perder; todavia a vigilância, no seu silêncio humilde, parece inexistir, mas, é a única que salva.

(*) – S. Mat. 17 de 9 a 13

O GALO DA VIGILÂNCIA

*Antes que o galo de cante,
três vezes negar-me-ás.*

S. Mat. 26 – 75

O homem é, exteriormente, o que é no íntimo. Se no exterior é hipocrisia, é que dentro é podridão. Se exteriormente é simplicidade, doçura e bondade, certo é que dentro não há tempestades de paixões. Pode contudo haver engano neste juízo, e o justo mostrar aflições e lágrimas, e o celerado, tranqüilidade e despreocupação; este é o cínico cuja consciência se acha cauterizada; Gestas é do grupo, e pede justiça, quando já mesmo a recebeu. Todavia como nosso intento não é descobrir criminosos, mas, o não tornarmos tais, vejamos como nos levantamos e como caímos.

O homem cresce ou decai no seu íntimo. Aí é que se asilam os germes da glória ou da ruína, do fausto ou da miséria; aí é que está a nobreza ou a vileza, o bem e o mal.

Todos se descuram do íntimo, dos pensamentos mais secretos, e é aí contudo, que se acham as quedas primeiras, que depois se refletem no mundo exterior.

Na barca, quando o Mestre dormia, aterrorizados, os discípulos o acordaram; contudo toda aquela tempestade era exterior, e por isso mesmo sem perigo. No entanto, quando o Mestre vigiava no Gethsemani, porque aí a tempestade era grande e temerosa, porque íntima, os apóstolos dormiam.

Vigiavam os apóstolos na tempestade exterior e sem perigo, enquanto dormia o Mestre. Dormiam os apóstolos, quando o Mestre estava vigoil, e pedia a vigilância deles, por ser a hora perigosa das quedas fragorosas.

Quem não vigia cai interiormente, e à esta queda interior segue a exterior. Bastou que Pedro caísse dentro de si, com medo, para cair fora negando; bastou que os três apóstolos, da noite do Gethsemani, caíssem dentro esquecendo, para caírem fora dormindo. Se Pedro tivesse vigiado, como vigiou o Cristo, teria forças para não o negar como fez. O galo da vigilância, que chamou a Pedro a brios, é o mesmo que há de cantar dentro de cada homem. O seu canto será sempre um despertar de propósitos adormitados, será o estimulador dos levantamentos íntimos, será sempre o predecessor das lágrimas amargas, como as que Pedro chorou na noite da sua negação.

Porque canta o galo à noite, anunciando a madrugada? É que ele é o símbolo da vigilância; é que ele há de ser o único a anunciar que a natureza vive, que não dorme, que vigila. É o vigiador de Pedro e do homem, e sempre está pronto a dizer a uns: – vigia os teus atos e corrige-te; e a outros: – caíste! Levanta-te, pois...

Ó anunciador de auroras, como é que tu não dormes? Como podes, assim, vigiar pela noite a dentro, anunciando as horas, sem descanso? Por qual engenho conheces o passar do tempo? Bendito o homem que tem sempre o canto teu dentro do peito, porque assim como não dormes, vigoil estará, nele, sempre o coração.

O que não cai dentro não cai fora, e fica, em pé, resistindo as tempestades, o bramir dos ventos, o coriscar dos raios, vencendo mundos e cruces.

Cair dentro de si é cair com todas as quedas. Levantar dentro de si mesmo, é levantar com todas as vitórias.

Saul levantado dentro, é já ungido rei fora, por Samuel. Saul caído dentro, é já caído, fora, sobre a espada, sua, própria, para morrer. Davi erguido dentro, é já erguido fora, contra Golias, o gigante, a quem abateu com a pedra da funda que levava. Davi caído dentro, por Bertzabé, cai fora, com ela, e ambos, deitados e caídos, aguardam o cumprimento da ordem de morte, expedida pelo mesmo Davi, contra Urias, o esposo de Bertzabé. Saulo vingador dentro, é Saulo perseguidor fora; derribado que foi, Saulo, fora e dentro, na estrada de Damasco, ergue Paulo, dentro e fora, e para sempre, como cristão, e como apóstolo, e como vaso escolhido no dizer do próprio Mestre.

Ó! Que dentro está a chave pela qual o anjo é anjo, o homem, homem e o demônio, demônio! Ó! Que nos pensamentos estão as sementes dos atos, que enobrecem ou que envilecem o homem! Ó! Que o homem é o que lhe é o íntimo! Ah! aí está o porque de Jesus ter dito, que o Reino de Deus não é conquista exterior, mas, que está dentro de cada um, (*) donde se exterioriza. Céu por fora, céu lugar, céu ambiente, porque céu por dentro, céu consciência.

Quem se quiser conhecer a si mesmo, deve estudar as próprias reações em face dos embates da vida. Feliz do homem que tem a vista voltada para dentro, olhando o mundo interior, onde é o que é. Feliz do que se habituou a essa visão interior, e olhando-se como um anjo, de cima para baixo, da consciência para os instintos, pode enxergar-se a si mesmo, nas brumas do passado, no demônio horrendo que foi, negro como a noite, feio como um monstro e rabudo como um dragão. Como em um espelho mágico, o homem tem o que foi. Mas como entre dois pontos não só se pode traçar uma reta, mas, determinar-lhe o sentido, assim entre o demônio que foi, e o homem que é, pode-se traçar a reta vertical, que dá no anjo que será.

(*) – S. Luc 17 – 21

COMO SE HÁ DE JULGAR?

Não julgueis pela aparência, mas julgai segundo a reta justiça.

S. João 7 - 24

Se pedrarias reverberantes ajazarem o colo de uma jovem, o mundo dirá com acerto se são aquelas jóias falsas ou verdadeiras, pelo simples exame da pessoa que as possui. Se a pessoa é conhecidamente rica e importante, ainda que as jóias sejam falsas, são verdadeiras; mas se a pessoa é moça pobre e humilde, ainda que as jóias sejam verdadeiras, são falsas.

Se pelas ruas passa uma senhora rica, seu vestido, ainda que feio, é belo. Se a senhora é pobre, ainda que o vestido seja belo, é feio. Se a pessoa é rica, a fazenda com que se veste é de preciosidade raríssima, conseguida a preço alto nos mercados estrangeiros. Se, contudo, a pessoa é pobre, já a fazenda não pode ser senão má; se fica, todavia, positivado que a fazenda é boa, então, conclui o mundo: é resto de outro, melhor aquinhoado.

Ó mundo estúpido, que só tem olhos de ver as aparências! É pela vossa estultícia, que o Mestre nosso foi crucificado! Esperáveis um rei, e vistes um mendigo; esperáveis púrpuras e holandas, e vistes, o que é que vistes! Vistes farraparias e despezos, humildade e miséria. Esperáveis berço de ouro, e vistes manjedoura e feno. Rejeitastes então, o que parecia cascalho, e fazendo-o, perdestes o diamante no qual se ocultava.

Ó mundo ignaro, incompetente para penetrar o âmago das coisas! Se Cristo vos disse não julgásseis pelas aparências, porque outro não há de ser o seu julgamento?

Se um homem humilde profere uma frase lapidar; se emite um conceito profundo, a respeito da vida, das coisas ou dos homens, nada é o seu conceito; mas se um homem eminente profere uma banalidade, já não falta quem peça seja a frase repetida, para ser anotada, e daí em diante as conversações fúteis e os nadas sociais estarão recheados da expressão: como disse fulano.

Se um homem ocupa uma cátedra na universidade, todas as tolices que diz são espírito, e merecem anotações nos cadernos, no entanto muitas vezes aquela posição foi e está sendo assegurada por meios políticos inconfessáveis.

As razões de uma grande razão, ainda que não razoáveis, são razão; os juízos de um cérebro medíocre, ainda que justos, desprezam-se. Até hoje não houve razão humana que entendesse a divina, no que toca à sentença fulminatória dada pelo Cristo contra a figueira. De nada valeu a defesa da pobre árvore feita pela boca do Evangelista S. Marcos, que diz não ter frutos a figueira, por não ser tempo ainda; e se não era tempo não podia ter frutos; e se os tivesse, extemporâneos, desobedeceria também a lei do Criador, pela qual tudo se há de fazer com ordem e em tempo certo. Se assim é, e a figueira não tinha frutos, porque a condenou à morte o Cristo? Se era só para manifestar seu poder, então porque o pretexto de não haver achado frutos? Porque morreu a figueira?

Esta última pergunta é irrespondível, porque das duas uma; ou é que a razão humana não alcança a divina, ou é que não há razão.

Os valores no saber são humildes, porque sabendo muito chegam a suspeitar do quanto ignoram, e basta só esta meia consciência para os fazer modestos. Objetivando outras metas afastam-se das competições agressivas, que visam o imediatismo, onde impera a lei soberana do estômago.

Quereis que vos diga, ó mundo, porque não há acertos nas vossas políticas e nem honestidade? Quereis que vos diga, porque há tantas injustiças? Quereis que vos diga, porque sois tão infeliz?

Ei-lo. É por causa da vossa miopia, que vos faz ver só o exterior das coisas, a superfície, as aparências, em função das quais julgais sempre. É por causa da vossa impotência em descobrir os valores na humildade e as realzas nas farraparias. É por causa da vossa ignorância, que vos leva a desprezardes o cascalho portador do diamante precioso.

Ó mundo vão, à toa vos lamentou o Cristo na cidade de Jerusalém! Os vossos monumentos são obras póstumas, que erigis aos heróis e aos mártires; só valorizais o grande, depois de o haverdes desprezado e destruído.

Olhais para o passado e glorificais os gigantes que se foram, contudo outros grandes há-os na vossa época e os não vedes. Tarde chorareis; tarde, tarde demais suspirareis pelo que perdestes para sempre.

Continuai no vosso inútil labor de julgar pelas aparências. Continuai, a desprezar os ditames daquele, a quem chamais Mestre e Senhor, pois ele mesmo é que vos disse noutra tempo: “Ai de vós Escribas e Fariseus hipócritas! Porque erigis os sepulcros dos profetas e adornais os túmulos dos justos, e dizeis: Se tivéssemos vivido nos dias de nossos pais, não teríamos sido seus cúmplices no sangue dos profetas. Assim testificais contra vós mesmos que sois filhos daqueles que mataram os profetas! Enchei, pois, a medida de vossos pais”. (S. Mat 23 de 29 a 32)

CONTROLE DA NATALIDADE

Ao pensar sobre este tema considere duas verdades fundamentais: A primeira é que a **ciência é objetiva**, visto que parte da experiência que se realiza fora de nós. A segunda é que as chamadas **ciências sociais** não podem desvincular-se de nós, donde vem que sempre estamos envolvidos na questão. Se sempre estamos presentes na questão, tais “ciências sociais” não são **objetivas** como a física, a química, a astronomia, a matemática, etc., para serem **subjetivas, projetivas**, porque nós nos projetamos nos fenômenos. Assim, a idéia de Deus, a moral, os costumes, a história, o direito, etc., são projeções nossas, e tais “ciências” serão como nós a fizermos a partir de nós. É por isso que o Jeová, de Moisés, era um Deus que andava no jardim, e Adão podia ouvir-lhe os passos e a voz. (Gen. 3, 8) Pois, então, Jeová era projeção de Moisés, assim como também o Decálogo, que até foi calcado sobre o Código de Hamurabi.

Sendo assim, quem tem razão é Protágoras (485 – 411 a. C.) para quem **“O homem é a medida de todas as coisas”**. Aceitamos isto como verdade para as ciências humanas, onde tudo se reduz a **opiniões**; não, porém, para as ciências da natureza, dado que estas não são **projetivas**, mas, **objetivas**, isto é, acontecem independentemente do homem. Consideradas objetivas apenas para argumentar. Um eclipse da Lua não tem nada a ver com o homem; agora, o **controle da natalidade** não tem nada a ver com as leis da natureza: isto são assuntos puramente humanos; e se os problemas forem submetidos às **regras morais**, temos de convir que a moral, a religião, Deus, são projeções humanas, dado que escapam à **objetividade das ciências**.

Se “o homem”, como diz Pascal, “é, em si mesmo, o objeto mais prodigioso da natureza”, (1) quem outro, senão ele, para ser a medida de todas as coisas? É por isto que o ponto de partida de Sócrates, como sendo o princípio da sabedoria, era a sentença: “Conhece-te a ti mesmo!”; porque, sendo o homem a medida de todas as coisas, ninguém pode opinar sobre nada, sobretudo do que é humano, a não ser a partir de si; então, este padrão de medida, que é o próprio homem, terá de ser conhecido de si mesmo, antes de as coisas a serem medidas com e por ele. Conseqüentemente, como escreve Gusdorf, “a fórmula de universo tem sempre validade para um universo mental e vital particular”. 2) Descartes partia do seu *primado inicial*, do seu *cogito: penso, logo existo*. O que quer dizer que o pensamento próprio de cada um é a medida de todas as coisas humanas. Ora, não há homem onde não há o pensamento; ser e pensar já o afirmava Parmênides, são uma e a mesma coisa!

Tudo isto explica a razão por que, se perguntarmos para um operário que está perfurando o asfalto com sua broca de ar comprimido, qual é a raiz cúbica de 27, como isto é ciência, provavelmente ele dirá que não sabe. Agora, se perguntarmos o que ele *acha do divórcio*, como isto é um assunto humano, ele dará o seu *“palpite”*, isto é, dará a sua opinião. Assim, como o homem é a medida de todas as coisas, cada um tem o seu “achadouro”, e quando se lhe faz uma pergunta, se for ciência, ou ele sabe ou não sabe: mas se for assunto humano, logo ele consulta o seu *“achadouro de tudo”*, e dá sua opinião. Por que? Porque isto faz parte da vida, e a vida não espera pela sabedoria para agir, antes, ela toca por diante, e é através desse tocar por diante, objetivo, prático, que ela se enriquece de experiências...

Depois disto, fica claro que, sobre o problema da *limitação da natalidade*, o que eu, ou quem quer que seja, disser, não passa de opinião, não, de ciência. A ciência, o conhecimento, a experiência histórica, o passado, tudo vai ajudar na formação da opinião, pois vai fazer, como diz Sócrates, o homem conhecer-se melhor a si mesmo. Mas o arcaísmo não pode guiar o futuro. Como diz Kilpatrick, “é a vida que vai guiar a si própria à luz do passado, mas não submetida a ele”. (3) Ora, o Papa, por exemplo, representa essa luz do passado, que pode ser luz para o caminho, mas não será o próprio caminho. Assim, se ele nos lançar à cara o pecado de Onã (Gen 38, 9), que teria sido o primeiro a impedir a natalidade, fazendo cair no chão o seu esperma, cumpre-nos retrucar-lhe que Moisés, a partir do seu *achadouro*, *achou* por bem fazer essa lei, porque o mundo estava despovoado, em razão do que toda a semente precisava ser aproveitada. Ora, essa regra perfeitamente válida para o ano 1.300 antes de Cristo, não pode ser aplicada hoje, 1.980 d. C., com o mundo super-povoado.

Entre as três opções que nos impõe a vida que são: O *infanticídio*, o *aborto* e o *controle da natalidade*, eu fico com esta última. O infanticídio foi usado na Grécia, sobretudo, em Esparta. Fritz Kahn: “Na China, todo terceiro filho finava-se de fome; e, como se costuma fazer aos gatinhos, afogavam-se as meninas recém-nascidas; em 1.900 ainda havia letreiros assim: “Aqui é proibido afogar meninas”. (4) O aborto é permitido, no Brasil, só em casos especiais; em algumas outras nações já está liberado. Ora, sem dúvida nenhuma, o *controle da natalidade* por meio de *anticoncepcionais* é, dos males, o menor, se é que isto é um mal.

Contra os que quiserem crescimento demográfico desordenado e irracional, eu oponho os seguintes dados:

I – O economista inglês Thomas Robert Malthus (1766–1834), no seu “Ensaio sobre o Princípio da População”, demonstrou que, dado que a produção do alimento e o espaço vital são finitos, o crescimento das populações não poderá ser infinito. Logo, é preciso haver um controle demográfico. Dado que a produção do alimento cresce numa *razão aritmética*, e as populações humanas, numa *razão geométrica*, é necessário racionalizar o crescimento demográfico.

II – Subsistência, hoje, não se refere só a *“ter o que comer”*; subsistência é educação, instrução, qualificação para o trabalho, e tudo isto pode custar mais do que o salário do trabalhador. É intuitivo, axiomático, não carece de demonstração que é melhor produzir a *qualidade* que a *quantidade*: é melhor produzir um técnico qualificado para criar e para governar a máquina da produção, do que criar cinco pessoas sem qualificação, os quais não poderão fazer outra coisa senão, trabalhar como máquinas num mundo sub-humano.

III – Já se fez experiência com ratos, e se constatou que, quando as populações destes roedores se torna muito densas, com espaço muito exíguo, eles ficam agressivos e se matam. Tal

como os ratos, os homens precisam de um espaço mínimo, em que possam ter sua privacidade respeitada: fora disto, tornam-se agressivos.

IV – Admitindo-se que “*o homem é a medida de todas as coisas*” no social, pelo que tudo, neste plano, é *projeção humana*; mas considerando que nem todos os homens podem ser medidas, porque incultos, porque idiotizados pela falta de alimento, vem esta conclusão: para que o homem possa arrogar-se o direito de ser a medida de todas as coisas, precisa provar, por sua inteligência atilada, por sua capacidade criadora, por sua intuição do futuro, que não é *quantidade*, mas *qualidade*. Ora, Moisés, embora tenha sido um gênio admirável, está superado quanto ao problema do *controle da natalidade*, não podendo, por isto, ditar normas ao presente, e menos ainda, ao futuro. Se este problema, que é nosso, fosse de Deus, vale perguntar: por que permite ele que uma mulher fecunda se rebente de ter filhos... que podem ir até 18 ou mais? Esta omissão de Deus em proteger a mulher fecunda, permitindo que ela se estrague, prova que o problema é nosso, e não dele.

- 1) – Pascal, Clássicos Jackson, XII, 130
- 2) – George Gusdorf, Tratado de Metafísica, 32
- 3) – W.H. Kilpatrick, Educação para uma Civilização em Mudança, 47
- 4) – Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 52



Associação Filosófica "Luiz Caramaschi"
Praça Arruda, 54 – Caixa Postal 44 – Fone (14) 3351.1900
18800-000 – PIRAJU – SP
CNPJ – MF – 50.846.096/0001 – 81

AUTORIZAÇÃO

A Associação Filosófica "Luiz Caramaschi", na pessoa de seu Presidente, Senhor Douglas H. Ribas autoriza a publicação, ou seja, a inserção da obra escrita pelo Professor e Filósofo Luiz Caramaschi, por meio eletrônico na página www.dominiopublico.gov.br do Governo Federal, onde poderá reproduzi-la, em particular mediante cópia digital, impressa ou qualquer que seja o meio a ser utilizado, sendo que também autorizo armazená-la permanentemente na biblioteca digital do Domínio Público, sem restrições de acesso pelos visitantes do site, objetivando colocá-la ao alcance do público e permitir a quem a ela tiver acesso que a reproduza, seja extraíndo cópia ou conforme critério estabelecido pelo administrador do site www.dominiopublico.gov.br do Governo Federal.

Estância Turística de Piraju, 10 de maio de 2010.

DOUGLAS H. RIBAS
Presidente da Associação Filosófica
"Luiz Caramaschi"

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)